

The background is a photograph of a narrow, paved alleyway between old, multi-story buildings. The walls are made of brick and plaster, some showing signs of wear. A bright light source at the end of the alley creates a strong lens flare and illuminates the path. Overlaid on the image is a semi-transparent red filter. On the left side, there is a vertical white line with two white circles at the top and bottom. A horizontal white line intersects the vertical one, with a small white circle at the intersection point.

A.

causa

Que Hoje Sou

LAÍS JACQUELINE SILVA

**A CASA QUE HOJE SOU: um estudo sobre os elementos visuais e
simbólicos presentes nas moradias das mulheres da ocupação Armênia.**

GUARULHOS

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA ARTE

LAÍS JACQUELINE SILVA

**A CASA QUE HOJE SOU: um estudo sobre os elementos visuais e
simbólicos presentes nas moradias das mulheres da ocupação Armênia.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestra em História da Arte.

Orientação: Prof. Dr. Pedro Fiori Arantes

Linha de Pesquisa:

Imagens, cidades e contemporaneidade

GUARULHOS

2018

Silva, Laís J.

A casa que hoje sou: um estudo sobre os elementos visuais e simbólicos presentes na moradia das mulheres da ocupação Armênia. / Laís Jacqueline Silva. Guarulhos, 2018.

233 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História da Arte, Guarulhos, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Fiori Arantes.

Título em inglês: The house I am today:

a study on the visual and symbolic elements present in the dwellings of the women of the Armenian occupation.

1.O movimento de luta por moradia. II. A arte da resistência.

LAÍS JACQUELINE SILVA

A CASA QUE HOJE SOU: um estudo sobre os elementos visuais e simbólicos presentes nas moradias das mulheres da ocupação Armênia.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em História da Arte.

Orientação: Prof. Dr. Pedro Fiori Arantes

Linha de Pesquisa:

Imagens, cidades e contemporaneidade

Aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Pedro Fiori Arantes
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Prof^a. Dr^a Ilana Seltzer Goldstein
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Prof^a. Dr^a. Magda dos Santos Ribeiro
Universidade de São Paulo (USP)

GUARULHOS

2018

Às mulheres da minha vida. Em especial à Tamiris, por tanto amor, companheirismo, carinho e paciência. Só foi possível pelos passos que demos juntas.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador Pedro Arantes. Obrigada, Pedro, por ter acreditado na minha pesquisa, por ter me apoiado na minha narrativa poética, mas, principalmente, por ter compartilhado conhecimentos que atravessaram as minhas portas. Às professoras Ilana e Magda, pela delicadeza de suas contribuições, que foram preciosas no momento da qualificação e agora da conclusão. Ao professor Reginaldo, pela parte da geografia presente em mim. À professora Angela, pela ajuda no início quando eu me sentia um peixe fora d'água.

À minha mãe, Silvia. Obrigada pelos abraços ao telefone e por ter o dom de diminuir as distâncias. À minha irmã Jéssica, que desde pequena me ensinou a força do silêncio e as palavras poderosas que nascem dele. Você não para de me surpreender nunca. Um dia eu ainda vou aprender sobre as crases e os travessões da vida. Ao Cadu, meu irmão, que tantas vezes dei colo e que hoje está tão grande que poderíamos inverter os papéis. Agradeço aos meus avós, uns anjos e outros presentes. E ao meu pai, Marcos, pelo antes e pelo sonho de um futuro melhor.

À Tamiris, minha companheira, o amor e o sentido da minha vida. Obrigada por construir uma vida ao meu lado, onde nossos passos, nossos planos, nossos sonhos se constroem juntos. Você é a poética do meu espaço. Obrigada ainda pela paciência com meus desesperos, meus choros que nasciam da alma, só eu sei o que eu senti em cada abraço de “vai ficar tudo bem, você vai conseguir terminar”. Você me ensinou como andar de mãos dadas.

Ao Danilo Delfino, que desde sempre me mostrou a potência do corpo, dos sonhos e dos desejos, e que nunca me deixou desistir de nenhum objetivo. À Heloisa e à Yanne, não só pelos questionamentos que me fizeram pensar essa pesquisa, mas principalmente pelos encontros regados a momentos intermináveis. Ao Dan Gomes, pelo olhar atento e pelos abraços em pensamentos. À Laís, minha irmã do mar. Obrigada, Lá, com você eu aprendi a delicadeza dos detalhes e dos sorrisos abertos. Ao Fernando, pela parceria que nasceu dez anos atrás e por sempre me salvar dos sufocos. À Bir e à Aninha, porque distância não significa nada. À Dricka, por estar do meu lado sempre! Um dos grandes presentes da vida. Ao Danilão e à Thalita, por me mostrarem o prazer dos pequenos momentos. A vocês os meus queridos, muito obrigada.

À Maryan, por sempre ter me apoiado de todas as formas possíveis. Ao César, Sol e Carol pelas oportunidades que me permitiram seguir com essa pesquisa. Aos meus colegas de mestrado, queridos: Dani, Aline, Renata, Adri, Amanda, Carol, Ligia e Henrique. Obrigada pelas trocas que foram tão lindas.

Às mulheres da ocupação de moradia Armênia que desenharam essa pesquisa – Josélia, Rose, Adriana, Dona Nilsa e tantas outras. Especialmente à vocês eu agradeço pelas portas abertas, por me ensinarem a ver, a ouvir o que as pequenas coisas têm a dizer. Obrigada por toda a inspiração que tomou o meu corpo, meus pensamentos e minhas mãos no momento da construção da narrativa.

À Iansã, pelos ventos que me guiam.

As palavras [...]são casinhas com porão e sótão. O sentido comum reside no rés-do-chão, sempre pronto para o “comércio exterior”, no mesmo nível de outrem, desse transeunte que nunca é um sonhador. Subir a escada na casa da palavra é, de degrau em degrau, abstrair. Descer ao porão é sonhar, é perder-se nos distantes corredores de uma etimologia incerta, é procurar nas palavras tesouros inencontráveis. Subir e descer nas próprias

RESUMO

A função de uma casa dentro de uma ocupação de moradia não é apenas abrigar o corpo, mas também desejos, sonhos, experiências e, sobretudo, técnicas de resistência simbólica e material. Nesta casa, há uma pulsão de vida, uma pulsão artística e um desejo de construir um ambiente composto por elementos que remetam a uma experiência subjetiva do “morar”, ainda que diante de uma situação de penúria, sofrimento e frustração. Dessa forma, apresento os movimentos de luta e as práticas de ação direta utilizadas na reivindicação dos direitos à moradia digna, à cidade, à vida. Uma multidão de corpos insurgentes que saem dos seus *casulos* na busca pelo comum, pelo espaço de todos, ao mesmo tempo em que transformam seus espaços individuais.

Convido também o leitor a caminhar pelas memórias e pelas moradias atuais de quatro mulheres da Ocupação Armênia, e a perceber, juntos, suas potências criativas, seus saberes, experiências na organização, produção e nos significados atribuídos às suas coisas - práticas de uma arte da resistência capaz de transformar e construir uma ambiência que remeta a uma experiência subjetiva do morar, ainda que em uma situação desfavorável e precária.

Palavras-chave: Moradia; Ocupação; Espaço; Arte; Movimentos Sociais, Memória; Território

ABSTRACT

The function of a house inside of a dwelling occupation is not only housing a body, but desires, dreams, experiences and especially symbolic and material techniques of resistance as well. In this house, there is a pulse of life, an artistic pulse and the wish of building an environment composed by elements reminding a subjective experience of “living”, even when faced with a situation of suffering and frustration. Relating to this, I introduce the manifestations and the direct action practices used to claim the rights of living decently, of experiencing the city as it is, of life. Lots of insurgent bodies get out of their “cocoons” in search of the same: a space for everyone while also transforming their individual spaces at the same time.

The reader is also invited to walk through the memories and the houses of four women in Armenia's squatt getting to know their creativity potential, their knowledge and experiences in organizing, producing and the meanings assigned to their objects – art practices of a resistance capable of changing and building an ambience related to a subjective experience of living, even in an unfavorable and precarious situation.

Palavras-chave: Dwelling; Squatt; Space; Art; Social Manifestations; Memory; Territory

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Fotografia 1:** Barracão construído para abrigar os moradores logo após a ocupação do terreno na Avenida Parada Pinto – 2016.
- Fotografia 2:** A espera antes de ocupar o terreno – Ocupação Parada Pinto, 2016.
- Fotografia 3:** O início da construção do barraco - Ocupação Parada Pinto, 2016.
- Fotografia 4:** Vista externa do barraco construído - Ocupação Parada Pinto, 2016.
- Fotografia 5:** Presença - Ocupação Parada Pinto, 2016.
- Fotografias 6, 7, 8 e 9:** Reunião com a Base na Ocupação Parada Pinto – Setembro, 2017.
- Fotografia 10:** Fachada do edifício antes do MSTRN ocupar – 2013.
- Fotografia 11:** Fachada do edifício após o MSTRN ocupar – 2016.
- Fotografia 12:** Escala de limpeza dos espaços – Ocupação Armênia, 2016.
- Fotografias 13 e 14:** Cartazes de advertências aos moradores – Ocupação Armênia, 2016.
- Fotografias 15, 16 e 17:** Corredores localizados no segundo e quarto pavimento – Ocupação Armênia, 2016.
- Fotografias 18, 19 e 20:** Buracos na parede improvisando as janelas – Ocupação Armênia, 2016.
- Fotografias 21, 22 e 23:** Buracos na parede improvisando as janelas – Ocupação Armênia, 2016.
- Fotografias 24, 25 e 26:** Banheiros localizados no primeiro e segundo pavimento e pia comunitária – Ocupação Armênia, 2016.
- Fotografia 27:** Saguão de entrada – Ocupação Armênia, 2017.
- Fotografia 28:** Foto da prateleira localizada no saguão de entrada – Ocupação Armênia, 2017.
- Fotografias 29, 30 e 31:** Rack e estante com livros coreanos – Ocupação Armênia, 2017.
- Fotografia 32:** Sofás localizados no saguão de entrada – Ocupação Armênia, 2017.
- Fotografia 33:** Estacionamento de carrinhos de carga – Ocupação Armênia, 2017.
- Fotografia 34:** Bicicletário – 2017.
- Fotografia 35, 36 e 37:** Corredores com as paredes e tapumes pintados de azul claro – Ocupação Armênia, 2017.
- Fotografias 38, 39 e 40:** Vasos de plantas nos corredores do segundo pavimento – Ocupação Armênia, 2017.
- Fotografias 41 e 42:** Tecido utilizado na improvisação da porta do banheiro – Casa da Rose, 2016.
- Fotografia 43:** Parede pintada com tinta cal – Casa da Rose, 2016.
- Fotografias 44 e 45:** Canto com as coisas da Rose – Casa da Rose, 2016.
- Fotografia 46:** Mochila e cobertas em cima da cama – Casa da Rose, 2016.
- Fotografia 47:** Elementos na mesa de centro – Casa da Rose, 2016.
- Fotografias 48 e 49:** Os detalhes e a mesa da cozinha – Casa da Rose, 2016.
- Fotografia 50:** Outros detalhes da cozinha – Casa da Rose, 2016.
- Fotografia 51:** Cozinha e banheiro – Casa da Rose, 2017.
- Fotografia 52:** O guarda-roupas e a estante – Casa da Rose, 2017.
- Fotografia 53:** Os detalhes da estante – Casa da Rose, 2017.
- Fotografia 54:** O fraldário em cima do guarda-roupas – Casa da Rose, 2017.
- Fotografia 55:** A estante com novas coisas – Casa da Rose, 2017.
- Fotografia 56:** O altar dos presentes – Casa da Rose, 2017.
- Fotografia 57:** Os quadros na parede – Casa da Rose, 2017.
- Fotografia 58:** A cortina na janela improvisada – Casa da Rose, 2017.
- Fotografia 59:** A cômoda – Casa da Adriana, 2016.

Fotografia 60: O espelho – Casa da Adriana, 2016.

Fotografia 61: O sofá coberto de fuxicos e o tecido colorido nos tapumes – Casa da Adriana, 2016.

Fotografias 62 e 63: O cantinho da Dayana – Casa da Adriana, 2016.

Fotografia 64: O vaso de planta e o tapete de fuxicos – Casa da Adriana, 2017.

Fotografia 65: Os sofás, a mesa de centro e as flores – Casa da Adriana, 2017.

Fotografia 66: A cortina e o espelho – Casa da Adriana, 2017.

Fotografia 67: Os tecidos na parede – Casa da Adriana, 2017.

Fotografias 68 e 69: Os elementos na parede de Dayana – Casa da Adriana, 2017.

Fotografia 70: O criado mudo e os enfeites – Casa da Adriana, 2017.

Fotografia 71: O quarto de Dona Nilsa – 2018.

Fotografia 72: As paredes cabides – Casa da Dona Nilsa, 2018.

Fotografias 73 e 74: Os tapumes cabides – Casa da Dona Nilsa, 2018.

Fotografia 75: Cama do sobrinho e a estante – 1ª visita – Casa da Dona Nilsa, 2018.

Fotografia 76: Cama do sobrinho – 2ª visita – Casa da Dona Nilsa, 2018.

Fotografia 77: A mesa, as coisas e o espelho – Casa da Dona Nilsa, 2018.

Fotografia 78: Os utensílios da cozinha – Casa da Dona Nilsa, 2018.

Fotografia 79: A toalha da mesa da cozinha – Casa da Dona Nilsa, 2018.

Fotografia 80: A sala da Dona Nilsa – Casa da Dona Nilsa, 2018.

Fotografias 81 e 82: As roupas como presença – Casa da Dona Nilsa, 2018.

Fotografia 83: O móvel antigo – Casa da Dona Nilsa, 2018.

Fotografia 84: A fruteira e as taças – Casa da Dona Nilsa, 2018.

Fotografias 85 e 86: Reunião com os moradores e os coletivos sobre a ocupação da praça – Ocupação 9 de Julho, 2017.

Fotografias 87 e 88: Moradores à caminho da ocupação Praça Aberta – 2017.

Fotografia 89: Momento em que o movimento coloca a bandeira da FLM – ocupação Praça Aberta – Casa de todos, 2017.

Fotografias 90 e 91: Limpeza após a ocupação da Praça Aberta – Casa de todos, 2017.

Fotografia 92: Organização e montagem das estruturas de lona para a cozinha improvisada – Ocupação Praça Aberta – Casa de todos, 2017.

Fotografia 93: Reunião com os moradores do entorno – Ocupação Praça Aberta – Casa de todos, 2017.

Fotografias 94 e 95: Crianças brincando – Ocupação Praça Aberta – Casa de todos, 2017.

Fotografias 96, 97 e 98: Porta da entrada da Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 99: Saguão de entrada da Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 100: Proteção instalada nas escadas – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 101: Mangueira de água instalada no corredor – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 102: Extintor instalado no corredor – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 103: Detalhes do saguão de entrada – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 104: Fios elétricos expostos – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografias 105 e 106: Cozinha comunitária – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografias 107 e 108: Detalhe da cozinha comunitária – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 109: Cobertura de lona da cozinha comunitária – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 110: Vista externa da cozinha comunitária – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografias 111 e 112: Moradores na cozinha comunitária – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 113: O incêndio no Edifício Wilton Paes de Almeida, 2018.

Fotografias 114 e 115: F Após o incêndio e desabamento do Edifício Wilton Paes de Almeida, 2018.

Sumário

INTRODUÇÃO	15
1. As portas	15
2. Das linhas das portas às linhas das janelas	23
3. As janelas	32
II A OCUPAÇÃO ARMÊNIA	50
2.1 Do espaço ao território	50
2.2 Do território ao espaço de resistência	55
2.3 Do lado de dentro	57
III OS CAFÉS E AS VIAGENS	77
3.1 Rose	81
A 1ª casa: onde ela cresceu	83
A 2ª casa: fragmentada	87
A 3ª casa: (re)construída	90
As ruas: não tinha teto, não tinha nada	93
A 5ª casa: ela resiste!	94
3.2 Adriana	96
A 1ª casa: do fuxico - o início	97
A 2ª casa: do fuxico - permanência	101
A 3ª casa: idas e vindas	103
A 4ª casa: da intimidade e o abrigo como falta dela	105
3.3 Dona Nilsa	107
A casa: nasce nas águas	108
A 1ª casa: emaranhada	110
A 2ª casa: que vai	117
A 3ª casa: que vem	121
A 4ª casa: da patroa e do colchão	124
A 5ª casa: que vem e que vai	125
Entre a casa: o caminhão	128
3.4 Josélia	132
A 1ª casa: 50 degraus	133
A 2ª casa: construção	135
A 1ª ocupação	141
A 2ª ocupação	144
A 3ª ocupação	145
Breves ocupações	146

A ocupação antes da conquista	148
IV O RETORNO E AS TÁTICAS	151
4.1 Rose.	155
A casa: do movimento e da luta	155
4.2 Adriana	172
A casa: do movimento e da luta	172
4.3 Dona Nilsa	183
O caminho até a ocupação: nas palavras dela	183
A casa na ocupação: ocupada de esperança	185
4.4 Josélia	194
A casa: consegui!	194
A casa: hora de mudar!	196
V MOVIMENTOS – MOVIMENTAM-SE	200
5.1 Praça aberta, Casa de todos	200
5.2 Na Armênia – cozinha de todos	206
CONSIDERAÇÕES FINAIS	214
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	224
Endereços eletrônicos	233
Referências Filmográficas	233

INTRODUÇÃO

1. As portas

Começo pelas portas. Aquelas com as quais me deparei no caminho, em minhas chegadas e partidas. Portas em que escolhi entrar, portas que me escolheram, portas que tive coragem de abrir e portas que tive mais coragem ainda de fechar. Todas elas me trouxeram a hoje, no presente, as portas de pessoas queridas que me acolheram e que acolheram essa pesquisa, como as da Rose, Josélia, Adriana, Dona Nilsa, e tantas outras mulheres, que mesmo em uma situação difícil de vida, mostraram um coração que luta, que pulsa, constrói e sonha, mesmo diante de uma situação de sofrimento, de privação ao direito à moradia digna. Mulheres que estiveram presentes no meu aprendizado pessoal e acadêmico, mas, o mais importante, mulheres que me ensinaram a ouvir e pensar.

A primeira porta com que me deparei foi a minha graduação em Geografia na Unesp de Presidente Prudente – SP. Após cursar a disciplina de Antropologia Cultural ministrada pela Professora Doutora Neide Barrocá, entrei em contato com ela, que me convidou para conhecer o Laboratório de Arqueologia Guarani, onde desenvolvia pesquisas sobre a paisagem e a cultura indígena pretérita. Ao conhecer o laboratório, embarquei no universo da arqueologia, onde tive a possibilidade de visitar sítios, analisar fragmentos de cerâmicas e pinturas rupestres – tão ricos de histórias –; uma porta que me permitiu adentrar em uma cultura material antiga e buscar conhecer as relações existentes entre o ser humano e o meio ambiente, partindo dos fragmentos das cerâmicas e seus motivos. A vontade de estudar as diferentes formas de viver nasceu ali.

Ao me formar, me mudei para a cidade de São Paulo - uma mudança permeada pela necessidade de inserção no mercado de trabalho, mas também por uma vontade de experienciar um espaço de pluralidades, onde tudo acontecia. O começo foi difícil, ainda mais para quem veio de “um sonho feliz de cidade”¹, mas assim como na letra de Caetano Veloso, “aprendi depressa a chamar de realidade”¹, mesmo que ela fosse o avesso daquilo que eu imaginava. Estava aí a segunda porta, cuja anfitriã era “cidade que hoje sorri e amanhã te devora”².

“Gente buscando casa, gente buscando gente, gente buscando nada. Vejo cinco continentes pisando a mesma calçada. O aglomerado constante dessa massa que se

¹ VELOSO, Caetano. **Sampa**. [música]. 1978.

² BUARQUE, Chico; BACALOV, Luis E. **A cidade ideal**. [música]. 1977.

agita”³. A música *São Paulo Fim do Dia*, do compositor José Domingos, descreve de forma bem próxima a sensação que tive ao transitar por São Paulo. E foi na busca por registrar esses diferentes “continentes” que decidi virar o trinco da terceira porta e explorar a fotografia e o desenho. Foi essa porta destrancada que me fez descobrir aquilo que me fazia vibrar, que me fazia sentir o que a cidade desenhava e representava a todo o instante.

Eu nunca havia visto uma ocupação dos movimentos de moradia, fosse ela “vertical” ou “horizontal”⁴. Por falta de conhecimento e experiência, na minha cabeça tratava-se de uma favela ou de um assentamento de sem-terras. Talvez por ter feito uma graduação no oeste paulista, o ensino tenha sido voltado para o campo, para movimentos de luta por Reforma Agrária, mas pouco para a questão urbana de uma metrópole como São Paulo.

Ali, na Avenida Ipiranga, no centro de São Paulo, tive o primeiro contato com uma ocupação vertical. Foi o prédio 288, que me chacoalhou com uma avalanche de questões: - como eles fazem com a questão da água? Eles pagam por ela? Será quem tem encanamento? E a energia elétrica? Tem luzes acesas lá dentro. Será que é “gato”? Como será que é dentro do prédio? Como eles se organizam? Como dividem o espaço? Comecei a pesquisar, comecei a perguntar para pessoas próximas se elas tinham respostas para essas questões que naquele momento eram tão novas para mim.

“Essas pessoas deixam o centro sujo”; “Nessas ocupações só tem bandido e traficante, por isso que a galera é assaltada no centro”; “É tão fácil, vou ali também pedir uma casa de graça pro prefeito”; “Eu tenho que trabalhar pra pagar meu aluguel, porque esse povo não trabalha também?”; “Eu trabalhava no centro, tinha que pegar três ônibus, o trem e o metrô e eu gastava muito com transporte e ganhava pouco”; “Aluguei um apartamento de um quarto no Brás, mas o aluguel era muito caro e o dinheiro que eu ganhava ou eu comia, ou eu pagava o aluguel”; “Ichi, não sobrava tempo e nem dinheiro pra passear não, meus filhos tinham que se contentar com o bairro mesmo”⁵;

³ DOMINGOS, José. **São Paulo, fim do Dia** [música]. 1981.

⁴ Ocupação vertical é quando se ocupa um prédio onde não há função social e ocupação horizontal é quando se ocupa um terreno onde também não há função social.

⁵ Fragmentos coletados a partir de conversas informais com colegas de trabalho, familiares e moradores da ocupação de moradia São João. Todos os fragmentos e depoimentos citados nessa pesquisa, estarão em itálico e com aspas. Em alguns depoimentos não haverá referência aos nomes das entrevistadas, pois em algumas situações como o momento de ocupar o terreno da Parada Pinto, não foi possível coletar a autorização de todas as mulheres e envolvidos para que seus nomes aparecessem nessa dissertação.

Ao mesmo tempo em que pessoas expuseram sua opinião contrária ao movimento de luta por moradia, com frases que criminalizavam e marginalizavam ainda mais aqueles sujeitos, percebi uma articulação de táticas nas aulas públicas, na mídia alternativa e dos próprios moradores da ocupação São João em tentar desconstruir essa ideia de marginalidade através dos direitos que deveriam ser de todos – direito à moradia e vida digna, o direito à cidade e à cidadania.

Comecei a me perceber num espaço e a perceber o outro também. Tantos prédios vazios e tanta gente sem casa. A busca por respostas continuou. A caminhada era longa.

*“Senta, quer uma água? Não tenho café”*⁶ - e sorriu. No ano de 2015 fui convidada a participar do projeto da revista Súbito⁷, que em uma de suas edições teve como proposta fotografar os lares dos moradores da ocupação São João, discutindo as diferentes formas do morar, não somente naquele lugar, mas em outros também. Naquele momento vi uma oportunidade de conhecer o desconhecido até então, e de me aproximar de experiências de vida tão diferentes da minha.

O seu Ademir nos convidou para entrar, sentamos na cama – a cama era o seu sofá. Conversamos rapidamente, perguntas básicas, fotografamos sua casa e nos despedimos. Assim como com o seu Ademir, dialogamos com outras pessoas, outras histórias contadas em dez minutos, o tempo suficiente para fotografar aqueles espaços.

Mas o que de fato estávamos discutindo com a proposta da revista? Estávamos problematizando ou apenas exaltando uma situação desfavorável de moradia, de sofrimento e expondo esses moradores e suas casas? Após o lançamento da revista, ao ler a matéria percebi que tudo que estava escrito ali era “raso”, porque não tivemos a preocupação em ouvir realmente o que aquelas pessoas tinham a dizer. Era preciso encostar a porta e, se necessário, fechá-la para repensar o meu papel como pesquisadora, como ouvinte, mesmo que naquele momento o objetivo tenha sido outro que não essa pesquisa. A vida daquelas pessoas não era um espetáculo, não podíamos apenas retirar as informações que queríamos, como foi feito, e ir embora.

Quando uma porta se fecha, outra se abre. As ideias começaram a germinar e eu quis pensar a casa e o lar em uma ocupação de moradia, mas em um sentido mais amplo do ato de morar, um sentido que fosse além da exposição desses ambientes e dos

⁶ Seu Ademir, 65 anos, aposentado, morador da ocupação São João.

⁷ Revista Súbito, projeto realizado através do programa VAI da Prefeitura de São Paulo no ano de 2014. E em sua segunda edição, foi desenvolvido o tema “Lar”, que contribuiu para as primeiras indagações desse projeto.

sofrimentos de seus moradores, um pensar que mergulhasse a fundo na palpitação de cada espaço, de cada janela improvisada, em cada objeto decorativo – um espaço precário, temporário, construído pelos próprios ocupantes, mas no qual eu percebia uma força criativa e uma deliberada sensibilidade para constituir ali algo como o acolhimento simbólico de um lar, delinear uma possível identidade com aquele espaço, algo que ainda lhe permitisse sentir-se sujeito de sua história e lugar.

Então decidi bater na porta da Pós-Graduação em História da Arte na Unifesp de Guarulhos e propor uma pesquisa que caminhasse na dimensão da pós-história da arte, que estava preocupada em colocar os conflitos sociais, as questões geográficas, de gênero, e os novos sujeitos como relevantes. Ou seja, uma pesquisa que pudesse contribuir para os novos debates e para o alargamento do campo disciplinar da história da arte. A porta foi aberta e fui acolhida.

Ao atravessar essa porta eu tive a oportunidade de conhecer mais sobre a História da Arte tradicional, as grandes narrativas, escolas e estilos, mas aprofundi as leituras na nova historiografia da arte, que dialogava com diferentes campos disciplinares como antropologia, sociologia, arquitetura, geografia e filosofia. Leituras essas que contribuíram para uma crítica mais profunda e sensível sobre o que eu estava propondo com o meu projeto. Após essas leituras, somadas aos diversos trabalhos sobre as ocupações de moradia e movimentos sociais, combinei um encontro com um dos coordenadores da ocupação São João para um diálogo informal, em que eu pudesse ouvir e entender um pouco mais sobre o movimento de luta pela moradia, especificamente a FLM⁸.

Nessa conversa, descobri que várias pesquisas de diferentes áreas do conhecimento sobre a ocupação estavam em desenvolvimento, com o objetivo de problematizar as vozes que não são ouvidas e que tantas vezes são caladas daqueles moradores detentores de direitos, recorrentemente negligenciados. O objetivo de ouvir essas vozes e poder colaborar para que fossem ouvidas para além dos muros simbólicos

⁸ A FLM – Frente de Luta por Moradia, coletivo constituído de representação de movimentos autônomos que somam esforços para conquistar projetos habitacionais. Embora esteja assegurada a autonomia de cada movimento, seus procedimentos não podem ser incompatíveis com os princípios gerais da Frente. A articulação dos movimentos de moradia da cidade de São Paulo em uma única frente de luta surgiu da necessidade comum entre os movimentos de uma política de ação direta que desse visibilidade à urgência de um plano habitacional digno em São Paulo. Ações que de fato chamassem a atenção da sociedade e dos poderes públicos para os vazios urbanos que estão à espera de valorização imobiliária. Disponível em: <<http://www.portalfm.com.br/luta-historico/>>. Acesso em: 10 set. 2017.

e materiais construídos estrategicamente como modo de segregação das classes sociais privilegiadas.

Comecei a perceber que a minha pesquisa poderia bater nas portas de outras famílias moradoras de outras ocupações que não possuíam a mesma visibilidade da ocupação São João, para que dessa forma outras histórias fossem ouvidas e contadas nessa pesquisa. E para que nós – eu e você, leitor – pudéssemos refletir não apenas sobre as questões políticas, territoriais e sociais que envolvem essas histórias, essas vidas, mas também sobre as pequenas delicadezas do cotidiano, os afetos e gestos que nascem e resistem.

Na busca por essas vozes, meu professor e orientador Pedro Fiori Arantes foi o responsável por me apresentar o pesquisador belga Jeroen Stevens, que estava no Brasil desenvolvendo uma pesquisa para o seu doutorado. Sua proposta tinha como objetivo o mapeamento das ocupações da região central. Para isso, ele pretendia abordar não apenas um universo simbólico das ocupações, mas também o seu universo material, uma vez que teve a oportunidade de residir em diversas ocupações como a Ocupação do Hotel Cambridge⁹ onde viveu mais de um ano.

Assim como meu orientador foi o responsável pelo encontro com Jeroen Stevens, Jeroen foi o responsável pelo meu encontro com a Josélia, coordenadora da ocupação Armênia e do movimento MSTRN¹⁰ – uma frente de luta da FLM.

O encontro com a Josélia foi marcado. Em um diálogo de uma hora, comecei a entender sobre a luta por moradia por um ângulo diferente das minhas leituras – o ângulo da experiência e do olhar de quem possui esperança e não foge à luta. Josélia não é apenas a coordenadora da ocupação e do movimento MSTRN, também é mulher, mãe, às vezes assistente social¹¹ e às vezes psicóloga; ela é a figura representativa perante os moradores da ocupação de que a luta é o caminho para a realização da conquista da moradia definitiva e digna. *“Ela conseguiu! Eu também vou conseguir!”*¹² Sim, a Josélia

⁹ O Hotel Cambridge foi fundado na década de 1950, um hotel de luxo conhecido por hospedar diversas figuras conhecidas internacionalmente. No ano de 2004, fechou suas portas e passou a fazer parte da gama extensa de prédios abandonados na região central de São Paulo. No dia 23 de novembro de 2012, o Hotel Cambridge foi ocupado por trabalhadores e trabalhadoras do movimento MSTC - Movimento Sem Teto do Centro - e hoje abriga 170 famílias. Disponível em: < <http://www.pstu.org.br/para-alem-do-filme-era-o-hotel-cambridge/>>. Acesso em: 10 de set. de 2017.

¹⁰ Movimento Sem Teto da Região Norte.

¹¹ Josélia não é graduada nas profissões citadas no parágrafo, mas muitas vezes exerce esses papéis dentro da ocupação Armênia.

¹² Rose, moradora da ocupação Armênia. Outubro de 2017.

conseguiu sua casa própria através do programa social Minha casa, Minha vida¹³, mas não abandonou a luta: “*eu consegui e vou continuar lutando pra que eles consigam também*”¹⁴. Eu estava diante de uma mulher potência, que me mostrou que conseguir a casa própria não era o fim, mas o impulso para continuar seguindo em frente.

Do encontro com a Josélia e a inspiração após ler a obra de Tim Ingold¹⁵, que aborda a vida como um emaranhado de fios, senti que o caminho dessa dissertação deveria ser guiado pelas linhas¹⁶ de movimento nas quais são tecidas as relações entre as pessoas e os lugares que habitam¹⁷ e habitaram.

Linhas que no decorrer dessa dissertação serão percebidas pela maneira como se organizam complexamente e tecem uma trama – um verdadeiro emaranhado. Uma trama costurada pelos encontros de diferentes linhas: linhas de tensão, linhas que se revelam, linhas que se escondem, linhas cada qual com uma história, uma força que, no entanto, se encontram e se relacionam, desenham portas, desenham janelas, ruas, espaços e sujeitos.

Mas por onde começar? Os inícios são aparentemente sempre tão difíceis na construção da pesquisa, talvez pelas vontades serem tantas que simplesmente não sabemos por onde começar – ou nos convencemos de que não sabemos. São tantos os medos que permeiam. Medo de não argumentar de uma forma que sustente a pesquisa, medo de não fazer as perguntas corretas, medo de ser mal interpretada, medo de escrever de uma maneira superficial ou confusa. Mas em meio a tantos medos vividos, percebi que

¹³ Minha Casa, Minha Vida, programa lançado em 2009 pelo Governo Federal para fomentar a produção de moradias para o público de baixa renda em parceria com instituições privadas por meio de inovações com relação a questões ligadas ao financiamento e instrumentalização de recursos públicos, por meio de subsídios financeiros à população e benefícios tributários aos agentes participantes (BRASIL, 2009).

¹⁴ Josélia, liderança do MSTRN e coordenadora da ocupação Armênia. Outubro de 2017.

¹⁵ INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.18, n.37, Jan./Jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002>. Acesso em: 05 nov. 2017.

¹⁶ Linhas que, nessa pesquisa, ganham mais de um sentido – percursos, trajetórias, encontros, as diferentes intensidades de forças e os distintos modos de fazer e criar dentro e fora da moradia. As linhas desenham, atravessam e constituem os sujeitos e os espaços que eles habitam e constroem o cotidiano, os sonhos, os afetos e os desejos. Para Tim Ingold (2015), a vida é um emaranhado de fios ou caminhos de vida e “a tarefa para qualquer ser é improvisar um caminho e seguir em frente” (DAMASCENO, Luisa M., 2017, p.17).

¹⁷ De acordo com a proposta de Tim Ingold (2015), habitar o mundo é participar ativamente de seu próprio processo de formação, é se juntar à “malha”. O autor ainda escreve, seguindo as ideias de Heidegger, que habitar é a maneira como sujeitos produzem suas próprias vidas e como essas vidas são costuradas no tecido do mundo, ou seja, não há separação entre organismo e ambiente, interior e exterior. Sob o efeito dessa perspectiva, podemos dizer que habitar é o processo em que os sujeitos, as “coisas” e os ambientes constituem as condições de existência uns dos outros, em um movimento de encontros e envolvimento mútuo.

eu já havia começado, não sei explicar como, mas tenho certeza que foram aquelas linhas, aquelas portas e janelas. Coragem, menina!

Foram tantas portas abertas e tantos encontros. Os encontros do lado de cá e do lado de lá. Encontros de todos os tipos – com as mulheres lavando roupa, com o carrinho da feira, os sapatos jogados, as plantas semeadas, as indignações com a falta, os risos de presente, os encontros com as chegadas e as partidas, com o espaço modificado e com as cores de cal. Encontros com os corredores, com as crianças e as casinhas de brinquedo. Encontros com a fita métrica, com os caminhantes e o transporte público. Encontros maiores de duas horas e outros de apenas dez minutos. Encontro de olhares, de surpresa e de dúvida. Encontros comigo mesma, com o outro, com elas! Encontros de portas e janelas abertas.

Para a construção dos capítulos que virão, além dos encontros, é preciso abrir as janelas e olhar com cuidado todas as linhas que as desenharam e atravessam. Olhar os microuniversos expostos ao lado de dentro, assim como conseguir estar dentro e olhar um macrouniverso exposto ao lado de fora. Fazer da janela uma possibilidade de aprofundamento dos olhos nos detalhes e na amplitude. Não na intenção de um recorte ou enquadramento de uma cena, mas sim das diferentes formas de percepção ao olhar estando dentro e fora.

Questões de um macro que influenciam diretamente nos microuniversos e questões de um micro que influenciam nos macrouniversos dos moradores da ocupação e que vão costurando seus cotidianos, desejos, afetos¹⁸ e sonhos, expondo não apenas um espaço precário, de sofrimento, mas um espaço¹⁹ potência onde se exerce a experiência, as escolhas e subjetividades do morar; um espaço que se reinventa a todo instante, não apenas pelas necessidades de seus moradores.

¹⁸ Nessa pesquisa, proponho pensar o afeto e afecção a partir das considerações de Gilles Deleuze (1992, 2009) ao se debruçar sobre a obra de Baruch Spinoza, não somente no sentido amoroso, mas no sentido daquilo que é do universo das sensações, da percepção, daquilo que quer a obra de arte. “Os afectos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro)”. (DELEUZE, Gilles, 1992, 2009). Afetos como novas perspectivas de sentir, que se configuram em um regime de afetabilidade, de experiências compartilhadas. Não é uma sensação, um sentimento, uma ideia, mas a qualidade ou a potência de uma sensação, de um sentimento ou de uma ideia possíveis.

¹⁹ Considero os espaços da ocupação Armênia como espaços potência e de experiência, pois segundo Yi-Fu Tuan (1983), “experientiar é aprender, compreender; significa atuar sobre o espaço e poder criar a partir dele” (TUAN, Yi-Fu, 1983, p. 10). Portanto, trata-se de um espaço que, mesmo diante da possibilidade de despejo, as experiências ali presentes estruturam os padrões de identificação do sujeito com o meio, transformando a identificação, a percepção e apreensão daquele espaço em consciência de atuação sobre o mesmo.

O abrigo é essencial à proteção do corpo dos sujeitos contra as condições climáticas desfavoráveis e os perigos que se apresentam de diferentes formas. No entanto, o abrigo não se configura apenas como proteção ao corpo, paredes e um teto, mas também como o lugar onde os sujeitos exercem sua intimidade, repousam, desenvolvem as relações familiares, constroem a identidade, as memórias e expressam a individualidade.

Michel de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol²⁰ discutem a dimensão simbólica da casa: "aqui o corpo dispõe de um abrigo fechado onde pode estruturar-se, dormir, fugir do barulho, dos olhares, da presença de outras pessoas, garantir suas funções e seu entretenimento mais íntimo".²¹

A moradia adequada²² é um dos direitos humanos garantidos a todos pela legislação internacional e também pela Constituição Federal brasileira. O Comentário n. 04, de 12 de dezembro de 1991, do Comitê sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais da Organização das Nações Unidas – ONU define o que considera uma moradia adequada:

Segurança da posse: a moradia não é adequada se os seus ocupantes não têm um grau de segurança de posse que garanta a proteção legal contra despejos forçados, perseguição e outras ameaças;
Disponibilidade de serviços, materiais, instalações e infraestrutura: a moradia não é adequada, se os seus ocupantes não têm água potável, saneamento básico, energia para cozinhar, aquecimento, iluminação, armazenamento de alimentos ou coleta de lixo;
Economicidade: a moradia não é adequada, se o seu custo ameaça ou compromete o exercício de outros direitos humanos dos ocupantes;
Habitabilidade: a moradia não é adequada se não garantir a segurança física e estrutural proporcionando um espaço adequado, bem como proteção contra o frio, umidade, calor, chuva, vento, outras ameaças à saúde;
Acessibilidade: a moradia não é adequada se as necessidades específicas dos grupos desfavorecidos e marginalizados não são levados em conta;
Localização: a moradia não é adequada se for isolada de oportunidades de emprego, serviços de saúde, escolas, creches e outras instalações sociais ou, se localizados em áreas poluídas ou perigosas;
Adequação cultural: a moradia não é adequada se não respeitar e levar em conta a expressão da identidade cultural.²³

²⁰CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. Morar e cozinhar. In :_____ **A invenção do cotidiano 2**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

²¹ CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre, 1996, p. 204.

²² Esse direito fundamental foi reconhecido em 1948 pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (NAÇÕES UNIDAS, 1948) como integrante do direito a um padrão de vida adequada, e também em 1966 pelo Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (NAÇÕES UNIDAS, 1991), tornando-se um direito humano universal e aceito como um dos direitos fundamentais para a vida dos sujeitos. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/bibliotecavirtual/promocao-e-defesa/publicacoes-2013/pdfs/direito-a-moradia-adequada>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

²³ NAÇÕES UNIDAS, 1991.

Na Constituição brasileira, o direito à moradia digna está reconhecido como direito fundamental no artigo 6º:

Por moradia digna compreende-se aquela que dispõe de instalações sanitárias adequadas, que garanta as condições de habitabilidade, e que seja atendida por serviços públicos essenciais, entre eles: água, esgoto, energia elétrica, iluminação pública, coleta de lixo, pavimentação e transporte coletivo, com acesso aos equipamentos sociais básicos.²⁴

No entanto, a realidade e a legislação atuam como forças contraditórias, uma vez que, apesar desse direito fundamental ocupar o sistema jurídico global, bilhões de pessoas no mundo encontram-se alojadas de forma inadequada. Em diversos países, milhões vivem em condições de risco para a saúde, em favelas superlotadas e assentamentos informais, ou em outras condições de desrespeito aos direitos e à dignidade humana. Outras milhões de pessoas a cada ano são despejadas de suas casas, ou ameaçadas de serem forçadamente removidas.²⁵

No contexto da Ocupação Armênia e de tantas outras ocupações, o cotidiano dos moradores é marcado pela precariedade, pela dificuldade nos acessos à cidade, pela falta de segurança. Ou seja, vidas marcadas pela falta de tudo aquilo que configura a moradia digna, razão pela qual a luta por moradia segue resistindo, afim de que esse direito fundamental à moradia digna seja garantido a todas e todos.

2. Das linhas das portas às linhas das janelas

A complexidade das relações de vida dentro e fora da ocupação de moradia, me fez ir ao encontro do emaranhado de linhas existentes na Pós-História da Arte, ou seja, no campo alargado da história da arte, para que a partir desse encontro fosse possível construir um diálogo entre essas linhas e as linhas de vida, de resistência, de luta das mulheres da Ocupação Armênia. Mas não só isso, um encontro que também permitisse desenhar novas linhas, abrir novas portas, escancarar as janelas e derrubar os muros. Uma multiplicidade de possibilidades.

Mas no emaranhado de linhas, qual delas eu deveria seguir? Comecei pelo “Fim da História da Arte”, do encontro²⁶ com Hans Belting e Arthur Danto, e em seguida fui

²⁴ BRASIL, 1988.

²⁵ OHCHR; ONU-Habitat, 2009.

²⁶ Enquanto Hans Belting (2006) trata a crise da “antiga história da arte” como a substituição de um modelo rígido de narrativa histórica sobre a arte; uma narrativa estilística, apartada de uma visão mais geral em

orientada por discussões acerca das obras do artista Hélio Oiticica²⁷. Digo que as linhas do “fim”, foram essenciais para que eu conseguisse pensar no começo do desenho dessa pesquisa.

Tanto Hans Belting²⁸ quanto Arthur Danto²⁹ não consideram “o fim da arte” ou “o fim da história da arte” como o fim da produção artística ou da disciplina, mas sim o fim de uma determinada narrativa histórica da arte consagrada, entendida sobretudo sob a perspectiva romântica, dos grandes artistas, do mecenato da arte, da arte ligada ao poder e à religião, fundamentado em uma visão eurocêntrica com práticas preocupadas em separar a arte boa e de qualidade de todo o resto por considerá-la além dos limites da história.

Para Daniela Amaro³⁰, o sentido de fim exposto por Arthur Danto²⁹ e Hans Belting²⁸ aponta para uma noção de “‘descobrimento’ ou ‘desvendamento’”³¹ de uma antiga estrutura narrativa e, em contrapartida, de uma mudança de paradigmas:

O ‘fim da história da arte’ estaria para o fim de um determinado enquadramento, de um determinado artefato, no sentido de ‘fim de regras do jogo’. No entanto, o que se nega não é a continuidade, o prosseguimento do jogo: é a continuidade das antigas regras, dos antigos paradigmas. O jogo prosseguirá de uma outra forma. Ambos os teóricos compreendem a mudança ocorrida durante o século XX como uma ruptura com os paradigmas tanto das formas artísticas quanto do enquadramento histórico. E mais importante: não compreendem esta ruptura como uma impossibilidade de se produzir arte (como se as formas que se dispunham houvesse se esgotado), bem como de se construir história. Tanto o enquadrado (a produção artística) quanto o enquadramento (o discurso que sobre ela se constrói) deve se transformar na medida que seus pilares fundamentais se arruinaram no decorrer do findado século XX.³²

relação ao ser humano e sua história, Arthur Danto (2006) reflete e discute sobre os rumos da arte contemporânea e os limites das narrativas que procuram explicar e classificar o que os artistas produzem.

²⁷ André Mesquita (2008) considera que a arte ativista é um “compromisso de engajamento direto com as forças de uma produção não-mediada pelos mecanismos oficiais de representação”. E que a “não-mediação” (MESQUITA, André. 2008, p. 15), também é compreendida como a “construção de circuitos coletivos de troca e de compartilhamento abertos à participação social e que, inevitavelmente, entram em confronto com os diferentes vetores das forças repressivas do capitalismo global e de seu sistema complexo de relações entre governos e corporações, a reorganização espacial das grandes cidades, o monopólio da mídia e do entretenimento por grupos poderosos, redes de influência, complexo industrial-militar, ordens religiosas, instituições culturais e educacionais etc.”. (MESQUITA, André. 2008, p. 15). Ou seja, uma tática de abrir portas subversivas a um sistema opressor.

²⁸ BELTING, Hans. **O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

²⁹ DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história**. São Paulo: Odysseus Editora/Edusp, 2006.

³⁰ AMARO, Danielle R. **Arte e História após o anúncio do “fim”, segundo Arthur Danto e Hans Belting**. In: Art UERJ, III semana de pesquisa em artes, 3, 2009, Rio de Janeiro, p. 415- 426.

³¹ AMARO, Danielle R, 2009, p. 422.

³² Ibid.; p. 422.

Partindo dos caminhos percorridos pela história da arte até a modernidade, Hans Belting²⁸ problematiza a crise da “antiga história da arte”³³, ao considerar a substituição de um esquema rígido na maneira como a narrativa da história da arte é apresentada, uma narrativa que se configura muitas vezes como “história dos estilos” e das grandes escolas. Um sistema autônomo, com suas próprias regras, distante de uma visão mais ampla em relação ao sujeito e sua história.

Arthur Danto²⁹ diz que o modernismo deve ser compreendido como a “Era dos Manifestos”³⁴, à qual se contrapõe o momento pós-histórico da arte, “imune a manifestos e demandando uma prática inteiramente crítica”³⁵. Estabelece ainda, como marco do fim da modernidade o ano de 1964, quando ocorreu a exposição da Pop Art em Nova York, em que Andy Warhol expôs a *Brillo Box*³⁶ e afirma que:

De acordo com a minha ótica, a longa história da investigação filosófica da essência da arte havia agora transcendido a busca por exemplares de arte pura. O que os artistas pop mostraram, como os minimalistas que estavam trabalhando em uma via paralela, é que não há modo especial ao qual a aparência da obra de arte deva se vincular. Ela pode parecer com uma caixa de Brillo, se você é um artista pop, ou com um painel de compensado, se você é um minimalista. Pode parecer como uma fatia de bolo, ou pode parecer com uma ondulação de cerca de arame de um galinheiro. Com isso chega o reconhecimento de que o significado da arte não pode ser ensinado através de exemplos, e de que o que faz a diferença entre arte e não arte não é visual, mas conceitual. É uma questão que a filosofia da arte tem de descobrir, e tendo trazido a questão a esse ponto, o Pop e o Minimalismo levaram a busca a um fim. Os artistas não mais precisam ser filósofos. Ao passarem o problema da natureza da arte para a filosofia, eles foram liberados para fazer o que queriam fazer, e nesse preciso momento histórico o pluralismo se tornou a verdade histórica objetiva. A partir da perspectiva da história, nada havia a escolher entre o Pop, ou o Minimalismo, ou o Realismo, ou o Expressionismo, ou qualquer coisa de que diabos você goste.³⁷

³³ De acordo com o historiador Hans Belting (2006), essa crise da “antiga história da arte” começou com a emergência dos movimentos vanguardistas, fundamentados por um discurso próprio de uma “história da arte do progresso”.

³⁴ Arthur Danto (2006) expõe em seu ensaio a dificuldade de eleger uma narrativa para a modernidade, pois o período possui inúmeros manifestos vanguardistas diferentes, onde o ponto de união entre os manifestos acontece justamente na busca por distinguir a arte considerada por eles como a arte verdadeira e única “como se o movimento por ela expressado tivesse feito a descoberta filosófica do que a arte essencialmente é” (DANTO, Arthur, 2006, p.28).

³⁵ DANTO, Arthur, 2006, p. 33.

³⁶ “A Brillo Box é tanto um posicionamento a respeito da relação entre ilusão e realidade, quanto requer uma base teórica que a possibilite, pois sem a última ela é apenas uma caixa qualquer (...) A questão que se coloca a partir disso é: o que caracteriza uma obra de arte? A resposta certamente não é a capacidade de fazê-la ou a característica técnica daquilo que foi feito” (COSTA, Raquel, 2014, p. 22).

³⁷ DANTO, Arthur C. Aprendendo a viver com o pluralismo. Tradução Daniela Kern. In: **Revista-Valise**, v. 1, n. 2, 2001, p. 156. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/25017>>. Acesso em: 08 mai. 2018.

Para Arthur Danto, a partir dos anos 70, período ao qual se refere como pós-histórico da arte, os artistas não estavam preocupados com o fato de suas obras serem ou não consideradas arte e, por esse motivo, fizeram coisas diferentes. Tratava-se de um período inquietante, onde as fronteiras da arte se expandiram

“não há mais uma direção única, na verdade não há mais direção. Foi isso que eu pretendi dizer com o fim da arte quando comecei a escrever sobre esse fim em meados da década de 1980. Não que a arte morreu ou que os pintores deixaram de pintar, mas sim que a história da arte estruturada narrativamente chegara ao fim”.³⁸

Uma maneira de se fazer e pensar a arte que é implodida e explodida pela arte contemporânea, pois a produção artística contemporânea é movida principalmente pelo desejo de romper com a tradição que definia o que era arte e os limites³⁹ impostos por essa tradição, que instituíam um processo excludente.

Nesse período de inquietação e expansão das fronteiras da arte, os Parangolés de Hélio Oiticica foram um exemplo da manifestação do desejo em romper com as estruturas da obra de arte, uma descoberta do vivencial, um esteticismo que propunha uma antiarte⁴⁰ de reação ao momento político ditatorial pelo qual o país estava passando, uma reação ainda, a dominação intelectual e burguesa. Para o artista era importante que a arte fosse para o mundo.

Nesta obra, a dança integra ritmo, corpo e estrutura, enfatizando os gestos e liberando cor. O estado dionisíaco do *Parangolé* manifesta a imagem do estado de invenção. Para Oiticica, o *Parangolé* significa a “transmutação da arte e da

³⁸DANTO, Arthur, 2006, p. 139.

³⁹ Cristiane Alves Freitas (2013), “essa característica de arte viva assume um caráter além do contemplativo, agora sua produção também, possibilitada pelas novas tecnologias, tem o poder de interferir na nossa relação com o mundo, servindo de meio também para vermos o mundo, nos vermos e agirmos neste mundo. Nesse novo contexto a arte assume um caráter revolucionário e contestador, podendo ser entendida como um instrumento político e ideológico e como tal é capaz tanto de libertar quanto aprisionar a humanidade. Então pensar no “Fim da Arte”, seria como pensar no enfraquecimento de uma arma ideológica poderosa e contrária ao poder hegemônico, que domina as sociedades capitalistas que tem a tendência de manipular os desejos e pensamentos das massas”. (FREITAS, Cristiane A. 2013).

⁴⁰ Jhanainna Jezini (2008-2009) discute que a antiarte para Hélio Oiticica “é a comunicação que vai além da necessidade do ato de criar. O artista transforma-se em propositos de uma arte experimental. O importante aqui é proporcionar uma desalienação do espectador, para isso é necessário trabalhar e demonstrar um inconformismo, seja cultural, político, ético ou social. É na antiarte que Hélio Oiticica busca a plenitude de liberdade da participação do espectador, acrescentando vários significados ao pensamento estético da vanguarda brasileira. O significado só surge à medida que o espectador criador vai armando situações, pode-se dizer que sem o espectador a obra de arte não existe e é neste diálogo entre autor-espectador que a arte adquire novas significações”. (JEZZINI, Jhanainna. 2008-2009).

vida”. É na Escola de Samba Mangueira que Oiticica descobre a invenção da arte como invenção da vida.⁴¹

Oiticica enxergava no Morro da Mangueira, uma comunidade com uma cultura popular organizada, uma expressão potência e transgressora de um lugar que resistia diariamente a um sistema opressor. Nos Parangolés do artista, está implícito a influência da arquitetura orgânica da favela, pois assim como a dança, a construção de um barraco é constantemente renovada, alterada, ampliada. Uma construção que depende dos restos de materiais disponibilizados, assim como da ação coletiva no momento da construção. Essa influência também será vista no Programa Ambiental de Hélio Oiticica. Conforme aponta Renato Rodrigues:

Assim, o artista idealizou seu Programa Ambiental, afirmando que "na arquitetura da 'favela', por exemplo, está implícito um caráter do Parangolé, tal a organicidade estrutural entre os elementos que o constituem". (...) A arquitetura da Mangueira era a base dessa experiência (...) Oiticica não lidava com representações realistas da favela, mas com a materialização de determinadas qualidades que foram abstraídas desse modo de organização informal da cidade.⁴²

No seu enfoque na favela da Mangueira, Hélio Oiticica valorizou as singularidades das construções dos barracos, a maneira como a comunidade se organizava no dia a dia, as expressões culturais e as resistências, ao mesmo tempo em que criticava a política habitacional implementada pelo Estado na década de 60, que visava a remoção das favelas, mesmo com a falta de moradias populares. Com isso, no momento em que as comunidades vivenciavam o fantasma do despejo, “o artista transgredia o senso comum para que olhássemos o outro lado da cidade”.⁴³

Para Frederico Morais “O artista, hoje, é uma espécie de guerrilheiro. A arte, uma forma em emboscada (...). Tudo pode transformar-se em arte, mesmo o mais banal evento cotidiano”⁴⁴. Hoje as práticas artísticas ultrapassam os limites do espaço, da forma e do tempo, atravessam os muros, rompem barreiras, quebram paredes, se fazem presentes

⁴¹ JEZZINI, Jhanainna S. P. **A teoria estética de Hélio Oiticica na formulação de uma nova objetividade brasileira**. Anais. VI Fórum de pesquisa científica em arte. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba. Pág 149. 2008-2009.

⁴² SILVA, Renato R. **O Programa ambiental de Hélio Oiticica: por uma geografia da arte**. Revista AU. Edição 121 - Abril/2004.

⁴³ Ibid. 2004.

⁴⁴ MORAIS, Frederico. “Contra a arte afluyente: o corpo é o motor da obra”, in BASBAUM, Ricardo (org.). *Arte Contemporânea Brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001. p. 171.

nas representações do cotidiano e colocam outros temas como relevantes, como por exemplo: as lutas de classe, as questões de gênero, as questões raciais e étnicas, políticas e sociais, ou seja, práticas que:

são como grandes insights na vida cotidiana que reformulam a própria finalidade da experiência estética e desestruturam as narrativas da história social e da arte, acrescentando novas visões para a elaboração de um futuro mais justo e verdadeiro (...) ação comunicativa, como investigação multidisciplinar e um comportamento construtivo que intervém no mundo das lutas políticas, do regime de signos, de marcas e de imagens, desmontando funções e lógicas internas de governos, ideologias, sistemas e administrações.⁴⁵

Na cidade fragmentada e ocupada por diferentes fluxos migratórios, São Paulo é um imenso território verticalizado e reestruturado economicamente. A transformação econômica e produtiva da cidade desde meados da década de 70, expõe a impossibilidade em absorver tanto a mão-de-obra migrante, quanto a local, que reflete diretamente em taxas de desemprego e exclusão social. Ao caminhar por São Paulo, percebe-se o colapso da vida na metrópole, a mobilidade urbana precária, os congestionamentos, a sensação de aperto causada pela verticalização da cidade, a gentrificação espacial e a especulação imobiliária, o sofrimento do deslocamento dos moradores das periferias ou das cidades-dormitório, ao centro, onde estão concentradas as oportunidades de emprego. Ou seja, alguns dos problemas que evidenciam e reforçam a falta de uma política de mobilidade urbana, habitacional e a desigualdade social que marcam o corpo da cidade.

Mediante à esse cenário, trago para o diálogo com a história da arte a força das mulheres da ocupação de moradia Armênia e como, por meio de táticas⁴⁶ nos espaços, dos dispositivos visuais e dos elementos que elas vão constituindo, elas encontram

⁴⁵ MESQUITA, André L. **INSURGÊNCIAS POÉTICAS, Arte Ativista e Ação Coletiva (1990-2000). [Dissertação de Mestrado]**. São Paulo: USP, 2008. 217 p.

⁴⁶ Utilizo o conceito de tática formulado por Michel de Certeau (1994) em oposição à estratégia que ele considera como práticas de um sujeito detentor do querer e poder, que conduz os sujeitos a formas de comportamento e maneiras de agir. Ações que têm como objetivo regular as dinâmicas da dimensão social e política e consequentemente a manutenção da posição dos que ditam as normas e regras “[...] ela postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos e ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno de uma cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc)” (CERTEAU, Michel, 1994, p. 99). Nesse contexto, a estratégia seria uma forma de tentar conter as ações contraventoras. Já a tática consiste na possibilidade de subversão às estratégias de dominação, não deixando de ser uma ação calculada, embora “[...] determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha” (CERTEAU, Michel, 1994, p. 100).

maneiras de re-existirem⁴⁷, ou seja, as potências e possibilidades artísticas dentro dos mais diversos contextos, inclusive nas situações de adversidade, onde há o desejo e a busca por re-existir, retratados por André Leme⁴⁸ ao lembrar Baruch Spinoza⁴⁹:

Se determinado por causas exteriores a si, o desejo é passividade, inadequação. Mas, quando determinado por causas internas, a passividade deixa lugar à ação. O homem se torna causa adequada de si mesmo, pois cessa a distância entre o *conatus*⁵⁰ e o objeto de seu desejo. Ao tornar-se causa adequada de si mesmo, o homem fortalece seu *conatus*, aumenta sua potência de existir e agir e reproduz, em escala modal, a imanência entre a causa e o causado no plano de atividade da substância.⁵¹

O desejo e a busca abordados por Spinoza se expressam por meio da engenhosidade e da inteligência das mulheres da ocupação, e se transformam em possibilidades de transcendência do campo da mera sobrevivência fisiológica e do mundo das necessidades para algo com outro nível de percepção. Assim, direciono o olhar para a Ocupação Armênia e para as mulheres que vivem naquele espaço, que são as criadoras e as reivindicadoras de suas existências, mesmo quando essa existência é reduzida e ainda assim continuam seguindo em frente.

Portanto, discutir elementos simbólicos e materiais presentes no espaço delas por meio da exposição da construção de sentidos simbólicos, afetivos, dos acolhimentos, dos aconchegos, no e do morar, mesmo que o cenário seja completamente adverso, se torna o principal objetivo dessa pesquisa, na tentativa de expor uma “arte de fazer”⁵², uma arte da resistência ao mesmo tempo uma resistência da arte diante das situações adversas,

⁴⁷ Nessa pesquisa os termos re-existir e re-existência não partem da ideia de antes existia, depois deixou de existir e voltou a existir novamente, mas sim da ação que implica em novos processos de subjetivação, de invenção de si, em diferentes e criativos modos de ser, estar e se ver no mundo. “A resistência abre espaços, abre caminhos, abre possibilidades. Cria um re-existir (uma re-existência) ou seja, um existir de um outro modo” (PARAÍSO, Marlucy A., 2016, p.4).

⁴⁸ LEME, André. Spinoza: o *conatus* e a liberdade humana. Cadernos Espinosanos XXVIII, São Paulo, n. 28, 2013. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/epinosanos/article/view/81262>>. Acesso em: 15 ago.2017.

⁴⁹ SPINOZA, B. *Ética*. Tradução de Thomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

⁵⁰ “Spinoza demonstra o *conatus* como a essência atual da mente e do corpo, ou melhor, uma força interna para existir e conservar-se na existência, força afirmativa e não destrutível, visto que nenhum ser busca a autodestruição, assim, o *conatus* apresenta uma duração ilimitada, sendo constrangido apenas por causas exteriores mais fortes que o destruam. Portanto, ao definir a mente e o corpo por meio do *conatus*, estes se tornam essencialmente vida, não havendo espaço para morte, pois esta vem do exterior e nunca do seu interior” (SILVA, Elayni, 2011, p. 13).

⁵¹ LEME, André, 2013, p.120.

⁵² Empresto o termo “arte de fazer” de Michel de Certeau (1994), pois em sua obra “Invenção do cotidiano: Artes de fazer” o autor propõe e investiga os usos que os sujeitos fazem dos produtos culturais e o que eles “produzem” a partir dessas práticas culturais, considerando essas práticas como “artes de fazer”. Desta perspectiva, os produtos culturais usados no cotidiano são apropriados e transformados pelos sujeitos a partir de táticas e astúcias, possibilitando novas práticas e novas artes de fazer.

práticas cotidianas onde as subjetividades e a materialidade podem contribuir para que o leitor perceba a força que emana dessas mulheres na situação limite em que muitas vezes elas se encontram e como engenhosamente escapam da conformação. Michel de Certeau⁵³ reforça a ideia dizendo:

Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do fraco na ordem estabelecida pelo forte, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidade nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos.⁵⁴

O trecho citado acima traduz uma parte das experiências vividas pelas mulheres da Ocupação Armênia, para quem uma situação de sofrimento e precariedade é vista como uma possibilidade de continuarem existindo, de serem reconhecidas socialmente. Surpresas táticas vividas e expostas por elas - vividas, por exemplo, no momento de tensão ao ocupar um prédio ou terreno e não saber ao certo o que irá acontecer; e expostas ao abrirem as portas de suas casas e mostrarem a pulsão de vida, de humanidade existente ali dentro, que também se configuram como uma astúcia da sobrevivência, da superação do sofrimento real.

Os seus achados alegres na criação de um espaço mais sensível que emana possibilidades, os gestos hábeis que podem ser representados tanto pela luta do movimento pela moradia quanto pelas pequenas transformações nos espaços que surgem como forma de contravenção à ordem estabelecida pelos mais fortes. Os golpes no muro, no campo do outro, a caça pelos prédios que não exercem uma função social. Manobras no cotidiano dessas mulheres que se tornam tanto poesia quanto armamento para resistirem às situações adversas.

Nessa pesquisa a questão de gênero tensionada pela luta de classe é um dos principais pontos de discussão, uma vez que essas mulheres estão inseridas em uma luta política e social que transcende as responsabilidades com o espaço da casa, ao mesmo tempo que lutam pela própria sobrevivência e dignidade por meio da reivindicação do espaço privado, que é central para a reprodução do capital. As mulheres, inseridas em todas as formas de luta, seja no âmbito da reprodução ou produção da vida imediata, atuam “como forças motrizes na transformação das estruturas sociais; constituem parte

⁵³ CERTEAU, Michel. Artes de fazer. In: **A invenção do cotidiano** 1. Rio de Janeiro: Vozes, 1994..

⁵⁴ Ibid., p. 104.

integrante da dinâmica da sociedade, e são movidas, ao mesmo tempo, por sua própria dinâmica interna”⁵⁵.

Dessa forma, a busca por essas subjetividades da experiência do morar, que configura o sentido mais amplo dos significados relacionados ao direito à moradia digna, nesse trabalho será guiada pelos depoimentos de quatro mulheres que costuram as linhas de suas vidas, que improvisam e seguem em frente com o objetivo de tecer uma vida melhor para elas e para os filhos. Quatro mulheres nordestinas que migraram para a cidade de São Paulo e sofreram um processo de desenraizamento⁵⁶ e de desterritorialização⁵⁷.

Mulheres que criam e criaram seus filhos sozinhas, mulheres que mesmo sozinhas se reinventaram. Mulheres que carregaram os tapumes com suas próprias mãos, e algumas detentoras de certa posição de poder perante o movimento de luta. Mulheres que por meio da união e da luta encontraram formas de resistir àquela situação de vulnerabilidade. Encontraram em si mesmas e nos encontros uma arte da resistência. Portanto, é preciso que essa força, essa potência criativa, essa pulsão de vida, as diferentes formas de resistência sejam valorizadas afim de que a igualdade de oportunidades e de direitos seja para todas.

É importante dizer que o fortalecimento da escolha em guiar essa pesquisa a partir das experiências compartilhadas pelas mulheres da Ocupação Armênia também se deu pela maneira como fui afetada em campo pela história delas e como, de alguma forma, eu também as afetei, fosse a sensação de conforto que o diálogo entre nós mulheres proporcionou ou os bate-papos sobre assuntos cotidianos, sentadas em suas camas.

Contudo, adentrar a casa dessas mulheres e suas histórias é poder tocar com delicadeza um espaço preenchido de memórias construídas ao longo do tempo, é se interessar não apenas pela inventividade que reflete em uma criatividade da luta e da

⁵⁵ STAVENHAGEN, Rodolfo, 2001, p. 287.

⁵⁶ José Martins (2002) evidencia que o “[...]: o desenraizamento do camponês não está simplesmente em sua expulsão da terra, mas sim em reduzi-lo à única coisa que interessa ao capital, que é a condição de vendedor de sua força de trabalho” (MARTINS, José, 2002, p. 121). Em suas considerações o Serviço Social e as questões urbanas, Raquel Santana (2011) reflete que especialmente entre as décadas de 1950 e 1970 muitos dos sujeitos que buscavam atendimento do Serviço Social nos centros urbanos, eram ex-moradores do campo; sujeitos semianalfabetos, sem qualificação para o trabalho nas fábricas, sem proteção social e sem família. A perda da identidade desses trabalhadores era evidente, uma vez que antes sabiam manusear seus instrumentos de trabalho na agricultura e tinham seus valores familiares, culturais, religiosos e comunitários bem definidos; porém, nas cidades, já não se reconheciam.

⁵⁷ Rogério Haesbaert (2006), diz que “desterritorialização, antes de significar desmaterialização, dissolução das distâncias, deslocalização de firmas ou debilitação dos controles fronteiriços, é um processo de exclusão social, ou melhor, de exclusão socioespacial. [...] Na sociedade contemporânea, com toda sua diversidade, não resta dúvida de que o processo de “exclusão”, ou melhor, de precarização socioespacial, promovido por um sistema econômico altamente concentrador, é o principal responsável pela desterritorialização”. (HAESBAERT, Rogério, 2006, p. 67).

resistência no momento em que conseguem remediar o quebrado, ou colocar uma cortina na inexistência de uma porta para dividir seus espaços, mas também buscar quase que os suspiros de certo tipo de transcendência em relação à sobrevivência imediata.

A partir das palavras das mulheres da Ocupação Armênio, desenho a narrativa dessa pesquisa de forma cuidadosa e de maneira que acredito também ser uma prática do campo artístico, além de ser uma tática para chamar a atenção para as questões que envolvem a vida dessas mulheres e para as estratégias de ações capazes de construir mudanças.

As portas foram abertas e fui convidada a entrar.

3. As janelas

“Acorda. Passa o café. Escova os dentes. Pega o bilhete único. Acena para o ônibus. Pega o metrô. Chega na casa da patroa. Chega na feirinha da madrugada. Inicia os passos pelas ruas atrás dos materiais. O dia acabou. Volta. Da uma arrumada na casa. Começa a preparar o jantar. Assiste a novela. Resolve os problemas. Brinca com o bebê.

Lava as roupas. Escova os dentes. Dorme. Acorda. Passa o café...”⁵⁸

Foi por meio do “momento etnográfico” que encontrei as janelas para observar e encontrar os caminhos até as portas para a realização dessa pesquisa. De acordo com a antropóloga Marilyn Strathern⁵⁹, o momento etnográfico “refere-se a própria história dos conceitos antropológicos e seus métodos”⁶⁰, que envolve a pesquisa de campo e a complexidade da escrita na apreensão das relações complexas da vida social. Portanto, possibilita pensar campo e escrita como relações que estão contidas em si mesmo, pois o método etnográfico e as estratégias asseguradas pelo antropólogo possibilitam a invenção, que só é possível quando se assume as conexões entre posições, agentes e ambientes múltiplos.

Marilyn Strathern diz que “os etnógrafos se colocam a tarefa de não só compreender o efeito de certas práticas e artefatos na vida das pessoas, mas também recriar alguns desses efeitos no contexto de escrita deles. É claro que a análise (a

⁵⁸ Pequeno compilado de ações cotidianas de diferentes mulheres da ocupação Armênia. Outubro, 2017.

⁵⁹ STRATHERN, Marilyn, 1991.

⁶⁰ STRATHERN, Marilyn, 1991 apud JUNIOR, João Paulo R.; CARIAGA, Diógenes E; SEGATA, Jean, 2015, p. 114.

“escrita”) começa “em campo”.⁶¹ A autora aponta também para a frequência com que a observação (campo) e a análise (escrita) são tratadas como formas a priori de produção de conhecimentos, contudo, de acordo com Marylin Strathern⁶², o momento etnográfico é uma relação que envolve concomitantemente os dois campos. Assim, o grande desafio dessa pesquisa foi, a partir dos conceitos de imersão⁶³ e momento etnográfico, pensar quais os efeitos sobre os temas: observação, relação com o outro e a escrita que ajudassem a produzir uma etnografia em que evidenciasse as constantes transformações da vida das mulheres da ocupação Armênia.

Desse modo, ser tomada por essa relação entre o campo e a escrita no momento do desenvolvimento dessa pesquisa se tornou um obstáculo a ser superado, pois não é uma tarefa fácil andar de mãos dadas com a teoria e a prática e ter cuidado para não hierarquizar nem uma, nem outra. Pois, quando se é afetado pelas relações existentes com o outro no trabalho de campo, acontece a imprevisibilidade, os roteiros parecem desaparecer e a intuição e sensibilidade ganham espaço. Sobre essa colocação Thomas⁶⁴ aponta:

[...] um engajamento no mundo do Outro e uma porosidade de suas maneiras de fazer, de sentir, de aparecer, de se mexer... precisamente, ela defende uma pesquisa incarnada⁶⁵ que, longe de toda forma de objetivação do sensível, requer um engajamento corporal e afetivo. Porque a prática do trabalho de campo supõe uma presença no mundo do Outro e um encontro com o Outro, porque o exercício da crítica emana “o que eu sou” e “o que me afeta”,⁶⁶

⁶¹ STRATHERN, Marylin, 2014a, p. 350.

⁶² Ibid., 2014.

⁶³ Para Marylin Strathern (2014a, p. 246-251), o interessante é que mesmo apreendendo imagens que advêm da observação participante, não se deve limitar a uma “condição dada ou secundária a observação e subjetiva aos objetivos da pesquisa” (JUNIOR, João Paulo R.; CARIAGA, Diógenes E; SEGATA, Jean, 2015, p. 115). A imersão se dá por meio da intensidade das relações sociais e com as pessoas em campo. Dessa forma, a imersão é parcial por estar conectada ao processo de escrita, e é essa parcialidade que a escrita se faz presente em campo, e que, ao mesmo tempo, o campo se caracteriza como um “[...] exercício antecipatório da escrita que virá” (LIMA, Stolze, 2014, p. 21 apud JUNIOR, João Paulo R.; CARIAGA, Diógenes E; SEGATA, Jean. 2015, p. 115). Ou seja, a escrita torna-se um segundo campo, uma vez que as informações apreendidas precisam ser rearranjadas em uma construção textual argumentativa endereçada a outros interlocutores: “a escrita é recriar, produzindo uma descrição sobre os efeitos do campo” (JUNIOR, João Paulo R.; CARIAGA, Diógenes E; SEGATA, Jean. 2015, p. 115).

⁶⁴ THOMAS, Rachel. **Crítica e engajamento**. Tradução Paola Berenstein Jacques. Redobra, Salvador, 2012, p. 207-216. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00750924/document>. Acesso em: 12 nov. 2017.

⁶⁵ “A pesquisa incarnada exige uma aptidão à empatia, à desestabilização de seus postulados, ao questionamento de suas ferramentas de pesquisa empírica” (THOMAS, Rachel, 2012, p. 211). É preciso se interessar pela vida e pelo movimento enquanto acontecem. “Esta arte da implicação, que é também aquela da fragilidade e da falibilidade, obriga a questionamentos, a desaprendizados” (THOMAS, Rachel, 2012, p. 211).

⁶⁶ THOMAS, Rachel, op. cit., p. 211.

Foram dias, horas e quase dois anos de longos diálogos⁶⁷ com as mulheres; de andanças na ocupação e cafés gostosos e açucarados. Durante o desenvolvimento da pesquisa fui questionada diversas vezes por colegas: “*Mas como foi entrar na ocupação? Você chegou lá e já foi entrando?*” – digo que construir laços de confiança não é uma tarefa fácil, pois eu era a peça estranha e fora de contexto naquele espaço. E não se trata apenas de construir laços de confiança, mas de entrar “*despida de qualquer preconceito e julgamento*”⁶⁸, perceber que a pesquisa só acontece a partir das relações desenvolvidas com o Outro, respeitando os espaços, as histórias e enxergando que aquelas pessoas não são objetos de estudo e sim sujeitos com identidades, com diferentes culturas, percursos, vontades e desejo. Sujeitos que lutam diariamente para serem reconhecidos socialmente e terem seus direitos garantidos.

Deste modo, acredito que a construção se deu pelo cuidado com que tratei aquelas mulheres, pelo interesse e um olhar com carinho sobre aquelas histórias e vidas, mas acho que principalmente pelo respeito às vontades de falar ou não. Nem todos os dias elas estavam dispostas a percorrer as memórias em busca das casas vividas no passado - por diversas vezes os assuntos foram os filhos, as plantas que elas haviam plantado em pequenos potinhos na tentativa de vê-las crescerem mesmo em um espaço pouco iluminado; assim como as “fofocas” dos outros moradores de cotidianos entrelaçados.

Ouvir outras histórias que não sobre as casas, as coisas, os afetos e tudo aquilo que a pesquisa buscava era ouvir o indizível, não menos importante, pois interpretar esse indizível e trazê-lo para o campo do dizível foi talvez a principal “sacada”⁶⁹ dessa pesquisa.

Eu já não me perdia – sabia que aos sábados eu precisaria passar pelas roupas estendidas da Adriana num varal improvisado para acessar a sua porta; pular os brinquedos espalhados no corredor pelos filhos da Domingas, contar com o desencontro com a Rose, pois ela trabalha como diarista, e ouvir as histórias da guerra do Vietnã do porteiro, Seu José.

⁶⁷ Urpi Montoya Uriarte (2012) nos coloca: “O pesquisador e o nativo conversam, falam, dialogam. É nisso que consiste o cerne do método etnográfico: em trabalhar com pessoas, dialogando pacientemente com elas” (URIARTE, Urpi M., 2012, p. 115).

⁶⁸ Frase dita pela Daniela, moradora da Ocupação Nove de Julho, na apresentação do trabalho do pesquisador Jeroen Stevens, na Universidade Presbiteriana Mackenzie no dia 09 de maio de 2018.

⁶⁹ De acordo com Urpi Montoya Uriarte (2012), a “sacada” é o momento em que começamos a enxergar certa ordem nas coisas, quando determinadas informações saltam aos olhos e ouvidos, se transformando em material significativo na realização da pesquisa.

Às terças e quartas-feiras à noite eu já me preparava para o metrô lotado sentido estação Armênia – horário de “pico”. Eu sabia que seria recebida pelos cheiros das diferentes comidas sendo cozinhadas, pelo cheiro do sabonete após a saída do banho, e pela novela das seis passando na rede globo – me recordo que em uma das visitas a novela que estava no ar se chamava Novo Mundo. Apesar de tratar questões da colonização brasileira por um viés eu diria que mentiroso sobre a nossa história, eu achava irônico o título da novela – Novo Mundo – e eu ali, sentada com as mulheres tentando compreender os significados da experiência simbólica e material do morar e os desejos dessas mulheres em terem seus direitos garantidos em uma sociedade opressora – um sonho de viver num Novo Mundo.

Podemos sugerir que o campo e a escrita podem ser tomados como enquadres entre modos de perceber o que está em jogo, uma vez que, de acordo Marilyn Strathern⁷⁰, a escrita antropológica é condição de estar nos dois campos ao mesmo tempo, onde os efeitos da imersão sejam associados em movimento; mais do que isso, construir uma análise comparativa e reflexiva em que “antropólogo, interlocutor e leitor façam uso dos contextos a partir de suas intenções em produzir relações e conexões”.⁷¹

Considero que a grande descoberta durante o período de desenvolvimento dessa pesquisa foi a de não pensar a trajetória da pesquisa como linear e estabelecer definições, um passo-a-passo e determinar qual era o momento da teoria, dos métodos, da prática e da escrita, mesmo que em diversos momentos eu me “pegasse” tentando traçar uma linearidade, ou que em outros momentos essa tentativa refletisse diretamente na minha escrita.

Mas percebi (a tempo) que, quando se está em contato com relações tão complexas de vida e envolvida com o outro, traçar essa linearidade ou hierarquizar a teoria e a prática acaba por esvaziar a capacidade reflexiva sobre as dinâmicas dessas relações⁷². Tim Ingold⁷³ afirma:

⁷⁰ STRATHERN, Marilyn, 2014a.

⁷¹ JUNIOR, João Paulo R.; CARIAGA, Diógenes E; SEGATA, Jean, 2015, p. 117.

⁷² Tim Ingold (2011) aponta que a capacidade da Antropologia produzida a partir de Etnografias de colocar em suspensão por meio da comparação entre distintos modos de vida como diferentes agentes em múltiplos contextos dá sentido a sua existência. “Problematizar sobre isto talvez seja a postura de uma antropologia como (in)disciplina preocupada com o movimento das e nas relações, ou seja, antes uma aposta na potência das partes do que na crença sobre a existência do todo”(JUNIOR, João Paulo R.; CARIAGA, Diógenes E; SEGATA, Jean, 2015, p. 117).

⁷³ INGOLD, Tim. **Anthropology is not ethnography** – Epilogue. In: _____. **Being Alive**. Essays on movement, knowledge and description. London and New York, Routledge, 2011.

Fazer antropologia, arrisco, é sonhar como um Ojibwa. Tal como em um sonho, é continuamente abrir mundos ao invés de tentar fechar. O empreendimento é essencialmente comparativo, mas o que se compara não são objetos limitados ou entidades, mas modos de ser. É estar constantemente consciente das diferentes maneiras de ser, e da possibilidade sempre presente de ‘mudar’ de uma para outra, que define a atitude antropológica. Reside no que eu chamaria de ‘olhar de soslaio’. Onde quer que estejamos, e o que quer que possamos estar fazendo, sempre estamos cientes de que as coisas podem ser feitas diferentemente.⁷⁴

Charles Wright Mills⁷⁵, sobre a fuga da linearidade, reforça essa ideia dizendo que cada sujeito deveria ser seu próprio metodologista, seu próprio teórico, e pede para que se deixe a teoria e a metodologia se tornarem novamente parte da prática do artesanato. Pois não há divisão na prática entre o trabalho e a vida.

Caderno, gravador, lápis, canetas, desenhos, anotações, anotações, anotações, mais desenhos, mais áudios, mais diálogos, mais cafés, outros cadernos, outras canetas, mais anotações, mais diálogos, mais olhares, mais buscas, mais coisas, mais afetos, mais relatos, mais cafés, mais diálogos, mais diálogos, mais diálogos.

Nessa pesquisa, cada capítulo pode ser considerado como diferentes janelas onde é possível observarmos os diferentes detalhes e situações de encontros, de partidas, de união, de chegadas, organização e táticas. Que nos levam ao íntimo e ao coletivo, ao macro e ao micro, que guiam nossos olhos e nossos passos pelos corredores, pelas escadas e pelas histórias. Janelas que são desenhadas por linhas de experiências e trajetórias que, por sua vez, conectam as portas, sobem e descem as escadas, desenham e redesenham os espaços, assim como expandem a percepção sobre o outro.

No primeiro capítulo – *Vamos ocupar!* – convido o leitor a caminhar com a gente – eu, elas e eles – no momento em que vamos ocupar um terreno junto com o movimento de moradia MSTRN⁷⁶, – terreno localizado na Avenida Parada Pinto – e a vivenciar, por meio da leitura, todos os momentos de tensão, de medo e expectativa. Convido ainda a esburacar os muros, a sentar na calçada e ouvir as táticas das coordenadoras, tomar um café e lutar contra o sono. A juntar os gravetos para fazer uma fogueira e utilizar os papelões coletados no caminho para dormir ao relento, ficar em silêncio para não chamar atenção, disfarçar a cada carro de polícia que estiver passando e respirar aliviado todas as

⁷⁴ Ibid., p. 16.

⁷⁵ MILLS, Charles W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

⁷⁶ Movimento Sem Teto da Região Norte.

vezes que os policiais “passarem reto”. Convido a correr, a ouvir, a romper, a abrir, a construir, a entender – convido a ocupar!

No segundo capítulo – *A ocupação Armênia* –, trago um panorama sobre as questões que envolvem espaço e território por meio da perspectiva dos movimentos sociais. Para isso, retorno à geografia e busco contribuições de diversos geógrafos acerca do tema, pois, para falar de ocupação, é preciso compreender a espacialização e territorialização das lutas por meio das ações dos movimentos sociais, assim como os diversos conceitos sobre território e movimentos socioterritoriais, as abordagens que privilegiam a formação do sujeito social e a constituição dos movimentos de re-existência. Pois é compreendendo as diversas relações que se dão no espaço que o caminho até a ocupação de moradia se ilumina.

No capítulo seguinte – *Os cafés e as viagens* –, o convite é para tomar um café e conhecer a vida das mulheres da ocupação através de uma viagem pelas memórias e pequenas delicadezas insurgentes que nascem com o elemento de tensão que permeia a vida delas. Nesse capítulo, eu agrupo as memórias de cada uma delas e faço um recorte temporal, dessa forma, não há um retorno das viagens ao tempo presente, pois, ao mesmo tempo em que embarco com elas em suas trajetórias individuais, interessa o leitor compreender sobre o conjunto dessas trajetórias de vida, de resistência e de superação.

Ao agrupar as experiências passadas que envolvem os pés descalços, as construções de suas casas, os aromas, as perdas, os despejos, as precariedades das moradias por onde passaram, evidencio uma experiência de classe, das memórias do morar da classe trabalhadora. Uma dialética entre a história individual e o conjunto das histórias que permite aprendizado de ambos os lados, pois se aprende tanto a partir da experiência individual de cada uma delas quanto com o conjunto das trajetórias.

O retorno ao presente, irá aparecer no próximo capítulo – *O retorno e as táticas* – para que possamos juntos compreender as táticas adotadas por essas mulheres na constituição e transformação de seus espaços, que, mesmo diante de um contexto de total materialidade adversa de subsistência e sobrevivência, encontram formas de tornar aquele espaço não apenas um abrigo temporário para o corpo, mas também abrigo para o cotidiano e para o desenvolvimento das relações familiares, que só são possíveis por meio da ação prática, da experiência subjetiva do morar e da materialidade ali presente.

Dessa forma, a análise da dimensão simbólica⁷⁷ e material dessas ações tomadas por essas mulheres e a ideia de lar que trazem para aquele ambiente se potencializa no momento em que eu agrupo suas experiências no tempo presente – assim como fiz no capítulo anterior, com as experiências passadas –, pois, para além da experiência e das memórias individuais, existe uma experiência e uma memória coletiva que tem suas individualidades, mas que também tem uma dimensão de classe, de experiência social comum. Portanto, na narrativa dessa pesquisa, eu busco construir não apenas uma história do indivíduo – pois entendo que, para se compreender as táticas de sobrevivência utilizadas por elas e como reinventam o espaço para re-existirem –, é preciso olhar também, para o encontro de linhas, de trajetórias e de experiências compartilhadas. “*Ninguém luta sozinha*”.⁷⁸

No quinto capítulo – *Movimentos – movimentam-se* –, após colocar o leitor diante de uma situação de tensão dentro do âmbito do coletivo e depois levá-lo para o cotidiano individual, retornamos ao coletivo, mas agora pelo caminho que leva ao movimento de luta e à transformação social que ocorre a partir do momento que o movimento sai da esfera da dicotomia do público x privado para a construção do espaço comum. Um espaço que abarca todas as subjetividades e criatividade a partir das ações colaborativas que insurgem dos movimentos multitudinários.

Um espaço que não é exatamente comunitário, pois o comum se torna mais do que isso, é um espaço de certo modo desmercantilizado, onde não impera a lógica da propriedade, um espaço compartilhado por cidadãos livres que buscam algum tipo de cooperação autônoma, onde os sujeitos tenham a possibilidade de ações conjuntas, mas sem a obrigatoriedade e o condicionamento de fazerem juntos.

Portanto, para o desenvolvimento desse capítulo, utilizo a situação da ocupação “Praça Aberta, Casa de Todos”, realizada pelo movimento MSTC – Movimento Sem Teto do Centro –, e convido ao diálogo críticos dos movimentos multitudinários que tenham em seus argumentos evidências que corroborem com essa ação.

⁷⁷ Para além das estruturas físicas, cimento, tijolo, telhado, janelas e portas, é a extensão da vida de quem nela habita. Cada sujeito vivencia histórias no interior do espaço da casa, o que torna essa casa um lugar preenchido de significados. Carlos Brandão (2002) afirma que “Pertencemos muito mais às nossas casas do que elas nos pertencem” (BRANDÃO, Carlos. 2002, p. 32), enquanto Gaston Bachelard (1993) diz que a casa é uma possibilidade do sujeito de existir, de abrigar-se e realizar diferentes ações: “A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (BACHELARD, Gaston, 1993, p. 201).

⁷⁸ Carmem, liderança do MSTC – Movimento Sem Teto do Centro.

I |Vamos ocupar!

Meia noite – *“desliga o flash pra não chamar atenção! ENTRA, ENTRA, ENTRA! Quem entrar tem que ficar lá dentro! Ninguém vai sair hoje, deu pra entender?”*⁷⁹

Era outubro de 2016, já fazia alguns meses que eu estava conversando com as moradoras da ocupação Armênia quando a coordenadora

. Josélia, convidou a mim e a minha companheira para ajudar a ocupar um terreno na Avenida Parada Pinto, nosso trabalho seria realizar o registro fotográfico do processo de ocupação e da truculência por parte da polícia caso ela viesse a ocorrer.

Sáímos da ocupação Armênia em direção ao ponto de ônibus que ficava próximo dali. Naquele momento a euforia já tomava conta do meu corpo e eu me recordo de pensar “espero que tudo dê certo e que não haja uma chuva de balas de borracha”. Eu nunca havia ocupado um terreno ou um prédio, assim como outras mulheres que caminhavam junto também não tinham essa experiência, mas estávamos ali com as mãos suadas, eufóricas, com medo, ansiosas e ao mesmo tempo “preparadas”.⁸⁰

Senti uma mãozinha quente segurando a minha; era a mão da Vitória, filha da Santosa, uma mulher boliviana, costureira e comerciante na feirinha da madrugada do Brás. A Vitória tinha oito anos naquela ocasião, e, sem pestanejar, segurou na minha mão para atravessarmos a avenida. Logo depois, aquele “toquinho de gente” me desafiou a pisar apenas nos ladrilhos azuis que compunham os desenhos da calçada, a brincadeira parecia amenizar a situação de tensão naquele momento. Vitória foi a ganhadora do desafio e com pequenos pulos me perguntou “*o que que eu vou ganhar? Porque eu ganhei de você*”. Então eu dei aquilo que eu tinha nas mãos, cosquinhas na barriga dela, e como foi bom ouvir aquela risada – a risada de uma criança que não parecia estar preocupada com o que poderia acontecer, mas sim com os seus pés alcançarem apenas os ladrilhos azuis daquela calçada.

Pegamos o ônibus perto da meia noite, todas juntas. Algumas mulheres pediram para que o cobrador as deixasse entrar pela porta dos fundos, pois não tinham dinheiro para passarem pela catraca – essa situação só foi exposta por elas naquele momento –

⁷⁹ Josélia me explicou que *“as primeiras 48 horas após a ocupação são cruciais, a polícia pode agir e dar flagrante nessas, depois disso ela só tira a gente se o juiz pedir a reintegração de posse”*.

⁸⁰ Coloco o termo “preparadas” entre aspas, pois acredito que nunca se está completamente preparado ao desconhecido, ao novo, ainda mais em uma situação onde tudo pode acontecer, onde os cenários possíveis se tornam imprevisíveis.

tendo o pedido negado, começamos a nos mobilizar: “*eu posso emprestar um real*”, “*pera aí, acho que tenho dois*”, “*só tenho umas moedas aqui, pega aqui*”.⁸¹

A catraca estava ali impedindo o acesso, o movimento, a chegada, a luta. Segurando os corpos do outro lado. Não podiam entrar, não podiam se deslocar. Corpos sem casa, sem transporte, sem direitos – corpos acostumados às catracas, mas corpos não conformados.

São tantas as catracas vividas cotidianamente, dispositivos de controle visíveis e invisíveis, que impedem a população e a excluem da organização de sua própria experiência cotidiana da metrópole, “organização essa que se realiza principalmente pelo sistema de transporte, o qual restringe a mobilidade ao ir e vir do trabalho e coloca catracas em todos os caminhos da cidade”,⁸² enquanto a gentrificação acontece como uma catraca invisível, um processo que expulsa a classe trabalhadora da região central para as periferias longínquas por meio de intervenções no patrimônio, requalificação dos usos da cidade e a transmutação da cultura em mercadoria, impedindo o acesso aos equipamentos públicos e sociais, à inclusão socioeconômica e espacial, ao emprego, infraestrutura e serviços públicos de qualidade que, em sua maioria, estão localizados na região central.

O MPL – Movimento Passe Livre, formado por estudantes, que tem como lema “Por uma vida sem catracas” somado ao símbolo de uma pessoa chutando uma catraca, expõe a conotação simbólica por trás da catraca física, mostrando que ela não representa apenas um dispositivo de controle nos ônibus e nas estações de metrô, ela é um elemento utilizado pelo movimento como forma de denunciar as desigualdades sociais existentes entre as classes, os gêneros e raças. Ou seja, uma forma de criticar todas as catracas que impedem o acesso a espaços e serviços.

O movimento defende a constituição de um sistema de transporte “público de verdade” que permita o acesso de todos os cidadãos aos equipamentos e serviços públicos disponíveis na cidade. Argumentam que as tarifas do transporte coletivo agem como mecanismos de controle e limitação ao acesso à educação, à saúde, à cultura. De acordo com a “Carta de Princípios” do MPL, o movimento é o instrumento “[...] de debate sobre a transformação da atual concepção de transporte coletivo urbano, rechaçando a

⁸¹ Compilado de falas do momento em que as mulheres da Ocupação Armênia entraram no ônibus em direção ao terreno que seria ocupado na Avenida Parada Pinto.

⁸² MOVIMENTO PASSE LIVRE (MPL) – SÃO PAULO. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In: Cidades Rebeldes. São Paulo: Boitempo. 2013.

concepção mercadológica de transporte e abrindo a luta por um transporte público, gratuito e de qualidade, como direito para o conjunto da sociedade”.⁸³

No que concerne os movimentos de luta por moradia, podemos observar que a questão do transporte está além da mobilidade, pois trata-se de uma questão essencial para a garantia de outros direitos, como a moradia digna. O custo da passagem do transporte coletivo é a barreira, a catraca que impede não apenas o ir e vir do trabalho, mas a experiência de viver a cidade como um todo.

No entanto, é no momento em que as catracas se fortalecem que as contradições do sistema se evidenciam, desencadeando processos de resistência. É em meio a essa experiência da luta contra as diferentes formas de exclusão tanto urbana quanto social que os movimentos sociais e coletivos preocupados em romper com esses dispositivos de controle ganham força e insurgem.

Todas atravessamos a catraca sabendo que haveria uma barreira maior ainda a ser enfrentada: o muro.

Descemos do ônibus. No caminho até o terreno que seria ocupado, as mulheres foram coletando os papelões e qualquer outra coisa que pudesse amenizar a dureza do chão no momento de dormir. Levamos em torno de uma hora para chegarmos até a esquina da farmácia – o endereço combinado de encontro com as pessoas de outras ocupações de moradia que ajudariam no apoio. Esperamos todo mundo chegar, todos estavam falando baixo e divididos em pequenos grupos na área do estacionamento da farmácia como tática para não chamar a atenção de quem passava pela avenida. Enquanto esperávamos o momento certo, conversei com algumas mulheres que compartilharam o sentimento da experiência e da inexperience no momento de ocupar:

“Pra mim é sempre uma adrenalina ocupar, a gente nunca sabe o que vai acontecer direito, se os polícia vão vir pra cima ou se vão deixar a gente em paz”; “Eu nunca ocupei, trouxe uma mochilinha com coisas básicas pra passar a noite lá”; “Sempre trago minha garrafa de café, pra conseguir ficar acordada né?”; “Uma vez levei um tapa na cara de um policial, e o que você faz? Nada, porque se for pra cima eles prendem ou batem mais ainda”; “Uma vez eu tava tentando conversar com o polícia, mas ele nem quis ouvir, já chegou ameaçando com o spray de pimenta”; “Eu nunca ocupei, vim hoje porque disseram que ia ser tranquilo”; “Eu ocupei uma vez mais não

⁸³ Ver mais em: <saopaulo.mpl.org.br/apresentação/carta-de-principios./>.

*durou nem duas horas a ocupação”; “A gente entrou pra ocupar o prédio da Mauá, entramo todo mundo, não dava nem pra andar direito e era tão sujo, o cheiro era terrível, e aí a gente se fechou la dentro e ficamos todo mundo lá, cada um arrumando um cantinho pra ficar”; “Lembro o dia que foram desocupar a ocupação ali na São João, era bomba por todos os lados, a gente não sabia se corria, se ficava, se tacava as coisas na polícia”; “A primeira coisa que eu levei pra ocupação foi um colchão, porque não dava pra ficar dormindo no papelão não”; “Eu sempre tive medo de ocupar, continuo com medo e acho que sempre vou ter medo (risos)”.*⁸⁴

Todos chegaram. Caminhamos para o terreno onde foram feitos buracos no muro para que todos pudessem entrar; essa ação me fez recordar da poesia de Oliveira Silveira⁸⁵: “eu bato contra o muro duro, esfolo minhas mãos no muro, tento longe o salto e pulo, dou nas paredes do muro duro. Não desisto de forçá-lo, hei de encontrar um furo por onde ultrapassá-lo”.⁸⁶

Esburacar o muro não significou apenas abrir uma passagem para a entrada, mas também romper com a simbologia daquilo que os separava dos seus direitos, não apenas o da moradia, mas o direito à própria cidade⁸⁷ e à vida. Esburacar o muro foi uma forma/tentativa de romper e superar as diferentes formas de segregação e violência.

Teresa Caldeira⁸⁸ denuncia, no concreto, um novo modelo de segregação dos grupos sociais que se manifesta pela presença dos muros e pelos mais diversos dispositivos de isolamento – os enclaves fortificados, guaritas, segurança privada, cancelas, grades, correntes. Em uma cidade de muros e enclaves como São Paulo, é perceptível a transformação no espaço público, segundo a autora:

Percebido como mais perigoso, fraturado pelos novos vazios e enclaves, desprovido de seus antigos alinhamentos, privatizado com correntes que fecham as ruas e grades que encerram parques e praças, pontilhado por seguranças armados, cães de guarda, guaritas e toda a parafernália para impor

⁸⁴ Compilado de experiências compartilhadas por algumas mulheres que estavam envolvidas no dia da ocupação do terreno na Avenida Parada Pinto.

⁸⁵ OLIVEIRA, Silveira, poeta, ensaísta, músico e ativista do Movimento Negro. Publicou, entre outros, os poemas: *Germinou*, 1968; *Banzo*, *Saudade Negra*, 1970; *Pêlo Escuro*, 1977; *Roteiro dos Tantãs*, 1981; *Anotações à Margem*, 1994; *Bandone do Caverá*, 2009. Também foi o responsável por sugerir a data do dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

⁸⁶ SILVEIRA, Oliveira. **O muro**. [Poema], 1982.

⁸⁷ David Harvey (2012) expõe que “A democratização deste direito e a construção de um amplo movimento social para fortalecer seu desígnio é imperativo, se os despossuídos pretendem tomar para si o controle que, há muito, lhes tem sido negado, assim como se pretendem instituir novos modos de urbanização. Lefebvre estava certo ao insistir que a revolução tem de ser urbana, no sentido mais amplo deste termo, ou nada mais” (HARVEY, David, 2012, p. 88).

⁸⁸ CALDEIRA, Teresa P.R. **Cidade dos muros**: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. 1. Ed. São Paulo: Editora 34 Ltda/ Edusp. 2000.

controle, excluir e restringir a circulação, o espaço público em São Paulo é progressivamente abandonado àqueles que não têm chance de viver, trabalhar e consumir em enclaves privados, internalizados e fortificados. Na medida em que os espaços para os ricos são fechados e voltados para dentro, o espaço externo é deixado àqueles que são barrados nas suas portarias.⁸⁹

As cidades também são espaços materiais que, mesmo com características rígidas e estáveis, conformam, restringem e determinam os encontros nos espaços públicos assim como a vida dos sujeitos que ali vivem. Ao erguerem-se muros, eles passam a fazer parte do território e do cenário da vida pública “independentemente dos significados que as pessoas venham a lhes atribuir e das múltiplas “táticas” de resistência que venham a usar para se apropriar do espaço”.⁹⁰

Dessa forma, a autora deixa claro que os enclaves e muros que produzem a segregação espacial também escancaram as desigualdades sociais e transformam o espaço público, onde a circulação de pedestres é desestimulada, ocasionando um esvaziamento dos espaços; ruas são projetadas para o tráfego de veículos da classe burguesa, praças se tornam mais ausentes e áreas de comércio são internalizadas. Transformações no cotidiano que culminam na ausência de experiência da vida pública ampliando o distanciamento entre os diferentes grupos sociais.

Na materialidade dos espaços segregados, na construção de muros e fachadas defensivas, nas grades ao redor dos parques, mas também nas trajetórias cotidianas das pessoas nesses espaços, no seu uso do transporte coletivo, no seu modo de andar nas ruas e parques, no hábito de fechar os vidros dos carros ao se aproximar de semáforos ou de atravessar a rua ao avistar um grupo de sem-teto, fronteiras sociais vão sendo rigidamente construídas. Em cidades de muros, a travessia dessas fronteiras está sempre sob vigilância⁹¹.

Teresa Caldeira⁹² discute ainda que o modelo de segregação urbana contemporâneo é complementar à questão da violência urbana, pois o medo do crime é utilizado para justificar e legitimar os dispositivos de controle, segurança e vigilância, como também é utilizado para reforçar os estereótipos que classificam os diferentes grupos sociais como perigosos, disseminando a ideia de que esses grupos devem ser temidos e evitados.

⁸⁹ CALDEIRA, Teresa P. R., 1997, p. 169.

⁹⁰ Ibid. p. 174.

⁹¹ CALDEIRA, Tereza P. R. op. cit. p. 174.

⁹² CALDEIRA, Tereza P. R. op. cit. p. 174.

Pular o muro, quebrar o muro, abrir buracos, entrar e ocupar um imóvel que não cumpre sua função social⁹³ tornam-se, dessa maneira, ações diretas de um movimento que está permanentemente tentando romper com esses dispositivos materiais e simbólicos que segregam socialmente, criminalizam a luta por direitos, impedem os acessos e consequentemente o direito à cidade e a vida.

Primeiro elas entraram. E, com elas, as crianças, os sonhos e a esperança de que, através da luta, um dia elas conseguiriam a moradia digna – *“Moradia Digna pra mim vai ser o dia que eu receber uma conta no meu nome”*⁹⁴. E lá estavam elas e estavam eles também, todos juntos arrumando os papelões que ganharam um uso – o de cama naquele chão de terra, com o mato alto, o terreno sujo de entulho e uma fogueira para se aquecerem, já que no abrigo improvisado com uma lona não caberia todo mundo.

Conseguí observar essa organização do lado de dentro, olhando pelo buraco do muro pelo lado de fora, pois, a pedido da Josélia, eu fazia parte do grupo que deveria ficar em alerta aos movimentos da avenida e à chegada dos policiais. Estava escuro e os comércios estavam fechados, sentamos na escada de um bar – eu, a Tamiris, a Márcia, Seu Josias, a Nete e a Josélia – Josélia nos contou que no prédio ao lado do terreno morava um policial que havia denunciado a primeira vez que eles ocuparam o terreno: *“Ó lá ó, a varanda dele tá acesa, certeza que ele deve tá olhando pra baixo pra ver se a gente ocupou, espero que todo mundo fique bem quieto lá dentro”*; cinco minutos depois

⁹³ Historicamente, o direito à propriedade privada por muito tempo foi entendido como um direito absoluto, mesmo diante da Constituição Federal de 1934, que já definia que ele não poderia ser sobreposto ao interesse social e coletivo. A ideia de direito absoluto sobre a propriedade privada está atrelada a processos de segregação que ampliam as desigualdades sociais e excluem a parcela da população mais pobre do acesso a uma moradia adequada. Enquanto essa parcela luta pela moradia adequada, muitos imóveis e terrenos situados em áreas com boa infraestrutura permanecem ociosos. Dessa forma, a Constituição Federal de 1988 avançou na definição do conceito de função social da propriedade, passando a exigir explicitamente o seu cumprimento. **No seu capítulo 6º, a Carta Magna estabelece que a moradia é um direito humano.** Em 2001 a função social da propriedade foi reforçada pela Lei Federal 10.257/2001 conhecida como Estatuto da Cidade e em 2014 pelo novo Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo (Lei Municipal 16.050/2014). Ver mais em: < <http://www.prefeitura.sp.gov.br> >

Portanto, a ocupação de imóveis vazios por famílias de sem-teto caminha na legalidade e na legitimidade do direito à moradia e na função social que toda propriedade deve cumprir. São eles os responsáveis por reativarem a função social do imóvel.

⁹⁴ Para Patrícia, moradora da ocupação Armênia, pagar uma conta em seu nome, dentro da lógica de uma cidadania rebaixada e precarizada, para ela, representava seu acesso à cidadania e direitos. A Constituição Federal de 1988 coloca que garantir a cidadania; a dignidade da pessoa humana; o desenvolvimento nacional; erradicação da pobreza e a marginalização, redução das desigualdades sociais e regionais; promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação é responsabilidade e dever do Estado. No entanto, não se trata apenas de uma questão constitucional, onde o Estado tem o dever de garantir os direitos desses sujeitos, mas sim de que ter um direito assegurado não pode ser confundido com a compra de serviços e o pagamento de contas, pois tanto as compras quanto os pagamentos não são garantias de que o direito à moradia digna foi plenamente assistido.

“Tem alguém na varanda sentado”; vinte minutos depois “Mas esse povo não dorme não? A luz das janelas tão acesas ainda”; uma hora e quarenta minutos depois “Parece que ele tá fumando um cigarro, mas acho que não chamou a polícia, se não já tinha aparecido aqui”.⁹⁵

Todas nós estávamos preocupadas e apreensivas com a possibilidade do policial, que estava lá no alto do prédio na sua varanda, com uma visão privilegiada da ocupação, denunciar o que estava acontecendo naquele momento, o que nos manteve mais alertas ainda. No entanto, mesmo com a preocupação que pairava no ar, continuamos a conversar e pude ouvir diferentes experiências sobre o ato de ocupar, pois, além de estar diante de três mulheres que ocupavam prédios há anos, eu estava diante de três coordenadoras de ocupação: Márcia, coordenadora da ocupação localizada na Avenida do Estado, Nete, coordenadora da ocupação Mauá e a Josélia, coordenadora da ocupação Armênia.

“Ah são anos já ocupando, já passei por tanta coisa com a polícia, um dia eles chegaram já botando banca, mas eu não deixei não, eles iam me prender, mas eu não ia ficar quieta. Falei que tinha criança, que era tudo família trabalhadora e que precisava de um lugar pra morar. Eles chamaram a gente de baderneiro e criminoso, aí eu falei sr. Policial aqui não tem ninguém criminoso não, é tudo trabalhador e estamos dentro da lei! É nosso direito! Quase apanhei de um deles lá!”⁹⁶.

“Eles acham que a gente não tem conhecimento dos nossos direitos e já chegam querendo tacar bomba e aí a gente começa a falar e mostrar que sabemos o que tamo fazendo e aí uns baixam a bola, mas tem vezes que aí eles ficam mais bravos e partem pra cima”⁹⁷.

“A gente pega os prédios numa condição terrível, que ninguém ia querer morar, e aos poucos a gente vai arrumando, arruma uma tinta aqui pra pintar uma parede, arruma os canos, no final a gente deixa o prédio melhor do que ele estava e aí eles não são bobos e depois de tudo arrumado eles tentam tirar da gente”⁹⁸.

“Todo mundo do movimento se une, quando tem que ocupar eu sempre vou pra ajudar, nem precisa terminar a frase ‘vamo ocupar’ que eu já tô lá! Isso é a nossa vida, é uma maneira da gente alcançar nosso direito de ter uma moradia digna”⁹⁹.

⁹⁵ Josélia, liderança do MSTRN e coordenadora da Ocupação Armênia. Outubro, 2016.

⁹⁶ Márcia, coordenadora da ocupação da Avenida do Estado. Outubro, 2016.

⁹⁷ Nete, coordenadora da ocupação Mauá. Outubro, 2016.

⁹⁸ Josélia, liderança do MSTRN e coordenadora da Ocupação Armênia. Outubro, 2016.

⁹⁹ Márcia, coordenadora da ocupação da Avenida do Estado. Outubro, 2016.

A madrugada continuou e com ela o cansaço no corpo já dava sinais. Três horas da manhã e a gente ali sentadas na escada, acompanhadas de uma garrafa de café que estava quase no final. A cada carro da polícia que passava por nós eu podia sentir o coração batendo mais rápido ao mesmo tempo em que eu pensava “ai Deus, é agora”, eu ligava a câmera, mas cinco segundos depois eu já desligava de novo. Foi assim a madrugada inteira, mas nenhum deles parou. Respiramos.

O dia amanheceu e nada da polícia. A faxina no terreno começou, alguns ocupantes preparavam o café enquanto os outros pegavam as enxadas, as luvas, os martelos. Estava eu ali, diante dos despertares em cada barraco – que havia sido construído rapidamente na noite anterior – prestando atenção nos vários ruídos que se emaranhavam em uma ação coletiva. Nesse momento me lembrei do RAP “Fé na Luta – interpretado por Denis Família, integrante do movimento MTST¹⁰⁰:

Ocupar é resistir, ocupar é resistir, fica ligeiro,
porque se não pode com a formiga, não ataca o formigueiro.
Trabalhadores lutam por terras dignas e não por dinheiro
(...) em cada canto nasce um canto,
em cada barraco, madeirite,
cada sonho que se ergue é mais um sonho sem limite
porque estamos cansados de falsidade compatriota,
capaz de suicídio depois que o Brasil perdeu a copa.
Que copa? Copa pra quê?
Copa do povo, a força vem do Chico Mendes,
se cair levanta tudo de novo.¹⁰¹

A hora do almoço chegou, fui ao encontro de Rose, que estava cozinhando para o pessoal que estava nas atividades de limpeza. Os esqueletos dos barracos pouco a pouco foram tomando forma pelas mãos dos próprios moradores. Ripas, tapumes, pregos, martelos, “*a gente aprende a construir por causa das outras ocupações, sempre tem alguém pra ensinar, que também foi ensinado por alguém*”¹⁰². Experiências e mãos que se somaram naquele momento.

Assim nascia o espaço de luta e resistência, onde a experiência dos moradores caminhava com mais força em direção à transformação de suas realidades. Um espaço não apenas de experiência, mas também de diálogo, de construção conjunta, de coletividades. Um espaço de constante transformações.

¹⁰⁰ Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

¹⁰¹ FAMÍLIA, Denis. Fé na Luta. [Música], 2007.

¹⁰² Nilson, faz parte do apoio aos movimentos de moradia. Outubro, 2016.

Ocupação de moradia Parada Pinto, Vila Nova Cachoeirinha, 2016. Dentro – barracão – quatro pallets transformados em uma espécie de piso provisório para que os colchões não fiquem em contato direto com o terreno, antecipando uma possível umidade do solo devido às chuvas e à falta de drenagem. Uma resolução rápida e inteligente para uma necessidade imediata dentro do barraco. Colchões cobertos por lençóis e mantas, cada um com seu travesseiro. Uma mesa improvisada. Botas que se misturavam a fragmentos de telhas no chão, mochila aberta em cima do colchão. Televisão duplicada.

Os restos de madeira e brasilits – material barato, leve e de fácil acesso – cobrem a estrutura erguida de maneira engenhosa e eficiente. Nas laterais, lonas translúcidas – azul e amarela – que permitem a entrada da iluminação ao mesmo tempo que garantem a privacidade, pois o material não é transparente. Estacas enfiadas em buracos no muro de concreto para trazer estabilidade às estruturas frágeis do barraco e que se reconfigura como parede.

Expondo dessa forma, trata-se apenas da descrição de uma imagem e das coisas que povoam aquele espaço que foi apropriado por pessoas e construído de forma funcional para abrigá-las. No entanto, é um espaço que não abriga apenas o corpo, mas abriga também naquela situação adversa, as técnicas de resistência simbólicas e materiais, onde diante de uma situação de penúria, de sofrimento e frustração, existe uma pulsão de vida, uma astúcia e inteligência construtiva¹⁰³ e de sobrevivência que só se aprende na luta.

¹⁰³ Retomo aqui, o artista Hélio Oiticica, que após observar a arquitetura orgânica das favelas, as construções espontâneas, anônimas nos grandes centros urbanos, os materiais utilizados pelos moradores e as formas construtivas dos barracos, trouxe para sua obra “A Tropicália” os mesmos materiais: tapumes, pontaletes, tecidos de chita, madeirites, lona, plástico, e construiu uma ambiência improvisada com esses elementos observados no cotidiano dos moradores das favelas em uma paisagem brasileira artificial. “Podemos dizer que ele sintetizou a noção de cultura híbrida ao unir as esferas e superar a separação entre “popular” e “erudito”. Ao levar para dentro do museu os elementos que não eram pensados como obras de arte (HERMANN, Carla, 2010, p. 219). No final da obra, uma televisão ligada mas sem os canais sintonizados, uma televisão em uma favela cenográfica mostrando que as imagens da cultura de massa também faziam parte daquele cotidiano, o que também pode ser observado dentro do barraco erguido pelos moradores da ocupação Parada Pinto. Hélio Oiticica utilizou do cotidiano para exteriorizar por intermédio de sua obra questionamentos políticos, sociais e para criticar o circuito artístico. “Hélio Oiticica não queria apenas que sua arte se confundisse com a vida; queria que ela a ampliasse e intensificasse” (HERMANN, Carla, 2010, p. 218). Esse cotidiano dos moradores das favelas observado pelo artista e representado em sua obra é semelhante ao vivido pelos moradores da ocupação Parada Pinto, que, por meio das astúcias e inteligências construtivas no momento de erguer o barraco, a escolha dos materiais baratos e acessíveis, a organização do espaço do lado de dentro e as soluções criativas para as necessidades imediatas de sobrevivência, transformam o cotidiano e criam um espaço de resistência social e política.

Fotografia 1: Barracão construído para abrigar os moradores logo após a ocupação do terreno na Avenida Parada Pinto – 2016.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2016.

Podemos descrever aquele espaço de maneira mais sensível, trazendo para descrição elementos sob uma perspectiva não apenas objetiva, mas também subjetiva, encontrada na dimensão sensível do cotidiano daqueles moradores, onde a escolha dos materiais utilizados remeta a uma experiência desse cotidiano vivido. A lona azul pode nos levar pelo caminho do movimento das águas conduzindo ao próprio movimento de luta por moradia, enquanto a lona amarela aquece e ilumina toda uma condição de vida existente dentro e fora daquele espaço. Os colchões com seus lençóis, mantas e travesseiros retomam a ideia da domesticidade, do lugar de descanso, onde o corpo deita e a cabeça sonha. As televisões uma sobre a outra parecem se equilibrar em cima dos pallets e evidenciar a contradição¹⁰⁴ dos sujeitos acampados naquele espaço. Os pallets

¹⁰⁴ Os ocupantes, ao mesmo tempo que fazem parte de um movimento de enfrentamento que não se rende à condição imposta pelos muros simbólicos e físicos, que permanentemente tentam romper, quebrar, derrubar, esburacar esse modelo de segregação, ao construírem o barracão na ocupação Parada Pinto, uma das primeiras coisas que eles instalaram foram as duas televisões que estavam localizadas no mesmo espaço. Então, ao mesmo tempo que enfrentam a opressão, eles dedicam o tempo de ócio, o tempo de espera para assistirem aos canais abertos onde a mídia veicula o discurso que criminaliza os movimentos, que trata aqueles sujeitos como invasores e reforça o estereótipo preconceituoso e negativo sobre eles por meio dos

em cima do chão batido de terra tornando o descanso possível, uma vez que permite que os sujeitos descansem em um lugar seco, tendo em vista os fragmentos de telhas e a umidade da terra. A mochila aberta sobre o colchão mostra uma ideia de chegada e de partida a qualquer instante.

No momento de fazer a ocupação, o muro torna-se um adversário que precisa ser superado, esburacado, transposto numa ação de enfrentamento à ordem que segrega aqueles sujeitos. Após a ocupação, o muro se torna um importante aliado na proteção dos sujeitos abrigados do lado de dentro em relação ao que se encontra do outro lado do muro: opressão policial e possível hostilidade da vizinhança.

As estacas cravadas no muro, que reforçam a estabilidade do barraco, podem ser interpretadas como símbolo da resistência daqueles sujeitos aos diferentes muros, tanto simbólicos quanto físicos, onde, ao cravarem as estacas, deixam marcas, sinais de presença de vida, de cotidiano, ou seja, romper com os muros simbólicos e físicos não necessariamente significa esburacar, derrubar, quebrar, mas também de transformá-lo em testemunha, em painel de presença, para que sejam vistos e tenham seus direitos atendidos.

Após a ocupação do terreno, a limpeza e a construção dos barracos, os moradores se uniram para construir uma horta comunitária com as sobras dos materiais de construção, pensaram juntos em como resolver o problema do escoamento da água no terreno, construíram ainda, um centro de assistência aos moradores mais vulneráveis e uma área para as crianças brincarem.

Barracos, vielas, hortas, centro de assistência, construídos pela ação coletiva de seus moradores, onde a união dos corpos, dos desejos e dos sonhos extrapolaram as portas individuais de cada um e juntos transformaram o espaço comum e criaram novas estratégias de ação e de sobrevivência. A Ocupação Parada Pinto, resiste!

Fotografia 2: A espera antes de ocupar o terreno – Ocupação Parada Pinto, 2016.

Fotografia 3: O início da construção do barraco - Ocupação Parada Pinto, 2016.

Fotografia 4: Vista externa do barraco construído - Ocupação Parada Pinto, 2016.

jornais e programas antipopulares e racistas. Ou ainda, assistem ao mundo fantasioso das novelas que mostram a burguesia em suas casas grandes e luxuosas. Então por um lado, os sujeitos com uma astúcia, uma inteligência do fazer na construção dos barracos, que são erguidos rapidamente e com soluções baratas que permitem a sobrevivência, e por outro, os sujeitos que assistem e que de certa forma se subalternizam no sentido de aceitar a condição em que estão no momento em que ligam as televisões nesses canais.

Fotografia 5: Presença - Ocupação Parada Pinto, 2016.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2016

II |A Ocupação Armênia

2.1 |Do espaço ao território

Com o objetivo de orientar o caminho até a porta da ocupação¹⁰⁵ de moradia Armênia, trago para esse capítulo as contribuições de diferentes pesquisadores sobre espacialização e territorialização das lutas por meio das ações dos movimentos sociais. Pois, para além da compreensão do território como condição elementar da existência do sujeito e não somente uma base de construção das obras da sociedade, é preciso refletir sobre como os movimentos sociais se articulam e agem para a constituição do espaço

¹⁰⁵ O termo "ocupação" assume, neste trabalho, um duplo sentido. Denomina-se ocupação o ato de ocupar uma propriedade ociosa, por parte dos integrantes dos movimentos de luta por moradia digna, tanto para estabelecerem uma moradia provisória quanto para utilizarem da ocupação como ferramenta de reivindicação política. No entanto, ocupação também se refere à transformação do edifício ocupado como moradia provisória.

como território e enfrentam as forças que fragmentam, dominam e reduzem a existências desses sujeitos a “meras vidas”¹⁰⁶.

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam aliçados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”.¹⁰⁷

No decorrer da história, o social e o geográfico sempre caminharam juntos, “pois ao mesmo tempo em que existe uma historicidade do espaço, há também uma geograficidade da história” ¹⁰⁸. O território pressupõe um espaço geográfico que é apropriado, que apresenta identidades que constantemente são transformadas, um espaço dinâmico e mutável, onde o material e o simbólico se entrelaçam.

No contexto da ocupação de moradia, o conceito de território se dá como palco das relações de poder: “um espaço delimitado por e a partir de relações de poder” ¹⁰⁹. Vale ressaltar que é a existência dessas diferentes relações que permite a apropriação do espaço e configura o território como espaço de convenção e confrontação onde se dão as contestações¹¹⁰ e decisões dos sujeitos. Bernardo Fernandes¹¹¹ conceitua o território como:

O território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder [...] O território é, ao mesmo tempo, uma convenção e uma confrontação. Exatamente porque o território possui limites, possui fronteiras, é um espaço de conflitualidades.¹¹²

Na perspectiva dos movimentos sociais, pensar o território é pensar na territorialidade que existe em uma de suas expressões onde a militância e o ativismo se

¹⁰⁶ HOLSTON, James. **Cidadania Insurgente** – disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. Tradução Claudio Carina. São Paulo: Companhia das Letras. 2013, p.107.

¹⁰⁷ HAESBAERT, Rogério, 2003, p. 6774.

¹⁰⁸ PEDON, Nelson R., 2009, p. 155.

¹⁰⁹ SOUZA, Marcelo J. L. 2012, p. 78-79 apud BLUM, Gustavo G. 2014, p. 28 – 41.

¹¹⁰ De acordo com o geógrafo Nelson Rodrigo Pedon (2009), “a ocupação contém no mínimo duas partes, os ocupantes e as forças que estão em oposição. Esta tensão não está à frente, justaposta ou sobreposta ao conflito, ela é parte constitutiva dele” (PEDON, Nelson R., 2009, p. 178).

¹¹¹ FERNANDES, Bernardo M. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais:** contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**, Presidente Prudente, ano 8, n. 6 – Janeiro/Junho de 2005. Disponível em: < <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1460>> Acesso em: 13 jul.2017.

¹¹² Ibid., p. 27.

dão por meio da identificação e do reconhecimento do sujeito no espaço. Assim, para adentrarmos a ocupação Armênia e compreendermos as táticas coletivas do movimento de luta por moradia digna no que diz respeito às expressões de reivindicação de seus direitos e da própria existência, como o ato de ocupar um prédio ou um terreno, é necessário o aprofundamento nas questões que envolvem os movimentos sociais.

O movimento de luta por moradia digna, composto por sujeitos de uma classe trabalhadora que, de acordo com Carlos Gonçalves¹¹³, é uma classe¹¹⁴ que recusa aceitar o lugar que lhes é atribuído e imposto por outra (dominante) melhor localizada no espaço social¹¹⁵, se estabelece por meio da ação e da mobilização na busca pelas qualidades que os constituem como sujeitos detentores dos mesmos direitos das classes que ocupam um lugar de dominância.

Assim o movimento (social) é, rigorosamente, mudança de lugar (social) sempre indicando que aqueles que se movimentam estão recusando o lugar que lhes estava reservado numa determinada ordem de significações. Deste modo, todo movimento social é portador de uma nova ordem em potencial não sendo destituído de sentido o fato daqueles que se colocam em posição hegemônica numa determinada ordem estigmatizar como desordeiro todo aquele que questiona essa (sua) ordem. Aqui, sem dúvida, geografia e sociologia se tornam imbricadas.¹¹⁶

Partindo das considerações de Nelson Pedon¹¹⁷, refletir a problemática espacial que envolve os movimentos sociais, em específico o movimento de luta por moradia digna, é refletir para além do espaço concreto, tendo em vista que as experiências sociais e as relações de poder também são experiências espaciais. Dessa forma, o olhar sobre as táticas de mobilização e consequente reivindicação dos direitos à moradia digna precisa transcender a materialidade do movimento, considerando sua organização a partir da experiência e do fazer político, pois só assim o espaço alcança uma experiência capaz de

¹¹³ GONÇALVES, Carlos W. P. **A territorialidade seringueira – Geografia e movimento social.** GEOgraphia, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2. 1999. Disponível em: www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/download/19/17. Acesso em: 13 jul. 2017.

¹¹⁴ Para Carlos Gonçalves (1999), as classes sociais se constituem “nas e pelas lutas que os protagonistas travam em situações concretas e que conformam os lugares que não só ocupam, mas constituem, [...] são nas circunstâncias dos encontros/das relações/das lutas que se desenham concretamente essas diferenças e que toda classe se constitui, se classifica, se diferencia, constrói um Nós em relação a um Eles, a partir de situações que atualizam múltiplas possibilidades inscritas nos corpos” (GONÇALVES, Carlos W.P., 1999, p. 71).

¹¹⁵ O espaço social aqui abordado é o espaço concebido por Henry Lefebvre (2006) como a materialização da existência humana, uma dimensão da realidade. “O espaço social ‘incorpora’ atos sociais, os de sujeitos ao mesmo tempo coletivos e individuais, que nascem e morrem, padecem e agem. Para eles, seu espaço se comporta, ao mesmo tempo, vital e mortalmente; eles aí se desenvolvem, se dizem e encontram os interditos” (LEFEBVRE, Henry, 2006, p. 54).

¹¹⁶ GONÇAVES, Carlos W. P., 1999, p. 69.

¹¹⁷ PEDON, Nelson R., 2009, p. 165.

condicionar os “códigos, comportamentos, práticas e normas de condutas dos sujeitos que formam os movimentos”¹¹⁸.

Todo esse caminho pelos conceitos territoriais e da constituição dos movimentos sociais nos leva a pensar a luta por moradia digna como um movimento socioterritorial que tem como um dos seus principais objetivos a conquista do território. Ou seja, um processo tanto social como político, configurado como forma de luta popular e resistência às lógicas de reprodução da sociedade e consequentemente do espaço.

Nelson Pedon nos esclarece que “a ocupação se desenvolve nos processos de espacialização e territorialização, quando são criadas e recriadas as experiências de resistência dos desterritorializados”¹¹⁹. Da mesma forma, Bernardo Fernandes, a partir de suas pesquisas sobre as lutas camponesas e os sem-terra, discorre:

Em seu desenvolvimento desigual, o modo capitalista de produção gera inevitavelmente a expropriação e a exploração. Os expropriados utilizam-se da ocupação da terra como forma de reproduzirem o trabalho familiar. Assim, na resistência contra o processo de exclusão, os trabalhadores criam uma forma política - para se ressocializarem, lutando pela terra e contra o assalariamento - que é a ocupação da terra. Portanto, a luta pela terra é uma luta constante contra o capital. É a luta contra a expropriação e contra a exploração. E a ocupação é uma ação que os trabalhadores sem-terra desenvolvem, lutando contra a exclusão causada pelos capitalistas e ou pelos proprietários de terra.

120

Bernardo Fernandes, em sua citação, nos coloca diante da luta pela terra no campo e como os sem terras utilizam da tática da ocupação para resistirem a um sistema de exclusão gerado pelo modo capitalista de produção. No contexto urbano, os movimentos pela moradia utilizam da mesma tática camponesa como forma de resistirem a essa exclusão.

Com isso, é possível pensar a espacialização da ocupação Armênia como um processo complexo de produção e criação de espaços¹²¹, assim como os limites estabelecidos por meio das relações dos sujeitos com esse espaço que abriga múltiplas dimensões da vida social; e também a transformação daquele espaço por parte dos moradores e ao mesmo tempo a transformação dos moradores em relação ao espaço, não

¹¹⁸ SANTOS, Renato E. apud PEDON, Nelson R., 2009, p.165.

¹¹⁹ PEDON, Nelson R., op cit. p. 173.

¹²⁰ FERNANDES, Bernardo M, 2001, p. 2.

¹²¹ Compreendo o espaço da ocupação Armênia como espaço multidimensional que, de acordo com Bernardo Fernandes (2005), só pode ser compreendido em todas as dimensões que o compõem. Um espaço que se configura tanto como produto quanto produção, ou seja, “possui a qualidade de ser um todo, mesmo sendo parte” (FERNANDES, Bernardo. 2005, p.26).

no que diz respeito apenas à realidade material, mas também transformações de ordem simbólica das práticas de ação. Práticas que desenham uma espacialização para além da apropriação de determinadas porções da cidade e que possibilitam novas formas de uso, de relação com a sociedade e consequente transformação daquele espaço em território.

Do mesmo modo que alguns movimentos transformam espaços em territórios, também se territorializam e são desterritorializados e se reterritorializam [...]. A transformação do espaço em território acontece por meio da conflitualidade, definida pelo estado permanente de conflitos no enfrentamento entre as forças políticas que procuram criar, conquistar e controlar seus territórios. A criação ou conquista de um território pode acontecer com a desterritorialização e com a reterritorialização. Os territórios se movimentam também pela conflitualidade. O território é espaço de vida e morte, de liberdade e de resistência. Por essa razão, carrega em si sua identidade, que expressa sua territorialidade.¹²²

Dessa forma, o espaço torna-se algo a mais ao se transformar em território, pois é nele que se encontra a possibilidade de criação e recriação das experiências de resistência e transformação das relações sociais. Ou seja, uma territorialidade da resistência.

No que se refere aos movimentos socioterritoriais, a ocupação representa a principal ferramenta estratégica de contestação da ordem territorial estabelecida, que os priva do acesso a um espaço imprescindível para a manutenção da vida.

O ato de ocupar como forma de resistência e reivindicação decorre da consciência que se constrói a partir da realidade que se vive, ao mesmo tempo em que ganha certo caráter de aprendizagem, tendo em vista que muitas das pessoas que aderem ao movimento de luta por moradia aderem em um primeiro momento apenas como tática de sobrevivência e abrigo para o corpo, sem terem muito conhecimento do que de fato representa o movimento de luta por moradia. E é no momento das reuniões e ações realizadas pelas lideranças desses movimentos que a aprendizagem acontece, como Bernardo Fernandes evidencia:

O conteúdo das reuniões dos trabalhos de base é a recuperação das histórias de vida associadas ao desenvolvimento da questão agrária. Assim, a vida é experimentada como produtora de interações. Fazem suas análises de conjuntura, das relações de forças políticas, da formação de articulações e alianças para o apoio político e econômico.¹²³

¹²² FERNANDES, Bernardo M, 2005, p. 30.

¹²³ FERNANDES, Bernardo M, 2001, p. 4.

O autor caracteriza o espaço onde ocorrem as reuniões e a troca de experiências como espaço interativo¹²⁴, um contínuo processo de aprendizagem e de troca de experiências, o conhecimento das trajetórias de vida, mas principalmente a conscientização da condição de expropriados e explorados. Desse modo, esse espaço se torna tática de desenvolvimento das condições subjetivas que atravessam o interesse e a vontade, contribuindo para o reconhecimento dos direitos e a (re)construção de seus destinos. É um momento em que os ocupantes são colocados diante das condições da luta pelo direito à moradia digna, as características da especulação e corrupção imobiliária, os enfrentamentos com a polícia, com o Estado.

Decidir participar da construção do espaço de luta e resistência deixa claro a posição do sujeito frente à sociedade em que vive. Deste modo, podemos inferir que o aumento de ocupações é um indicativo de que a lógica e a ação desenvolvidas no espaço interativo são um processo eficaz na conscientização dos sujeitos que formam o movimento. Uma vez que é preciso uma estrutura organizativa, um reconhecimento das áreas e de prédios passíveis de serem ocupados, um planejamento minucioso para a viabilização das ocupações. Com isso, ao obterem sucesso, mostram que enquanto espaço de comunicação, interação, de aprendizado e troca de experiências, o movimento consegue se reproduzir.

2.2 |Do território ao espaço de resistência

No dia 23 de setembro de 2017, os moradores da ocupação Armênia foram todos para uma reunião da Base de luta na ocupação Parada Pinto¹²⁵. Nessa reunião, o advogado Manoel Del Rio e a liderança do MSTRN, Josélia, explicaram aos moradores da ocupação e às famílias interessadas em participar do movimento sobre como a luta por moradia

¹²⁴ Bernardo Fernandes (2001) diz que os trabalhos de base acontecem por meio da construção do espaço de socialização política. Divide esse espaço em três dimensões: espaço comunicativo, espaço interativo e espaço de luta e resistência. A primeira é o espaço comunicativo, o momento em que se apresenta e se esclarece o porquê de estarem naquele lugar, os objetivos que se somam aos motivos são expostos nesse momento. “Os motivos são a necessidade e o interesse que juntos a revolta e a indignação, representam atitudes e sentimentos que determinam o tempo de ocupar” (FERNANDES, Bernardo M., 2001, p.3). Assim, configura-se o início de uma experiência em direção à transformação de suas realidades. A segunda dimensão é o espaço interativo, no desenvolvimento das práticas e dessa lógica, eles constroem uma forma de organização social. E a terceira dimensão, o espaço de luta e resistência, é o momento em que se ocupa, onde os sujeitos intervêm na realidade e dimensionam o espaço de socialização política.

¹²⁵ Mais à frente nesse trabalho serão discutidos as ações e táticas adotadas pelo movimento no momento de ocupar esse terreno.

utilizava das ações de ocupação como forma de pressão ao governo para terem seus direitos atendidos.

Fotografias 6, 7, 8 e 9: Reunião com a Base na Ocupação Parada Pinto – Setembro, 2017.



Fotografias: Tamiris de Souza Gonçalves. Setembro, 2017.

Os sujeitos envolvidos no movimento de luta por moradia também veem na ocupação uma forma de reproduzir o seu trabalho ou ampliar as condições para que ele ocorra, como é o caso da Domingas, moradora da ocupação Armênia, que transformou seu espaço para além de abrigo, mas também no seu local de trabalho. Domingas fez uma parceria com uma confecção de costura que disponibilizou as máquinas, então ali ela e seu marido costuram roupas para essa confecção. Em uma das entrevistas, ela relata que foi a possibilidade que encontrou de cuidar dos filhos e trabalhar, pois não tinha condições de pagar um aluguel para ter sua moradia e tampouco o aluguel para ter um espaço de trabalho.

Portanto, a conquista do território da vida torna-se objetivo das ocupações. Algumas se caracterizam pela momentaneidade, onde a ideia é apenas chamar a atenção para uma demanda específica, mas mesmo nessas ocupações momentâneas o conflito se apresenta. Nelson Pedon chama a atenção para essa questão quando diz que:

O ato de ocupar é uma, senão a mais expressiva, forma de manifestação da resistência das classes populares frente ao monopólio do espaço, empreendido pelos agentes hegemônicos do capitalismo que contam, na maioria das vezes, com a conivência do Estado.¹²⁶

Outro ponto importante a ser evidenciado nessa discussão é a articulação da mídia para propagar o discurso que criminaliza os movimentos sociais e trata os moradores como os responsáveis pela desordem. Sobre a criminalização da luta:

O movimento social brasileiro é forte, diversificado, complexo, manifesta significativa capacidade de mobilização da sociedade brasileira, está ampliando sua capacidade de monitoramento e de controle social das políticas públicas, além de nos últimos anos vir enfrentando com coragem o modelo concentrador e excludente de desenvolvimento através do embate com empresas nacionais e transnacionais e de grandes projetos. Não seria exagero afirmar que, em boa medida, as conquistas sociais configuradas constitucionalmente e nas diversas legislações específicas e efetivadas nos últimos anos, todas ainda insuficientes, são fruto da mobilização e da pressão social. Seguramente a democracia brasileira é incompreensível sem ter em conta, no seu núcleo, a presença dos movimentos sociais.¹²⁷

Ou seja, vivemos em uma sociedade que criminaliza os movimentos de luta por moradia ao invés de organizar-se para enfrentar esse problema social, político e econômico e atender os direitos desses sujeitos moradores das ocupações.

2.3 |Do lado de dentro

“Só o fato de eu ter, se eu pegar meu apartamento antes deu morre, eu vou conseguir” - conseguir quando? Quando você morrer? – “não faz mal, fica pros neto, tem tanto neto”; “um lugar que eu me sinta confortável, um lugar que eu possa entrar e me sentir bem, levar meus filhos, entendeu? Um lugarzinho pra mim chegar e descansar à noite, sei lá, não sei explicar”; “Tudo bonitinho assim, tudo bem feitinho. Ter o meu quarto, uma televisão daquelas assim sabe, bem grande pra mim deitar nela assim, sabe. Ficar vendo tudo assim sabe, sem nenhum risco nem nada pra atrapalhar, as imagem tudo torta, ficar “Roberto, arruma a antena!” e o coitado tá até dormindo e tem que levantar pra arrumar

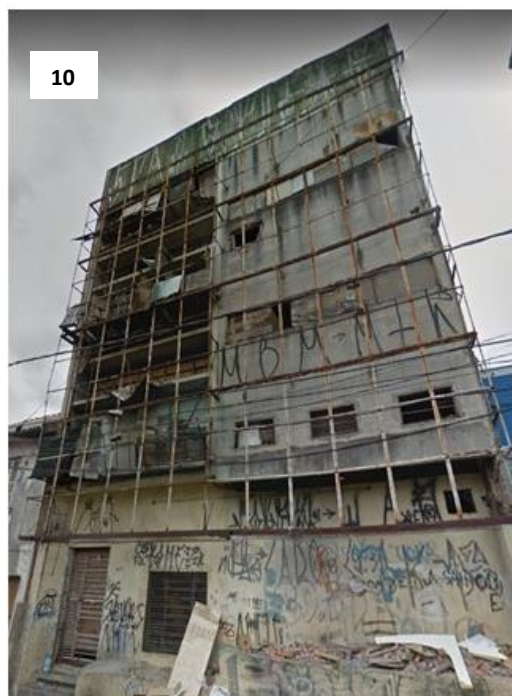
¹²⁶ PEDON, Nelson R. 2009, p. 179.

¹²⁷ QUEIROZ, Rosiane P. (org). **A criminalização dos movimentos sociais no Brasil** : relatório de casos exemplares. Brasília: MNDH; Passo Fundo: IFIBE. Outubro, 2006. Disponível em: < http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/r_mndh/r_mndh_criminalizacao_mov_sociais.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018.

porque eu tô morrendo de preguiça pra levantar. E é isso, e fazer o quarto pras minhas neta, pra elas chegar lá e tá do jeitinho delas”¹²⁸.

Fotografia 10: Fachada do edifício antes do MSTRN ocupar – 2013.

Fotografia 11: Fachada do edifício após o MSTRN ocupar – 2016.



Fonte: Google maps.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva. 2016.

O edifício Armênia, uma antiga fábrica de tecidos, localizado na Rua Victor Ayrosa, número 31, no bairro Bom Retiro, próximo ao metrô Armênia, foi ocupado no dia 17 de abril de 2015 e hoje abriga em torno de 40 famílias. Um espaço de interação, de luta e resistência, por meio do qual se constituiu também um novo trabalho de base, ou seja, um espaço de comunicação, responsável por informar outras famílias recém-chegadas à ocupação. Essa ação de conscientização abriu novas possibilidades ao movimento MSTRN de ocuparem outros espaços.

MSTRN – Movimento Sem Teto da Região Norte, sua denominação já aponta um elemento definidor da sua agenda, assim como de sua base, pois não são todos os sem teto, e sim os da região Norte. Jean Gonçalves¹²⁹ sugere em seus estudos sobre o MSTC

¹²⁸ Compilado de respostas de algumas moradoras da Ocupação Armênia ao serem questionadas sobre: “O que é moradia digna para você?”.

¹²⁹ GONÇALVES, Jean P. A., **Ocupar e resistir:** problemas da habitação no centro pós-moderno (SP). 2006. 212 p. Mestrado em geografia, Universidade de São Paulo, p.70.

– Movimento dos Sem Teto do Centro, que tem em seu nome o mesmo elemento definidor do MSTRN, que a própria designação confere um sentido de posição ao grupo.

Essa busca por fixar uma identidade se relaciona de forma direta com o espaço do qual emergem as vontades e as demandas dos movimentos. Assim, o prédio da ocupação Armênia torna-se concomitantemente um território da conquista e da manutenção da luta tanto quanto um espaço de construção identitária política do movimento.

Para falar da estrutura interna começo pela porta de entrada da ocupação, uma porta cinza de aço instalada pelos próprios moradores. A porta da transição do público para o privado, uma porta antes obstáculo – partindo da mesma ideia do muro reconfigurado na ocupação Parada Pinto - é agora proteção. Antes de ocupar o prédio, a Josélia contou que a abertura da porta da entrada parecia uma grade de madeira com alguns pedaços quebrados, onde os vãos entre as madeiras foram cobertos por papelões. Então romper, arrombar, destruir essa porta não foi difícil, e por esse motivo foi preciso reforçar a segurança e substituir aquela porta por uma mais resistente.

Com o prédio ocupado, era a hora de se organizarem. A estrutura interna da ocupação se baseia numa hierarquia e divisão das tarefas: à coordenadora geral, Josélia, cabe a responsabilidade de gestão da ocupação e divisão das tarefas que serão cumpridas pelos moradores, assim como a organização das reuniões e assembleias; à Rose, subcoordenadora da ocupação, é dada a responsabilidade de supervisionar as tarefas realizadas pelos moradores, assim como resolver os problemas cotidianos, *“eu ajudo a Jo a resolver os pepinos né, porque senão fica muita coisa pra ela e ela tem a Parada Pinto pra cuidar também”*¹³⁰ O fato de ela ser subcoordenadora não a exclui da participação das tarefas.

¹³⁰ Rose, subcoordenadora da ocupação Armênia. Junho, 2017.

Fotografia 12: Escala de limpeza dos espaços – Ocupação Armênia, 2016.



Fotografias 13 e 14: Cartazes de advertências aos moradores – Ocupação Armênia, 2016.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva. 2017.

Na ocupação Armênia, todas as regras e decisões são estabelecidas por meio de assembleias junto aos moradores. Josélia exemplifica dizendo: *“Por exemplo, antes o horário de entrada das visitas era até as 18h00, na assembleia os moradores votaram para mudar pras 20h00; O valor da contribuição também foi votado em assembleia e é dessa contribuição que eu tiro o dinheiro pra reforma do prédio, pra fazer o dia das crianças e o almoço de Natal. Tem um cartaz que a gente fez com tudo que todos podem e não podem. A partir das 22h00 não pode ficar circulando nos corredores, pra não atrapalhar as famílias que estão dormindo, e também não pode entrar na ocupação depois desse horário, as mulheres também não podem ficar usando roupa curta e a agressão de qualquer jeito é motivo pra expulsão da pessoa”*¹³¹.

Em relação à manutenção, nas minhas visitas à ocupação era o seu Elias que sempre estava arrumando alguma coisa, ia para lá e para cá com um chuveiro nas mãos,

¹³¹ Josélia, liderança do MSTRN e coordenadora da ocupação Armênia. Junho, 2017.

um pedaço de cano para emendar no outro que estava com vazamento, às vezes eu encontrava com ele e seu martelo, em outras eu o via apenas observando toda a estrutura em silêncio.

O marido da Rose também ajuda na manutenção; de acordo com ela, ele “*virou o maior montador de barracos da ocupação*”¹³², então se tinha um problema e o seu Elias não estava lá, era só chamar o Roberto. “*Roberto, vem cá me ajuda aqui rapidinho; Roberto, você já resolveu as coisas lá embaixo; Roberto, precisa arrumar a lâmpada*”¹³³.

É importante dizer que nas entrevistas tanto com a Josélia quanto com a Rose, apesar da ajuda do seu Elias e do Roberto na manutenção do prédio, elas sempre deixaram muito claro que “*Todo mundo faz tudo, é tudo no coletivo. Se tem alguma coisa que um pode arrumar e o outro não, ele vai lá e arruma*”¹³⁴.

Em minha primeira visita¹³⁵ à ocupação de moradia Armênia, foi a Josélia, a coordenadora, quem abriu a porta de metal que dava acesso ao interior da ocupação. Como o prédio havia sido ocupado em abril do mesmo ano, o saguão de entrada ainda estava repleto de coisas espalhadas aguardando sua organização. Josélia pediu para dois garotos colocarem o sofá velho localizado num canto do saguão, quase que no meio do ambiente, para que pudéssemos conversar.

O cheiro de esgoto misturado com produto de limpeza era forte e impregnava o ar. Josélia relatou que ao entrarem no edifício após a ação de ocupação, “*tinha lixo por todas as partes, entulho e mais entulho, ia até o teto os entulhos, tinha só um caminho estreito pra passar*”¹³⁶. Ela foi me apontando os espaços que antes estavam preenchidos por entulho e que aos poucos os moradores foram se organizando para que a limpeza fosse feita. No último andar do prédio, Josélia não me mostrou, mas contou que ainda havia entulho e que em breve eles iriam conseguir retirar tudo do prédio, “*mas boa parte a gente conseguiu tirar*”¹³⁷.

Já na parte do saguão havia dois espaços divididos por tapumes, era o apartamento de duas famílias. Rose também relatou sua experiência no momento de ocupar o prédio “*ah, é muito bom, cara! De ver derrubando parede! Um burquinho de nada, você entrar lá, é muito legal. Quando eu ocupei, eu só chorava, eu chorava mais*

¹³² Rose, subcoordenadora da ocupação Armênia. Junho, 2017.

¹³³ Ibid.

¹³⁴ Ibid.

¹³⁵ A primeira visita a ocupação de Moradia Armênia aconteceu em outubro de 2015.

¹³⁶ Josélia, liderança do MSTRN e coordenadora da ocupação Armênia. Junho, 2017.

¹³⁷ Ibid.

que tudo. Ainda mais que tinha um homem lá que falava que a polícia ia entrar, isso a Jô lá fora com choque, que a polícia ia entrar, ia bater em todo mundo, que a gente precisava ir embora. Tem duas coisa que eu tenho medo: de morrer e de ser presa. Eu sei que um dia eu vou morrer, mas esse dia não vai chegar tão cedo. Mas aí eu ocupei e chorei. Quando eu vi aquele homem, pensei “a próxima vai ser eu”. Aí consegui ficar lá até amanhecer o dia, eu olhava pros quatro cantos, um lameiro, garoando, um mato maior que todo mundo pra gente poder limpar. Mas eu fiquei lá, desde o dia 6 de abril. Não voltei mais pra casa da minha filha, fiquei lá, eu queria tá lá, eu tinha que tá lá. A minha vida se tornou a ocupação, eu quase não saio daqui. A gente ocupou aqui foi dia 17 de abril. Aí a Jô perguntou: “você não vai embora pra sua casa?” falei “não, minha casa agora é aqui” e fiquei aqui.”¹³⁸

Josélia me convidou para conhecer o restante da ocupação. Começamos a caminhar, os fios expostos e os canos criavam caminhos nos corredores, evidenciando uma engenhosidade e experiência dos próprios moradores da ocupação na busca por soluções para a falta de energia elétrica e água. Fios por todas as partes e de todas as cores expostos, nada estava escondido aos olhos naquele espaço de coletividade. Antes de subirmos as escadas, passamos por um banheiro localizado ainda no primeiro pavimento, onde seu Elias havia acabado de instalar um chuveiro. Ao lado do banheiro, um espaço pequeno com uma das pias, utilizadas pelos moradores na limpeza de utensílios de cozinha, pois nos espaços de suas casas não havia cozinha.

Um pé de cada vez. Subimos as escadas para conhecer os corredores que levavam às portas de tantas famílias. Corredores escuros, remendados por tapumes, tábuas de madeira no chão que permitiam a passagem por cima dos buracos - buracos não, abismos -, tapumes utilizados na divisão dos espaços representavam além da necessidade, a proteção, o abrigo temporário ao qual estão sujeitos a qualquer momento a sofrerem uma reintegração de posse e consequente despejo.

¹³⁸ Rose, subcoordenadora da ocupação Armênia. Junho, 2017.

Fotografias 15, 16 e 17: Corredores localizados no segundo e quarto pavimento – Ocupação Armênia, 2016.



Fotografias: Tamiris de Souza Gonçalves, 2016.

Como o prédio antigamente costumava ser uma fábrica de tecidos, sua construção não foi pensada para atender às necessidades de uma residência ou contribuir para a qualidade do morar, era perceptível um ambiente onde não havia nada que amenizasse a precariedade. Um espaço que remetia ao confinamento de pessoas em situação de vulnerabilidade, pequenos *casulos* de madeira realçando a característica de abrigo temporário, onde a vida parecia acontecer de forma sufocada - sem uma circulação de ar eficiente, nenhum dos barracos¹³⁹ ali dentro havia janelas e, na tentativa de melhorar a circulação de ar, os próprios moradores fizeram buracos nas paredes que davam para a

¹³⁹ O termo barraco é utilizado pelos próprios moradores da ocupação.

rua, improvisando dessa forma essas janelas que lhes faltavam. Os buracos mais uma vez estavam presentes na ocupação, mostrando novamente as táticas de rompimento com o muro dessa vez reconfigurado como parede.

Aqueles buracos eram a evidência de uma pulsão de vida, um desejo por oxigênio, por luz. Aberturas necessárias para a que a própria ação de ocupar pudesse acontecer. Buracos que abriram espaço para o ar entrar, para os corpos entrarem e para que fosse possível se morar ali dentro. Ou seja, não eram apenas janelas improvisadas, mas também táticas de transgressão do muro, da parede. Uma materialização da luta por sobrevivência. Sujeitos. Luta. Muro. Parede. Buracos. Corpos. Dentro. Espaço. Astúcia. Construção. Ocupação. Diversas linhas que atravessam, sobem as escadas e desenhavam as janelas e as portas.

Fotografias 18, 19 e 20: Buracos na parede improvisando as janelas – Ocupação Armênia, 2016.



Fotografias: Tamiris de Souza Gonçalves, 2016.

Fotografias 21, 22 e 23: Buracos na parede improvisando as janelas – Ocupação Armênia, 2016.



Fotografias: Tamiris de Souza Gonçalves, 2016.

Três banheiros e três pias, todos improvisados e de uso coletivo – um em cada andar para atender uma demanda de 40 famílias. Apenas Rose e Sirley possuem um banheiro privativo, a Rose porque ela escolheu um espaço dentro da ocupação que ninguém queria: *“ai menina, quando eu cheguei nesse pedaço aqui, tinha um banheiro, gente, vocês não têm noção. Tinha uma corda de enforcamento ali e uma cadeira. Aí a Jô falou: “Ro, você quer ficar nesse?” Porque ninguém queria esse pedaço por causa da cadeira e da corda. “Eu quero!” Cabe um banheiro!”*¹⁴⁰. E a Sirley por motivos de saúde, pois ela não pode subir as escadas, então o seu marido improvisou um banheiro no espaço deles: *“eu não aguento subir essas escadas, então como aqui devia ser um quartinho de guardar coisas e ele era de tijolo, meu marido conseguiu fazer um banheiro”*¹⁴¹.

¹⁴⁰ Rose, subcoordenadora da ocupação Armênia. Junho, 2017.

¹⁴¹ Sirley, moradora da ocupação Armênia. Agosto, 2016.

Fotografias 24, 25 e 26: Banheiros localizados no primeiro e segundo pavimento e pia comunitária – Ocupação Armênia, 2016.



As paredes de alvenaria reforçavam essa precariedade, estavam tomadas por infiltração e era possível ver a proliferação do mofo nessas paredes, o que implicava na saúde dos moradores, um espaço marcado pela falta de condições básicas para a sobrevivência – moradia digna, saúde, alimentação. Uma situação limite, mas que ao mesmo tempo evidenciava a resistência dos moradores que não estavam rendidos e tão pouco conformados com aquela condição. Todavia, é nesse contexto que ocorre a imanência da criatividade dentro do espaço da ocupação de moradia.

Levando para uma escala maior que a ocupação Armênia, o trecho abaixo do manifesto realizado pelos movimentos de luta por moradia digna no ano de 2003 reforça essa ideia de resistência mesmo diante de uma situação adversa, pois o cenário atual que envolve a falta de habitação ainda é o mesmo de 2003, milhares de famílias buscam nas ocupações, mesmo que sejam espaços insalubres, alternativas para sobreviverem, para serem reconhecidos e terem seus direitos garantidos:

Somos trabalhadores sem-teto desta magnífica cidade. Somos empurrados para as favelas, cortiços, pensões e para o relento das ruas. Sofremos com o despejo do senhorio. Nossas crianças, devido às nossas condições precárias de vida, penam para se conservarem crianças. Somos tocados de um lado para o outro. Não encontramos espaço, para nossas famílias, em nosso próprio território. Nossa cidade, que construímos e mantemos com nosso trabalho, afugenta-nos para fora, para o nada. Dizem que os trabalhadores são a peça mais importante da sociedade. Entretanto, estamos sendo triturados por esta engrenagem econômica perversa - mecanismos que destrói os trabalhadores em vida e conserva no luxo uns poucos privilegiados. Uma minoria que mantém centenas de imóveis vazios, abandonados, por vários anos. Imóveis que não cumprem sua função. Enquanto somos empurrados para as periferias sem infra-estrutura urbana, em favelas, áreas de risco ou mananciais. Não podemos aceitar essa

situação. Não podemos esperar. Nossas famílias e nossas vidas estão em perigo. Queremos que a lei entre em vigor: dê função social a esses imóveis vazios e abandonados. Vamos eliminar esse desperdício criminoso. Ocupamos esses imóveis pois não temos para onde ir. Propomos ficar morando neles até ser atendidos por um projeto dos Governos.¹⁴²

Voltemos ao espaço da ocupação de moradia Armênia. A Josélia me levou até a parte do terraço da ocupação, que ela mantinha fechado por motivos de segurança, pois o muro que funcionava como guarda corpo estava destruído e ela tinha medo de que as crianças fossem até lá e se machucassem. Enquanto estávamos lá em cima, ela me falou dos seus planos para a ocupação e para a melhoria dos espaços coletivos: *“aqui em cima eu quero arrumar esse muro¹⁴³ porque é perigoso e fazer uma área de lazer pras crianças, colocar os brinquedos aqui, e aí enquanto as mães estendem as roupas elas podem ficar brincando. Quero fazer uma horta também, assim o pessoal planta algumas coisas pra comer. Lá embaixo na parte de entrada quero fechar um espaço e fazer uma sala de estudo pras crianças e pros adolescentes, vou ver se consigo doação de computador, porque aí eles vão poder fazer a lição de casa lá. Aos poucos a gente vai arrumando lá e aqui, porque aí da pra ter oficina pra todo mundo. Você conhece professor de capoeira?”¹⁴⁴*

Ao perguntar para a Rose se havia uma preocupação por parte dos moradores com os espaços de uso comum, ela me respondeu que não, que a pessoa que se preocupava era a coordenadora Josélia *“não. Só a parte da coordenadora mesmo. O pessoal tá mais preocupado com a parte de dentro e às vezes nem de dentro, viu? Porque a gente precisa ir lá pra chamar a atenção e pedir pra limpar. Não é todos que limpa, que fala “não, eu vou pegar, eu vou limpar”. A gente tem que ir lá e pegar. Tem uma moradora aqui que tem mais de mês que a roupa tá lá amontoando. Eu que lavava a roupa dela, né? Aí um dia, menina, era tanta roupa, sabe essas sacola de sacoleiro azul? Tinha daquelas, amarrotada de roupa, pagava 50 reais, passava o dia inteiro lavando roupa”*.¹³²

Próximas visitas. Corredores, escadas, tapumes, portas, corredores, escadas, tapumes, portas. Caminhos estreitos, tapumes dividindo o espaço, moradores passando, alguns parados em frente à porta, outros conversando com o vizinho ao lado. Sobe e desce

¹⁴²Manifesto divulgado pelos movimentos de moradia por ocasião da ocupação simultânea de diversos prédios ociosos em São Paulo no dia 20 de julho de 2003.

Disponível em: <<https://midia independente.org/pt/blue/2003/07/259208.shtml>>. Acesso: 15 set. 2017.

¹⁴³ O muro presente na fala da coordenadora Josélia, já não é um elemento para ser derrubado, esburacado, destruído, mas sim reforçado e melhorado, pois no contexto de sua fala, o muro se configura como proteção aos moradores daquele espaço.

¹⁴⁴ Josélia, liderança do MSTRN e coordenadora da ocupação Armênia. Junho, 2017.

escadas. Abre e fecha portas. Alguns chegam do trabalho ao mesmo tempo em que outros apertam o passo e saem para trabalhar. Barulho da televisão, das crianças correndo com pés pequenos e passos fortes, as rodinhas do carrinho do bebê e as roupas balançando no varal improvisado. O perfume do feijão cozido num fogareiro de duas bocas parece se espalhar mais rápido que os passos e, por um momento, não senti o cheiro forte causado pela infiltração e pelo mofo. Corredores, escadas, tapumes, portas, corredores, escadas, tapumes, portas. Dentro e fora ao mesmo tempo.

Junho de 2017. Havia algo diferente, logo no saguão de entrada tudo estava organizado; do lado esquerdo um rack na cor cerejeira coberto com um tecido florido e um galão de água em cima, parecia ser uma gentileza aos visitantes e aos moradores que se revezavam na portaria. O móvel estava localizado entre dois vasos grandes de plantas, elementos comuns presentes nas entradas de prédios residenciais. Abrigava ainda alguns livros que mais tarde eu viria a descobrir que estavam todos em coreano - tinham sido presentes da patroa de Rose, assim como os vasos de plantas. Os vasos traziam cor e vida para um espaço antes vazio, e os livros, uma sensação de espaço mimético de aprendizagem e interação.

A televisão era o distrativo dos porteiros e porteiras que, quando estavam em horário de serviço, tinham a possibilidade de assistir os programas da rede aberta de canais. A câmera de vigilância ao lado de fora era uma precaução a mais em relação à segurança das pessoas que estavam do lado dentro. *“Tem umas pessoas estranhas que vem aqui de vez em quando, a gente fica com medo de ser polícia pra infiltrar, ou os traficantes que tem aqui no bairro, então a câmera ajuda e a gente sempre pede os documentos pra entrar”*.¹⁴⁵

¹⁴⁵ Josélia, liderança do MSTRN e coordenadora da ocupação Armênia. Junho, 2017.

Fotografia 27: Saguão de entrada – Ocupação Armênia, 2017.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Ainda do lado esquerdo do saguão, uma prateleira também coberta por um tecido estampado com flores e um objeto em formato de pato. Acima da prateleira, colada na parede, uma imagem do salmo 23 que despertava a sensação de estar em frente a um altar, mas que também parecia lembrar os moradores para manterem a fé em Deus e na luta.

O senhor é meu pastor, nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias.¹⁴⁶

A ideia de citar o salmo 23, exposto na parede logo na entrada da ocupação, não é com a intenção de discutir a questão da religiosidade presente no espaço da ocupação, mas sim de mostrar que existe certa semelhança com a situação vivida dentro daquele espaço, que apesar de ser uma situação difícil de vida, “do vale das sombras”¹⁴⁷, há um

¹⁴⁶ Salmo 23. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/23>>. Acesso em: 01 out. 2017.

¹⁴⁷ Ibid., Salmo 23.

desejo e vontade de sair daquele contexto de precariedade. Nada me faltará. Justiça. Habitarei. Tu estás comigo. Essas palavras me fizeram refletir sobre a esperança de conseguir algo melhor, a luta pelos direitos, a busca pela moradia digna e a união do movimento e dos moradores que vivem naquele espaço.

Fotografia 28: Foto da prateleira localizada no saguão de entrada – Ocupação Armênia, 2017.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Ao lado da prateleira estavam outros dois móveis, um rack e uma estante desequilibrada, na iminência de tombar, preenchidas com livros – todos doados pela patroa de Rose. A patroa de Rose é coreana, por esse motivo os livros são todos em coreano, “*se você quiser ir lá pegar pra lê pode ir (e riu). Eles tão mais é enfeitando a entrada, por que quem vai conseguir ler naquela língua chingling?*”.¹³² Um cenário quase surreal. Um sinal de acesso à literatura, no entanto um acesso que não é real, mas sim mimético, pois, mesmo que quisessem, seria impossível realizar a leitura daqueles livros.

Com uma linguagem inacessível, ao alcance das mãos, mas longe de serem compreendidos, seriam eles uma metáfora aos direitos negligenciados àqueles moradores? Em especial o direito à moradia digna? Pois naquele contexto trata-se de um direito, que por enquanto eles não têm acesso, assim como não têm acesso à linguagem do livro, mas que ao mesmo tempo a luta os aproxima dessa conquista e as mãos os aproximam dos livros. Ou o desejo pela educação e serviços culturais? Ou ainda, o desejo de fazer parte da burguesia? Uma coisa era certa, havia uma cenografia, uma teatralização

de um hall de entrada de algum condomínio ou espaço coletivo com algum grau de dignidade.

Josélia contou de um morador que às vezes chega “*cachaçado*”, pega os livros e começa a ler em voz alta, “*ele acha que tá falando chinês e ele realmente está, porque ninguém entende nada (e riu)*”.¹⁴⁸ Contou também que às vezes algumas crianças pegam os livros, mas só para folhear, mas que após a doação de livros com o idioma em português, as crianças não mexeram mais na estante. “*Agora a gente vai pegar esses livros coreanos e levar num sebo pra vê se vende ou se troca por algum que a gente consiga pelo menos ler e quem sabe montar uma biblioteca aqui*”.¹⁴⁹ Ou seja, aqueles livros antes inacessíveis, se tornaram uma possibilidade de acesso ao conhecimento e a recursos para a melhoria do ambiente da ocupação.

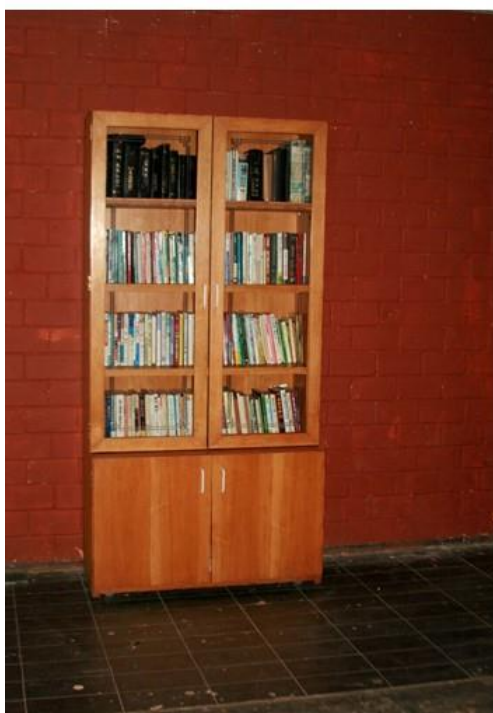
A parede de tijolos pintados de vermelho parecia ser o fundo do cenário de um teatro, era a única parede colorida naquele espaço, onde todos os elementos lado a lado estavam localizados: rack, as estantes, os sofás, a prateleira, os enfeites. Josélia disse que quando ocuparam o prédio, duas paredes do hall de entrada eram de tijolos pintados de vermelho e o restante das paredes estava com uma pintura velha, suja e desgastada e, por conta disso, ela decidiu manter apenas a cor da parede lateral de vermelho e pintar o restante de branco para que o ambiente ficasse mais claro e também para que pudesse apagar as marcas de sujeira e de desgaste das paredes.

O piso também foi substituído, na verdade uma parte dele, pois o anterior era escorregadio e apresentava perigo para as moradoras mais idosas e para as crianças. Como a ocupação estava no início, não havia dinheiro para comprar pisos suficientes para preencher todo o espaço do chão. Dessa forma, foi preciso escolher o lugar que receberia o piso novo. Josélia optou por fazer um caminho com a largura da porta de entrada e do tamanho da parede de tijolos vermelhos, pois aquele caminho era a principal passagem dos moradores que, ao atravessarem a porta da entrada, seguiam reto em direção às escadas.

¹⁴⁸ Josélia, liderança do MSTRN e coordenadora da ocupação Armênia. Junho, 2017.

¹⁴⁹ Ibid.

Fotografias 29, 30 e 31: Rack e estante com livros coreanos – Ocupação Armênia, 2017.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Ao mesmo tempo em que as linhas do piso se tornavam caminhos, elas também se tornavam o limite do cenário, do espaço teatralizado. Os sofás estavam localizados dentro do limite desse cenário e, somados aos outros elementos que estavam no ambiente, despertavam uma sensação convidativa e de acolhimento, uma preocupação com os

visitantes e ao mesmo tempo um espaço onde os moradores poderiam sentar e dialogar tranquilos. Um teatro do cotidiano.

Fotografia 32: Sofás localizados no saguão de entrada – Ocupação Armênia, 2017.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Outra novidade foi a organização de um espaço do lado direito do saguão para que os moradores pudessem deixar seus carrinhos de carga utilizados por eles no dia a dia. Enquanto uns utilizam os carrinhos na zona cerealista¹⁵⁰, outros utilizam os carrinhos para transportarem até a feirinha da madrugada ou até a praça do Largo da Concórdia, as roupas costuradas por eles mesmos dentro do espaço da ocupação.

A imagem é do estacionamento dos carrinhos de cargas com dois manequins feitos de plástico, cada um em cima de um carrinho de metal onde parecem aguardar o momento de serem levados. Manequins sem roupa, nus, expostos, sem braços, sem pernas, apenas o tronco – o plástico sendo carregado pelo metal. Os donos dos carrinhos todos os dias acordam, se arrumam, tomam café ou não, descem as escadas, pegam os carrinhos com os manequins que serão vestidos com as roupas costuradas por eles como tática de melhorar a exposição dos seus trabalhos e caminham em direção até o local da exposição.

Quando o trabalho acaba, voltam com os carrinhos e os manequins, novamente nus, estacionam na ocupação e sobem as escadas. É como se aquele estacionamento não

¹⁵⁰ Alguns moradores dependem dos “bicos” onde ajudam a descarregar e carregar as mercadorias na Zona Cerealista.

apenas estacionasse e guardasse os instrumentos de trabalho desses sujeitos, mas também o cotidiano que acontece do lado de fora, as dificuldades e a opressão as quais eles estão expostos por serem trabalhadores informais, as correrias para não perderem a mercadoria para os policiais – como os manequins não possuem braços, nem pernas, facilita no momento da fuga - eles deixam tudo isso no estacionamento e sobem as escadas.

Também foi organizado um bicicletário logo após a passagem pelo saguão, que para muitos moradores ali dentro, era a única forma de locomoção, mas ao mesmo tempo tática de confronto de sujeitos que não se conformam por não terem seus direitos garantidos, como a mobilidade pela cidade que é impedida pelo alto valor dos transportes. A bicicleta torna-se, dessa forma, alternativa, para que não sejam completamente excluídos do direito à cidade, para que consigam certa mobilidade no espaço, para que levem seus filhos à escola, cheguem até o trabalho e consigam voltar para casa.

Fotografia 33: Estacionamento de carrinhos de carga – Ocupação Armênia, 2017.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Fotografia 34: Bicicletário – Ocupação Armênia, 2017.



Após a passagem pelo saguão, subi as escadas para encontrar com a Rose no segundo pavimento e, conforme fui andando, percebi que as paredes de tapumes estavam pintadas de azul claro. Em um espaço que sofre com a falta de iluminação, aquela cor escolhida para a pintura dos tapumes dava a sensação de um ambiente mais claro e mais tranquilo.

Os vasos grandes com plantas também estavam nos corredores do segundo pavimento e tornavam o caminho dos corredores mais agradável. Algumas espécies

presentes naqueles corredores não dependiam da luz para sobreviverem, outras estavam resistindo à pouca luz.

Um vaso de cimento localizado no encontro de duas paredes, embaixo de uma iluminação artificial, outro vaso de cimento na frente da porta de um dos barracos onde as folhas de suas plantas eram praticamente da altura da parede de tapumes. Enquanto os moradores viviam em espaços construídos com os tapumes, as raízes das plantas estavam abrigadas dentro do espaço do concreto. Mais adiante no corredor, próximo à abertura da lavanderia, outros três grandes vasos de cimento, um ao lado do outro, com plantas mais robustas, que lembravam pequenas árvores.

Na ocupação não havia chão de terra e não havia grama, aqueles vasos eram o mais próximo de um jardim para os moradores do prédio. Talvez, além da aproximação com a ideia de um jardim, aquelas plantas estivessem ali no caminho dos corredores como vestígios de memórias das experiências dos moradores em outras casas. Após essas observações, foi possível perceber a mutação daquele espaço, indicando uma organização do coletivo e uma vontade de sair daquela condição precária por meio da transformação dos espaços de uso comum.

Fotografias 35, 36 e 37: Corredores com as paredes e tapumes pintados de azul claro – Ocupação Armênia, 2017.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Fotografias 38, 39 e 40: Vasos de plantas nos corredores do segundo pavimento – Ocupação Armênia, 2017.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Naquele sábado, as impressões foram outras. O espaço de uso comum continuava em condição precária, no entanto, agora era perceptíveis as ações de melhoria daquele espaço coletivo na intenção de remeter a uma ideia de qualidade de vida e consequentemente um ambiente mais agradável de se estar. Rose estava aguardando as plantas; a Amanda tinha acabado de acordar, abriu a porta e me falou bom dia. Algumas mulheres estavam na área da lavanderia conversando, lavando suas roupas e fumando seus cigarros. Dava para ouvir a máquina de costura da Domingas e a Adriana chamando a atenção da sua filha. As crianças maiores estavam ali no corredor, com os olhos curiosos “*Quem é você?*”, era um sábado comum, dia de faxina, de brincar com os filhos, arrumar a casa. Um cotidiano respirável.

III | Os cafés e as viagens

Antes de convidar o leitor para um café e para as viagens com a Rose, a Adriana, a Josélia e a Dona Nilsa, inicio esse capítulo dizendo: vamos olhar com carinho para as coisas delas, pois essa pesquisa é sobre os meios, as forças, as vontades, as mobilizações que as mulheres moradoras da ocupação fazem para saírem do mundo apenas da sobrevivência, do campo fisiológico, da mera reprodução da vida, para uma dimensão onde se reconhecem como sujeitos sensíveis que produzem dimensões simbólicas da vida e que são capazes de re-existirem, mesmo sofrendo todos os tipos de opressão.

Daí o meu interesse nas táticas utilizadas por essas mulheres, táticas que têm uma dimensão semelhante às práticas artísticas, pois existe uma inteligência criativa da arte que se reproduz nessa situação extrema de sobrevivência, que permite a elas uma condição própria de se sentirem capazes de imaginar, de conseguirem pensar no presente e no futuro. Uma pulsão de vida que as impede de se submeterem e aceitarem a condição de sujeitos desprovidos de direitos, em uma dimensão de insurgência que não é apenas da luta e da ação de ocupar e resistir, também de insubordinação à invisibilidade ou a possibilidade de serem apagadas da história.

E é nessa insurgência que a potência de vida encontra caminhos de inteligência criativa no campo do simbólico, do material, das cores, da forma de dispor as coisas, e nas escolhas, onde seus espaços se tornam uma espécie de repositório dessa pulsão.

Tim Ingold¹⁵¹, em seu ensaio “*Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*”, formula uma abordagem baseada em cinco pontos fundamentais, com o objetivo principal de restituir vida aos objetos, que são considerados mortos pelo modelo hilemórfico¹⁵².

¹⁵¹ INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, janeiro/junho. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002>. Acesso em: 16 nov. 2017.

¹⁵² Corresponde à junção de matéria (hyle) e forma (morphé). O autor sugere que o modelo aristotélico hilemórfico da criação, em que a forma passa “a ser vista como imposta por um agente com um determinado fim ou objetivo em mente sobre uma matéria passiva e inerte” (INGOLD, Tim, 2012, p.26), seja substituído por uma ontologia com prioridade ao processo de formação e aos fluxos dos materiais. Ele pretende retomar o caráter itinerante, os fluxos com as outras coisas do mundo.

O antropólogo argumenta que, de acordo com as considerações de Martin Heidegger¹⁵³ na diferenciação de uma coisa e um objeto, o mundo estaria povoado por coisas e não por objetos. Tim Ingold exemplifica esse argumento ao questionar sobre o status de uma árvore:

A árvore é um objeto? Em caso positivo, como a definiríamos? O que é árvore, e o que é não árvore? Onde termina a árvore e começa o resto do mundo? (...) A casca, por exemplo, é parte da árvore? Se eu retiro um pedaço e o observo mais de perto, constatarei que a casca é habitada por várias pequenas criaturas que se meteram por debaixo dela para lá fazerem suas casas. (...) Além disso, se decidimos que os insetos que vivem na casca pertencem à árvore tanto quanto a própria casca, então não há razão para excluirmos seus outros moradores, inclusive o pássaro que lá constrói seu ninho ou o esquilo para o qual ela oferece um labirinto de escadas e trampolim. (...) Essas considerações me levaram a concluir que a árvore não é um objeto, mas um certo agregado de fios vitais. É isso que entendo por coisa.¹⁵⁴

Nas coisas, as ações ocorrem entrelaçadas: “Se pensamos cada participante como seguindo um modo de vida particular, tecendo um fio através do mundo, então talvez possamos definir a coisa, como eu já havia sugerido, como um ‘*parlamento de fios*’”¹⁵⁵. Ou seja, coisas, de acordo com Tim Ingold¹⁵¹, podem ser caracterizadas como nós de fios que entrelaçam-se com outros fios de outros elementos, vazando e transbordando suas superfícies ao mesmo tempo em que se estendem. Portanto, não estão contidas em si e, por isso, para o autor, as coisas são formadas sem ou com a menor intervenção de agentes.

Nesse sentido, coisa é diferente que Tim Ingold pensa a respeito do objeto, que apresenta-se como fato consumado, limitado, contido e capturado. O autor ainda critica a questão da agência dos objetos¹⁵⁶ argumentando que “tomar a vida de coisas pela agência de objetos é realizar uma dupla redução: de coisas a objetos, e de vida a agência. A fonte dessa lógica redutivista é, acredito, o modelo hilemórfico”¹⁵⁷.

¹⁵³ HEIDEGGER, Martin. **Poetry, language, thought**. Translated by Albert Hofstadter. New York: Harper & Row, 1971.

¹⁵⁴ INGOLD, Tim. 2012, p. 29.

¹⁵⁵ INGOLD, Tim. 2007b, p. 5.

¹⁵⁶ Tim Ingold (2012) explica que “muito já foi escrito sobre as relações entre pessoas e objetos com base na ideia de que a diferença entre eles é longe de ser absoluta. Se as pessoas podem agir sobre os objetos que as circundam, então, argumenta-se, os objetos “agem de volta” e fazem com que elas façam, ou permitem que elas alcancem aquilo que elas de outro modo não conseguiriam (ver, por exemplo, Gosden, 2005; Henare; Holbraad; Wastell, 2007; Knappett, 2005; Latour, 2005; Malafouris; Knappett, 2008; Miller, 2005; Tilley, 2004). Não obstante, no primeiro movimento teórico que toma as coisas para enfocá-las em sua qualidade de objeto (*objectness*), elas são retiradas dos fluxos que as trazem à vida”. (INGOLD, Tim, 2012, p. 33).

¹⁵⁷ INGOLD, Tim. 2012, p. 34.

Partindo da ideia de que o mundo estaria povoado de coisas e não de objetos, o autor expõe em seu ensaio o ambiente sem objetos - ASO¹⁵⁸ e argumenta:

Embora nós possamos ocupar um mundo repleto de objetos, para o ocupante os conteúdos do mundo parecem já se encontrar trancados em suas formas finais, fechados em si mesmos. É como se eles tivessem nos dado as costas. Habitar o mundo, ao contrário, é se juntar ao processo de criação. E o mundo que se abre aos habitantes é fundamentalmente um ambiente sem objetos – numa palavra, ASO.¹⁵⁹

No ASO, a vida ocorre inerente às circulações de materiais que dão origem à forma das coisas, e é por meio da imersão nessa circulação que as coisas são trazidas à vida. As coisas no ASO movem-se, modificam-se, transformam-se e crescem, pois elas estão vivas e não foram reduzidas ao estado de objeto.

Trazendo as considerações de Tim Ingold para o contexto da ocupação de moradia Armênia, a vida dos moradores transborda por todo o prédio da ocupação, o mundo vaza para dentro e produz ecos de reverberação. E é “nesses fluxos e contrafluxos, através ou entre, sem começo nem fim”¹⁶⁰ que as coisas são reveladas no mundo do ASO. Com isso, esse capítulo pretende viajar pelas memórias das mulheres da ocupação de moradia Armênia, caminhar pelas casas em que habitaram, encontrar as coisas delas e ouvir o que elas tem a dizer sobre essas coisas, buscar os fios de vida que entrelaçam-se, encontram-se, crescem e movimentam-se.

Pois, em um mundo onde há vida, os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari¹⁶¹ argumentam que as relações não se dão entre matéria e forma, substância e atributos, mas entre materiais e forças que só podem ser seguidos e não contidos ou capturados, ou seja, é preciso estar atento ao modo como todos os tipos de materiais, com suas diferentes propriedades, são trazidos à vida pelas “forças do cosmo, misturadas e fundidas umas às outras na geração de coisas”¹⁶². Para Gilles Deleuze e Félix Guattari, a vida desenrola-se ao longo das linhas-fios ou linhas de devir, conforme aponta Tim Ingold:

[...] eles a chamam de “linha de fuga”, e por vezes “linhas de devir”. O mais importante, contudo, é que essas linhas não conectam. “Uma linha de devir”, escrevem eles, “não é definida pelos pontos que ela conecta, nem pelos pontos que a compõem. Pelo contrário, ela passa entre pontos, insurge no meio deles

¹⁵⁸ Em inglês, *environment without objects* – EWO.

¹⁵⁹ INGOLD, Tim. 2012, p. 31.

¹⁶⁰ INGOLD, Tim, op. cit, p. 42.

¹⁶¹ DELEUZE, Giles.; GUATTARI, Félix. **A thousand plateaus**. Translated by Brian Massumi. London: Continuum. 2004, p. 377.

¹⁶² INGOLD, Tim, op. cit, p. 26.

[...] Um devir não é nem um nem dois, nem a relação entre os dois; é o entre, a [...] linha de fuga [...] que corre perpendicular a ambos”.¹⁶³

Assim, todas as coisas estariam imersas na vida, habitando um mundo aberto e em constante construção e transformação, um entrelaçamento de linhas de vida perpassando por um fluxo de materiais em um espaço que não é estático, mas sim fluído. Portanto, as coisas são vivas em um ambiente onde a circulação de materiais dá forma às coisas, assim como também se torna responsável pela diluição desses materiais.

Percorrer a trajetória das casas onde essas mulheres viveram até chegar à sua moradia atual torna-se um exercício de observação dos movimentos realizados por elas em que seguiram afetando e sendo afetadas pelo mundo que também se movimenta, constrói e se transforma, pois entendo que é nessa dinâmica e nas marcas em suas trajetórias que a minha narrativa nasce e ganha sentido.

Dessa forma, para que no retorno das viagens ocorra uma análise cuidadosa da moradia atual dessas mulheres, de como elas resistem, sobrevivem, inventam, re-inventam seus espaços dentro da ocupação de moradia Armênia, é preciso trilhar esses percursos e embarcar nas viagens pelas memórias espaciais, materiais, sensoriais, simbólicas e afetivas delas. Um caminhar pela paisagem, pelos cômodos, pelo quintal que resultam dos movimentos dos materiais ao longo das linhas da vida. “Onde a vida material é tecida na paisagem, assim como paisagens são tecidas em vida, em um processo contínuo e interminável”¹⁶⁴.

Para a construção da minha narrativa, tento realizar uma espécie de psicogeografia, não com o objetivo de representar no mapa uma nova forma de apreensão do espaço urbano, que seria experimentado a partir de uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas, conforme é colocado por Paola Berenstein Jacques¹⁶⁵ no momento em que explica o conceito. O meu objetivo é representar através da própria narrativa uma cartografia “falada” sobre as memórias do morar, uma reconstituição da vivência espacial e sensorial que é inescapável, pois existe uma pregnância das coisas, dos lugares e dos espaços nas memórias delas. Batemos na porta. Rose abriu.

¹⁶³ DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. 2004, p. 323 apud INGOLD, Tim, 2012)

¹⁶⁴ CARDOSO, Thiago, M. Por uma antropologia imersa na vida. **Cadernos de campo: Revista de Ciências Sociais**, Araraquara, n. 21, 2016, p. 245 <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/8738>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

¹⁶⁵ JACQUES, Paola. B. (org.). **Apologia da Deriva**: escritos Situacionistas sobre a Cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

3.1 |Rose¹⁶⁶

“Cara, como eu amo essa risadinha”. Rose, moradora da ocupação Armênia, Pernambucana¹⁶⁷, empregada doméstica, 40 anos de vida, de trajetória, de experiências. Quatro filhos e quatro netos, sete casas ao longo da vida dessa mulher.

O primeiro dia de entrevista. *“Entra, não liga a bagunça, acabei de chegar do trabalho e nem arrumei nada ainda”*, uma frase cotidiana, mas que considerei como o primeiro sinal para identificar um espaço não apenas de moradia temporária, privação e luta, mas um espaço ocupado pela Rose e sua preocupação com aquele ambiente. Ela disse que não tinha arrumado nada ainda, mas estava tudo muito organizado, os vasilhinhos com flores de plástico em cima da mesa, as fotografias no balcão do móvel na cozinha. Observei a disposição dos móveis, o espaço era apertado, o movimento dos corpos era quase performático nos caminhos estreitos entre o sofá e a cômoda.

Ela me convidou para sentar em seu sofá, me ofereceu um café e lá estava eu com um copo americano preenchido de café em uma das mãos e o gravador na outra. Coloquei o copo em cima da mesinha e peguei os papeis com as perguntas que até então eu considerava assertivas e que me dariam respostas suficientes para identificar pequenos gestos e iniciativas que evidenciassem a busca dela por inserir determinadas qualidades em sua casa, remetendo ao significado de lar e não apenas de abrigo e sobrevivência.

Comecei a perguntar a ela sobre a primeira casa em que viveu, e naquele momento Rose começou a contar sobre sua vida, e eu compreendi que nem todas as

¹⁶⁶ Nesse tópico, todas as citações em itálico são depoimentos da Rose, moradora e subcoordenadora da ocupação de Moradia Armênia. Para que o leitor não se perca nas passagens temporais da narrativa entre o passado e o presente, as memórias espaciais e a moradia atual, optei pela mudança da fonte e pelo recuo do texto.

¹⁶⁷Três das quatro mulheres entrevistadas nessa pesquisa vieram da Região Nordeste para São Paulo. Com isso, podemos refletir sobre a questão da migração dessas mulheres. Uvanderilson Silva (2008) diz que a concentração fundiária, a falta de desenvolvimento econômico e as sucessivas secas levaram, a partir do final do século XIX, milhares de trabalhadores nordestinos a buscarem oportunidades de vida em outras regiões do país. Após a década de 1950, o destino preferencial desses migrantes foram os centros urbanos do centro-sul, sobretudo a cidade de São Paulo, devido à consolidação de uma estrutura produtiva industrial nessa região, consequência das políticas desenvolvimentistas levadas a cabo pelos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, e que necessitava de grande volume de mão de obra. Após o golpe civil-militar de 1964, procurou-se explicitamente criar uma política nacional para organizar os fluxos migratórios, gerando intensos debates sobre o caráter e as consequências dinâmicas para o país. Ao mesmo tempo, as políticas de modernização agrícola implementadas pelos governos militares elevaram a concentração fundiária, acarretando grande êxodo em direção aos centros urbanos. Estima-se que na década de 1970, 15 milhões de pessoas, o equivalente a 38% da população rural na época, tenham saído dos campos em direção às cidades (SILVA, Uvanderilson, 2008, p. 29-30).

perguntas teriam respostas e nem todas as respostas me responderiam as perguntas. Dessa forma, deixei que ela me guiasse pelos caminhos que ela percorreu e me contasse tudo que ela julgava importante. Não excluo a importância do roteiro das perguntas, pois elas continuaram com seu papel de guia, mas, dessa vez, de uma forma mais sensível, mais interessada naquilo que a Rose tinha para contar e não apenas naquilo que eu esperava como resposta.

Paisagem. Caminhos. (Des)caminhos. Lugares. Generosidades. Afetividade. Pensamentos. Casa. Palpitações. Respiros. Indícios. Precariedade. Sutilezas. Sensações. Silêncios. Escapismos. Fuga. Volta. Olhares. Mãos. Falas. Perfumes. Ausências. Luta. Havia tanto a ser percorrido. Ela pegou em minhas mãos e mergulhamos em suas memórias.

Caminhamos juntas e fomos até o sertão Pernambucano, passamos pela favela, pela Brasilândia. Olhamos a estrada de terra e o "chão batido", o terreno íngreme. Foi possível sentir a chuva de dez anos atrás enquanto ela estava grávida e precisava construir seu barraco.

É importante ressaltar a alteridade nesse processo, a capacidade de se colocar momentaneamente no lugar do outro, mesmo que seja uma realidade tão distante da minha como pessoa e como pesquisadora. Naquele instante, ela apresentou sua vida, onde foi dentro, em suas memórias, que o fora começou a fazer sentido.

|A 1ª casa: onde ela cresceu

*Também
a quem fica
cabe uma paisagem nova
e a travessia insone do desconhecido
e a alegria difícil da descoberta.
O que levas do que fica,
o que, do que levas, retiro?* ¹⁶⁸

A primeira casa em que a Rose morou foi no Sertão Pernambucano.

"Eu vim de uma família bem pobre, bem humilde mesmo, e minha casa era bem simples, era de barro, meu pai não tinha condições de construir, e é isso, minha casa era de barro". A porta havia sido aberta - a caminhada por essa memória havia apenas começado.

"Eu lembro muito, muito de uma cozinha que minha mãe colocava a mesa, sabe? A gente não tinha nada pra comer, só tinha banana e uns peixinhos que a gente ia pescar de manhã. Minha mãe esperava a gente comer pra poder comer o nosso resto, mas a gente nunca ficou totalmente com fome. É isso que eu me lembro muito".

Entramos na casa, era uma casa com cozinha, um banheiro e dois quartos - um quarto que ela dividia com os irmãos e o outro que era o dos pais. Visitamos uma memória sofrida, onde para comer eles mesmos precisavam pescar e colher: "peixe e banana", quando havia. Mas, mesmo nesse contexto de sofrimento, a Rose rememorou os ambientes simples, paredes de barro construídas pelas mãos de seu pai.

Ao cruzar a porta de entrada da casa, havia um sofá florido e, na parede de barro atrás do sofá, nos deparamos com alguns pregos que sustentavam os quadros com fotos do período escolar de Rose e de seus irmãos, que estavam

¹⁶⁸Os poemas de Ana Martins Marques abordam com delicadeza o estranhamento de morar temporariamente em um lugar e compreender suas singularidades, além das implicações subjetivas que as mudanças nas relações com os espaços desencadeiam ou não.
MARQUES, Ana M. 2009.

uniformizados, vestiam o capelo e seguravam em suas mãos o tubo representando o diploma, um diploma simbólico que não sinalizava apenas o fim de um ciclo de estudos, uma vez que naquele período Rose estava com 11 anos de idade, mas também se revelava como um lembrete, mesmo diante, de uma situação de vida difícil, dura, seca, de chãos com fissuras e pouca comida na mesa, lembrava a família de que era possível sonhar e realizar um futuro melhor para os filhos.

As fotografias naquele momento eram a concretude dos sonhos e a manifestação dos desejos, expostos quase como troféus segurados na parede construída pelas mãos do pai de Rose. Sim, os pais seguravam forte os quadros com as fotografias, eram os verdadeiros roteiristas do alcance eternizado pelos filhos. Era o orgulho da possibilidade de um futuro.

Voltamos o olhar para outro elemento significativo para Rose, a cadeira de balanço de seu avô, que, ao abrir a porta, ficava escondida pela mesma. A cadeira balançava quase na cadência do silêncio do ambiente, no ritmo lento que a vida exercia ali dentro – *“meu avô gostava de ficar escondidinho atrás da porta, não sei porque, mas a cadeira ficava sempre ali, acho que era pra dá um susto na gente toda vez que a gente entrava”*.

Comecei a perceber que a intensidade da presença das coisas daquela casa que Rose foi contando era a intensidade da sua própria presença naquele espaço. As imagens que foram evocadas nos ambientes se constituíram a partir das relações, das impressões e de sua memória infantil. Rose compôs aquele cenário e todos os seus simbolismos e afetos presentes em cada coisa escolhida por ela, e me permitiu observar a sua composição.

No canto da sala também estava a antiga máquina de costura de sua mãe, que ela costumava se sentar na cadeira marrom para costurar os tecidos. Rose contou que sua mãe era uma excelente costureira e que o “saber costurar” havia sido passado de geração para geração, um

conhecimento que ao ser transmitido era aperfeiçoado pela experiência.

Seguimos pelos cômodos e chegamos na cozinha. Não havia muita coisa para ser vista, apenas um armário velho com utensílios de cozinha e uma mesa. Não havia geladeira na casa; o fogão era a lenha e ficava na área externa, assim como a pia que também era utilizada como tanque para lavar roupas.

O armário da cozinha era velho, não abrimos as portas para ver o que havia dentro dele, pois não foi do interesse de Rose rememorar, mas foi sobre a mesa que ela quis contar.

Estávamos diante de uma mesa marrom com traços de tempo marcados em seus pés já gastos, a toalhinha florida em cima nos levava por um caminho de leveza em meio a tanto peso de uma vida sofrida em um sertão nordestino, onde a seca castigava a paisagem - íamos ao encontro da primavera que tanto demorava a chegar, a primavera estampada na toalha.

A mesa, com as suas flores na toalha e seus talheres quase inexistentes, já não carregava em si apenas a funcionalidade de sustentar esses elementos. Foi em meio à primavera daquela mesa que as relações familiares se desenvolveram, onde aconteceram os encontros e foram feitas as escolhas. A mesa agora estava vazia, era o vestígio da presença familiar.

No fundo de tanto silêncio, podia-se ouvir o rádio velho em que Rose relatou que era preciso *"dar uns tapa pra ele funcioná"* - ouvimos um sertanejo tocando, era a trilha sonora que costumava embalar o cotidiano. *"Eu lembro só dessas músicas, não lembro da minha mãe ouvir novela porque ela não tinha muito tempo pra isso não, e eu ficava na rua, eu era briguenta"*. Foi o rádio velho, que funcionava aos "trancos", que nos levou para a rua, onde ela brigava e brincava. Lugar em que pôde exercer sua infância e subir nos pés de frutas, pular as cercas do entorno da casa e correr com os pés descalços sobre o

chão de fissuras e estrias. Um cenário onde Rose era apenas criança.

Voltamos para dentro da casa e fomos em direção aos quartos; tratava-se de um cômodo grande que era dividido pelo guarda-roupas. De um lado o quarto dos pais e do outro o de Rose e seus irmãos. No quarto de seus pais havia apenas uma cama de solteiro e um berço; no quarto de Rose havia também apenas uma cama de solteiro - no momento de dormir, eram colocados colchões no chão para seus irmãos.

Assim, no caso da Rose, é possível perceber algumas inconsistências, como os quadros com fotografias do período escolar, onde todos os irmãos já haviam alcançado uma certa idade, e o berço no quarto dos pais que não condiz com essas idades¹⁶⁹.

Passamos novamente pela cozinha para ter acesso à área de fora. No quintal, ela relembrou da pia que também era o tanque de lavar roupas, o fogão a lenha onde sua mãe costumava cozinhar, assar os peixes que eles pescavam assim que o Sol nascia para comer com a banana pega no terreno do vizinho. Era apenas peixe e isso quando tinha, como foi relatado por ela no começo da viagem, mas o cheiro era inesquecível, assim como a generosidade de sua mãe. Pude por alguns minutos sentir o calor que aquela memória trazia.

Ainda no quintal, Rose falou sobre as plantas e os vasinhos de sua mãe: *"minha mãe tinha planta por tudo, do lado de fora de casa, ela adorava cuidar das plantas dela e eram todas bonitas"*. Enxerguei aquelas plantas, todas verdinhas, bem cuidadas, grandes, como resistência à paisagem a qual estavam inseridas; ali, naquele espaço, elas sobreviviam à seca, elas eram cuidadas, aquele espaço servia de abrigo ao sol escaldante das dez horas da manhã, do meio dia, das três da tarde. Ali elas não

¹⁶⁹ "O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali." (ECLÉA, Bosi, 1994, p. 9).

estavam sujeitas à morte, ali elas tinham a possibilidade da vida.

O mesmo poderia ser pensado em relação à vida da Rose e sua família enquanto viveram naquela casa, foi ali que encontraram abrigo para o clima do sertão pernambucano, foi naquela casa que as relações familiares se desenvolveram, que foi exposto nas paredes o sonho de um futuro e a concretização do mesmo. Ali, naquele espaço, eles não estavam sujeitos à morte, mas sim, à construção dia a dia, luta a luta, pela vida e pelo direito de vivê-la.

Entrar pela porta da primeira casa da Rose permitiu identificar as referências de uma visualidade que ficou guardada na memória e, ao explorar as imagens resgatadas por ela, foi possível perceber a persistência e o desejo de evidenciar um lar em uma casa recoberta de barro. Conseguiram.

|A 2ª casa: fragmentada

*Quantas vezes ensaiei o retorno –
o rito dos risos,
espelho tenro, cabelos trançados,
casa salgada, coração veloz?
A espera é a flor que eu consigo.¹⁷⁰*

Ainda em Pernambuco, continuamos o percurso. Em sua memória, Rose estava com 12 anos, encontrava-se casada com um rapaz, o pai de sua primeira filha. Ao se casar, foi morar na casa do sogro, também construída de barro. De acordo com seus relatos, era uma casa triste, onde ela nunca teve nada de especial, onde não havia sentimento de pertencimento, um lugar onde sua identidade

¹⁷⁰ MARQUES, Ana M. 2009.

não criou raízes, não foi construída - um lugar onde não houve espaço para essa construção.

Não foram muitos os detalhes dados por ela, tratava-se de uma casa de taipa, onde apenas o quarto de sua cunhada era separado do restante da casa. Dentro havia uma estante, um sofá, uma mesa, algumas cadeiras velhas encostadas na parede, sua cama de solteiro, um guarda-roupa, um fogão, a cama de seu sogro, todos os elementos dividindo o mesmo espaço retangular. Do outro lado da única parede que servia de divisão do espaço dentro da casa estava a cama de sua cunhada. Dessa vez, Rose estava relatando sobre essa casa quase como um inventário de móveis, a impressão que tive foi que paramos em frente à porta e não havia a possibilidade de abri-la para observarmos a vida que costumava acontecer dentro daquele espaço.

Próxima parada: Brasilândia, zona norte de São Paulo. Na memória sobre a primeira casa que Rose chamou de "dela", ela contou que era: *"um barraquinho de madeira que era só um cômodo só, só tinha só a cama de solteiro"*. Não havia banheiro e nem cozinha, nenhum enfeite pregado nas paredes ou um calendário com imagem de flores, ou cachorrinhos fofos; não havia fotografias, toalhinhas na mesa - porque não havia uma mesa para se colocar toalhinhas.

As únicas cores existentes nessa casa de Rose eram as cores dos diferentes tapumes encontrados para a construção de seu barraco. Em meio a um cenário onde sobrava espaço, Rose o preenchia de imaginação e esperanças.

Como dito anteriormente, o único móvel existente dentro da casa da Rose era a cama, por esse motivo ela costumava acordar às quatro horas da manhã para encher os tambores de água para lavar a roupa e limpar a casa de sua sogra, localizada ao lado da sua, em troca de um prato de comida.

Entramos na casa de seus sogros, também construída com tapumes. Era um barraco retangular onde não havia divisão de cômodos, o que havia era a cama de seus sogros, as beliches de suas cunhadas, que contornavam as paredes de madeira, um fogão e uma cama. Nas memórias de Rose não foram encontradas recordações sobre as coisas que povoavam o espaço e percebi que o seu barraco vazio era uma extensão do vazio da casa de sua sogra, com apenas uma diferença: o seu estava preenchido de imaginação, e era naquele lugar que ela foi livre para reinventar o espaço.

Fomos transportadas para às 6h da manhã de um dia de semana, um dia nublado que demorou a nascer. Todos foram acordados pela repressão do choque e da cavalaria da polícia. Medo, desespero, indignação, desesperanças - sentimentos que acordaram cedo naquele dia.

As máquinas de demolição - uma extensão das armas dos policiais que, por sua vez, eram uma extensão dos braços deles - estavam apontadas à espera da ordem para a derrubada dos barracos. Para cada morador havia pelo menos cinco policiais, cinco armas de prontidão. Máquinas grandes, barulhentas - monstros destruidores de possibilidades. O Estado estava ali, com toda a sua opressão e violência que impediram de enxergar aqueles moradores como sujeitos.

O sorriso de Rose que surgiu no momento em que chamou a primeira casa de "dela" desapareceu em meio a fumaça do maquinário. Ela já não tinha controle sobre as lágrimas. A ordem chegou. Logo depois, todos os barracos destruídos, tudo estava aos pedaços, tudo fragmentado. Um cômodo, que abrigava o cotidiano, os devaneios, a imaginação e a esperança, estava reduzido a pedaços de tapumes espalhados pelo chão. Já era quase nada o que tinha, mas o pouco estava aos pedaços. *"A gente não invandiu nada, quem invandiu o que era nosso foram eles, quando a gente foi pro terreno, nós construímos, mas*

foram eles que destruíram”, “Algumas coisas deu tempo de pegar, a gente pegou, o que não, destruiu tudo”.

Naquele ano quem estava no governo era a Prefeita Erundina. Rose contou que após a reintegração de posse foi realizado um levantamento sobre as famílias que haviam perdido seus barracos e a promessa de que cada morador do terreno ganharia uma apartamento do CDHU. Os apartamentos foram construídos, mas nunca foram disponibilizados para eles, e sim para pessoas de outros lugares: *“veio gente de fora, muitos já venderam né e a gente nada”.*

Caminhamos sobre os restos de tapumes e chegamos a uma igreja, Rose contou que o padre responsável pela paróquia havia abrigado a maioria das famílias que tinham perdido tudo na reintegração de posse do terreno na Brasilândia.

“Aí tinha um outro terreno, o CDHU tomou conta da parte de baixo e tinha terrenos vazios na parte de cima, aí tinha um padre lá que acolheu a maioria das famílias e tava dando uns terrenos que ele tinha conseguido, aí o meu sogro foi e pegou três terrenos, que a família era muito grande, então um era pra mim, outro pra ele e outro pro outro filho dele”.

|A 3ª casa: (re)construída

*Ela tem à mão uma porta
ela tem o chão a seus pés.¹⁷¹*

Era a hora de reconstruir tanto a casa quanto as suas possibilidades. Rose estava grávida, o chão estava coberto com os restos dos barracos destruídos – madeiras de diversas cores espalhadas. Carregou tijolo por tijolo e tapume por tapume para que seu sogro pudesse construir

¹⁷¹ MARQUES, Ana M; EDUARDO, Jorge. 2017.

seu novo barraco, quase como a montagem de um quebra cabeça: *"ele ia colocando os tijolos e as madeiras onde ia cabendo e tentando fechar os buracos, ficou bonitinho meu barraco novo"*.

Essa frase *"Tentando fechar os buracos"*¹⁷² ecoou na minha cabeça e comecei a pensar sobre por que seu sogro estava tentando tapar os buracos ocasionados pela irregularidade dos materiais utilizados na (re)construção, comecei a perceber que essa ação ia além das características do barraco, pois ao olhar de cima para o barraco antes de ele ser destruído, ele era um buraco materializado em forma de caixa, que guardava o cotidiano, os sonhos e os desejos, uma caixa que guardava os devaneios, os cansaços do dia e a esperança do dia seguinte, uma caixa que era abrigo e que, no momento em que as máquinas passaram por cima, o buraco havia sido exposto - toda a vida e o cotidiano dentro daquele espaço haviam sido expostos. Então era preciso resgatar a segurança, a intimidade, o direito a ter segredos longe dos olhos dos outros. O barraco foi reconstruído. Tudo pronto.

Rose abriu a porta da sua casa para que entrássemos. Era um cômodo pequeno em que, naquele dia, havia apenas uma cama de solteiro e uma televisão - resultado de uma troca com um rapaz. *"Eu carregava os tijolos pra um rapaz que tava precisando e aí em troca ele me deu a TV de 14 polegadas, eu ia quebrando os tijolos que a máquina tinha derrubado e ia carregando de pouquinho em pouquinho"*. Nessa casa, os próprios tapumes eram motivo de afeto para Rose. De suas mãos e de seu útero, que carregava sua filha, ressurgiu a força para reconstruir o seu barraco.

¹⁷² Outro ponto de reflexão sobre os buracos é que, na moradia atual dentro da ocupação Armênia, os moradores fazem buracos no muro como tática de rompimento simbólico e físico: na ampliação dos espaços, para a entrada dos corpos no momento de fazer a ocupação, para a entrada do ar e da luz, permitindo que sobrevivam dentro daquele espaço; no contexto da memória de Rose e de seu barraco, o processo foi o contrário, era preciso tampar os buracos para que ela se sentisse segura contra as intempéries climáticas e os perigos da rua.

Após entrarmos no barraco, várias memórias sofridas começaram a emergir, desde a misoginia sofrida por ter tido uma filha mulher até as agressões físicas do marido; *"não é que meus pais não me aceitassem de volta, mas eu fiquei com vergonha, já tinha feito a burrada"*. Em um dos episódios de agressão, Rose entrou correndo para dentro do barraco e trancou a porta - o barraco agora não era apenas abrigo para o corpo, era sua segurança contra as agressões sofridas.

Apesar de seu barraco ser abrigo e segurança, por muito tempo Rose não soube o que era ter uma cozinha ou banheiro dentro de sua casa, e dependeu da ajuda dos vizinhos para conseguir comer: *"eu fazia qualquer coisa na casa de alguém, às vezes comprava suquinho de 10 centavos e um pacote de bolacha e amamentava minha filha"*.

Um tempo depois, o marido de Rose foi preso, então ela foi trabalhar como doméstica e, com o primeiro salário, comprou um guarda-roupas marrom e velho - uma coisa antiga que se tornou novo naquele espaço. Outra coisa que não estava naquele espaço apenas para guardar as roupas, sapatos e outras coisas, ele estava ali lembrando a Rose de sua emancipação, do seu primeiro salário, do povoamento de seu barraco, onde antes havia apenas uma cama de solteiro. Ela finalmente respirava liberdade.

No entanto, o guarda-roupas também guardava a agressão vivida pelo sogro: *"pedi pros moleques levar pra mim, falei 'ô, me ajuda a levar ali em cima', aí meu sogro deduziu que eu estava traindo meu ex-marido, que eu tava traindo o filho dele e me jogou na rua, tomou meu barraco, que hoje é uma casa imensa do filho dele"*. Ao mesmo tempo que simbolizou sua emancipação, também simbolizou a perda da sua casa, do seu lugar, do seu espaço. E, mais uma vez, ela sentiu na sua história o despejo, aquele sofrido quando viu seu barraco demolido pelas máquinas.

|As ruas: não tinha teto, não tinha nada

*(...)saber que o concreto enlouquece
que as pessoas se desgastam
racham, acumulam
sombra
que o cimento sonha, as pessoas
trincam
por solidão.¹⁷³*

Começamos a caminhar pelas ruas não havia um lugar específico onde ela quisesse me levar, talvez por ser uma memória dolorosa, ou talvez por não ter construído identidade nenhuma com as calçadas em que foi obrigada a dormir por seis meses, então apenas caminhamos pela cidade. Estávamos no ano de 1990, o clima em São Paulo era de frio e a filha de Rose havia pegado uma pneumonia forte. Foi quando, mais uma vez, Rose viu ressurgir em seu útero a força, dessa vez para entregar sua filha ao seu sogro como forma de protegê-la.

Observamos, porque nada havia a ser feito. "Aí pensei *"meu Deus, isso aqui não é vida pra mim, eu não saí da casa da minha mãe pra ficar numa vida dessa, debaixo de chuva"*. Mais um despejo, o do próprio corpo - sua filha. No entanto, mesmo diante dessa situação, a determinação de Rose foi ficando mais forte e mais forte e mais forte e, com a ajuda de uma amiga, ela foi trabalhar na casa de uma família, onde dormia no emprego e tinha novamente um teto para abrigar seu corpo e uma cama para descansar. Não entramos na casa da patroa dela porque ela mesma disse que *"nunca foi minha casa"*.

¹⁷³ MARQUES, Ana M; EDUARDO, Jorge. 2017.

|A 5ª casa: ela resiste!

*Um dia vou aprender a partir
vou partir
como quem fica
Um dia vou aprender a ficar
vou ficar
como quem parte.¹⁷⁴*

Voltamos para a Brasilândia. Rose estava casada novamente, com mais três filhos e tinha recuperado sua primeira filha. E, mais uma vez, estávamos diante de uma casa, a casa do seu novo sogro. *"Era um cômodo, mas aí ele pintou tudo as paredes e lá eu levei minhas coisinhas"*.

As *coisinhas* da Rose eram uma cama de casal, uma cama de solteiro e o seu guarda-roupa - que havia sido resgatado da casa de um amigo, onde Rose deixou após ser despejada de sua terceira casa -, um armário branco pequeno grudado na madeirite e um fogão velho logo embaixo. Um espaço mais povoado do que os anteriores por onde havíamos passado.

O grande marco dessa nova casa da Rose era a pintura das paredes de tapume - começava ali a preocupação com o ambiente de sua casa, em esconder os diferentes restos de tapumes utilizados na construção de seu barraco: *"ele pintou de tinta cal pra parecer parede de verdade"*. Rose já havia passado por quatro casas e em três delas não teve a oportunidade de se sentir em um lar, pois, apesar de todo o sonho, os desejos e o cotidiano vivido e desenvolvido nos espaços anteriores, aquelas coisas de sua primeira casa como as fotografias na parede, a toalhinha de flor sobre a mesa, a cadeira de seu pai, a máquina de costura de sua mãe, só a acompanharam na memória.

¹⁷⁴MARQUES, Ana M. 2011.

As paredes de tapume brancas eram quase telas de pinturas onde, pela primeira vez, Rose poderia ser a artista de seu próprio espaço e desenhar seus desejos e sua imaginação na tentativa de resgatar a experiência vivida em sua primeira casa em Pernambuco. Se não fosse o fato de que era a casa de seu sogro, e não a sua casa. Era preciso buscar o seu lugar para os desejos ganharem forma e se transformarem em lar.

Ao entrarmos na casa de seu sogro, Rose me apresentou um espaço onde havia um guarda-roupa que separava os cômodos - de um lado a sala e do outro o quarto que se unia à cozinha e ao banheiro. Mas primeiro entramos na sala, olhamos ao redor, Rose ficou em silêncio por alguns segundos, tentando resgatar suas memórias sobre aquele espaço. *"Tinha um rack que ficava com a tv em cima, um tapete no meio, um sofá e uma mesa"*. Apesar das paredes de tapume brancas, Rose não se recordava se havia elementos decorativos ou fotografias na sala. Mas se recordava que era na sala que todos costumavam ficar assistindo à televisão, era naquele cômodo que os encontros aconteciam.

Continuamos entrando, passamos pelo guarda-roupas e fomos para o quarto que também era cozinha, de um lado estava a cama de seus sogros e do outro as beliches de suas cunhadas e os colchões no chão esperando por Rose e seu marido. Dividindo esse espaço também estava o fogão *"velhinho"*, a pia da cozinha e o banheiro. Nos despedimos dessa memória e caminhamos para outra memória, o terreno onde a casa de Rose seria construída.

"Aí meu ex-marido começou a trabalhar de bico, fazendo bico né. E um dia o irmão dele tinha comprado um terreno e desistiu do terreno. E a gente não tinha dinheiro pra comprar, mas a gente tinha um som daqueles três em um e um botijão de gás e mais cinquenta reais e trocamos pelo terreno".

Dessa vez estávamos em um terreno vazio que o marido de Rose e seu sogro haviam limpado para iniciar a

construção do barraco, pois era uma área onde os moradores locais despejavam o lixo. As madeiras encontradas em diversos lugares foram resgatadas, processo com o qual Rose já estava familiarizada devido às experiências anteriores e a necessidade de sobrevivência: *"ou você aprende ou aprende, senão fica o resto da vida na lona"*.

"O bico que ele fazia nós ia na loja de material usado, comprava as madeira, tirava o que comer, alguma coisa pras criança e pra construir. Aonde sabia que tinha madeira a gente ia lá buscar. Aí conseguimos construir ele e fazer o piso". A casa estava pronta. O barraco era resistente. *"Fiquei lá o tempo todo. Aí eu separei do meu ex-marido, mas ele continuou morando com a gente"*.

Foi a partir da separação que Rose quis me mostrar sua casa: *"então eu trabalhei muito, fiz dois cômodo, tinha quarto, cozinha e um banheiro"*. O quarto parecia ser o cômodo mais importante; nele havia duas beliches, uma que ela dividia com um filho e a outra beliche que era dividida pelos outros dois filhos. Sua família tinha onde dormir, onde imaginar, onde construir novas possibilidades, intimidade, desejos e descansar. Os tapumes foram pintados com tinta cal branca, assim como a de seu sogro, e agora Rose tinha sua própria tela.

3.2 |Adriana

Adriana, moradora e porteira da ocupação Armênia. É ela a responsável por abrir a porta que leva a tantas outras portas, inclusive a sua. Dayana, sua filha de três anos – *"Êta bichiinha arretada essa, ela é ariana, eu também sou, então imagina só"*. Adriana tem 32 anos e nasceu no Recife; podemos ver desenhado em sua pele negra os traços que a vida foi compondo. Foram quatro casas e um abrigo ao longo do caminho. Cinco tempos e um milhão de esperanças.

O primeiro dia de entrevista. Adriana me convidou para entrar em sua casa e, dessa vez, a frase não foi *"não repara a bagunça"*, Rose havia avisado sobre a minha visita. Então, ao entrar naquele microuniverso, a impressão que tive foi que tudo estava

em seu devido lugar - “*deixei tudo arrumadinho*”, e riu. Na cama estava sua filha, enrolada por uma coberta, como se aquela coberta fosse sua grande proteção; parecia uma criança dentro de um casulo prestes a virar borboleta e sair voando pelos corredores a qualquer momento. Seu marido estava junto, um rapaz jovem e que ela fez questão de falar que não era o pai da Dayana, mas que cuidava como se fosse.

|A 1ª casa: do fuxico - o início

*entre a casa
e o acaso (...)
entre a volta
e as voltas (...)
entre a ilha e o ir-se.* ¹⁷⁵

Sentei em um banquinho improvisado por ela e, quando eu percebi, já estávamos no Nordeste, mais um mergulho e mais uma viagem; dessa vez fui convidada a visitar o Maranhão.

O cenário era de poucas árvores e o Sol parecia não dar trégua. Caminhamos por uma estrada de terra e chegamos a uma casinha: “*era uma casinha assim, bem simples, não tinha muita coisa não*”.

Adriana chamou sua avó, e foi ela quem nos abriu a porta e nos convidou para entrar. Era uma casa simples de barro, no entanto, preenchida de cores. A porta era apenas uma passagem para entrarmos na residência, mas foi ao atravessar a cortina de anilhas de latinhas e fuxicos¹⁷⁶ que entramos na história do morar daquela casa.

¹⁷⁵ MARQUES, Ana M. 2011.

¹⁷⁶ A palavra fuxico pode ser entendida como coser ligeiramente grandes pontos, como também fazer intrigas e mexericos. No Brasil, sua origem vem da cultura popular nordestina onde as mulheres reuniam-se para emendar pedaços de tecidos e aproveitavam para conversar; daí o sentido da palavra fuxico. Cortar o tecido em círculo e franzi-lo era uma forma diferente de compor cores e estampas variadas formando unidades que, ligadas umas às outras, iam desenhando novos sentidos no todo maior. Assim como os tecidos passam por transformações, grupos e vínculos modificam-se e são modificados, formando um todo que é maior que a soma de suas partes. Uma associação entre o fazer e o falar (KONISHI, Cecília, 2004).

Na sala, tudo “fuxicava”. Encostados na parede, formando um L, dois sofás cobertos com uma manta de fuxicos pretos; no chão, um tapete de fuxicos coloridos conversava com a cortina da janela, também confeccionada com fuxicos. Na estante localizada do lado oposto ao sofá, toalhinhas de fuxicos de todas as cores enfeitavam aquele móvel: “*toda semana minha avó trocava a cor da toalhinha*”. Perto da estante, uma máquina de costura, também coberta por uma toalha de fuxicos; eram as mulheres que viviam naquele espaço que costuravam a vida e teciam o cotidiano.

Ao observar aquela sala, acessamos uma memória especial e específica de Adriana: era um dia de semana à tarde, o sol se convidava para entrar pela janela e fazia com que as anilhas das cortinas brilhassem. As mulheres do bairro começaram a chegar uma a uma e foram se sentando no sofá, nas cadeiras, nos banquinhos. Adriana estava com 6 anos de idade e observava atenta as mãos das mulheres e as pequenas “flores de tecidos” que nasciam entre os dedos e as palavras¹⁷⁷. A agulha usada por elas transpassava o tecido com a linha para que ele ganhasse a forma desejada, mas também transformava aquela linha em caminhos e encontros de histórias cotidianas, de vida. A agulha mergulhava no tecido e ressurgia embalada por um “fuxico”: “*você viu o que aconteceu semana passada na novela*”?

O saber o que fazer com cada retalho expunha na narrativa elementos visíveis e invisíveis guardados com cuidado nas memórias de Adriana. Estar naquela sala com aquelas mulheres na infância foi uma possibilidade de observar a construção de relações individuais e coletivas. Não se tratava de um espaço apenas de

¹⁷⁷“A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Esta prática deixou de nos ser familiar. O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o lugar que ela ocupava durante a narração está agora vazio. (Pois a narração em seu aspecto sensível não é de modo algum produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito). A antiga coordenação da alma, do olhar, e da mão... é típica do artesão, e é ela que encontramos sempre, onde quer que a arte de narrar seja praticada”. (BENJAMIN, Walter, 1987, p. 220-221).

convivência familiar e íntimo, pois, assim como um pequeno retalho colorido, aquela sala guardava um imenso poder de transformação. E que, assim como o tecido, ao ser costurado aos demais, contribuía para a construção de uma rede responsável por costurar e tecer toda uma vida. Um espaço de construção e exposição dos elementos produzidos pelas mãos de sua avó e de sua mãe. Voltamos, e a busca pelos vestígios de presença e afeto na primeira casa de Adriana continuou.

Caminhamos por um corredor que nos levou às portas de três quartos: o de seus pais, o de sua avó e o dela e de seus irmãos. Ao abrir a porta do quarto de seus pais, meus olhos percorreram os "fuxicos" presentes em vários elementos que compunham aquele cenário. Digo cenário, pois foi justamente a um cenário de filme que aquele ambiente me remeteu. Uma composição de elementos cuidadosa aguardando seus personagens. Na cama, uma colcha colorida de fuxicos; pude visualizar o momento em que a colcha era retirada, dobrada e guardada, um elemento carregado de cotidiano e conversas que, ao final do dia, dava espaço para o descanso do corpo, para o silêncio.

No chão, um tapete em forma de círculo colorido, nas janelas, a cortina branca - todos de fuxico. Ao olhar para o tapete, pensei nos pés, no ato de caminhar - os fuxicos guiavam o caminhar daquela família inteira, pareciam amaciar os passos com delicadeza. A cortina não estava ali apenas como proteção ao sol: *"eram a coisa mais linda as cortinas, deixavam minha casa com cara de casa, foi minha avó que fez todas as cortinas"*. As cortinas não resgatavam apenas a memória de uma experiência, mas resgatavam também a admiração por uma personagem, sua avó. Flores brancas - paz.

Fomos para o quarto de sua avó e depois o de Adriana, as cenas e os elementos se repetiram - a colcha, o tapete circular, as cortinas. Três quartos com a mesma composição, no entanto, personagens diferentes, mas que dividiam os sonhos, o cotidiano e os encontros.

Voltamos para o corredor da casa, entramos no banheiro, o tapete de fuxicos coloridos também estava ali presente; *"no banheiro tinha até a tampa do vaso que era um negócio de fuxico também que ela fez"*, tudo escolhido e feito por sua avó. Na cozinha, um armário, um fogão, uma mesa e o tapete - fuxicos por todos os lados, todos os ambientes imersos em cores, as cores do cotidiano daquela família.

Adriana conta que naquele período nunca passou fome, pois, no terreno em que moravam, eles plantavam o que comiam - *"minha mãe e minha avó tinham a mão boa pra cozinha"* -, mas que trabalhou desde cedo vendendo *"coisinhas"* na rua pra ajudar dentro de casa. A mesa da cozinha não exercia unicamente o papel de sustentação dos pratos e talheres e, diferente do que foi narrado na casa da infância da Rose, também não era responsável apenas pelos encontros e o desenvolvimento das relações familiares, ela era responsável por fortificar essas relações que se iniciavam na sala.

Final de tarde. Sentamos na área que ficava ao lado de fora da casa da Adriana, uma área rodeada pela plantação de seu pai. Descalçamos os sapatos e sentimos a terra e os pequenos pedacinhos de areia que insistiam em entrar no meio dos dedos. Cinco minutos de silêncio. Sentimos o cheiro da terra, uma grande saudade de Adriana hoje em São Paulo. Observamos ela e seus irmãos, todos crianças, brincando no terreno; contou que subia nos pés de árvores, corria para lá e para cá, brincava de pega-pega: *"a gente se divertia era nos pé de caju, a gente fazia uns carrinho nos pé e lá mesmo a gente brincava, minhas irmã, meu irmão"*. O fazer com as mãos sempre esteve presente.

Foi uma casa onde Adriana se sentiu feliz, se sentiu acolhida, um espaço onde ela pode desenvolver seus sonhos e, com a ajuda de seus pais e sua avó, pôde aprender como tecer sua vida. Estávamos nos despedindo quando uma memória triste veio à tona: a morte de sua

avó. A pessoa que fazia nascer flores de seus dedos havia partido: *"ao mesmo tempo que foi uma casa feliz, eu tenho uma tristeza, que foi lá onde que ela morreu"*. A gente tem lembranças boas e tem essas que parte o coração da gente, mas...". Ela não estendeu sobre o assunto, mas a lágrima se fez presente.

Partimos em direção à próxima memória.

|A 2ª casa: do fuxico - permanência

*a luz em leque
desenha o dia vertical
fenda aberta
para o teatro
consumado do sol.*¹⁷⁸

Mais uma vez nos vimos caminhando pela estrada de terra rodeada pela paisagem verde. Era o ano de 2001; *"aí meu pai construiu uma casa mais na frente, né, tipo na estrada, que já era mais pavimentado, lá na verdade já era de tijolo, né. Aí assim a gente foi. Então já era mais moderna né, como diz"*.

Cheiro de pão. Adriana abriu a porta da casinha de alvenaria construída pelas mãos de seu pai, uma casinha agora moderna, de acordo com ela, pois já não era de barro. Ela não se lembra do porquê mudaram ou quanto tempo levou para seu pai construir aquela casa, mas do cheiro do pão ela se lembra bem, o pão feito por sua mãe. Aquele cheiro que percorria os cômodos da casa era um cheiro de saudade que só Adriana sabia o tamanho.

Fomos guiadas pelo cheiro enquanto Adriana rememorava os espaços. A casa tinha a mesma disposição dos cômodos da anterior, os mesmos fuxicos coloridos por todos os lados. Todas as coisas foram transportados para a casa nova, ali o velho e o novo pareciam conviver em harmonia. Os tapetes permaneceram nos quartos, dessa vez

¹⁷⁸ MARQUES, Ana M. 2009.

levando o caminhar para um novo começo. Nas janelas, as mesmas cortinas de fuxicos com flores brancas traziam para aquele espaço a paz existente na casa anterior. Na sala, os sofás também eram os mesmos, localizados no cantinho, cobertos por uma manta de fuxicos pretos, onde as mulheres se reuniam para "*fuxicarem*" juntas. Mesmo com o falecimento de sua avó, a tradição de "*fuxicar*" continuou sendo levada adiante. Era uma casa nova, mas composta por permanências.

Adriana conta que além de ter sido construída com tijolos, seu pai também pintou a casa; do lado de fora o amarelo, do lado de dentro o azul claro. Cores que remetiam a tranquilidade e que, ao mesmo tempo, não atrapalhavam as cores dos fuxicos e representavam a modernidade de sua casa, já que a anterior era de barro e apenas os fuxicos eram responsáveis pela decoração dos espaços.

A vida de Adriana naquele período era trabalhar na roça com seu pai e continuar vendendo suas "*coisinhas*" na rua. Ela parou de estudar na quinta série - essa história será resgatada com detalhes no momento em que voltarmos para São Paulo, em sua casa atual, pois nessa caminhada da nossa viagem esses lugares não foram tocados pela Adriana. E eu respeitei.

*(...)um filtro para as formas do mundo
anteparo contra os golpes do dia, onde as
vigas se põem a cantar ela aqui se sente
mais exposta mais exterior do que interior
como se a casa não fosse doméstica como
se morar fosse uma afronta à intensidade
do dia.¹⁷⁹*

O ano ela não lembrava, mas suas memórias nos trouxeram de volta a São Paulo. Estávamos na casa da tia de Adriana, onde ela ficou por um curto período de tempo. Nessa casa não havia nada de especial e a única memória que veio à tona foi dos colchões espalhados pelo chão da sala na hora de dormir. A sensação foi de que era um “não lugar”¹⁸⁰, um espaço de passagem, sem permanências, sem afetos, sem identidade. Apenas um abrigo rápido, passageiro. Não era dela.

Após esse evento, Adriana contou que toda a sua família veio para São Paulo, não quis explicar o porquê, apenas disse “*as coisas ficaram difícil lá, aí eles vieram pra cá tentar viver melhor*”.

Era um dia de semana e, quando percebemos, estávamos em Taboão da Serra, esperando para ocupar o terreno: “*quando meus pais chegaram em São Paulo, a gente invadiu um terreno, né, mas aí alguém disse que tava vendendo e minha mãe foi lá e comprou, aí de lá todo mundo conseguiu levantar aos poucos os bloquinhos e aí o dono do terreno queria tirar a gente, mas não conseguiu. E aí a prefeitura ajudou a gente e aos poucos todo mundo foi comprando um bloquinho e virou uma mini comunidade*”.

¹⁷⁹ MARQUES, Ana M. 2017.

¹⁸⁰De acordo com Marc Augé (2012), os não lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados ou refugiados do planeta. Portanto, quando digo que a casa da tia de Adriana era como um “não lugar”, é porque, de acordo com Adriana, ela circulava naquele espaço, chegava da rua, tomava banho, comia, dormia e saía no dia seguinte e, mesmo exercendo essa rotina, foi incapaz de criar relações de identidade com o restante do grupo que ali vivia (AUGÉ, Marc, 2012, p. 36).

Caminhamos pelas ruas estreitas onde os barracos estavam construídos, eram todos tão parecidos, lembravam pequenas caixas ou bloquinhos, como foi dito por Adriana. Chegamos no barraco de seus pais, um cômodo - dessa vez as cores dos fuxicos não estavam presentes. Dentro do barraco havia um fogão, uma geladeira e alguns colchões que eles dividiam na hora de dormir. Apenas o mínimo para sobreviver. Encontramos com a Adriana de alguns anos atrás, uma adolescente que havia crescido com os pés na terra, que agora tentava respirar na selva de pedra.

"Quando a prefeitura falou que a gente tinha ganhado o terreno, a gente começou a fazer as casinhas de laje, uma em cima da outra". Era um dia de semana quando todos os barracos foram derrubados pelos próprios moradores e em um instante se transformaram em pequenos fragmentos. Se cada tijolo cimentado fosse uma flor, os fragmentos de tapumes naquele contexto seriam o adubo, pois, com a derrubada dos barracos, as pequenas casas de alvenaria começaram a crescer.

A porta estava aberta - era um costume na comunidade - entramos na casa e lá estavam os fuxicos coloridos de sua avó e sua mãe; as flores haviam percorrido um longo caminho até Taboão da Serra e estavam guardadas esperando o momento e o lugar certos para desabrocharem: *"a casa de laje"*. Ao olhar os fuxicos, Adriana sorriu e, por um instante, voltou ao nordeste e novamente descalçou os sapatos; *"eram tempos difíceis, mas também eu era feliz"*.

A disposição dos móveis na casa acompanhava a lembrança das casas em que viveu no Recife; a diferença estava na verticalidade daquela casa: *"era bem um puxadinho mesmo, construía um pouco, depois subia um andar e depois o outro"*. Enquanto no Recife suas casas pareciam querer alcançar toda a paisagem com os fuxicos, aquela casa em Taboão da Serra, apesar de toda a dificuldade, parecia querer alcançar o céu. Sentamos na

laje e lá ficamos um tempo observando do alto como tudo havia mudado e como a vida acontecia.

|A 4ª casa: da intimidade e o abrigo como falta dela

*Minha casa são meus retratos minha casa é
meu martelo minha casa é meu manuscrito
minha casa é meu colar de contas verdes de
vidro tiraram-me tudo e no entanto me
sobra muito (...)*¹⁸¹

Fomos embora. Adriana me levou para conhecer o seu marido, o pai de Dayana, sua filha. "Eu e ele, a gente alugou um cantinho, e aí eu fiquei grávida dessa abençoada, e ele não deixava faltar nada pra gente". Aquela casa era por si só a representação dos afetos de Adriana e de suas possibilidades de futuro. Um espaço que abrigaria sua família - seu marido e sua filha, que dali alguns meses nasceria.

Na mesa pequena ao lado da cama, uma toalhinha exibindo o porta retrato de sua filha após seu nascimento. "Mesmo com um quarto só, um banheiro e uma cozinha, era o nosso cantinho e também seria o dela". De repente fomos atropeladas por uma lembrança dolorida, o sonho da família havia sido interrompido - seu marido havia sido assassinado. Doeu e como doeu. O semblante de Adriana já não era o mesmo, ela observava sua barriga que há três meses carregava seus sonhos, suas possibilidades de felicidade, sua filha. Agora estava sozinha; não, não estava - agora a família era ela e sua filha. A força, naquele momento, também ressurgiu do útero assim como a da Rose quando ela precisou entregar sua filha, pois dali a alguns meses ela seria a responsável pelas possibilidades de felicidades e do futuro da Dayana.

¹⁸¹ MARQUES, Ana M. 2017.

"Depois de tudo que aconteceu com o pai dela, eu pensava que a família dele fosse me ajudar, mas eles foram os primeiros a me criticar, disseram que não ia me ajudar porque não sabia nem se era filha dele claro que era filha dele! -, então depois que ele morreu minha vida acabou, eu fiquei desempregada, não conseguia mais pagar o aluguel, minha família tinha voltado pro Recife e eu não tinha pra onde ir".

Depois do desespero e do desamparo sofrido por Adriana, ela descobriu que existia uma casa de apoio a mulheres com crianças: *"então, pra não perder a Dayana ou morar com ela na rua, eu fui pra esse abrigo"*, assim, seguimos para lá. Adriana morou mais de um ano nesse abrigo, relatou que não era um lugar bom e nem ruim, porque o bom mesmo *"é a gente tá no nosso lar, que mesmo com pouca coisa é nosso"*, ou seja, não era o espaço dela, não era a casa dela e uma certeza ela tinha: *"não é essa vida que eu quero pra Dayana"*.

Dentro do abrigo, Adriana teve contato com diversas mulheres de diferentes lugares, e relatou um espaço de conflito: *"tinha mulher de todos os lugares, e aí algumas mães achavam que porque o filho apanhou ele tinha que bater também, e criança, você sabe, eles tão brincando e ao mesmo tempo tão se engaranhando e as mães não entende isso. Então o problema não era o lugar, mas sim as pessoas que tavam lá, porque as diferenças sempre acabavam em briga feia no quarto"*.

Um espaço de conflito, que retirava qualquer possibilidade de intimidade, devaneio, descanso e liberdade de Adriana e de sua filha, assim como das demais mulheres que ali viviam - era apenas um abrigo. Só isso. Um abrigo. Entramos no quarto grande, com várias beliches e berços. Encostado na parede, um armário de metal com pequenas portas, onde cada moradora tinha direito a uma porta e uma chave para trancá-la. Aquele espaço funcionava como o cofre de Adriana, onde ela guardava o

pouco que tinha e as roupinhas de sua filha. Parecia ser o único espaço seguro em meio a tanta insegurança.

As paredes eram brancas e os únicos elementos que traziam cor para aquele ambiente eram alguns brinquedos disponibilizados para as crianças. A impressão que tive diante daquele ambiente tão branco é que talvez fosse uma tentativa de amenizar tantos conflitos existentes. A paz que, para a Adriana, sempre foi representada pelas cores do fuxico.

Dezembro de 2016. Pegamos suas coisas guardadas na caixa de metal e fomos rumo à Ocupação Armênia. Enquanto estava no abrigo, Adriana conheceu uma mulher que passou o contato da Josélia. *"Ela falou "aproveita que você tá com esse bico e ganhando 300 conto e fala com a Jô e com a Rose, que elas são umas ótimas pessoas". Eu falei pra elas que eu só podia dá 200 e elas aceitaram. Cheguei aqui só com a roupa do corpo, eu não tinha uma cama pra dormir, nem televisão, nem nada, nada, nada. Mas aí teve uma irmã que me levou na assistente social e eu fui conseguindo as coisas um pouquinho de cada vez".*

Era um novo começo para a vida que um dia Adriana pensou que havia acabado - ela estava mais viva do que nunca, e disposta a lutar pela sua moradia digna.

3.3 | Dona Nilsa

Terça-feira. Linha azul do metrô com problema, longos dez minutos dentro do veículo sem movimento, o braço dolorido de ficar esticado segurando a barra de ferro gelada, mas a grande preocupação que ocupava os pensamentos era de que eu não queria perder a viagem até a Bahia com a Dona Nilsa. Eu tinha pouco tempo, já estava quase na hora de ela sair para vender seus cocos. O apito do metrô indicando que as portas fechariam finalmente é ouvido.

Cheguei. Dona Nilsa estava ali no saguão de entrada da ocupação me esperando: *"Que bom que você veio! Só que não deu tempo de arrumar a casa, eu trabalhei o dia todo e daqui a pouco tenho que volta pra vender os cocos"*. Fui recebida com um sorriso,

com um abraço e uma voz tranquila e doce, daquelas que só as avós possuem. Dona Nilsa, uma jovem de sessenta anos com dois filhos, que se orgulhava em dizer que estavam terminando a faculdade. Também conhecida na ocupação por ser a avó de todos, é ela quem ajuda a Adriana com o bebê que acabou de nascer: “*ah não sei o que eu faria sem ela, ela apareceu na hora certa e cuida da gente*”¹⁸². Uma história de vida que poderia ser um livro – esse é o segundo sonho da Dona Nilsa, ter sua história contada em um livro.

Ela me convidou para entrar. Seu espaço era novo ali na ocupação, ela ainda estava tentando organizar o lugar de cada coisa que dividia a área. Sentei em uma cadeira na sala que também era cozinha, Dona Nilsa não tinha um sofá, mas naquele espaço o que não faltava eram possibilidades e esperanças. Em um ambiente escuro, suas histórias iluminavam.

|A casa: nasce nas águas

*Lar, ela pensa,
é sempre lá (talvez, lançar-ser).* ¹⁸³

Nossa viagem começou no hospital, estávamos em um quarto com o pai e a mãe de Dona Nilsa, a mãe sentindo a dor do parto de uma criança que não estava preparada para nascer – pelo menos não naquele lugar. As lágrimas escorriam pelo rosto da mãe de Dona Nilsa enquanto o pai segurava forte sua mão; pareciam compartilhar aquela dor em seus corpos.

Esperamos alguns minutos, quando o médico entrou no quarto e disse que não havia mais nada a ser feito, que a criança não conseguiria nascer e que as chances da mãe sobreviver eram pequenas. “*E aí eles tentaram tudo e não conseguiram, aí falou com meu pai, que era pra meu pai pegar e ir pra casa, que ia morrer as duas em casa*”.

Ao mesmo tempo em que a tristeza invadia, a fé e a esperança os confrontavam. Observamos o pai da Dona Nilsa

¹⁸² Adriana, moradora da ocupação Armênia. Março, 2018.

¹⁸³ MARQUES, Ana M. 2017.

ajudar sua mãe a se levantar e seguirem juntos de volta para a casa. Paramos em frente ao Rio Pardo na Bahia, *"um rio lindo, nunca secou esse rio, todo rio seca, menos ele, ele não seca"*; as águas tranquilas pareciam resistir àquela paisagem quente e seca.

Era um dia quente, o ar estava quase estático, difícil de respirar. Dona Nilsa se abaixou, colocou as mãos dentro do rio e passou as mãos molhadas na nuca. As gotas escorreram por dentro da roupa fazendo caminho também no corpo enquanto seu pai pedia ao rio a ajuda que precisava.

Na paisagem, uma senhora surgiu e disse: *"essa criança não nasce na terra, nasce nas água, essa criança tem uma pureza diferente de todo mundo"*. Mesmo com medo de perder sua família, seu pai pegou a canoa. *"Chamava de escaler, pegava uma árvore e fazia uma canoinha e ali ele pescava, que era nossa sobrevivência essa pescaria que ele fazia, meu pai que era maravilhoso também. Aí ele disse 'então vamo bora colocar ela nessa canoa'".*

Ao chegar próximo de uma cachoeira, as ondas ocasionadas pela queda das águas fizeram com que a popa da canoa batesse contra elas, espirrando aquela água gelada dentro do barco, e foi naquele momento, naquele movimento, que Dona Nilsa nasceu. Tive a sensação de que as gotas de água espirradas dentro do barco fizeram caminho no corpo da mãe e guiaram Dona Nilsa para o caminho que esperava ela do lado de fora. A filha das águas, que, assim como aquele rio, resistiu à seca.

*A porta
como toda fronteira
é apenas para se atravessar
um corpo a corpo
e já se está do outro lado
dela nascem o fora e o dentro
ela que é seu vazio.*¹⁸⁴

Após o nascimento, começamos a caminhar pela beira do rio até a estrada de terra, o sol estava a pino, mas a brisa do rio refrescava. Chegamos a Mascotes, cidadezinha no interior da Bahia, e, em uma rua de terra que se chamava Areia, estava a casa em que Dona Nilsa viveu até os três anos de idade.

Na memória da primeira casa em que Dona Nilsa viveu, fomos recebidas pela sua mãe e, naquele momento, vi a saudade transbordar e criar caminhos para dentro da casa: *"queria poder abraçar minha mãe, minha mãe era tudo na minha vida. Minha mãe foi uma mãe muito boa, nunca deixou a gente por nada quando meu pai morreu"*.

Entramos. Dona Nilsa rememorou a casa de madeira, uma madeira escura que ela não soube dizer de onde veio o material e quem havia construído aquela casa. Disse apenas que sua família era bem humilde e que não possuíam quase nada.

Na sala, não havia muito a ser visto; não havia cores nas madeiras, elementos decorativos, sofá ou móveis. Caminhamos até o quarto onde os móveis e elementos decorativos também eram ausentes; não havia cama, berço, tapete ou cortinas. Mas, mesmo no vazio e na ausência, no espaço que sobrava existia presença e memórias. Era preciso enxergar para além do vazio.

¹⁸⁴ MARQUES, Ana M. 2009.

As memórias começaram a emergir, e Dona Nilsa compartilhou sobre o dia em que seu pai trouxe ela e sua mãe para casa após seu nascimento nas águas:

"aí ele pegou eu e colocou assim em cima de uma tarimbazinha de madeira"; quando entramos no quarto, logo no canto estava a tarimba - um pedaço de madeira marrom com um pano em cima -, não era um berço, mas era ali que Dona Nilsa dormia.

Ela recordou também do cachorro de seu pai, um cachorro grande chamado Baião, e o quanto ele fazia companhia para a família. Os sorrisos no rosto de Dona Nilsa começaram a surgir no momento em que ela se recordou das histórias que sua mãe costumava contar sobre o cachorro ter ficado ao lado da tarimba enquanto ela era bebê e dormia.

Percebi que o espaço que sobrava naquela casa, o qual não era ocupado por móveis e elementos decorativos, era povoado pelas experiências vividas. Um espaço que, ao mesmo tempo que era abrigo, também era proteção - não apenas ao corpo, mas proteção para seus afetos, suas memórias, suas vivências. Foi possível perceber que, para Dona Nilsa, aquela casa não se caracteriza pela ausência de coisas, mas pela presença da proteção de seus pais. Uma casa que possibilitou seu crescimento e a construção de um lar.

Continuamos caminhando pela casa, quando nos deparamos com uma memória triste - uma menina pequena, encolhidinha na sala. Era Dona Nilsa, ela estava com 3 anos de idade e tinha sofrido a sua primeira perda: seu pai. *"Meu pai teve um problema de saúde, foi até Salvador, e lá chegou a falecer com 27 anos. Eu fiquei com 3 anos, eu e minha irmã, que chama Maria da Ajuda. Aí minha mãe, como era jovem ainda, conseguiu o segundo casamento, aí foi morar com um rapaz de 17 anos e aí nós fomos morar nessa casa"*.

Em alguns momentos, é possível perceber que as memórias das casas da Nilsa se emaranham, se encontram, se separam. Assim como o movimento das águas, os detalhes das casas em que viveu vêm, vão e, algumas vezes, eles se fundem.

"Eu lembro como hoje ainda, Rua da Areia o nome da rua. Fomo morar numa casinha bem de táubua, bem pobrezinha, bem assim fragilzinha, mas não tinha assoalho nessa época, era táubua e nós moramos".

Os passos seguiram por um caminho de terra contornado por árvores, lá longe uma cerquinha. Ao outro lado da cerca, a segunda casa de Dona Nilsa. Paramos em frente à casa¹⁸⁵. Ela se lembrou que era uma casa grande, com sala, cozinha, três quartos e, no fundo, um quintal cheio de árvores, plantas, terra, horta. *"Não tinha nada na casa, mas eu brinquei muito, acho que foi lá que aprendi a andar"*.

Ela abriu a porta de sua casa como quem abre uma caixinha de surpresas - naquele contexto, suas mãos seguravam uma caixinha de memórias. Entramos em uma sala grande, com dois banquinhos de madeira e uma mesinha com um rádio ligado; a novela havia começado.

Dona Nilsa contou que o rádio era de sua mãe e que ela ouvia enquanto limpava a casa, pois naquele tempo eles não tinham televisão. Sentamos nos banquinhos. Sua mãe estava limpando a sala enquanto ouvia a novela. Ficamos em silêncio para que ela não perdesse nenhum detalhe. A mãe de Dona Nilsa pediu que levantássemos os pés para ela passar a vassoura: *"ela sempre pedia pra gente levantar os pé ou ir brincar enquanto ela limpava"*. Esperamos ela terminar, enquanto isso continuamos observando os elementos que estavam ao alcance dos olhos.

As paredes da casa eram de madeira, *"não chegaram nem a pintar, era cor natural da madeira mesmo, não tinha*

¹⁸⁵ Ao caminhar por essa memória da Dona Nilsa, percebi que algumas características dessa casa se assemelhavam às construções mucambas, como a utilização de materiais da região na fabricação de suas casas – a madeira natural –, o telhado de duas águas, as esteiras de palha utilizadas no descanso, o fogão a lenha, as panelas de barro, a pouca mobília dentro das casas.

pintura nenhuma. O piso era de assoalho, de táubua". Ao rememorar os detalhes de sua casa as características e os elementos visuais que suas memórias traziam à tona -, comecei a refletir sobre as frases "*cor natural da madeira*" e "*o piso era de assoalho*", detalhes que também estavam presentes na primeira casa.

A impressão que tive era que a cor natural da madeira camuflava aquela casa na paisagem natural, e é como se o assoalho de madeira guardasse a terra embaixo dele. Naquele cenário, conforme Dona Nilsa reavivava suas memórias, parecia que as características de sua casa eram tão naturais, que não havia a necessidade das pinceladas de tinta nas paredes, não havia nada a ser escondido e remediado.

O assoalho de madeira, além de guardar a terra, era a base sólida para os pés da família, era sobre ele que todos caminhavam dentro do espaço da casa. Esse elemento não apenas representava uma certa qualidade do morar, mas representava também as possibilidades de caminhos.

As estrias da madeira crua, utilizada tanto no assoalho quanto nas paredes, formavam longas linhas que iam do chão ao telhado, de um lado da parede ao outro, atravessavam os cômodos e chegavam ao quintal. As estrias que desenhavam linhas não tinham começo, nem meio e nem fim. Estavam presentes dentro e fora daquele espaço e seguiam por todas as direções.

A limpeza da sala terminou, já era hora do almoço. De repente, sentimos no corpo o calor de uma memória aquecida pelo fogão a lenha localizado no canto da cozinha junto com um armário velho de madeira. "*Nessa época, eu pescava uns peixinhos, piabas, o que a gente mais comia era isso*"; assim como a Rose, Dona Nilsa e suas irmãs pescavam seu alimento, uma prática herdada de seu pai, que era pescador.

A mesa, presente nas trajetórias da Rose e da Adriana, se configurava por ser o local onde as refeições

eram realizadas e as relações familiares fortalecidas. Na casa de Dona Nilsa, apesar de a mesa exercer a mesma função que na casa da infância de Rose e da Adriana, as refeições também eram realizadas nos banquinhos da sala ou no chão da cozinha, e até mesmo no chão do quintal, pois as relações familiares se fortaleciam e tomavam os cômodos como as raízes.

Continuamos. O rádio ainda estava ligado na sala, mas agora a sua mãe estava preparando o almoço. Eu nunca comi piaba, mas pude sentir o cheiro dela sendo cozida no fogão a lenha, um cheiro misturado com o da cebola sendo frita para a preparação do arroz em uma panela de barro. *"Enquanto minha mãe fazia comida, ela sempre falava pra gente ir na hortinha que tinha no quintal pegar algum legume, a gente tinha de tudo na horta, batata, mandioca, cebolinha"*. Piaba pescada, panela de barro, fogão a lenha, madeiras.

Após o almoço, caminhamos até os quartos; *"eram quartos grandes, não tinha quase nada, mas era grande"*. Um era do padrasto e da mãe e outro era dela e das cinco irmãs. No quarto da mãe de Dona Nilsa, havia um baú grande e marrom onde eram guardadas *"as roupas e outras coisas que ela queria"*.

Ela não deu detalhes sobre o baú, talvez porque ela não sabia ao certo quais coisas sua mãe de fato guardava além das roupas, mas aquele móvel parecia guardar a intimidade que acontecia naquele espaço, os pequenos tesouros de sua família, pequenas coisas materiais que se entrelaçavam a pequenas coisas (ou grandes, simbolicamente).

Outro elemento presente naquele espaço era a cama de madeira parafusada na parede, contida, sem movimento, *"era cor de madeira mesmo"*, não havia colchão; a mãe e seu padrasto colocavam esteiras para poderem dormir naquela cama.

No quarto da Dona Nilsa e de suas irmãs, o cenário se repetia: *"era uma cama de casal de madeira também. Não*

tinha colchão, não tinha nada, a gente botava assim tipo uns sacos. Então três dormiam nessa cama e três dormiam nas esteira no chão, a esteirona era até boa pra dormir. Simplicidade da vida, né?”.

Continuamos a explorar a memória da casa. Voltamos para a cozinha, onde estava localizada a porta que dava acesso ao quintal. Ao atravessarmos essa porta, fomos recebidas por uma memória divertida de observar: a mãe de Dona Nilsa criava galinhas, que, naquele momento, pareciam fazer festa no terreno. Algumas corriam de um lado para o outro na tentativa de escapar das crianças que corriam atrás delas; outras galinhas corriam atrás das crianças, enquanto algumas irmãs da Dona Nilsa corriam para se esconderem dos animais; *“tinha galinha que era bem brava e a gente fugia delas”.*

Ao redor do quintal, um *“cercadinho de pau, de madeirinha”* delimitava o espaço e tudo que havia no terreno. Eles não tinham vizinhos, as casas eram bem afastadas umas das outras, mas a cerca estava ali como proteção para tudo que estava dentro daquele espaço. Sentamos em cima da cerca. Ficamos ali por alguns minutos sentindo o vento quente que dançava entre a gente e fazia as folhas das árvores dançarem também. Era um dia de sol, os pés começaram a transpirar; descalçamos os sapatos e pisamos na terra que, apesar do sol quente, devido às sombras das árvores permaneceu fria. Foi um alívio descalçar aqueles sapatos em um lugar onde a própria natureza parecia cuidar com carinho de todos que viviam naquele espaço.

Descalças, caminhamos pelo quintal e Dona Nilsa relembrou a horta de sua mãe, uma horta verde, bonita, com verduras, legumes, temperos. Era aquela horta que alimentava sua família e, mesmo em tempos de seca, *“a hortinha vivia, fazia sol ou chuva, chuva quase nunca, mas a horta ficava firme, minha mãe cuidava muito”.*

Todos os dias sua mãe e suas irmãs reservavam um tempo para cuidar da horta. Era um quintal de cuidados,

tanto da parte da natureza, que precisava viver para que eles sobrevivessem, quanto da parte da família, que cuidava para que isso acontecesse. Era uma resistindo pela outra e ambas resistindo à paisagem.

Olhamos para o pomar. Embaixo de uma das árvores, estavam as irmãs de Dona Nilsa brincando e confeccionando bonecas de pano enquanto ela voltava do rio que ficava próximo de sua casa; *"eu lembro que eu ia pra um rio, lá eu pegava uns brinquedinhos, chamava murugu, que parecia umas galinhazinha, e fazia também as bonequinhas de pano"*.

Como sua família não tinha condições de comprar brinquedos para suas filhas, a solução era confeccionar as próprias bonecas. Bonecas de todas as cores que os retalhos possibilitavam. Enquanto das mãos da mãe e da avó de Adriana nasciam flores, das mãos daquelas meninas, a partir dos retalhos, nascia a infância, onde era possível atravessar a fronteira para um universo imaginativo. Dona Nilsa contou que a habilidade de confeccionar bonecas de pano elas aprenderam com sua irmã mais velha, que, por sua vez, aprendeu com uma amiga costureira. Contou ainda que os retalhos eram de roupas que elas cortavam: *"as roupas eram poucas também, né, mas a gente pegava e cortava pra fazer as bonequinhas"*.

Do velho nascia o novo, nada era desperdiçado, tudo era reaproveitado e transformado em possibilidades. Cada pedaço de tecido costurado na confecção das bonecas era um pedaço de vida e de história que, ao ser costurada, ganhava um corpo novo, renascia e se fazia presente na infância de Dona Nilsa e suas irmãs.

Ao mesmo tempo em que levavam uma vida simples, foi naquela casa, com todas as suas coisas e as pequenas delicadezas do cotidiano, que ela sentiu o que era um lar. Foi naquele espaço que ela criou e fortaleceu suas raízes, permitindo dessa forma que elas se espalhassem pelo terreno e criassem seus próprios caminhos na casa,

na terra, na vida. As raízes nunca foram contidas e seguiram em direção à próxima casa.

|A 2ª casa: que vai

*A casa sonha um jardim de roseiras desordenadas
sonha a madeira a cal a sesta
sonha o vidro e sonha pequenos animais ariscos
adormecendo nos cantos.*¹⁸⁶

Saímos da região rural em que Nilsa morava e fomos para a cidade de Camacã. Ali, de acordo com ela, foi a sua segunda casa; *"eu já tinha 14 anos quando fui morar com a minha mãe, meu padrasto e minhas irmã naquela casa"*.

Estávamos diante de um barraco de madeira. Na sua fachada, não havia nenhum tipo de acabamento; ela contou que foi seu padrasto quem construiu e que, dessa vez, o material escolhido não estava relacionado à matéria prima existente nos arredores do quintal de sua primeira casa, mas sim ao valor acessível dele.

Abrimos a porta. Era uma porta de tapume presa por dobradiças enferrujadas, que faziam barulho todas as vezes que aquela porta era aberta ou fechada. O barulho das dobradiças, quase como campainha, alertava a família das chegadas e partidas.

Entramos. Era um barraco com apenas um cômodo, *"não tinha nada, não tinha nada no barraco, depois nós conseguimos uma cama, né, que naquele tempo as cama era tudo feito de madeira e a gente colocava as esteiras"*.

As camas de sua primeira casa estavam *"pregadas com pregos"* nas paredes e, por esse motivo, sua família não conseguiu transportá-las para a nova casa, elas ficaram para trás como testemunhas de um cotidiano vivido naquele espaço. As camas abandonadas não haviam sido *"largadas"*, mas deixadas como vestígio para as próximas

¹⁸⁶ MARQUES, Ana M. 2009.

pessoas que ocupassem aquele espaço de que ali existiu história, presença, afetos e construção.

De volta ao barraco. Não havia divisão de espaços dentro dele; em um canto estava a cama de casal que a família havia ganhado de doação, no outro canto um *"fogão de verdade que acendia, mas só que era aquele fogãozinho de uma boca, né, aquele bujãozinho pequeno"*. Quando Dona Nilsa contou sobre o *"fogão de verdade que acendia"*, entendi que aquela casa não apenas representava as dificuldades que eles estavam vivendo no momento, mas também o distanciamento com os elementos da natureza e com o cotidiano que ela estava acostumada, já que em sua casa anterior sua família coletava os pequenos pedaços de madeira para colocar no fogão a lenha, enquanto que, naquele novo barraco, não havia a possibilidade de construir esse tipo de fogão.

Então, ao mesmo em tempo que aquele fogão representava uma solução prática dentro do espaço, também era a evidência de um cotidiano transformado pela necessidade e pela paisagem em que eles viviam agora.

Conforme as memórias iam surgindo, o tempo também ia passando. Aos poucos, o espaço do barraco foi crescendo: *"aí crescemos mais um pouquinho o barraco e ficou com dois cômodos, eu lembro que ele era de assoalho, né, em cima e embaixo, que, quando nós chegamos, ele era só em cima, embaixo não tinha nada, só uns pau segurando, e nós fizemos outro cômodo, que foi debaixo"*.

O tempo passou. O barraco havia se transformado em sobrado - em baixo estava localizada a cozinha e em cima o quarto da mãe e do padrasto. Na cozinha, o fogão de uma boca estava no chão ao lado de um armário de madeira já desgastado pelo tempo. Estrategicamente localizada no centro da cozinha estava uma mesa que sua família havia improvisado *"nós colocava pau assim do lado e botava as táua, tipo uma tarimba, né, chamava tarimba"*.

Digo que a mesa estava estrategicamente localizada no centro, pois, ao ouvir Dona Nilsa relembrar sobre as

coisas de sua mãe que ficavam sobre a mesa, comecei a perceber que talvez fosse uma forma da mãe de lembrar a todos as experiências vividas na casa anterior.

Cada elemento presente naquela mesa parecia representar uma saudade: *"tinha uma jarrinha de barro, ela tinha muitos ano, minha mãe, ela gostava também daqueles biscuit, né? Aquelas coisinha, era um galinho, um porquinho, aquelas coisa"*. A jarra de barro guardava o cheiro das piabas sendo cozidas no fogão a lenha, os biscuits de animais traziam as lembranças das galinhas correndo pelo quintal, mas, principalmente, do cuidado que a família tinha com seu quintal.

A mesa era uma mobília multifuncional - se adaptava conforme as necessidades da família. No momento em que a mãe de Dona Nilsa começava a preparar as coisas para poder fazer a comida, ela colocava o fogão de uma boca em cima da mesa; os enfeites dividiam espaço com os pratos e, com os braços sobre a mesa, *"tira o cotovelo da mesa, minha mãe falava"*.

Ou seja, uma mobília que estava ali no centro da cozinha, no centro da família. Sua multifuncionalidade afetava diferentes dimensões, tanto materiais, ao sustentar as coisas, quanto simbólicas, ao sustentar elementos que reavivam as memórias e saudades da casa anterior.

O próprio espaço da cozinha também era multifuncional, pois, como havia apenas dois cômodos no sobrado, no período da noite, era preciso transformar a cozinha em espaço de dormir para Dona Nilsa e suas irmãs. A mesa era deslocada para o canto e as esteiras onde elas dormiam tomavam conta do assoalho do chão.

Subimos as escadas improvisadas com pedaços de madeira que estavam instaladas do lado de fora da casa, não havia corredor. As escadas levavam direto à porta do quarto de sua mãe e de seu padrasto. Dentro do quarto, apenas a cama que ganharam de doação e o baú que eles trouxeram da casa anterior - depois de tudo que foi

vivido naquela casa, acredito que a quantidade de tesouros que aquele baú guardava havia aumentado, mas que ainda sobrava espaço para as memórias que estavam se construindo naquele sobrado.

Retornamos para a área externa da casa; dessa vez, não havia quintal. O que havia eram vários barracos um do lado do outro e, às vezes, quase um por cima do outro. Não havia pavimentação na rua, nem árvores, nem pés de frutas e nem galinhas correndo. Espaços comprimidos pelas madeiras, pelas pessoas. Agora a família de Dona Nilsa tinha vizinhos.

Ouvimos a voz da mãe dela chamando para tomar um café, os enfeites da mesa deram espaço para os copos e a garrafa de óleo, que, na falta de uma garrafa térmica, se tornou o recipiente para abrigar o café quente.

Na cozinha não havia pia para lavar a louça e na casa não havia banheiro. Ao terminar o café, a mãe de Dona Nilsa começou a colocar a louça dentro de uma bacia de alumínio, enquanto na outra bacia as irmãs colocavam as roupas sujas. A família também pegou antigas latas de tinta utilizadas no armazenamento da água. Fomos para o rio Peixoto, o rio onde tudo seria lavado e a água seria coletada para que pudessem beber.

"Tudo era lavado lá, trazia a água na lata na cabeça, a gente brincava, tomava banho lá também. Já ia todo dia lavar as coisa, já vinha tudo tomado banho". O rio, mais uma vez, era um elemento importante na vida da família de Dona Nilsa, do cotidiano e da manutenção desse cotidiano. Mesmo longe da área rural, as águas pareciam acompanhá-la por onde ela fosse. As roupas foram lavadas, a água foi coletada e as crianças estavam todas de banho tomado. Voltamos.

|A 3ª casa: que vem

*ela aqui se sente mais exposta
mais exterior do que interior
como se a casa não fosse doméstica
como se morar fosse uma afronta
à intensidade do dia.¹⁸⁷*

Nos despedimos daquelas memórias e, ainda na mesma cidade, caminhamos até a terceira casa de Nilsa; *"fui morar em outra rua, na mema cidade, mas eu fui morar numa casinha melhor, que aí eu consegui um trabaio, né?! Eu trabalhava na feira pra pagar o aluguel"*. Ao chegarmos, já foi possível notar que a fachada da casa era de alvenaria e não possuía acabamento, *"frente era de tijolinho e as laterais e dentro era de táubua"*.

Dona Nilsa chamou pela mãe, que abriu a porta e nos convidou para entrar. Diferente das salas anteriores, essa era mais povoada pela mobília. Sentamos no único sofá que havia na sala, que dividia espaço com uma cama - as esteiras já não eram mais estendidas no chão e sim no estrado da cama.

Mais uma vez, não havia cortinas, não havia tapetes; no entanto, Dona Nilsa explicou que sua mãe não gostava de tapetes: *"acho que ela achava que era ruim pra ficar limpando"*. No centro da sala, havia uma mesa que ela ganhou de sua madrinha junto com um móvel *"que a gente bota a televisão"*, mas, naquele tempo, sua família não possuía uma televisão, então, ocupando toda a superfície do móvel, estavam os enfeites de sua mãe e seus caqueiros de plantas.

Percebi nessa viagem à terceira casa que, conforme a vida foi melhorando, mais o espaço foi sendo ocupado por coisas, ao mesmo tempo em que estava cada vez mais distante das características da primeira e segunda casa,

¹⁸⁷ MARQUES, Ana M. 2017.

alguns elementos se faziam presentes e outros haviam sido restituídos.

Ainda na sala, Dona Nilsa fez questão de me mostrar em sua memória o chão, "*o piso era de piso, não era mais assoalho, era aquele piso vermelho*". Após os detalhes das casas anteriores, aquele vermelho¹⁸⁸ do chão, já não era de "*cor de madeira*", mas ainda lembrava a cor da terra. O piso vermelho estava ali tomando todos os espaços da casa, dialogando com as madeiras das laterais, que também dialogavam com a fachada de tijolos na entrada da casa e com o povoamento das mobílias.

Parecia um grande diálogo entre os elementos que eram experiências novas para a família e os elementos que estiveram presentes durante a trajetória que seguiram. Outra novidade era a presença de energia elétrica e tubulação de água, assim já não dependiam das lamparinas e do rio.

Fomos até o quarto. Dona Nilsa abriu a porta e a primeira coisa que fez foi ligar a luz que iluminou todo o ambiente. Naquele espaço, a configuração e a localização da mobília eram semelhantes às das casas anteriores, mas com a diferença de que, assim como a sala, o quarto também estava mais povoado por coisas.

Agora o baú ficava ao lado de algumas caixas de papelão que eram utilizadas para guardar as roupas, os lençóis e as cobertas "*era velhinhos, que as pessoas doavam pra gente, roupa e lençol, cobertor*". A cama de madeira de sua mãe e seu padrasto havia resistido à mudança de casa e estava ali, com a esteira esticada sobre ela, aguardando o momento de descanso.

Apagamos a luz e fomos para a cozinha, que também manteve uma configuração semelhante: o armário de

¹⁸⁸ Quando eu olhei para o chão e para as transformações existentes entre uma casa e outra, pensei sobre o vermelho do chão, e o que me veio à cabeça foi que aquela cor era justamente a cor da luta do movimento de moradia digna que, mais para frente, Dona Nilsa viria a fazer parte. Interessante como os caminhos vão surgindo, ressurgindo, deixando vestígios.

madeira, a mesa no centro - uma tarimba maior que a anterior -, os enfeites ainda estavam sobre a mesa e agora também o fogão de uma boca.

Nessa casa ainda não havia pia na cozinha e nem banheiro, no entanto, o quintal havia sido devolvido àquela família, e era nele que a limpeza da louça, da roupa e o banho aconteciam: *"A gente ia no quintal, tomava banho no quintal, que tinha água, né?! Lavava os pratos no quintal, debaixo de um pé de árvore, eu lembro como hoje. Tinha um pezinho de árvore, né, a gente fez uma mesinha lá, e lá lavava roupa, lavava pratos, tomava banho, minha mãe tinha uma mangueira"*.

Essa última memória que ela contou foi responsável pelo resgate de outra memória, onde, mesmo com 18 anos, vestígios da infância de Dona Nilsa ainda estavam presentes; ela contou que ainda brincava e fazia as bonecas de pano com suas próprias mãos.

A impressão que tive ao olhar para aquela memória foi que a falta de quintal da casa anterior interrompeu uma parte da infância dela e das irmãs, pois não havia espaço para brincarem e fazerem as bonecas de pano, era como se aquilo que foi interrompido precisasse ser vivido da maneira como deveria ter sido se tivessem continuado na primeira casa. Era preciso ter aquele tempo e aquele espaço de volta. O novo quintal permitia isso.

Havia poucas árvores no quintal, mas havia muitas latinhas com plantas, os caqueiros da mãe de Dona Nilsa, que, além de *"enfeitar a casa, porque não tinha nada pra enfeitar"*, pareciam ser pequenos fragmentos do antigo quintal. Agora o chão era de cimento, que sufocava o solo, então a única possibilidade de vida das plantas era naquelas latinhas. A família de Dona Nilsa sabia bem o que era resistir a um espaço pequeno, longe da terra, onde as raízes eram contidas.

Aqueles caqueiros não apenas representavam a resistência, mas também representavam uma parte das memórias da família e da esperança de um dia terem um

espaço como o da primeira e segunda casa para viverem; não que aquela casa fosse um lugar precário onde a família não estivesse feliz, mas foi na primeira e na segunda casa que os pés se sentiram confortáveis em correr no chão de terra, o alimento estava ao alcance das mãos e as raízes não eram contidas – ocupavam todos os espaços.

|A 4ª casa: da patroa e do colchão

*Sendo, minha casa é a memória da casa
demolida, o cão que eu não tive
a parte que não entendo.¹⁸⁹*

Fomos transportadas para Itabuna, sul da Bahia. Dona Nilsa estava com 19 anos, havia se mudado da casa de seus pais para a casa de sua patroa em troca de estudo e alimentação. "Aí consegui uma casa pra empregar, né, tinha uma médica, ela era médica e era dona de uma casa de ferragem lá em Itabuna, faca, prego, essas coisa. Casa de ferragem. E aí fui trabalhar de doméstica com ela, pela comida e pelo estudo, né, aí eu estudei". Uma situação vivida por diversas trabalhadoras, onde o preço pela força de trabalho se torna o abrigo, a alimentação e o estudo, ao invés de um salário.

Em todas as experiências relatadas pela Dona Nilsa, ela se mostrou forte e, mesmo diante das dificuldades, os detalhes de suas casas expostos por ela sempre surgiam com uma leveza inacreditável. Além da perda de seu pai, nada a deixava triste e todas as dificuldades se transformavam em possibilidades. Era como se ela apenas enxergasse o que havia de bom naquelas situações vividas. Uma mulher corajosa, que ali, na casa da patroa, estava aprendendo como o mundo funcionava e

¹⁸⁹ MARQUES, Ana M. 2017.

que mais para frente, na luta, iria aprender o que aquela situação representava.

"Tinha só isso mesmo no quartinho, lá na casa dela era um luxo, tinha tudo, né". Entramos no quartinho. Um quartinho nos fundos, uma penteadeira com gavetas, uma cama de solteiro; "foi quando eu dormi a primeira vez num colchão". Dona Nilsa havia experimentado pela primeira vez em sua vida a sensação de não dormir em uma esteira, "depois disso só dormi em colchão". O colchão representava, naquele momento, suas possibilidades de uma vida melhor.

Todas as vezes que ela contava sobre as esteiras, ela não as via como desconfortáveis ou como uma situação precária e reflexo da pobreza, pelo contrário, as esteiras eram ativadoras de memórias, era o acesso que ela tinha ao seu nascimento e à memória de seu pai.

|A 5ª casa: que vem e que vai

*minha casa é minha coleção
o de cacos
meu hábito de perder
as chaves
a pequena canção
de antes de eu nascer.¹⁹⁰*

Retornamos para Camacã, na Bahia. Agora Nilsa estava casada e tinha alugado uma casa; *"eu aluguei pra mim botar um barzinho, né, e morar. Era de táubua também. Na frente ficava o bar e a moradia ficava atrás. Era eu, meu marido, nós tava esperando meu primeiro filho".*

Estávamos em frente ao bar, um barraco de madeira com uma porta improvisada e uma janela, que também funcionava como limite entre os clientes do bar e o espaço de dentro; parafusada nessa janela havia um pedaço de

¹⁹⁰ MARQUES, Ana M. 2017.

madeira, quase como um balcão, que era utilizado para apoiar os potes de doces, amendoins e seus bolos, além dos cotovelos de seus clientes.

Ao atravessarmos a porta, as primeiras coisas de que Dona Nilsa se recordou foram a geladeira e o freezer: *"aí eu vendia as coisa lá, tinha um balcãozinho que eu vendia sanduíche, vendia as coisa, né, que era passage de pessoas, aí eu fazia bolo, vendia comida"*. Ela contou que, com muita dificuldade, guardou dinheiro para poder comprar esses dois eletrodomésticos, que ajudariam no sustento de sua família.

Fomos até a geladeira, ela abriu a porta e retirou de dentro um bolo de laranja coberto por uma calda de açúcar - uma receita que aprendeu com sua mãe -; estávamos diante de um elemento que não apenas armazenava os produtos que ela vendia, mas um elemento que armazenava algo maior: a memória e a experiência de tudo que aprendeu com sua mãe. Uma aprendizagem que a ajudou a construir seu próprio negócio, sua independência, seu sustento e o de sua família. Em cada pedaço de bolo havia um pedaço de história, um cheiro de esperança de uma vida melhor.

Na frente o bar, no fundo a casa com um cômodo. Dona Nilsa não quis entrar e também não quis falar sobre aquela casa, não naquele momento, pois estávamos vivenciando uma memória dolorida: a sua segunda perda: seu filho. *"Meu filho morreu, eu fiquei triste, desorientada, aí vendi tudo que eu tinha construído, o bar, pra trabalhar, voltei com meus irmão, minha mãe, tudo pra Camacã de novo"*. Com um nó na garganta, seguimos.

Após vender o bar, Dona Nilsa retornou para a segunda casa em que havia morado, a casa com quintal grande, com a horta, com as galinhas correndo. Ela havia conseguido juntar o dinheiro que ganhou com o bar e comprou a segunda casa em que morou.

Tive a sensação que, naquele momento de perda, ela foi ao encontro do lugar onde ela se sentiu em casa - do lar.

Voltamos para a segunda casa em que morou. Ficamos em silêncio enquanto ela sentia o chão e respirava profundamente. Ela voltou, dessa vez como dona da casa e com um colchão - já havia desacostumado a dormir na esteira. Conforme fomos caminhando pela casa, observamos que os espaços permaneciam bem semelhantes a trinta anos atrás, a diferença é que, nas paredes, o tempo se fez presente, o desgaste estava visível, assim como o parafuso espanado que já não deixava a cabeceira da cama rente à parede e os pés presos ao chão. Mas o cheiro da piaba ainda estava lá.

A casa estava envelhecendo e parecia pegar Dona Nilsa no colo e relembrar todas as histórias vividas naquele espaço, como um grande álbum de fotografias, assim como os avós costumam mostrar e contar para seus netos. Era preciso que Dona Nilsa se recordasse das raízes, das águas, das árvores que dançavam e de suas bonecas de pano para que pudesse seguir em frente. Ela foi abraçada e confortada por aquela casa. E agora era hora de partir.

"Vendi, voltei pra cá e aluguei o mesmo bar onde eu estava". Fomos transportadas novamente para o bar. A geladeira e o freezer ainda estavam lá esperando Dona Nilsa retornar com seus bolos, seus aromas e sua esperança.

Ela compartilhou o motivo que a fez retornar para a casa com o bar na frente: *"quando eu fiquei desorientada eu vim pra cá, né? Aí o tempo foi passando, não tinha nada a me oferecer, não tinha emprego, não tinha nada. Aí meus irmão, minha mãe, meus sobrinhos começaram a passar dificuldade. Como eu sempre fui a mais ativa, falei 'vamo volta pra lá de novo pra nós começar a trabalhar pra todo mundo começar a viver'". Aí minha irmã separou do marido, com 6 filho, foi tudo lá pra casa. Aí pronto, encheu a casa. Aí ficou todo mundo junto trabalhando".*

Agora aquele espaço estava preenchido não apenas pela geladeira, pelo freezer, pelos bolos, doces e salgados, mas também por pessoas, por corpos e pelo desejo de recomeçarem, de construírem um lar todos juntos.

Dessa vez, Dona Nilsa abriu a porta para entrarmos na casinha que ficava no fundo do bar; dois cômodos: sala e banheiro. No canto da sala, várias esteiras enroladas, que eram estendidas por todo o chão da casa no momento de dormir; no outro canto, o colchão que Dona Nilsa e seu filho dormiam. As paredes eram de tapume e o chão era como um quebra-cabeças de diferentes pedaços de sobras de pisos. Enquanto conversávamos sobre as cores do chão, uma memória delicada emergiu: as cores do chão estavam amortecendo as quedas dos primeiros passos de seu segundo filho. A família toda comemorou! Mesmo vivendo em um espaço onde a vida era apertada, naquele momento, para ela e sua família, "o quintal era o maior do mundo".¹⁹¹

|Entre a casa: o caminhão

*minha casa é
o cão de rua que não é meu,
que apenas acontece
de estar ali.*¹⁹²

Apesar de toda a sua família estar reunida e batalhando juntas por uma vida melhor, ela tomou a decisão de deixar seus filhos com sua mãe, para procurar novas oportunidades de trabalho e poder continuar ajudando sua família.

Agora estávamos em São Paulo, década de 90. "Quando eu cheguei em São Paulo, eu não tive onde morar não,

¹⁹¹ BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior do que o mundo**: Antologia. Rio de Janeiro: Editora Alfagara. 2015.

¹⁹² MARQUES, Ana M. 2017.

ficava dentro do caminhão de coco, dormia debaixo da lona, não tinha casa, nada pra morar”.

O barulho dos automóveis e do transporte público eram o seu despertador. O dia havia acabado de amanhecer, o céu ainda estava cinza – nada incomum para a cidade de São Paulo. Dona Nilsa começou a ajudar a descarregar o caminhão de cocos e a separar a quantidade que ela precisava vender naquele dia.

Caminhamos até a esquina que era seu ponto de venda e ficamos ali, todos os cocos foram vendidos e finalmente o dia estava terminando. O corpo dela estava cansado, talvez mais cansado ainda por saber que ela não teria uma esteira ou um colchão onde dormir e tampouco um abrigo para o corpo.

Em busca do sonho de uma vida melhor para ela e sua família, naquele momento, aquela situação em que ela estava vivendo, por mais precária que fosse, para ela era apenas uma fase, uma esperança de que algo estava por vir e que talvez uma porta se abriria. Uma mulher batalhadora que não se rendia.

Voltamos para o caminhão, era hora de dormir. *“Eu dormia dentro do caminhão. Quando ele tava muito cheio, eu dormia em cima dos coco e me enrolava com a própria lona”.* A lona ali funcionou como coberta, como proteção do frio e a possível chuva. A mesma lona que nos acampamentos e ocupações de terrenos cobre a estrutura do barraco, do abrigo e protege o corpo. Ali, a lona não cobria uma estrutura, apenas o corpo e os cocos utilizados como cama.

Dona Nilsa compartilhou que ela ficou nessa situação por meses, até que conheceu um rapaz que disse a ela sobre um terreno em Itaquera; *“aí eu fui lá e consegui um pedaço de terreno, era invadido¹⁹³, né. Aí fiz meu barraco e fui morar com meus filho e minha mãe lá”.*

¹⁹³ Dona Nilsa diz que o terreno era invadido, pois não havia nenhum Movimento Social por trás da ocupação do terreno. Contou ainda que as famílias que estavam lá não conheciam a luta por moradia e viram naquele terreno uma oportunidade de construir seus barracos para que as famílias não ficassem nas ruas.

Ela estava novamente com seus filhos e sua mãe, ali estava uma parte das casas em que viveu.

O barraco estava erguido. Dois cômodos construídos com tapume, material que ela conseguiu comprar com o dinheiro da venda dos cocos. Chegamos ao barraco e sua mãe novamente abriu a porta, entramos na sala que também era o quarto, havia duas camas, que Dona Nilsa se orgulhou em relembrar. Era a primeira vez que sua mãe dormia em um colchão, que ela também havia comprado com o dinheiro das vendas dos cocos.

Mais uma vez, não havia fotografias, cortinas ou tapetes. Mas o espaço estava povoado por coisas que representavam suas conquistas, resultado de sua luta diária para sobreviver àquela situação que começou com uma cama de cocos. *"Tinha um berço, tinha mesa, fogão, uma televisão, tinha prato, panela, luz, um banheirinho de táubua. Mas tem o vaso, tinha a pia"*. Sua descrição parecia um inventário, mas um inventário cheio de sentidos, caminhos e significados de coisas adquiridas no percurso.

Ela, sua mãe e seus filhos não haviam apenas ocupado um terreno, mas também ocupado suas vidas e seus espaços com desejos. Sua filha recém-nascida tinha um berço no canto da sala para dormir, sua mãe ainda carregava consigo o velho rádio que esteve presente desde a primeira casa de Dona Nilsa, mas agora ela também podia assistir às novelas na televisão, sentada em um sofá que dividia espaço com o berço; a luz iluminava os dois ambientes, era "um gato" a fiação do barraco. Na maioria das casas em que morou, o banheiro era improvisado, um buraco no chão, ou apenas um vaso sanitário; agora em seu banheiro também havia uma pia.

Mas o elemento que chamava mais a atenção naquele espaço era um móvel: *"tinha uma peça, que eles chama de móvel aqui, né, aí eu colocava bastante coisinha assim, biscoizinho da minha mãe, né, as coisa que ela tinha e arrumava, botava a jarrinha"*, uma prática de decoração

recorrente, que percorreu quase todas as suas casas e a acompanhou ao longo de toda a sua trajetória.

Nessa casa, as coisas colocadas em cima do móvel já não eram apenas lembrete de uma infância de pés descalços, mas também uma forma de homenagear sua mãe e tudo que ela havia lhe ensinado, um altar com as coisas dela, com tudo que ela gostava. Não havia fotografias, mas aquelas coisas pareciam ser retratos de sua mãe e de sua família, retratos de diferentes formas de resistência.

As plantas também estavam em todos os cantos do barraco, os pequenos caqueiros traziam o verde para o ambiente e, mais uma vez, a memória de onde os pés andavam descalços. Mesmo diante da tensão de viver em uma área instável que poderia sofrer uma reintegração de posse a qualquer momento, Dona Nilsa viveu naquele barraco por dez anos e foi adquirindo suas coisas pouco a pouco, construindo seu cotidiano, seus afetos, sua vida.

Aquele barraco foi o mais povoado por coisas que representavam a materialização de seus desejos de ter um lar. Ali estava presente um pouco de cada casa em que ela havia vivido, de cada possibilidade, cada experiência que a levou a seguir em frente e não se render a nada. Aquele barraco era força, eram seus braços, suas pernas e noites mal dormidas em cima dos cocos. Era o gosto de algumas realizações e o fortalecimento da esperança em ter uma moradia digna.

"Sempre encontrei dificuldade também, tempestade, mas nunca me desesperei e nem me desiludi e nem parei de ter fé diante de qualquer dificuldade na minha vida, nunca, sempre fui corajosa, sempre acredito, né, e sempre tô na luta".

3.4 | Josélia

A última viagem. Após viajar pelas memórias das moradoras Rose, Adriana e Dona Nilsa, havia chegado o momento de embarcar nas memórias espaciais da Josélia, a mulher responsável por abrir a porta na primeira vez em que eu fui conhecer a Ocupação Armênia, e que abraçou essa pesquisa com carinho. Foi ela quem me ensinou tudo aquilo que não estava nos livros sobre os movimentos de moradia e a sua luta diária.

Uma mulher de 38 anos que não é apenas a liderança do movimento MSTRN, a coordenadora da ocupação Armênia, mãe, amiga, às vezes psicóloga, outras vezes assistente social; ela é algo maior dentro daquele espaço – ela é a esperança da conquista da moradia digna por outros moradores da ocupação. O pulso que pulsa tão forte dentro do espaço que ecoa a luta para todos os corredores, sobe as escadas, rompe muros, bate de porta em porta, abre buracos, escancara janelas. Ensina a todos que quem não luta está morto!

Ela é a voz que não se cala e o exemplo de um corpo que resiste, que enfrenta, que, mesmo sofrendo a repressão, levanta a cabeça e continua lutando. A liderança que conseguiu a moradia digna, mas nunca desistiu da luta. Ela sabia que o seu papel era maior e, após a sua conquista, era a hora de ajudar na transformação de outros espaços e de outras vidas.

Terça-feira. Mais uma vez eu estava correndo para tentar chegar a tempo na ocupação Armênia e poder entrevistá-la antes que ela fosse para a faculdade, ou que uma emergência acontecesse e ela precisasse sair – correndo também. Ao chegar, a Adriana abriu a porta e pediu para eu subir as escadas e chamá-la em seu quartinho. Como seu marido havia acabado de chegar do trabalho e estava descansando, nós fomos conversar no hall de entrada do prédio.

*A trama do dia
na urdidura da noite
ou a trama da noite
na urdidura do dia.¹⁹⁴*

Sentamos cada uma em uma cadeira e começamos a conversar sobre como a vida andava corrida. Então, foi entre compartilhamentos sobre a correria e como a faculdade estava difícil, que a Josélia revelou onde nossa viagem se iniciaria: na cidade de Vitória da Conquista, no interior da Bahia.

Chegamos na cidade. A memória da primeira casa em que ela morou nos levou para uma escada com mais de 50 degraus, vários corredores e, em cada corredor, várias casas. Estávamos em um cortiço. Ela se lembrou que havia apenas um banheiro e um tanque, que eram comunitários.

Subimos os 50 degraus de dois e três degraus por vez. Chegamos à porta da casa da Jô e de sua família. *“Eram dois cômodo pequeno, o quarto era de taco e quando descia os dois degrauzinho, tanto pra entrar quanto pra sair, tinha uns três taco que eles tavam solto e eu sempre torcia o pé”*. Os tacos soltos evidenciavam um espaço sem manutenção, gasto pelo uso e, ao mesmo tempo, dolorido a cada tropeço dado pela Josélia.

Uma cozinha com um fogão de duas bocas e um quarto com uma cama de casal e um colchão no chão. Josélia contou que seu irmão mais novo dormia com sua mãe na cama e que ela e seu irmão mais velho dormiam no colchão do chão. Além do fogão, do colchão e da cama, nenhuma outra memória veio à tona sobre elementos decorativos, ou a cor das paredes, ou ainda se havia cortinas, sofá, tapetes. Qualquer coisa que remetesse a uma ideia de lar, de segurança. A memória que surgiu foi da fome que havia passado e das dificuldades vividas naquele período.

¹⁹⁴ MARQUES, Ana M. 2009.

"A gente passou muita fome, que minha mãe era... Meu padrasto tinha problema com álcool, ele era alcoólatra, e a gente passava muita fome, muita fome. Tem pessoas que fala que passa fome, ela sabe que amanhã ela vai conseguir alguma coisa, mas o meu padrasto era o único meio de sustento".

Dia de pagar o aluguel. Dia de espera. A família estava do lado de dentro, mas sabia que a qualquer momento poderia ser colocada para o lado de fora. Medo, tensão, preocupação. Dava para ver pela porta de vidro a aflição da mãe da Josélia quando a dona do cortiço bateu em sua porta para cobrar o aluguel.

"Eu lembro que, quando era o dia de pagar o aluguel, sempre aquela mulher ia na nossa porta, e eu também lembro que minha mãe abria a porta, que era um vidro no meio, e ela sempre dizia... Ela sempre dizia que meu pai não tinha chegado, ela sempre falava alguma coisa, porque meu pai sempre tava no bar".

A astúcia da mãe em contar uma história na tentativa de prolongar o tempo para conseguir pagar o aluguel ensinou a Josélia desde cedo que ela tinha que encontrar formas para resistir e não desistir, pois tudo tinha um jeito e era preciso ter esperança.

Era tanto o sofrimento naquela memória que os principais elementos que surgiram eram sobre o espaço externo do cortiço: degraus que subiam e desciam; corredores que eram verdadeiros labirintos; casas uma ao lado da outra como pequenas celas; banheiro e tanque comunitários, nada que fosse só dela; portas por todos os lados. *"De sexta-feira era o dia que a gente mais sofria, porque eu sabia que minha mãe ia de porta em porta pedir alguma coisa pros vizinhos pra gente comer"*.

A porta em sua casa às vezes era a saída daquela realidade sofrida, às vezes era o confronto com essa realidade, às vezes era fechada com a família do lado de dentro, numa tentativa de esquecer o mundo do lado de fora; mas, mesmo fechada, ela não conseguia guardar a

família por completo. Havia um vidro na porta que retirava a intimidade, os segredos, os momentos de solidão.

Já as portas de seus vizinhos representavam a sobrevivência de sua família. A cada porta em que as mãos batiam, o coração pulsava junto. A cada porta aberta por seus vizinhos, era um dia a mais que teriam para abrir e fechar a própria porta.

Ali, naquela casa, a Josélia não tinha sequer um canto¹⁹⁵ onde se refugiar com seus pensamentos, ficar em silêncio e poder embarcar em sua própria imaginação. *"Eu não gosto de lembrar daquela casa"*. Fomos embora para a próxima memória.

|A 2ª casa: construção

*uma casa, uma membrana entre o corpo e a noite.*¹⁹⁶

"Minha mãe sempre dizia que um dia Deus ia olhar pra gente, que a vida da gente ia melhorar, e a mulher pediu a casa. Rosa, o nome dela. E a gente não tinha pra onde ir". Então sua família decidiu vir tentar a vida em São Paulo. Fomos transportadas para uma memória de mudança e de transformação: o dia em que seu pai parou de beber e deixou a garrafa de bebida na porta de uma igreja. A porta mais uma vez estava ali em sua memória e, dessa vez, abriu passagem para a transformação em sua vida e de sua família.

"Aí meu pai, ele chegou em casa todo feliz. Ele chegou e falou assim pra minha mãe "olha, tem um cara vendendo um barraco lá na zona Norte, lá no Pé do Andorinha", mas a gente não tinha como, se a gente passava fome, como a gente ia comprar?".

¹⁹⁵ Para Gaston Bachelard (1978), todo canto de uma casa entendido como um espaço onde um indivíduo possa se "esconder" e permitir se entregar ao próprio pensamento é um ponto solitário. Em suas palavras, o canto é uma "negação do Universo".

¹⁹⁶ MARQUES, Ana M. 2017.

Disse que seu pai ofereceu ao rapaz que estava vendendo o barraco dois botijões de gás e um rádio *"que era na época aquele som que ligava a luz, que era top, meu pai também fazia rolo"*. O rapaz aceitou tudo em troca do barraco. *"E aí eu me lembro que a gente não tinha nada, as coisa foi tudo quebrada. Em 93 a gente mudou, a gente foi pra essa casa de madeira"*.

Chegamos na Zona Norte de São Paulo, próximo ao Mercado Andorinha. Caminhamos pela comunidade simples enquanto a Josélia contava que sua mãe ficou assustada quando soube que era uma comunidade, *"mas a gente foi"*. Não havia asfalto, os barracos de madeira – pequenos cubículos um ao lado do outro – despertavam a sensação de um cotidiano apertado, sem espaço. Um lugar vulnerável e precário, mas ali era o recomeço para sua família.

Paramos em frente ao seu barraco, uma construção pequena de tapumes; *"as madeira tava toda meia caída"*, a porta já não era de vidro e sim do mesmo material do restante do barraco, estava meio torta e era possível ver o vão entre ela e o chão de terra. O telhado era baixo, de telha brasilit e, entre o barraco dela e o barraco do vizinho, um espaço onde os gatos e ratos se perseguiam. Mais uma evidência da precariedade daquele lugar em que eles viviam.

Mas foi naquela casa que a Josélia contou que começou *"a sentir o que era felicidade, porque a gente não via mais meu pai discutindo com a minha mãe"*. Ela abriu a porta e entramos. Antes de percorrermos os espaços da casa e observarmos as características presentes do lado de dentro, assim como as melhorias realizadas com mais cuidado e atenção, uma outra memória antecedeu nossa observação: o primeiro Natal que a família realizou.

Era uma noite quente e abafada e o calor do verão se misturava ao calor que saía das panelas. A mãe parecia ter três pares de braços enquanto cozinhava o pudim, o bolo e o pernil: *"minha mãe fez um banquete"*. Era hora de se arrumar para a ceia. Josélia colocou sua primeira

roupa nova, assim como seus irmãos: *"eu já não pegava mais doação nem de roupa das minhas prima, nem doação de material, meus pais já conseguia comprar minhas coisa"*.

Sentamos em volta da mesa, foi a primeira vez que os alimentos ocupavam a maior parte da superfície daquela mesa. O cheiro do pernil assado tomou o ambiente e, a cada garfada que a família dava, a sensação era de que tinha gosto também de conquista.

Na mesa também havia uma garrafa de refrigerante que foi servido em copo de vidro; *"eu não gosto de copo de alumínio porque toda vez que eu vejo um copo de alumínio eu lembro da minha mãe nas casa na época pedindo alimento"*. Já não havia mais espaço para aquele utensílio de alumínio, frio e cinza. Já não estavam mais no limite da sobrevivência, o sofrimento não era mais latente; eles estavam aquecidos e prontos para melhorarem o espaço.

No dia seguinte, fomos acompanhar a construção pelas mãos de seu pai, que era pedreiro, do novo espaço da casa, que não seria de madeira e sim de alvenaria. Enquanto seu pai quebrava os pedaços de pedra para fazer a fundação, observamos a Josélia ainda criança tentando ajudá-lo a carregar os materiais da primeira parede que seria levantada.

"Eu lembro que a primeira parede que ele fez, ele abriu a coluna... Eu tenho esse dedo machucado, essa pele daqui foi quando ele quebrou pra fazer a fundação, eu fui tentar pegar a pedra e a pedra rasgou aqui". A casa anterior era marcada pelos tacos que faziam os pés tropeçarem, enquanto o machucado em seu dedo da mão, na construção do espaço novo da casa, marcava sua participação no processo de melhoria.

O tempo começou a ficar instável e o céu escuro sinalizava a chegada da chuva. Eles haviam acabado de erguer a primeira parede quando o céu desaguou com força. A parede não resistiu à chuva e a velocidade do vento – desabou. *"Aí eu e minha mãe pensamos que ele ia ficar bravo e ele começou a rir, falou "nós levanta de novo"."*

Naquele momento, percebi que o aprendizado estava além da construção daquela parede, pois foi com a queda que a Josélia aprendeu a não desistir, a não se render diante de um problema, a insistir, mas, principalmente, a ter força para reconstruir.

Tijolo, cimento, tijolo, cimento. Reconstruíram a parede, construíram as outras. Agora a casa tinha uma sala, uma cozinha, um quarto e um banheiro. Conforme a vida acontecia, os espaços se ampliavam.

Na sala nova havia um sofá vermelho que, de acordo com a Josélia, parecia de plástico, mas era de courino. Ela contou que sua avó, que morava na Bahia, enviou de presente à família uma capa de remendos de chita para cobrirem o sofá.

As flores estampadas no tecido em suas diferentes cores, formas, texturas e linhas traziam, além da saudade de sua avó, um jardim para o ambiente, onde tudo crescia. Mesmo o tecido estando localizado apenas no sofá, suas flores pareciam se espalhar pela casa toda. Ao mesmo tempo que se espalhavam, evidenciavam um novo arranjo familiar, regado diariamente dentro daquele espaço que tinha cores de possibilidades, de transformação e de crescimento. Um espaço onde a cor da fome foi substituída pela das flores.

Conforme caminhávamos no espaço da sala, as mãos da Josélia tocavam a parede em um movimento que desenhava uma linha; o toque de alguém que não tinha medo de ser tocada pelas memórias ali presentes. Seu movimento com as mãos possuía um ritmo devagar, o ritmo de quem toca com delicadeza, sentindo cada textura e cada respiro que foi possível naquele espaço. A parede já não estava ali apenas dividindo aquele cômodo, mas também como testemunha de um espaço construído pelo desejo de uma vida melhor.

Suas mãos pararam no momento em que tocou os quadros pendurados pela sua mãe na parede e um sorriso surgiu; ela estava admirando aqueles quadros que também

faziam parte do quadro que suas memórias desenhavam. Um espaço dentro de outro espaço.

Na janela, as cortinas se movimentavam conforme a velocidade do vento, e agora não era mais uma casa exposta para quem estava ao lado de fora, porque as cortinas protegiam o cotidiano daquela família. *"Quando meu pai colocou o primeiro piso, nossa... Minha casa tem piso"*; antes o chão era de cimento, áspero, o tipo de aspereza responsável por ralar os joelhos em uma queda. No momento em que seu pai colocou o piso, foi o grande acontecimento daquele ambiente, os joelhos não estariam mais ralados, e o mais importante, sua casa estava cada dia mais parecida com aquilo que para ela significava um lar.

Agora os tapetes da sua mãe não eram apenas elementos decorativos responsáveis por amortecer os passos ou esquentar os pés nos dias de frio, aqueles tapetes também protegiam a nova conquista, o piso que representava o cuidado da família com aquela casa e o desejo de melhorá-la um pouco por dia.

Continuamos a caminhar pela casa. Ela compartilhou que, depois de construir a sala, o seu pai continuou a ampliar os cômodos *"ele bateu a segunda laje, ele fez meu quarto. Pequenininho, mas fez. Aí meu quarto tinha minha cama, minha cômoda, fez o quarto da minha mãe"*.

Subimos as escadas, que não levavam apenas aos quartos construídos pelo seu pai, mas também ao canto da Josélia, onde, pela primeira vez, ela tinha um espaço para estar solitária, para se aventurar na própria imaginação, para se encolher, para estar com ela mesma. Abrimos a porta do quarto e, encostada na parede, estava a sua cama, o elemento que permitia a ela deitar, descansar, se enrolar na coberta e cobrir a cabeça quando quisesse se esconder do que acontecia do lado de fora.

Do lado oposto à cama, estava sua cômoda. A Josélia abriu as gavetas para mostrar suas roupas que já não eram mais de doação, pois agora seus pais conseguiam comprar roupas para ela; assim, aquelas gavetas guardavam a

ascensão de sua família, a concretização do seu desejo em sair do estado apenas de sobrevivência fisiológica, do mundo das necessidades, para algo maior e preenchido de sentidos: o seu espaço, o seu canto, finalmente o seu lugar.

Ainda em seu quarto, olhamos para a cortina da janela, que dava a ela a escolha de olhar ou não através. Quando ela estava aberta, iluminava o quarto e, quando estava fechada, protegia sua intimidade. A cortina estava ali como um elemento de escolhas, que permitia a autonomia de Josélia dentro daquele espaço.

O tempo passou. A Josélia estava casada com um rapaz e tinha uma filha, a casa de seus pais agora possuía três andares. A Josélia morava com seu marido e sua filha no primeiro andar: o primeiro andar construído pelo seu pai e que possibilitou a ampliação não apenas dos cômodos, mas de sua família. *"Se eu montasse, se eu colocasse a cama de casal, eu não conseguia colocar um guarda-roupa, então como era dois cômodo e o banheiro, então o quarto eu tive que fazer o que seria a cozinha e aonde era o quarto eu fiz uma cozinha improvisada"*. O espaço era pequeno para ela, seu marido e sua filha, era o momento de lutar para conseguir a sua casa: *"por mais que meu pai e minha mãe dizia que ali também era meu, eu queria ter minha casa"*.

*Teu nome
Espaço
Meu nome
Espera
Teu nome
Astúcias.¹⁹⁷*

"Eu tinha 28 anos, e aí eu cheguei em casa e falei "mãe, conheci uma mulher que ela falou que eu posso ter minha casa", "mas você não tem aqui?", "não, eu tenho, mas ela falou que eu posso ter um apartamento", "minha filha, não se iluda com isso, as pessoas engana as outras"".

Saímos da casa de seus pais e fomos em direção à Igreja Nossa Senhora de Fátima, localizada também na Zona Norte. Josélia contou que assim que entrou na igreja se deparou com algumas pessoas e com a Inês dizendo: *"Quem não luta tá morto. A pior luta é aquela que não se faz"*. A frase ocupou o corpo e os pensamentos da Josélia.

Em um domingo, durante uma reunião do movimento MSTC, a Inês disse *"olha, vocês vão retornar hoje às 11h porque nós vamos ocupar um prédio"*. Com a adrenalina em nossos corpos, voltamos para a casa dos pais de Josélia, onde ela rememorou o diálogo que teve com seus pais:

"Cê vai aonde?", eu falei "mãe, eu vou ocupar um prédio", aí meu pai falou "você tá louca? Como que você vai ocupar um prédio? Isso não é ocupar, você vai invadir e a polícia vai te prender e se você for presa você vai ficar lá, porque eu não vou te tirar de lá". Aí eu falei pro meu ex-companheiro "se você quer ficar, você fica, eu vou" e minha mãe falou "vai atrás dela! Vai com ela, porque se acontecer alguma coisa você tá lá"". Fomos.

Chegamos na igreja e dois ônibus estavam esperando para irem em direção ao prédio Santa Inês, localizado na Rua Aurora, no centro. Foi a primeira vez que a Josélia

¹⁹⁷ MARQUES, Ana M. 2011.

entrou em um ônibus com o objetivo de ocupar um prédio. Quando o ônibus chegou à esquina da Avenida São João, descemos e começamos a correr. Adrenalina, medo, receio, preocupação; sensações e sentimentos que dominavam o corpo, mas que não impediram as pernas de correrem e as mãos de arrombarem o portão.

Era muita gente, muitos corpos, muitas mãos, muitos braços, muitas pernas, muitos passos, muitas histórias, mas a mesma luta. Após todos entrarem *"a Marinês meteu um cadeadão e ela falou "é nosso" "*. Estávamos todos do lado de dentro ocupando o espaço, protegidos da repressão da polícia que estava do lado de fora.

Havia muitos policiais e a Josélia compartilhou que, no momento em que ela viu a quantidade de polícia do lado de fora, ela entrou em pânico e que só conseguia pensar no seu pai falando que não iria tirar ela da cadeia caso ela fosse presa. *"Naquela hora a Inês disse "olha, vocês ficam tranquilo que a partir do momento que vocês tão aqui ninguém mais tira" "*. Os policiais tentaram invadir o prédio de todos os jeitos, mas os ocupantes resistiram e o portão resistiu junto.

No dia seguinte, acordamos com a memória da organização do prédio. *"Os meninos estourou um apartamento, lá tinha banheiro, aquela banheiro, falei "meu Deus". O quarto que a Inês me deu tinha sacada, e eu via a rua Aurora, eu via a avenida Rio Branco, falei "é aqui que eu vou morar" "*.

Entramos no seu espaço, era um quarto grande com o banheiro separado. Nada ali recordava as duas casas anteriores em que Josélia havia morado. Tudo era novidade. Ela contou que no momento em que entrou no quarto, ele estava tomado pela sujeira e que passou dias limpando o seu espaço.

Em seu quarto havia uma sacada, que era abertura do quarto, por onde o ar entrava e o sol visitava o ambiente. Ela não tinha muitas coisas ainda, pois havia

acabado de ocupar, mas havia espaço que aos poucos seria preenchido por coisas.

Ela rememorou o banheiro, que também era grande e possuía dois elementos que sempre estiveram distantes da realidade vivida pela Josélia até então: uma banheira e torneiras douradas. *"Ai, a banheira daquele quarto era muito bonita. Era tudo muito novo pra mim, sabe? A torneira não era essas torneira, ela parecia ouro, elas eram douradas. E quando eu lavei, né, ela brilhava. Aquilo pra mim foi muito"*.

Não importava a precariedade do prédio, a sujeira dos ambientes, a falta de eletricidade, pois, para a Josélia, aquilo era muito, estava além do suficiente para sua sobrevivência dentro da ocupação. Ela estava diante de elementos que considerava luxuosos aos quais nunca teve acesso - e que não teria tido se não tivesse ocupado. As melhorias ainda precisavam ser feitas no seu espaço e, foi em suas memórias, na segunda casa em que morou, que ela foi buscar o que havia aprendido com seu pai para continuar melhorando o seu espaço.

Não deu tempo de realizar as melhorias, pois, após três meses, a ocupação sofreu uma reintegração de posse. Josélia deixou a sacada, a banheira e as torneiras para trás, deixou seu espaço, que havia limpo por dias até que ele se tornasse habitável. Deixou para trás, mas não esqueceu e não deixou ser esquecida. Naqueles elementos ficaram marcados os vestígios de sua presença, de suas ações e de sua luta. Ela seguiu e eu fui junto.

*escada que depois deitamos fora
aqui elas são tudo o que nos resta
e só com elas contamos agora.*¹⁹⁸

Logo após sofrer a reintegração de posse no edifício Santa Inês, partimos para a segunda ocupação que a Josélia realizou. Dessa vez, era um galpão com casas no fundo, localizado na Rua Solon no Bom Retiro. Uma passagem rápida, mas suficiente para o corpo sentir na pele a repressão policial.

Só houve tempo para realizar a limpeza. Todos dividiam o mesmo espaço dentro do galpão. Josélia compartilhou que, após uma semana, todos foram acordados pela repressão dos policiais que exigiam que eles deixassem o prédio. Andando devagar, havia uma senhora que estava com dificuldade para retirar suas coisas lá de dentro enquanto ouvia dos policiais: "vocês tão demorando demais pra tirar o lixo de vocês".

Nenhum sujeito em nenhuma circunstância deveria ter suas coisas chamadas de lixo, ainda mais por um agente do estado que deveria protegê-los. Aquelas coisas tinham significados, sentidos, lugares, desejos. Nada daquilo era lixo, nada era descartável. E, na tentativa de defender aquela senhora, "eu olhei pra ele e falei "isso não é lixo, são as nossas coisas"". Como resposta, o policial atingiu o ouvido dela com um cassetete, resultando no tímpano estourado. Tudo o que a Josélia queria naquele momento era ser ouvida e, ao invés disso, o policial prejudicou a sua audição. E saiu ileso.

¹⁹⁸ MARQUES, Ana M. 2011.

*E em silêncio
bates a casa aberta
onde se mora e se morre,
onde o tempo trabalha
seus meio-dias.¹⁹⁹*

Estávamos novamente diante de uma memória de tensão, o momento em que a Josélia foi ocupar o prédio Prestes Maia. Na primeira marretada dada no muro, a polícia apareceu. Mas, naquele momento, todos os sujeitos que ocupariam o prédio se uniram, entrelaçaram os braços e formaram uma corrente de corpos, corpos que estavam resistindo àquela situação. *"Eu lembro que a gente virou de costa, fizemos uma barricada humana, e os menino quebrou o muro"*. Ao mesmo tempo que tentavam segurar com os corpos toda a repressão policial, o muro estava sendo rompido, esburacado, para que todos pudessem entrar.

"A nossa tática foi que a gente abriu buracos dos dois lados. A gente abriu pela Brigadeiro e abriu pela avenida Prestes Maia. Então, enquanto a gente tava segurando pela Prestes Maia, os menino tava abrindo entrando pela Brigadeiro Tobias". Uma tática inteligente, que colocou uma das entradas para desviar a atenção enquanto o restante do pessoal entrava pelo outro buraco. Todos conseguiram entrar.

No dia seguinte, hora de limpar o prédio. O espaço de Josélia ficava no 8º andar, mais uma vez ela estava diante das escadas, assim como nas suas primeira e segunda casas. Dessa vez, a impressão que tive é que, cada vez que ela subia aquelas escadas, mais ela sentia estar próxima da sua conquista pela moradia digna.

Entramos no quarto. Ele era grande e havia uma divisória de madeira *separando os espaços. As paredes estavam queimadas, "tava preto, preto, preto, preto."*

¹⁹⁹ MARQUES, Ana M. 2011.

Falei "meu Deus"", mas aí a Inês me falou *"ah tá queimadinho, mas eu sei que você vai pintar, cê é guerreira""*. Com a ajuda das outras moradoras da ocupação, a Josélia conseguiu pintar sobre o queimado e das cinzas nasceu um novo espaço.

Olhamos ao redor. Cama e planta, esses foram os primeiros elementos trazidos pela Josélia para ocuparem o seu espaço. A cama em um canto da parede, o local onde ela deitava, dormia e descansava para renovar as forças e continuar lutando no dia seguinte. Ao lado da cama, uma janela, que segurava uma planta, que, para Josélia, tornava o ambiente mais agradável e lhe transmitia a sensação de uma casa, e não da situação apenas de sobrevivência. A janela era a abertura que permitia a circulação do ar para que tanto ela quanto a planta pudessem respirar.

Fomos em direção à janela. *"eu via a Estação da Luz e eu falava "meu Deus, será que aqui agora é a minha casa?"*". A janela deixava a luz entrar do lado de dentro e os olhos da Josélia enxergavam do lado de fora a Estação da Luz – a luz e o movimento. Por três meses, ali foi a moradia da Josélia. Por cada ocupação que ela passava, as possibilidades aumentavam e seu poder imaginativo ganhava força.

|Breves ocupações

*pouco a pouco
diluírem-se as fronteiras
as cidades borradas
diminuem de distância.²⁰⁰*

Chegamos ao momento de ocupar, a Josélia estava ali como apoio, ela não iria morar no prédio, mas, mais

²⁰⁰ MARQUES, Ana M. 2015.

uma vez ela e seus companheiros sofreram a repressão da polícia.

"Uma cena que me chocou muito, que depois que as famílias já tava tudo dentro, já tinham entrado, eles humilharam o filho da Carmen, o Sidney, e a gente não aceitou aquilo, e quando ele foi pra bater no Sidney todas as coordenadora, eu, a tia Josélia, a Fabi, pulou em cima dele pra ele não ser agredido e, mesmo assim, eles tiraram a gente, jogaram ele dentro do camburão e bateram muito nele lá".

A cada ocupação que era realizada se tornava cada vez mais evidente a importância do corpo como tática. O corpo quebra muros, o corpo faz corrente humana, o corpo passa por buracos, o corpo coloca cadeado, o corpo discute com a polícia, o corpo defende o companheiro, o corpo resiste, o corpo insurge.

Continuamos. Agora Josélia tinha se tornado coordenadora e, foi em posição de liderança, que ela conduziu as famílias no momento de ocupar um prédio localizado na Avenida Rio Branco. Nessa ocupação, ela não tinha um espaço só dela, mas ela acompanhou a transformação no espaço das famílias.

"Fui ajudando a organizar os espaços e eu ouvia "Ah, aqui vai ser minha cama", acompanhei as família trazendo suas coisa, comprando seus móveis, dizendo que elas já tavam sentindo a diferença, porque o dinheiro do aluguel ela já tava comprando móveis, indo no mercado, comprando as coisas pros seus filhos".

Assim como a Josélia participou do processo de transformação da sua segunda casa, agora ela ajudava as famílias a transformarem seus espaços dentro da ocupação, a adquirirem certa qualidade do morar. Aquela mulher que subiu 50 degraus no cortiço em que morou agora ensinava às famílias que a luta fortalece a subida até a conquista da moradia digna.

*fronteiras que me cruzaram
minha casa é
meu peso
minha idade.*²⁰¹

O ano era 2008 quando a Josélia foi ocupar um prédio na Avenida Caetano Pinto. "Lá eu morei por dois anos". Ela contou que no primeiro espaço que teve lá dentro chovia muito, havia goteiras por todos os lados, o que tornava aquele ambiente úmido e possibilitava a proliferação de mofo.

"Minha mãe questionava muito, porque eu levei a minha filha, que minha filha ia ficar doente, que o prédio era velho, que as escada era velha, mas aquela ocupação foi diferente. Quando eu entrei ali, eu sabia que ia ser a última ocupação que eu ia morar, eu não sei te explicar o porquê".

Fomos para a casa dos pais da Josélia buscar suas coisas para povoar o seu espaço. "Busquei tudo, tudo, tudo".

Como a Josélia estava com a sua filha pequena, a Josélia Marina, coordenadora da ocupação, disse que iria arrumar um lugar melhor para que ela pudesse ficar, e que não compromettesse a saúde de sua filha.

Ao entrar no quarto, nos deparamos com uma espécie de mezanino que ela mesma havia feito. Uma inteligência construtiva que só se adquire na luta. Subimos a escada até o mezanino – agora os degraus estavam presentes dentro do seu espaço e a levavam até a cama onde dormia com sua filha. Em uma das paredes de alvenaria, ela havia feito uma textura na cor creme e o restante ela havia pintado de amarelo.

O pincel em sua mão havia trazido a luz para aquele espaço, ao mesmo tempo que trouxe vida para as paredes

²⁰¹ MARQUES Ana M. 2011.

antes emboloradas. Ainda no mezanino havia uma estante com livros; *"ai gente, era muito chique o meu quarto. Eu fiz textura, eu fiz uma biblioteca"*. Aqueles livros eram portais para outros mundos, para aventuras e viagens, para o conhecimento. Aquela biblioteca era a passagem dela e de sua filha para o mundo da imaginação, que permitia a elas sonharem com outra realidade.

Ao lado da cama estava o tapete que seu pai havia lhe dado: *"o meu pai tinha me dado um tapete que você pisava e ele afundava, sabe?"*. Um elemento que vinha de sua segunda casa, o tapete, que protegia o piso novo, amortecia os passos e aquecia os pés, agora também estava presente no ambiente da Josélia, ajudando a construir a ideia de lar para ela e sua filha.

Descemos os degraus da escada, embaixo do mezanino *"eu fiz uma salinha, com a cozinha e um quintalzinho, porque tinha uma sacada bem pequenininha"*. Quarto, biblioteca, sala, cozinha, quintal, banheiro. Todas as qualidades que a aproximavam da moradia digna.

Por todos os espaços da casa havia fotografias da sua filha: *"eu colocava foto da minha filha brincando na rua, na laje"*. Aquelas fotografias povoavam o espaço, ocupavam os cantos, as paredes, em cima e embaixo. Pequenas possibilidades poéticas, enquadros de deslocamentos compostos por sons, cheiros, sentimentos, memórias.

Dentro da moradia da Josélia, as fotografias se tornavam a revelação da força invisível que nascia da esperança de conquistar a moradia digna. Fotografias de silêncios, de barulhos enquanto sua filha brincava, de presença e, em alguns momentos, lembretes também da ausência, quando estava sozinha em casa, expunham, ao mesmo tempo em que revelavam uma relação íntima com aquele lugar e um desejo de mostrar para quem entrasse em sua casa que ali existia felicidade, existia cuidado, existia afeto. Não era apenas um espaço de espera, era um espaço de construção, de aprendizagem, de resistência.

“Tudo eu falava pra ela: “filha, olha, a gente mora numa ocupação, mas logo, logo a gente vai pra nossa casa””. Ali ainda não era a “nossa casa”, mas, pelo tempo que precisou morar naquele espaço, a Josélia conseguiu transformá-lo em algo que se aproximasse da moradia digna, conseguiu transformar o espaço para que sua filha pudesse crescer junto com as plantas, se aventurar nos livros, atravessar as fronteiras da imaginação, brincar, rir, se esconder. Ter um canto só dela. No tempo da espera, não estavam inertes, tudo era movimento.

Ao olhar para os caminhos percorridos nas memórias das mulheres da ocupação Armênia, notamos que, ao mesmo tempo em que essas memórias vão se construindo, elas não se consolidam, porque sempre há o infortúnio seguinte: a saída, a perda, a precariedade, o recomeço, a reconstrução. Ou seja, quatro trajetórias de vida distintas, mas desenhadas por linhas que se aproximam - e digo que se aproximam, pois existe uma experiência comum entre elas, de classe de mulheres trabalhadoras, que viveram diferentes tipos de opressão, violência, espoliação, mas que, ao mesmo tempo, resistiram; viram emergir a força dentro delas nas situações limites, superaram e não se dobraram no processo todo.

Assim, ao agrupar as memórias individuais dessas mulheres, foi possível identificar uma memória coletiva: mesmo diante de diversas situações difíceis ao longo de suas trajetórias, elas encontraram elementos de resistência, de criatividade, de afeto, de aromas, de infância que as impulsionaram a seguir em frente. Encontraram ainda, nas paredes pintadas, nos espaços expandidos pelas mãos de seus pais, a manutenção dos sonhos e desejos por uma moradia melhor, por uma vida melhor. Se encontraram nas possibilidades conquistadas.

IV | O retorno e as táticas

*minha casa é minha coleção de cacos meu
hábito de perder as chaves a pequena
canção de antes de eu nascer o modo como
cresci e aquela canção não cresceu minha
casa é meu passaporte minha casa é minha
língua.*²⁰²

Ana Martins Marques

Depois de uma viagem intensa pelas memórias das quatro mulheres, retornamos ao tempo atual, às suas casas e espaços dentro da Ocupação Armênia. Nesse momento, convido o leitor para adentrar as delas junto comigo, sentar no sofá improvisado, tomar o café açucarado e ouvir o que elas tem à dizer sobre as suas moradias atuais, sobre as suas afetividades, os dispositivos visuais e os elementos simbólicos presentes no interior das casas delas.

No entanto, é preciso tratar com cuidado dos detalhes e dos elementos expressivos da tentativa das moradoras em adquirir certa qualidade do morar em seus espaços, é preciso uma análise para além da objetividade, uma análise que permita a compreensão da dimensão simbólica que caracteriza aquele espaço não apenas como abrigo para o corpo, mas também para as experiências subjetivas do morar e da domesticidade.

Por isso, convido o filósofo Gaston Bachelard, conhecido pelas investigações acerca da poética do espaço, para orientar na análise e na compreensão dos elementos e memórias que povoam os espaços das mulheres dentro da ocupação de moradia Armênia, – um estudo fenomenológico de um espaço de intimidade. Dessa forma, a casa nos fornece “simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens”²⁰³; tanto em uma situação quanto na outra, a imaginação se torna uma ferramenta poderosa na realidade vivida, e não se dissocia das memórias.

Por meio das lembranças das mulheres da ocupação e de todas as casas em que elas encontraram abrigo, assim como seus desejos e sonhos no que concerne à moradia digna, é possível identificarmos uma “essência íntima e concreta, [...] pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É

²⁰² MARQUES, Ana M. 2017.

²⁰³ BACHELARD, Gaston, 1993, p. 199.

um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela”²⁰⁴. Assim, Gaston Bachelard expõe como a imaginação trabalha quando o sujeito encontra mesmo que o menor abrigo:

Veremos a imaginação construir "paredes" com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção ou, inversamente, tremer atrás de um grande muro, duvidar das mais sólidas muralhas. Em suma, na mais interminável dialética, o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos.²⁰⁵

Nesse trabalho, viajar até o sertão de Pernambuco, Recife, Paraíba e outros possíveis lugares a que as memórias dessas mulheres nos levam é trazer para o plano do dizível as diferentes moradas vividas por elas e que se interpenetram e guardam em suas gavetas as lembranças dos cheiros, dos gostos, dos gestos, do acolhimento. É poder descalçar os sapatos, pisar no cimento e se recordar da terra quente e das pequenas pedrinhas no meio dos dedos.

Mia Couto²⁰⁶, em sua narrativa sobre sua casa da infância, expõe:

E começo pela casa onde nasci, onde eu vivi minha infância. E é muito curioso que nós chamamos a nossa casa, (...) como se nós seguissemos vivendo nela toda a vida. E confirmamos (...) da maneira como nós nos referimos a nossa casa de infância aquilo que eu, alguma vez, teria escrito (...): o importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora. Esta casa converteu-se em memória porque ela foi carregada de encantamento. E mais do que tijolo e madeira, os materiais que produziram esta casa foram histórias. Eu sou filho de imigrantes e (...) como todos os imigrantes eles contavam histórias. (...) E de tanto contarem essas histórias eles acabaram de fazer dessa narrativa, dessa ficção uma espécie de uma outra residência. Um regresso de sua própria terra natal.²⁰⁷

Nos depoimentos das mulheres da ocupação Armênia, as lembranças remetem em muitos momentos à proteção e, de alguma forma, adquirem o potencial de reconforto²⁰⁸ mediante a um espaço precário e de privações. “Evocando as lembranças da

²⁰⁴ Ibid.; p. 200.

²⁰⁵ Ibid.; p. 200.

²⁰⁶ COUTO, Mia. **Guardar memórias, contar histórias e semear o futuro**. Setembro, 2014. Vídeo Conferência (43:58 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IZtc11Bn0M0> Acesso em: 11 jun. 2017.

²⁰⁷ Ibid., 2014.

²⁰⁸ A partir das ideias de Gaston Bachelard (1974), Alessandra A.M. Parente (2009) nos coloca que, se o sujeito encontrou um abrigo no mundo, será capaz de reconfortar-se, construindo imaginariamente uma muralha segura em locais desprotegidos e desconhecidos. Por outro lado, sem a estrutura da função de habitar, os mais grossos muros são ineficazes para protegê-lo, fazendo-o duvidar incessantemente de que está em lugar seguro.

casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida”²⁰⁹

É preciso, dessa forma, olhar com cuidado para as coisas que povoam a moradia dessas mulheres; as pequenas delicadezas, os pequenos detalhes, que, com um olhar objetivo, passariam despercebidos. Nessa perspectiva, para o filósofo Gaston Bachelard²¹⁰, o espaço da casa é “miniatura” e “imensidão”, que se revelam a partir da intimidade dos seres com os espaços e da relação que estes adquirem com as imagens, constroem com a imaginação e idealizam seus sonhos. Portanto, não se limitam ou se expandem os sonhos e devaneios com a limitação ou ampliação dos espaços.

Bachelard argumenta que o que pode limitar os sonhos é a ausência de oportunidade, fruto de toda uma condição sofrida de vida, com a exigência da luta pela sobrevivência imediata e concreta, que não abre espaço para a imaginação e a imagem poética. E Antônio Andrade²¹¹ reforça essa ideia dizendo:

A casa não é só um abrigo para o homem, mas também um porto seguro para seus sonhos e devaneios, é um canto do mundo onde ele se reencontra com sua intimidade. A carência de habitação nas grandes cidades tem seqüestrado o pensamento, o desejo e o direito de viver os segredos e as fantasias que ampliam os valores do espaço habitado. [...]. Para falar da casa é preciso refletir e habitar seus cômodos.²¹²

No entanto, as quatro mulheres: Rose, Adriana, Dona Nilsa, Josélia, nos mostram que a condição de vida sofrida, não as impede de sonhar, de imaginar, de fazer planos para o futuro. Essas mulheres potencializam os desejos de mudança, os sonhos por uma vida melhor, se fortalecem na luta e por meio da arte da resistência, transformam seus espaços, que mesmo precários, são ocupados tanto pelos corpos, quanto pelas coisas delas, pelos desejos e devaneios. Naquele espaço não há limitação, o que existe é uma ampliação dos sonhos.

²⁰⁹ BACHELARD, Gaston. 1993, p. 201.

²¹⁰ Id.: p. 201.

²¹¹ ANDRADE, Antonio Luiz M. **A casa e o universo da intimidade**. Maio, 2008. Disponível em: <<http://www.culturaemercado.com.br/site/noticias/a-casa-e-o-universo-da-intimidade>> Acesso em 10 ago. 2017.

²¹² Ibid., 2008.

Com isso, dentro desse contexto do espaço habitado, onde, de acordo com Yi-Fu Tuan²¹³, espaço pode se transformar em lugar²¹⁴ na medida em que se atribui a ele valor e significação, o lugar não pode ser compreendido sem ser “experenciado”, ou seja, é fundamental considerar o lugar como palco dos acontecimentos pela sua dimensão real, prática, sensível e concreta. Além disso, torna-se indispensável considerá-lo como uma construção tecida por relações sociais no espaço vivido, garantindo uma rede de significações e sentido, tecidos pela história e cultura.

Ao transitar pelas memórias da primeira casa dessas mulheres, é perceptível a quantidade de lembranças que encontram refúgio em cada corredor, no canto da sala, nas portas abertas que dão acesso aos cômodos. E como muitas vezes é a cadeira de balanço que embala as lembranças, ou ainda uma memória com cheiro de pão feito em casa, ou os dedos furados pela agulha do fuxico. Gaston Bachelard diz:

Mesmo quando esses espaços estão para sempre riscados do presente, estranhos a todas as promessas de futuro, mesmo quando não se tem mais nenhum sótão, mesmo quando a água furtada desapareceu, ficará para sempre o fato de termos amado um sótão, de termos vivido numa água-furtada.²¹⁵

Em sua obra “A poética do espaço”, o autor descreve sua experiência com os espaços imaginados nos sonhos e demais imagens mentais. Na perspectiva do autor, a fruição desses espaços contamina os espaços vividos e percebidos, o que ocasiona o retorno das imagens desencarnadas e dá-lhes novos sentidos. Gaston Bachelard argumenta que a imagem que representa um dado espaço existe no momento em que se apresenta para a consciência, que se torna presente. E, dessa forma, é necessário estar presente a imagem no minuto da imagem, e reforça essa noção ao dizer que a imagem “não é o eco de um passado. É antes o inverso: com a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer”.²¹⁶

Dessa forma, hoje, na casa atual das mulheres, a vida vai se fazendo na modulação e no malabarismo entre resistir e se ver novamente sob o risco das perdas: do

²¹³ TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva de Experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

²¹⁴ Para Ana Fani Carlos (1996), o lugar tem usos e sentidos e, portanto, abarca a vida social, a identidade e o reconhecimento. É o palco da nossa história, onde acontecem os encontros das coisas, dos outros e de nós mesmos. “O lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos que ocorrem ou ocorreram no mundo” (CARLOS, Ana F., 1996, p. 21-22).

²¹⁵ BACHELARD, Gaston, 1993, p. 203.

²¹⁶ Ibid., p. 2.

despejo, do espaço, do território, da identidade. Uma condição de estado permanente de partida, um momento em suspensão em que algo se perde antes mesmo que o novo tenha chegado, mas que ainda assim encontram formas de sobreviverem e de amenizarem as tensões e o sofrimento.

4.1 |Rose.

|A casa: do movimento e da luta

Após conhecer o seu atual marido, Rose começou a procurar outro lugar para morar, e foi quando conheceu o movimento MSTRN. Era noite de ocupar. Chegamos ao prédio que se tornaria a ocupação Armênia: *"eu cheguei no movimento com uma mochila, um lençol e uma garrafa de café"*.

Rose conseguiu um pedaço do espaço no prédio para fazer a divisão de seu apartamento e, nesse espaço, havia um banheiro - já não era um elemento, mas um espaço significativo dentro de outro espaço.

"Meu, você ter um banheiro numa ocupação só pra você é um privilégio! Porque tudo aqui é comunitário, banheiro comunitário, pia comunitária. Eu só pensava nas minhas neta. E vai eu gastar nesse bendito desse banheiro. Esse vaso tava mais preto que tudo, cheio de tudo. O meu negócio primeiro tinha que ser o banheiro. E ele queria porque queria me tirar do meio do pessoal que tava lá embaixo, né, tava todo mundo ainda lá embaixo sem ter espaço, aí ele fez essa parede aqui, fechou tudo direitinho e eu falei e "o banheiro?" Tinha que limpar o banheiro".

Para Rose, ter um banheiro, mais uma vez, representava segurança e saúde não apenas dela, mas das netas também. Um lugar onde ela poderia fazer *"do jeito dela"*. No processo de ocupar aquele espaço, ter o banheiro

em seu apartamento já era ter uma parte do que considerava um ambiente de uma casa.

Com o tempo, seu marido desentupiu o encanamento; *"vai a gente comprar cano, puxamo os cano daqui pela escada pra pegar no outro banheiro lá embaixo, gastamo, minha filha, o que tinha e o que não tinha aqui. Tudo pra fazer o banheiro, o negócio era o banheiro"*.

Um conhecimento de construção mais uma vez pautado na experiência. Não se tratava de um projeto hidráulico realizado por um arquiteto, mas sim por um sujeito que dominava a arte de resistir a um contexto desfavorável. Na prática daquela situação de divisão espacial, seu marido aprendeu a colocar as madeiras e, hoje em dia, de acordo com a Rose, *"bate o recorde de construir barraco"*. *"Quando a gente ia sair daqui pra outra ocupação, ele fez seis barracos em um dia! Eu fiquei besta!"*.

Assim, estávamos de volta ao sofá da atual casa da Rose, na ocupação Armênia.

O banheiro, aparentemente o espaço mais importante da casa de Rose, não possuía uma porta de tapume ou madeira, mas era um tecido que substituía essa falta, um tecido vermelho com bordados de flores coloridas - *"ah, alguém doou esse tecido e eu peguei, achei bonito"*. Inconscientemente, Rose trouxe de volta a primavera presente em sua casa em Pernambuco.

Fotografias 41 e 42: Tecido utilizado na improvisação da porta do banheiro – Casa da Rose, 2016.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2016.

Como o tecido foi doado, não sabemos a história que ele carrega e nem as mãos que os fizeram, mas descobrimos o efeito que esse tecido tem na vida e na domesticidade do ambiente da Rose, uma vez que é passando o tecido e sua primavera que se chega ao banheiro, o espaço que marca sua individualidade, intimidade e desejo dentro da ocupação. A casa de Rose dentro da ocupação é um quadrado construído, mais uma vez, de tapumes, dentro de um grande espaço de alvenaria, por se tratar de uma antiga fábrica de tecidos. Duas paredes de tapumes, duas paredes de alvenaria.

Fotografia 43: Parede pintada com tinta cal – Casa da Rose, 2016.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2016.

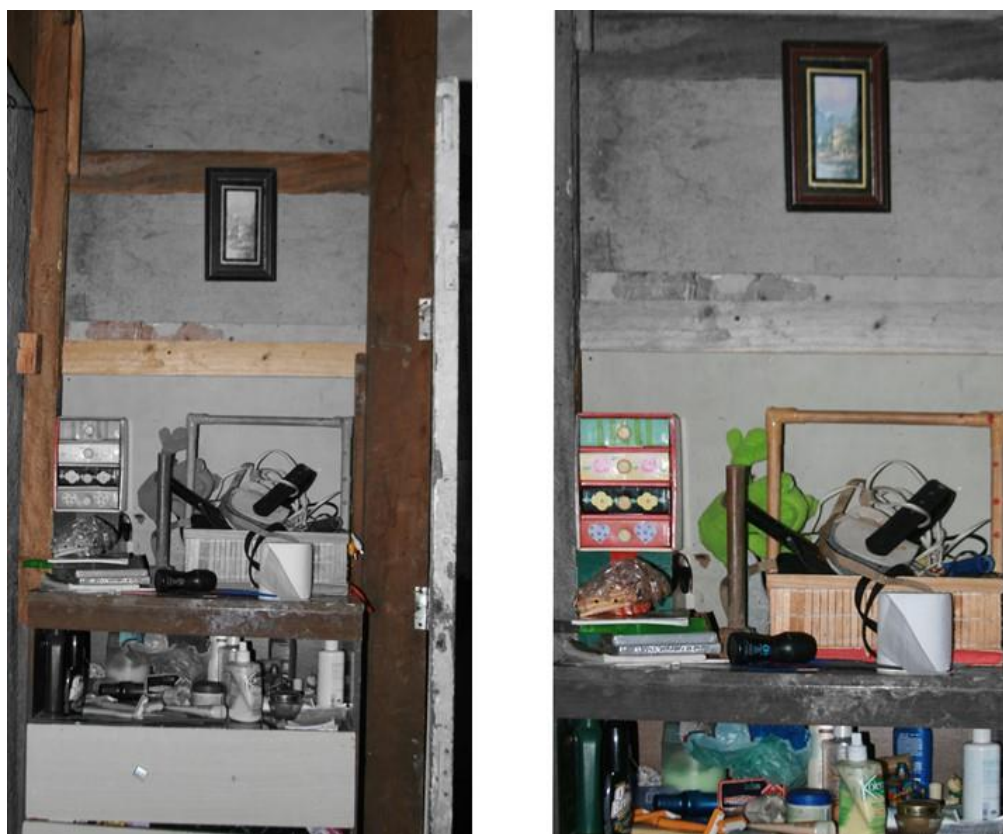
“Já pinteí acho que umas três vezes, só jogando tinta uma por cima da outra. Tinha outra cor por baixo, meio cinza, aí eu cheguei e joguei outra tinta amarela por cima. Primeiro joguei uma cinza pra tampar os quadradinho, não pegou”.

Mais uma vez a evidência de uma preocupação com a estética daquele ambiente. Rose contou que, quando construiu sua casa ali dentro da ocupação, as paredes estavam marcadas pela infiltração, manchas escuras que gritavam para ela a todo momento a precaridade daquele espaço, a sujeira e a tristeza de ainda não ter sua casa própria. Foi nesse momento que teve início a tentativa de apagar as manchas da parede, afinal, aquela infiltração só estava ali para lembrá-la do que não era o ideal de casa. O banheiro ela já tinha, agora faltavam as telas em branco para compor seu espaço.

A sobreposição de camadas de tintas nas paredes conta do vivido. Rose “jogou” a tinta amarela por cima, mas não conseguiu cobrir “os quadradinhos”, me levou pelos caminhos da tentativa de iluminar um espaço onde, por falta de janelas, a luz não alcança. Ela poderia ter escolhido qualquer outra cor, mas optou pelo amarelo - *“eu gosto de amarelo, achei que fosse ficar bonito nessas paredes”*. Apesar de uma justificativa curta para a escolha da cor, esta ultrapassa apenas o gosto, e arrisco a dizer que, mais uma vez, Rose foi buscar referências em sua primeira casa em Pernambuco; não nas cores das paredes, pois elas eram de barro, mas na iluminação e no calor que ela sentia dentro daquela casa - tanto o calor afetivo quanto o próprio clima do sertão Pernambucano.

Rose também escolheu a cor verde para suas paredes, uma resultante da transformação do azul ao tocar o amarelo, uma cor mutável, assim como as casas de Rose e, principalmente, a atual, que constantemente sofre modificações que serão abordadas mais à frente.

Fotografias 44 e 45: Canto com as coisas da Rose – Casa da Rose, 2016.



Fotografias: Tamiris de Souza Gonçalves, 2016.

Na parede ao lado da porta de entrada da casa de Rose, já se avista um quadro com a representação de uma paisagem. Pendurado na parede de tapume, o quadro possui uma moldura marrom que conversa com as ripas de madeira que sustentam esses tapumes. Ao voltar o olhar para essas ripas e para o móvel logo abaixo do quadro, é possível ultrapassar a função desses objetos e enxergar o desenho quase que de uma escada, como se, ao subi-la, pudéssemos alcançar a paisagem exposta dentro da moldura.

O desenho dessa escada parecia evidenciar em cada degrau uma conquista que não havia sido possível em outras casas que percorremos ao longo da vida da Rose. No primeiro degrau, as gavetas brancas e fechadas de um móvel velho, “*tem minhas roupas aí e umas coisinhas*”; apenas isso Rose tinha a falar sobre o que guardava nas gavetas, no entanto, ao recordar as minhas leituras da obra de Gaston Bachelard²¹⁷, foi possível perceber aquelas gavetas como lugares seguros para as “coisinhas” da Rose. Então o

²¹⁷ BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

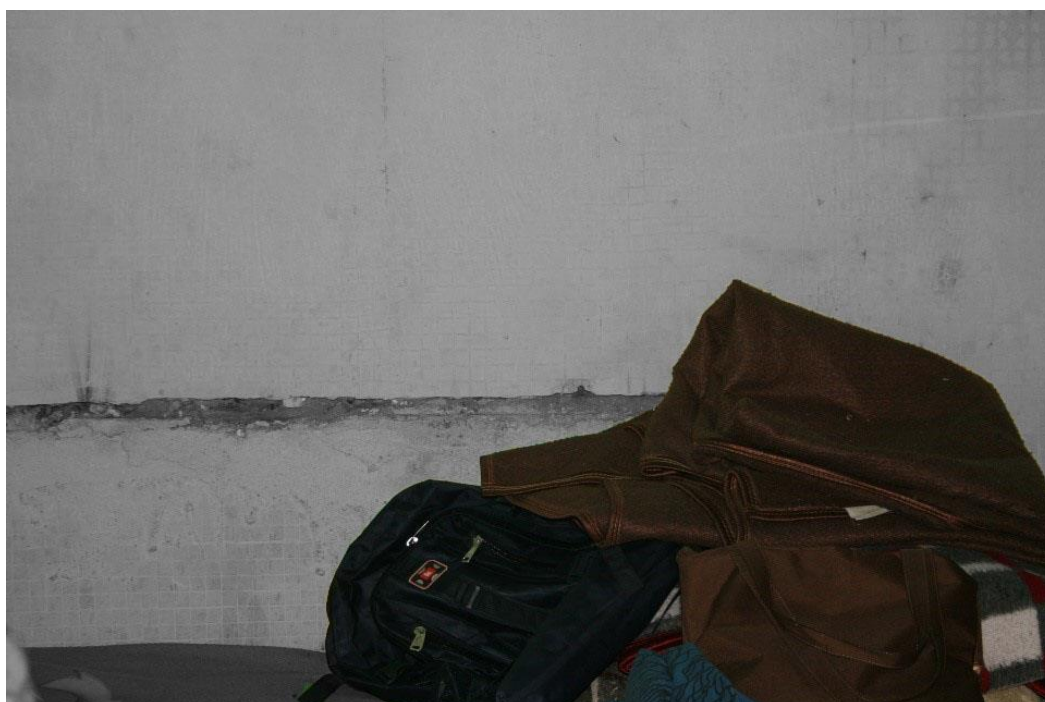
primeiro degrau da escada era a privacidade conquistada por ela, de poder ter uma coisapara guardar longe dos olhos dos outros, suas “coisinhas”.

Ainda observando os degraus da escada construída com ripas e coisas, passamos para o segundo degrau, que era constituído por um vão do móvel com suas gavetas. Nesse vão havia produtos de beleza, creme para a pele, para os cabelos, shampoos, perfumes, algodão; era a evidência de uma certa ascensão de Rose, uma vez que, ao percorrermos a quarta casa em que ela viveu, Rose relatou: “*eu não tinha sabonete não, esperava minhas cunhadas tomar banho e ia lá escondidinha usava o sabonete e colocava de volta sem elas saberem*”.

No terceiro degrau, a caixinha colorida com quatro pequenas gavetas que guardavam suas bijuterias, um desodorante masculino de seu novo marido, um ursinho de pelúcia verde de suas netas e uma cesta com “bugingas”; aquelas coisas naquele degrau me levaram a pensar que poderiam ser evidências de que Rose não estava sozinha e que ali não eram as fotografias que mostravam as pessoas importantes da vida de Rose, mas aquelas coisas naquela localização. A força para terminar de subir os degraus e alcançar a paisagem como a casa própria vinha também das relações familiares que povoavam aquele espaço.

Naquele momento - e digo naquele momento, pois foram tantas as visitas à casa de Rose que pude acompanhar algumas mudanças que foram realizadas, sobre as quais discorrerei à frente -, a casa era formada por uma cozinha que se misturava à sala e ao quarto. Eram os móveis que delimitavam os espaços, não havia paredes ou o guarda-roupas dividindo o ambiente como nas casas anteriores. Na cama estavam os travesseiros e a colcha estampados com flores, pareciam ter germinado do verde da parede e da luz do amarelo - era o mais próximo de um jardim que Rose se encontrava. As cobertas marrom e xadrez dobradas em cima com rapidez, nos remetiam a correria do cotidiano: “*menina, tem dia que eu não tenho tempo de arrumar nada, dobro tudo correndo e saio pra trabalhar*”; a mochila preta sobre a cama nos colocava em suspensão, na condição de quem está sempre em estado de partida.

Fotografia 46: Mochila e cobertas em cima da cama – Casa da Rose, 2016.



Fotografia: Tamiris de Souza Gonçalves, 2016.

Ao lado da cama, uma mesa marrom de centro, que não era o centro do espaço de Rose, sustentava uma toalhinha de crochê vermelha no formato de um quadrado com detalhes em azul. A toalhinha não foi feita por Rose e ela não se recordava aonde ela tinha conseguido ou quem havia lhe dado, mas, para ela, esses dois pontos eram apenas detalhes, a toalhinha estava ali, pois ela contribuía para a estética da mesa - *“é pra deixar mais bonita”* -, além de servir de base para o vaso de flores em cima.

O vaso de flores era de madeira - assim como duas das paredes da casa de Rose - e de vidro. Nesse vaso nasciam flores roxas de plástico, mais à frente, irei falar mais sobre a história que elas carregam, mas é importante dizer que, nesse primeiro encontro com as flores, mesmo elas sendo de plástico, pareciam resistir àquele ambiente precário e simbolizar uma potência e desejo de criação nos possíveis modos de re-existência da Rose em sua casa. As flores estavam ali, simbolizando além de tudo a vida e era a Rose que tinha o poder dessa transformação.

Na mesma mesinha de centro, um cinzeiro com as *“bitucas”* dos cigarros de seu marido já apagadas, que davam uma sensação não apenas de presença, mas também de permanência, mesmo que, quando acesos, esses cigarros liberassem uma fumaça talvez tão efêmera quanto aquele espaço. A fumaça flui, se transforma, evapora e ressurge a cada trago do cigarro aceso. Assim era a vida de Rose e a transitoriedade de suas escolhas

e de suas diferentes casas vividas. Estávamos diante de um espaço efêmero que, naquele momento, era permanência e constante transformação, não apenas do espaço, mas também do cotidiano.

Assim como a fumaça parece dançar entre os dedos e o ar, os corpos ali existentes também dançavam entre as coisas, e eram essas coisas que exerciam o poder sobre a coreografia.

Fotografia 47: Elementos na mesa de centro – Casa da Rose, 2016.



Fotografia: Tamiris de Souza Gonçalves, 2016.

Voltamos o olhar para a cozinha: *“essa é a cozinha mais chic da minha vida”*. A cozinha era composta por uma geladeira marrom com adesivos de bichinhos colados por suas netas na porta. Eles não a deixavam esquecer do seu desejo maior – sua casa própria para as netas terem um quatinho para brincarem. Os adesivos também eram lembretes. Um microondas, um fogão e um armário de cozinha, todos brancos. E lá estava ela, a mesa da cozinha; dessa vez, sem cadeiras, apenas a mesa com uma toalha de crochê branca com detalhes de flores e um vaso de arruda no centro - a arruda estava viva, não era de plástico, e resistia tanto quanto a Rose àquela situação.

Fotografias 48 e 49: Os detalhes e a mesa da cozinha – Casa da Rose, 2016.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2016.

Além das coisas, para compreender as ambiências criadas pela Rose é preciso falar sobre seu gato de estimação, pois Rose o considera “seu filho”, e como é bonito ver seu afeto por ele, o cuidado que Rose tem não apenas com a sua casa, mas com o gato, e como esse animal é essencial para a ideia de conforto e de família. No momento em que fotografei a mesa, lá estava o gato, dividindo o espaço com a arruda, quase como um enfeite; no momento seguinte ele estava dormindo como se ali fosse sua cama, pois também era o seu lugar.

Diferente de sua primeira casa em Pernambuco, não é a mesa o centro do desenvolvimento das relações familiares de Rose, nem das escolhas e dos encontros, pois estes acontecem no sofá e na cama - “*senta aqui no sofá, vou passar um café*” –, mas a mesa representa um elemento fundamental na composição do ambiente de uma cozinha. Faltavam as cadeiras, mas a mesa ela já tinha, “*meio caminho andado*”. Retomo a falar da toalha que cobre a mesa da cozinha; a toalha de crochê com detalhes de flores vermelhas.

A fita de cetim da mesma tonalidade das flores circula transpassada no crochê em toda a toalha, formando uma moldura para essas flores. O caminho percorrido pela fita se encerra em um laço que as amarra como um buquê - um cenário onde os caminhos levam ao jardim de estampas florais.

A cozinha de Rose também possui um tapete usado para cobrir o chão, que, para ela, “*ta todo remendado, mas eu ainda vou colocar um piso*”. Esse elemento, além de

cobrir o chão irregular e cinza, também se caracteriza por aquecer o ambiente e contribuir para a sensação de lar, além de resgatar o mínimo da ideia de conforto; as linhas estampadas de preto parecem nos guiar para dentro e para fora da casa, como se cada uma representasse uma via de mão dupla, simbolizando, de certa forma, chegadas e partidas. Linhas que não se cruzam.

No balcão da cozinha, as fotografias de suas netas estão estrategicamente localizadas do lado oposto à porta de entrada, como se nos convidassem a entrar e nos mostrassem aquele momento familiar no período do Natal. Rose conta com orgulho que naquele dia levou suas netas para verem o Papai Noel em um shopping da região Norte de São Paulo. Dessa vez, não eram os pregos que sustentavam as fotografias, como na casa de seus pais, mas sim aquele balcão. As netas, o afeto, o momento, a lembrança, a identidade – os personagens nos porta-retratos atravessam o quadro e diariamente abraçam a Rose.

Fotografia 50: Outros detalhes da cozinha – Casa da Rose, 2016.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2016.

A interioridade de sua casa no presente, a força de suas coisas e de determinados hábitos vão constituindo as memórias, que se atualizam em certas situações, como os momentos vividos com as suas netas em que se sentiu realmente em um lar. A cozinha é o espaço em que dispara as lembranças; não tenho certeza se é o coração daquela casa, mas posso dizer que é a peça chave das relações vividas por Rose. Ter um olhar sobre os

as coisas da Rose e como eles povoam aquele espaço é uma tentativa de demonstrar o esforço em construir ambientações que, de algum modo, projetam a possibilidade de morar, não apenas de Rose, mas de outras mulheres que serão retratadas nessa pesquisa, para além da miséria material e da situação emergencial de ocupantes em barracos de tapumes loteados dentro da própria ocupação.

Continuemos. Duas semanas se passaram. Nessa outra visita à Rose já foram perceptíveis as mudanças nos ambientes internos.

Em várias casas em que Rose morou, ela não teve sua pia de cozinha e seu banheiro, sempre precisou dividir o uso dos espaços, fosse com sua sogra, suas cunhadas ou com outros sujeitos que circulavam nas casa e até mesmo na própria ocupação, onde a pia era de uso coletivo de todos os ocupantes, assim como as máquinas de lavar roupa. Para driblar a coletividade, ter sua própria pia de cozinha e sua “lavanderia”, completando, assim, os ambientes de sua casa, optou por unir as áreas molhadas em uma só. Introduziu a pia da cozinha e a máquina de lavar roupas ao banheiro - foi a solução encontrada por ela para ter exclusividade no uso. O banheiro se tornou multifuncional e tudo coube - apertado, mas coube.

Fotografia 51: Cozinha e banheiro – Casa da Rose, 2017.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Ao entrarmos em sua casa, um guarda-roupas velho e uma estante com portas de vidro eram os divisores de espaço entre a cozinha e o quarto. Em cima do guarda-roupas, um ventilador, direcionado para a cama, necessário na circulação do ar, pois na casa de Rose não há janelas. As portas do guarda-roupas estavam fechadas, guardando não apenas as roupas, mas também as “coisinhas”. Ela não entrou em detalhes novamente, e entendi que, além de guardar as coisas, ali também era guardada a sua intimidade.

Ao lado do guarda-roupas estava a estante com cor de madeira cerejeira, que guardava ao mesmo tempo que expunha dentro de suas portas de vidro. Os porta-retratos com as fotografias de suas netas foram realocados para a estante e agora estavam em um lugar “seguro”, junto com os brinquedos coloridos, a flor roxa com pétalas de plástico; tudo exposto: suas relações familiares, as presenças, a resistência, as lembranças. Tudo a ser visto e tudo seguro do toque.

As portas de vidro da estante adquiriram também o formato de uma janela, onde é possível espiar as coisas de Rose que estão expostos: “*quando minhas netas vêm aqui elas pegam na estante os brinquedos pra brincar*”. Para as netas, a estante representa um momento de lazer, de descontração, onde podem ser crianças na casa da avó. Uma janela de possibilidades.

Fotografia 52: O guarda-roupas e a estante – Casa da Rose, 2017.



Fotografia 53: Os detalhes da estante – Casa da Rose, 2017.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Semana seguinte, novo encontro. Outras mudanças foram percebidas: Rose, mãe de quatro filhos e avó de quatro netos, agora havia adotado um bebê, pois a mãe não tinha condições de criá-lo; *“a gente não tem quase nada, mas ele vai ser bem cuidado aqui”*. Em meio ao contexto difícil de um lugar precário, Rose precisou buscar soluções para o espaço que abrigaria aquela criança. Conversou com a Josélia, coordenadora da ocupação, que autorizou a expansão de sua casa. Assim, fechou uma parte do corredor que dava acesso à sua casa e transformou aquele espaço em uma sala.

Em cima do guarda-roupas havia um fraldário em forma de casa, com ursinhos estampados, e, ao lado do fraldário, uma mamadeira, dois elementos que dialogavam com a parede verde, contando a quem visitava aquele espaço que o novo havia germinado ali dentro, agora também era o lugar de uma criança.

A estante foi transportada para o novo espaço e já não separava o quarto da cozinha, agora era parte importante da sala de Rose, além de ter ganhado novas coisas e adesivos em suas portas.

Fotografia 54: O fraldário em cima do guarda-roupas – Casa da Rose, 2017.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Fotografia 55: A estante com novas coisas – Casa da Rose, 2017.



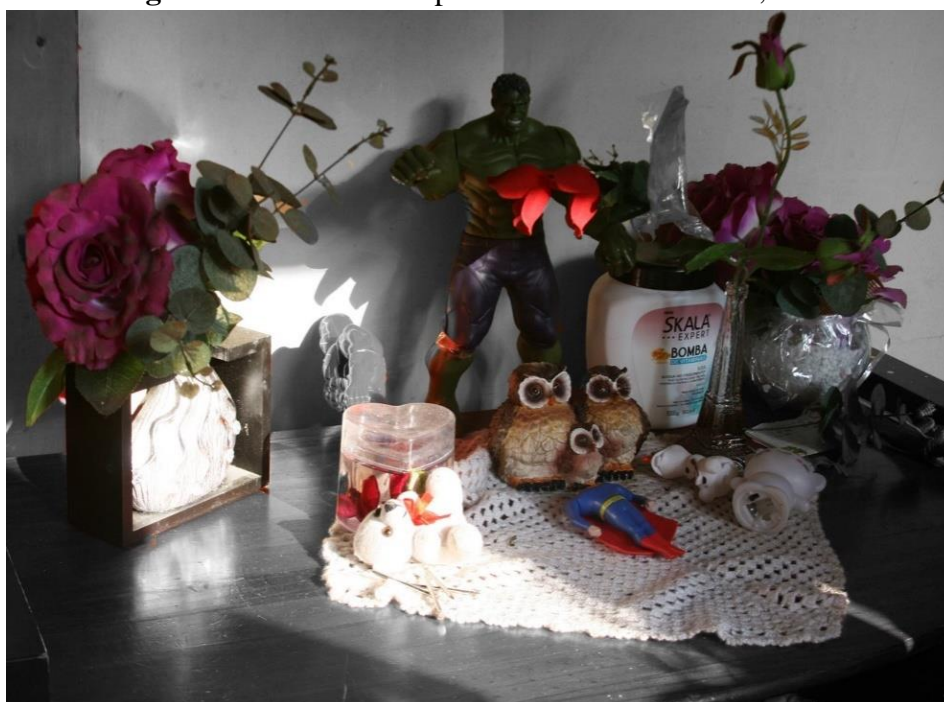
Fotografia Tamiris de Souza Gonçalves.

As pelúcias dentro da estante eram um presente de seu marido. Rose nos confidenciou que aqueles eram apenas alguns dos que havia ganhado, pois o resto “*a netaiada levou tudo*”, mas ficou claro a preocupação em manter os que sobraram ali, guardados, pois não se tratava apenas de guardar as coisas, era uma estante que proporcionava os reencontros com os amores, com a família, com os momentos vividos. As portas de vidro da estante estavam adesivadas com imagens do desenho japonês Pokémon. Quando perguntei a Rose se tinha sido as suas netas as responsáveis pela decoração das portas com os adesivos, ela respondeu que não, que o responsável era o seu marido, que viu os adesivos e decidiu colar ali. Provavelmente aqueles adesivos o remetiam a uma memória infantil. Esses adesivos estavam localizados do lado de fora das portas, e alguns atrapalhavam a visualização de algumas coisas que estavam do lado de dentro, como se uma memória sobrepujasse a outra, e, de certa forma, competisse pelo afeto do que estava exposto.

Ao lado da estante, um rack com outros objetos – corujas de gesso, um boneco do Hulk, as flores roxas de plástico, um pote de creme para os cabelos, uma toalhinha branca de crochê, bonequinhos menores. Tudo parecia constituir um altar.

Rose contou que algumas coisas, como as corujas de gesso, haviam sido presentes de outros moradores, que desistiram de ficar na ocupação - uma maneira simbólica de agradecimento a ela e demonstração de afeto: “*ah, esse ursinho... Cada morador que vai embora e vai deixando eu vou pegando*”. Pois Rose é a mulher que praticamente divide a coordenação da ocupação com a Josélia, é ela também que resolve os problemas, ouve os moradores e divide sua atenção entre sua família e os ocupantes. As corujas estavam ali, lembrando os laços afetivos constuídos a partir da luta em comum – o direito à moradia.

Fotografia 56: O altar dos presentes – Casa da Rose, 2017.



Fotografia: Tamiris de Souza Gonçalves, 2017.

Os três quadros com flores unidos por uma corda também tinham sido um presente de uma antiga moradora, que fez questão que Rose ficasse com eles após a sua saída - um pedaço de uma história transportado para a parede de tapume da Rose. Agora aquele objeto somava às histórias e estava ali enfeitando aquela parede. “Deixo o objeto para guardar a imagem”.²¹⁸

²¹⁸ SOARES, Glaucia, 2009, p.4.

Fotografia 57: Os quadros na parede – Casa da Rose, 2017.



Fotografia: Tamiris de Souza Gonçalves, 2017.

Retomando às flores roxas com pétalas de plástico, foi seu marido que a presenteou no seu aniversário dois anos atrás: *“acho que ele me deu de plástico pra não murchar, porque as de verdade morrem né?”*. Aquelas flores não precisavam ser flores de verdade para resistirem ao contexto em que estavam inseridas, elas eram a resistência e eternização de um momento importante para Rose e de seu relacionamento conjugal. No nosso primeiro encontro, elas estavam em cima da mesa de centro, no entanto, como o vaso quebrou, Rose dividiu as flores em dois outros vasos e as colocou na mesa, enfeitando seu altar de lembranças. Agora não era um vaso, eram dois. Mesmo diante das transformações feitas naquele espaço, as flores resistiam e se multiplicavam.

Ao fechar uma parte do corredor que levava à sua casa, Rose incluiu o buraco que havia na parede à sua sala. Aquela era a única abertura de ar do corredor da ocupação e agora era a janela da sala de Rose. Como se trata de um buraco na parede, ela optou por colocar uma cortina marrom com detalhes bordados que resgatou no lixo: *“a cortina tava novinha e agora tampa o sol que fica forte à tarde aqui”*. Um elemento que não estava ali apenas por questões estéticas para esconder o buraco – a janela –, mas também para proteger suas coisas do sol forte da tarde. Para ela, suas coisas - um sofá velho ao canto, suas plantas, seus quadros, suas paredes pintadas, seu banheiro/lavanderia/cozinha, seu

quarto, seu marido, suas netas, seu novo filho - caracterizam o lar que ela nunca teve. Verde, amarelo, vermelho, marrom, roxo, branco, floral, cinza, bege; todas as cores que compunham aqueles ambientes.

Ao olhar em perspectiva para a construção daquele cenário - onde as coisas eram fundamentais para as ambiências criadas pela Rose -, na tentativa de remeter a um lar, evidenciou-se uma vida não mecanizada, pré-fabricada, assim como os laços, desejos, modos de fruição do cotidiano bordados pelos afetos.

Essa viagem pelo passado e o resgate das memórias da Rose sobre as casas em que já morou, seus barracos construídos com as próprias mãos, seus sofrimentos, sua luta, seus espaços, foram essenciais para entendermos os elementos que compõem sua casa hoje dentro da ocupação Armênia, mas mais ainda para identificarmos pequenos gestos, coisas e ações que caracterizam um pulsar criativo e uma vontade de transformar um espaço efêmero, precário e insalubre em um espaço com determinadas qualidades e que lembre uma experiência subjetiva do morar e da domesticidade que fazem daquele espaço significativo.

Fotografia 58: A cortina na janela improvisada – Casa da Rose, 2017.



Fotografia: Tamiris de Souza Gonçalves, 2017

4.2 |Adriana

|A casa: do movimento e da luta

Ao chegarmos no primeiro espaço que a Adriana teve na ocupação Armênia. Mais uma vez ela me convidou para entrar. Seu barraco era pequeno, apenas um cômodo, todo feito de tapume. Ao lado direito, um rack encostado em uma cômoda de madeira que Adriana disse que já estava ali naquele barraco quando ela mudou: “*o rack, a cômoda e o armário já tava aqui, era de outros moradores que foram embora, então a Josélia falou pra eu ficar com eles, porque eu vim pra cá sem nada*”. Em cima do rack fica a televisão, que ela fez questão de dizer que era da sua filha – no momento da entrevista com a Adriana estava passando desenhos animados e a Dayana estava entretida assistindo. Já em cima da cômoda, há as coisas de higiene da Adriana, que dividem espaço com a banheira de brinquedo cor de rosa de Dayana.

As gavetas da cômoda me chamaram a atenção e, mais uma vez, pensei na obra de Gaston Bachelard; o filósofo afirma que “no armário, assim como na gaveta, não se guarda uma coisa qualquer, somente um pobre de espírito poderia fazê-lo”.²¹⁹ As gavetas contêm aspectos profundos que registram a vida de quem as possui.²²⁰

Dessa forma, voltemos o olhar para as gavetas que guardavam a intimidade de Adriana, uma intimidade dividida em três níveis. O primeiro nível estava representado na gaveta branca, semiaberta, com puxadores inteiros, uma gaveta que parecia expor timidamente um pouco do cotidiano vivido por ela: “*eu guardo as minhas roupas e as da Dayana ali; uma vez na semana eu lavo tudo, passo e guardo pra não amassar*”; o segundo nível estava representado pelas segunda e terceira gavetas. Elas estavam fechadas e com os puxadores quebrados, mas ainda era possível que qualquer pessoa tivesse acesso a elas: “*eu guardo uns brinquedos da Dayana, pra não ficar tudo bagunçado e umas outras coisas, se você segurar direito ali da pra abrir*”, ou seja, mesmo com a dificuldade de abrir aquela gaveta, ainda era um nível de intimidade que poderia ser acessada, suas coisas e seus objetos. Já o terceiro nível, representado pela

²¹⁹ BACHELARD, Gaston, 1993, p.91.

²²⁰ “Nos armários e nas gavetas reina a ordem e a harmonia adocicados pelo perfume de lavanda. O cofre e a fechadura são ainda mais instigantes, pois estão envoltos pela neblina do esconderijo, guardam irrelatáveis segredos. E quando esses espaços são adentrados, nada é conhecido; um novo mundo se abre, milhares de novas imagens. Todos esses espaços internos guardam os sonhos da alma humana: quem enterra um tesouro enterra-se com ele” (BACHELARD, Gaston, 1993, p. 100) .

gaveta fechada e sem puxadores, apenas Adriana poderia acessar: *“ah, tem todo um jeitinho pra abrir essa gaveta, tem que abri a debaixo, colocar a mão e puxar essa daí, então eu guardo as coisas que eu não uso aqui dentro de casa”*. Adriana não especificou o conteúdo que guardava nessa gaveta, mas tive a impressão que não era pra ninguém ter acesso a ele - ali estava guardado o máximo da sua intimidade dentro daquele espaço que, muitas vezes, anula a existência dessa intimidade.

Então as gavetas, como elementos representativos do cotidiano, vêm para refletirmos que, mesmo em um espaço de privação da intimidade, a Adriana encontra meios de manter seguras e longe dos olhos algumas partes dessa intimidade que parecem estar guardadas esperando a moradia digna, onde de fato ela poderá abrir todas as gavetas. Gavetas, ao mesmo tempo em que guardam, expõem um estado de espera, de sonhos e desejos de um futuro que não cabe dentro delas.

Fotografia 59: A cômoda – Casa da Adriana, 2016.



Fotografia: Tamiris de Souza Gonçalves, 2016.

Na parede atrás da cômoda estava um espelho. Até o momento de escolher as fotografias que entrariam nesse trabalho eu não tinha me atentado ao detalhe do que o espelho refletia. Como Adriana, no momento da entrevista, estava sentada em sua cama e esta ficava em frente à cômoda, seu rosto refletiu no espelho. Aquele espelho não refletia apenas a sua imagem, mas devolvia à Adriana diariamente sua identidade; no seu cotidiano dentro daquele espaço era impossível não passar pelo espelho, e não ver, além de sua imagem, metade do seu espaço – sua cama, seu armário, sua filha. Tudo era refletido como um lembrete de que ela precisava lutar e que ali, no reflexo de sua imagem, estava a única pessoa capaz de mudar aquela realidade – ela mesma!

Fotografia 60: O espelho – Casa da Adriana, 2016.



Fotografia: Tamiris de Souza Gonçalves, 2016.

Após nos depararmos logo na entrada com elementos que evidenciavam o cotidiano vivido naquele espaço por Adriana e sua filha, logo à frente estavam os vestígios da primeira casa habitada por Adriana, aquela que fomos visitar no Nordeste. O sofá de dois lugares estava coberto por um xale de fuxicos coloridos feitos por ela. Havia os fuxicos pretos remetendo aos fuxicos do xale do sofá de sua primeira casa, os fuxicos

brancos – que eram a maioria – remetendo às cortinas de seu primeiro quarto e os fuxicos coloridos às diversas toalhinhas espalhadas na sua casa da infância. Cotidianos e lembranças de um passado que foi costurado por Adriana, na tentativa de lembrá-la e aproximá-la de uma experiência subjetiva do morar, do lar e da ideia de *“tempos difíceis, mas eu era feliz”*.

Mesmo diante de um espaço pequeno e precário, nasceram nas mãos de Adriana as flores que tantas vezes viu nascer nas mãos de sua avó e sua mãe. As mulheres de sua vida estavam ali germinadas em um xale e ajudando Adriana a tecer suas possibilidades de futuro, assim como as possibilidades de sua filha; um conhecimento artesanal passado de geração para geração, que tornava a vida um pouco mais respirável, mais possível de ser vivida.

O espaço de Adriana foi todo construído de tapume, ela não teve participação nesse processo, pois quando chegou na ocupação Armênia o espaço estava pronto – tinha sido construído por antigos moradores. No entanto, ao ocupar aquele espaço, Adriana comentou sobre os tecidos que estavam nas paredes *“aquilo dali foi da casa da paraguaia onde eu trabalhava. Ela me deu, ele era bem grandão, eu que parti mais um pedaço dele. Aí eu coloquei assim pra deixar mais bonito o barraco”*. Outra estratégia de Adriana em trazer para o seu espaço algumas qualidades do morar e de também tornar aquele espaço um pouco mais confortável para que não a remetesse a todo instante a um espaço de sofrimento e de privação.

Ao olhar o tecido estampado, foi possível perceber vários elementos nas estampas que remetiam às memórias compartilhadas pela Adriana no momento em que ela segurou a minha mão e fomos conhecer suas casas no Nordeste. As estampas das flores coloridas mais uma vez lembrando os fuxicos

É fundamental a atenção nos detalhes das viagens pelas memórias, pois, na construção das subjetividades do morar, é nos detalhes que se evidencia aquilo que muitas vezes não é dito e não é feito conscientemente. Por isso, para interpretar esse tecido, me questionei: *“por que ela quis ficar com o tecido? Por que justo esse tecido ela escolheu para tampar os tapumes? Porque não optou por um tecido sem estampa?”* E foi por meio dessas questões que fui buscar lá no passado dela e nos seus relatos possíveis interpretações acerca da imagem que estava ali, pendurada como um mural.

Fotografia 61: O sofá coberto de fuxicos e o tecido colorido nos tapumes – Casa da Adriana, 2016.



Fotografia: Tamiris de Souza Gonçalves, 2017.

O espaço entre a cama de Adriana e a cozinha era dividido por um guarda-roupa que já estava lá no momento em que Adriana se mudou para a ocupação Armênia. *“Isso aqui não é nem uma cama, é um sofá cama que eu coloquei um colchão de casal em cima pra não dormir no chão porque tá muito frio. Eu tinha uma cama pra ela, mas deu bichinho que já tava já, aí eu joguei fora”*. Mais uma vez, uma frase de Adriana que corrobora com o argumento dessa pesquisa de que essas mulheres encontram formas de driblar as adversidades impostas pela situação precária do ambiente por meio de estratégias e das coisas que povoam o espaço. Não apenas como forma de trazer à tona a domesticidade, mas também de sobrevivência, ou seja, a evidência da função básica de uma casa: o abrigo para o corpo e a sensação de segurança.

Assim como na casa de Rose, a mochila estava à mostra, fortalecendo a ideia que essas mulheres estão sempre em estado de chegadas e partidas. Pois a qualquer momento o despejo pode bater em suas portas.

Ao lado da cama, estava um móvel com uma coberta estampada com um desenho infantil: *“essa coberta aí é velha, mas a Dayana gosta dela, gosta desse desenho, então eu deixo ela ali, é o cantinho da Dayana”* - e sorriu. Em um espaço tão pequeno,

Adriana conseguiu delimitar o “cantinho” de sua filha, lembrando àquele espaço que ali também vivia uma criança. Em cima da coberta, outra banheira cor de rosa – brinquedo de Dayana – dividia o espaço com um porta-retrato que expunha uma fotografia onde Adriana estava segurando sua filha em seus braços e as duas estavam sorrindo – um momento feliz que merecia ser eternizado. Não tinha muitos lugares na casa de Adriana para ela colocar diversos porta-retratos, mas, ali, onde no final do dia ela se deitava para descansar, a fotografia ganhava seu altar.

Fotografias 62 e 63: O cantinho da Dayana – Casa da Adriana, 2016.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2016.



Algumas semanas se passaram após a primeira conversa com a Adriana. Quando eu retornei à ocupação, ela havia mudado de espaço dentro do prédio. Agora sua casa ficava no térreo e as paredes eram de alvenaria. Bati na porta e mais uma vez ela me atendeu e me convidou para entrar na sua casa nova. Logo na entrada havia um vaso grande com uma planta; na primeira entrevista, Adriana disse que “*a casa dos sonhos pra mim é ter uma casa, não rica, mas com um quintal enorme, pra ter plantas, eu sempre gostei de plantas*”.

Na ocupação, Adriana não tinha um quintal só dela, onde poderia colocar as suas plantas, então aquele vaso grande foi o improvisado de trazer para dentro de sua casa

aquilo que ela não poderia ter do lado de fora. A planta parecia resistir ao ambiente escuro, à falta de ventilação e de janelas. A um local onde o sol não entrava e as anilhas simbólicas não eram iluminadas. Uma espécie de suculenta, que sobrevive às mais diversas situações climáticas, não precisa de muita água, nem de muita claridade. Ao mesmo tempo em que aquela planta sobrevivia com o mínimo, para Adriana, ter um vaso grande dentro de sua casa, era sair do mínimo - era utilizar como estratégia o seu gosto por plantas para trazer uma ideia de lar para aquele espaço.

Fotografia 64: O vaso de planta e o tapete de fuxicos – Casa da Adriana, 2017.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2017.

No centro de sua sala, uma mesinha coberta por uma toalha florida – as flores pareciam brotar em todos os cantos da casa, como as flores que nascem nas rachaduras do asfalto. *“A cama fui eu que coloquei assim, né, os dois sofá também, a mesa, aquela cômoda ali também, a sapateira, onde eu fui achando um espacinho pequeno eu fui enfiando as coisas”*. Como o espaço era maior, Adriana conseguiu colocar dois sofás e cobriu-os com uma coberta florida; não eram os fuxicos, mas as flores estavam presentes.

A disposição dos sofás era igual à da primeira casa de Adriana lá no Nordeste: *“isso daí eu me lembrei de Recife. Antes não tinha aquela capa de sofá igual hoje tem, aí a gente pegava os fuxicos ou um lençol mesmo e forrava, ficava bonitinho”*.

Fotografia 65: Os sofás, a mesa de centro e as flores – Casa da Adriana, 2017.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Atrás do sofá, outro elemento que lembrava Adriana de uma experiência subjetiva do morar: um tecido verde no mesmo formato de uma cortina que nos despertava uma sensação que, ao puxarmos o tecido, veríamos uma janela, mas não; por trás, apenas concreto e uma pintura desbotada que se misturava com a infiltração. Para Adriana, talvez aquela cortina, além de uma representação, fosse um lembrete de experiências passadas e anseios futuros.

Preso à cortina estava o espelho, responsável pela amplitude do ambiente e, naquele contexto da moradia da Adriana, se revelava como uma janela imaginária, pois, ao abriremos a janela, conseguimos ver através de sua moldura; ao olharmos para o espelho, vemos refletida a nossa imagem e a imagem das coisas. Dessa forma, aquele elemento parecia simbolizar os momentos em que ela enxergava através da moldura e através da própria imagem que refletia naquele espelho. Uma forma de atravessar aquela realidade, pois a vida não cabia na moldura.

Fotografia 66: A cortina e o espelho – Casa da Adriana, 2017.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Na parede ao lado de sua cama, os tecidos de sua primeira casa dentro da ocupação estavam novamente ali escondendo a precariedade das paredes ao mesmo tempo em que preenchiam a parede branca com cores e estampas. Um pouco do universo de cores vivido por Adriana em Pernambuco parecia estar ali nas cores do tecido.

Fotografia 67: tecidos na parede – Casa da Adriana, 2017.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Nesta casa, quem ganhou um espaço maior também foi a Dayana, que teve seus personagens preferidos pendurados na parede atrás da cama e, em meio aos fios expostos na parede da sala, seu desenho estava colado como um quadro - outra flor na parede –, as mãos de Dayana eram as folhinhas verdes e, dos rabiscos, nasceram as pétalas.

Dayana também fez da parede da cozinha seu caderno de desenhos, mesmo com a advertência de sua mãe: *“Day, não pode fazer isso na parede, pega um papelzinho e vai riscar, a parede não, a parede não pode, mas aí ela ‘é meus bichinho’”*. Naquela moradia, apesar das dificuldades, um espaço um pouco maior que o anterior ainda não era o suficiente para o desenvolvimento de Dayana como criança, mas já era um começo.

Fotografias 68 e 69: Os elementos na parede de Dayana – Casa da Adriana, 2017.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Ao lado do sofá, um criado mudo com dois vasos com plantas artificiais e a fotografia de Adriana com sua filha no colo - a mesma fotografia da casa anterior dentro da ocupação. Agora a fotografia estava entre os enfeites de flores e, ao lado, um livro infantil - mais vestígios de Dayana pela casa. Na prateleira do criado mudo, outros livrinhos organizados em fileiras, tudo ao alcance das mãos da filha de Adriana. Mais uma tática para trazer àquela moradia elementos que construíssem um sentido de lar para sua família.

Fotografia 70: O criado mudo e os enfeites – Casa da Adriana, 2017.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2017.

Após olharmos todos os elementos presentes e Adriana relatar sobre tudo aquilo que ela inseriu em seu ambiente, concluímos o diálogo com ela falando o que de fato remetia dentro daquele espaço a uma ideia de lar: *“na minha casa lá em Pernambuco, era tudo separadinho, né, a cozinha, os quarto. Tinha a sala né, só que aqui eu fiz tudo assim porque não dá pra fazer sala, quarto, separado, mas a cozinha pelo menos é dividida, não tudo junto”*. Então, além das coisas carregadas com afeto, a divisão dos espaços tornava sua moradia mais próxima de uma ideia de lar, de uma casa – de uma ideia de qualidade do morar. Mesmo que *“tipo assim, né, é igual quando a gente faz reunião daqui, a gente nunca pode pensar que totalmente daqui é da gente porque hoje a gente tá dentro e amanhã a gente pode num tá mais. Então é assim, eu não penso ainda que é a minha casa, só vou pensar que é minha casa mesmo quando eu ganhar o... eu não sei se é o projeto do Minha Casa, Minha Vida, não sei que eles vão fazer aqui. Mas, por enquanto, eu imagino que é meu lugarzinho de morar”*.

4.3 | Dona Nilsa

|O caminho até a ocupação: nas palavras dela

Sua mãe ficou doente, Nilsa vendeu seu barraco e voltou à Bahia. Ficou na casa de sua irmã cuidando de sua mãe, mas não desistiu de seus sonhos. Assim que sua mãe melhorou, ela voltou para São Paulo, recuperou seu antigo emprego de vendedora de cocos e alugou um quartinho ali por perto.

"Quando eu tô morando nesse lugar chega um carro de polícia e falou assim 'você tá fazendo o que aqui?' eu falei 'eu moro aqui nesse comodozinho bem pequenininho', tava morando porque ficava pertinho do meu trabalho, aí eles: 'não, você vai sair, me dê seu documento aqui, que eu vou puxar sua vida, porque você tá morando num lugarzinho desse sem nada', falei 'é, mas eu sou uma pessoa trabalhadeira e sou uma mulher de bem, eu não sou ladrona de dinheiro não, mas sou de bem a pessoa que eu sou. Eu nunca fui numa polícia, eu nunca bati, graças a Deus eu nunca dei um tapa, nunca tomei, nunca fumei um cigarro, nunca bebi uma bebida, eu nunca entrei numa festa, nunca procurei confusão com ninguém. Eu sempre fui amiga, sempre fui uma pessoa batalhadeira. Mas se o senhor quer que eu saia, eu saio' aí ele oiou assim pra mim e falou 'me dá seu documento que eu vou puxar a sua vida', aí puxou aí falou 'você pode sair daqui que dia?' eu falei 'eu não tenho pra onde ir, você pode me dar uma semana? Pra mim procurar um lugar pra mim ir? Vai me dar uma semana' aí ele disse 'mas nós vai ter que botas suas coisa lá fora, esse lixo' eu falei 'não é lixo, é minhas coisas, mas como é que eu vou ficar com as minhas coisa lá fora? Vão roubar tudo. Eu não tenho lugar de colocar minhas coisas, essas coisinha assim que você tá vendo aí, coisinha simples, uma cama pra dormir, fogãozinho' mas assim mesmo a gente tem que agradecer a Deus por tudo que tem, né? E aí eu cheguei e conversando

com um amigo, né, minha situação, ele falou 'não, ali onde eu moro, perto tem uma menina que conhece um moça que chama Josélia'".

Nilsa trabalhava o dia todo vendendo cocos para conseguir pagar seu aluguel e ter suas coisinhas. Mas esse direito foi retirado à força pelos policiais, que disseram que aqueles quartos eram ilegais e não eram das pessoas que cobravam o aluguel dela. Ela não só sofreu o despejo como também viu suas coisas, suas histórias, suas memórias e suas esperanças serem tratados como nada, como lixo.

Um Estado que deveria proteger usou da força para ameaçar uma senhora de sessenta anos. Dona Nilsa sentiu seu coração acelerar quando o policial a mandou colocar as coisas na rua; naquele momento, aos olhos deles, ela não era uma pessoa, não tinha identidade, não tinha nome, não tinha nada e o que tinha merecia a rua, porque era lixo. Buscaram informações sobre ela numa tentativa de achar algo que a incriminasse usando como justificativa o fato de ela não ter quase nada em seu quarto alugado.

Cegos. Não viam como aquele espaço pequeno estava povoado de coisas com significados e sentidos, apenas queriam fazer valer o poder deles sobre ela. E ela, como tática, se viu tentando provar por meio dos parâmetros sociais aceitáveis pela sociedade de "bem", que ela era uma pessoa boa, honesta, trabalhadora, humana. Nilsa sabia o que era ser oprimida, sentia a opressão diariamente – por ser nordestina, por ser a única mulher a descarregar os caminhões de coco –, mas, aquele dia em que os policiais chegaram a sua casa, a opressão derrubou sua porta, ganhou rosto, braços, pernas. Mas a mulher corajosa e batalhadora resistiu, mais uma vez não se rendeu e encontrou um novo lugar, um espaço seguro, onde ela poderia recomeçar – *Seja bem vinda à Ocupação Armênia.*

Dona Nilsa me convidou para entrar, seu barraco ficava localizado na parte térrea do prédio, pois os degraus haviam se tornado um obstáculo para a idade dela. Dentro do seu espaço, havia uma divisória de tapume que separava a sala com uma cozinha improvisada do quarto que ela dividia com seu sobrinho. Seu barraco era uma mistura de alvenaria com madeira.

No quarto, uma parede de alvenaria e três de tapumes – duas paredes eram pintadas de branco – pareciam trazer um pouco mais de luz para aquele ambiente pouco iluminado, a tinta também escondia o desgaste e a infiltração presentes no ambiente. O encontro das paredes formava dois cantos enquanto contornavam a cama de Dona Nilsa, permitindo a ela a escolha diária sobre em qual deles ela iria se refugiar, descansar, dormir. Sua cama ocupava metade do espaço do seu quarto, ao mesmo tempo que cabia perfeitamente no meio das três paredes, como se as paredes tivessem sido construídas propositalmente para proteger o seu corpo e aquele espaço de descanso.

Fotografia 71: O quarto de Dona Nilsa – 2018.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2018.

Dentro do espaço de Dona Nilsa, não havia muitos lugares para ela poder guardar as suas coisas, mas a disposição daquelas paredes que formavam quase uma caixa guardava sua intimidade, protegia seu corpo, permitia o descanso e guardava também as memórias de todas as vezes que ela dormiu em cima de uma tarimba, ou das esteiras e

que, agora, mesmo diante de uma situação difícil de vida, ela tinha uma cama e um colchão, ou seja, uma caixa que, sobretudo, guardava as possibilidades de uma vida melhor.

As paredes do seu quarto também eram utilizadas para pendurar roupas, bolsas e sacolas; não havia gavetas no quarto, pois Dona Nilsa não tinha um guarda-roupas, mas os pregos estavam ali como as gavetas que faltavam, não guardavam as coisas, mas sustentavam e seguravam o peso de algumas delas. Na parede de alvenaria, o prego com o moletom de frio que seu sobrinho vestia no momento de sair de casa e ir trabalhar; na mesma parede, um prego com uma bolsa pendurada. Dois pregos como soluções práticas para os momentos de partidas e chegadas. O prego com a bolsa pendurada também estava localizado na fronteira entre os tons de branco presentes naquela parede, os tons que marcavam onde terminava o espaço da cama do seu sobrinho e começava o espaço da sua cama.

Fotografia 72: As paredes cabides – Casa da Dona Nilsa, 2018.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2018.

Na parede de tapume, um prego com sacolas de plástico: sapateiro, algumas roupas, papeis, “*bugingangas*”, tudo suspenso e pendurado.

Fotografias 73 e 74: Os tapumes cabides – Casa da Dona Nilsa, 2018.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2018.

Reparei que, em um dos remendos de tapume na parte de dentro do seu quarto, havia o desenho em giz de uma mão: *“esse desenho já tava aí quando eu mudei”*. O desenho de uma mão que parecia querer segurar as mangas compridas e vazias de braços, penduradas quase que caindo, ao mesmo tempo que escorriam como tinta naquele tapume. Dona Nilsa não tinha tecidos grandes como a Adriana para cobrir os remendos e os tapumes, ela também não tinha condições de comprar tinta para pintá-los como a Rose fez, pois o dinheiro que ganhava com a venda dos cocos ajudava seus filhos. Então, aquelas roupas penduradas também eram uma forma de esconder a precariedade dos tapumes enquanto eles também serviam de cabide.

Dividindo o espaço com a sua cama de casal estava a cama de solteiro do seu sobrinho que havia saído da Bahia, assim como Dona Nilsa, para procurar novas oportunidades de emprego. Na primeira visita que eu fiz à Dona Nilsa, a cama dele estava coberta por um lençol cinza com estampas de flores e linhas e o travesseiro com uma fronha listrada; linhas por todos os lados que se encontravam com as linhas das paredes, dos móveis, do chão, dos tapumes e desenhavam o espaço dela. A cabeceira era um cabide para a sacola e, atrás da cabeceira, estava a estante, uma estante aberta, já não havia mais portas: *“ah ela tá meio quebrada né, não tem mais porta, mais tá bom, da pra eu colocar umas coisinhas nela”*.

Na estante, algumas sacolas que escondiam o conteúdo que estavam guardando dos olhos dos visitantes. Um tapete rosa dobrado, que ela disse que ainda não havia colocado no chão porque precisava arrumar sua casa antes e ainda não tinha tido tempo. Uma televisão que não funcionava por falta da antena: *“eu gosto muito de assistir jornal, nunca mais assisti porque tô sem antena pra ela”*. Esses elementos na estante expunham

o desejo de Dona Nilsa em melhorar a sua casa e poder transformar aquele espaço em um lugar com a mínima qualidade do morar.

Na segunda visita que fiz à Dona Nilsa, a cama de seu sobrinho estava povoada por roupas, sacolas, bolsa e a estante atrás estava quase vazia. A impressão que tive naquele momento foi de que, ao mesmo tempo em que alguém havia chegado e deixado as coisas em cima da cama, também parecia uma tentativa de povoamento do espaço para esconder a ausência. Dona Nilsa estava longe dos filhos e seu sobrinho era sua companhia, o laço familiar – um cuidava do outro.

Fotografia 75: Cama do sobrinho e a estante – 1º visita – Casa da Dona Nilsa, 2018.



Fotografia 76: Cama do sobrinho – 2º visita – Casa da Dona Nilsa, 2018.



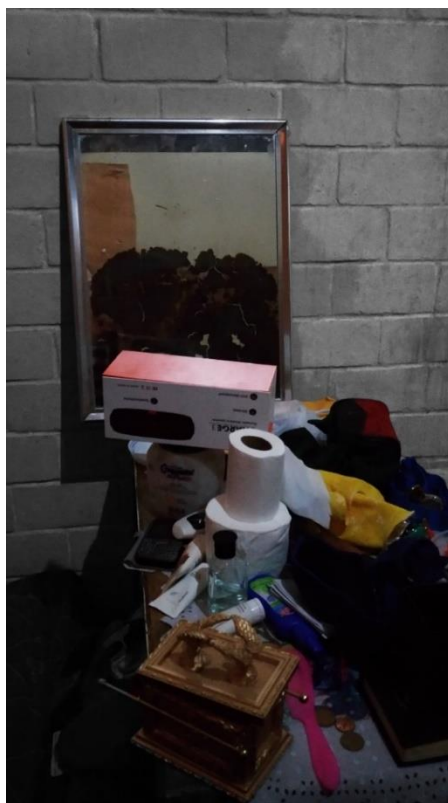
Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2018

Entre as camas, tinha uma mesinha onde foi possível observar as evidências de um cotidiano por meio dos materiais que estavam na superfície: papel higiênico, cremes, pente, desodorante, perfume, caixinha de joias, celular, moedas, repelente, Bíblia. Pareciam estar expostas em cima da mesa as atividades que aconteciam ao longo do dia.

Ela acordava, ia ao banheiro, se arrumava para ir trabalhar, abria a caixinha e escolhia qual o brinco que iria usar, ligava para sua filha para saber como ela estava e ia trabalhar. Voltava com as moedas – o troco do ônibus -, ia ao mercadinho e comprava qualquer coisa para comer, tomava banho, voltava ao seu quarto, passava repelente contra os pernilongos, deitava na cama, lia a bíblia e dormia no seu canto.

Um cotidiano que parecia saltar de dentro do espelho que estava localizado atrás da mesa. Toda vez que a Dona Nilsa parava em frente ao espelho para olhar seu reflexo, ela também via refletidas suas coisas e suas práticas cotidianas. Não era apenas o reflexo dela, era o reflexo da vida que acontecia ali dentro.

Fotografia 77: A mesa, as coisas e o espelho – Casa da Dona Nilsa, 2018.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2018.

Sáímos do quarto e voltamos à sala, que dividia o espaço com a cozinha improvisada. Em um canto, o fogão que não funcionava mais que ela trouxe da última casa em que morou, aquela casa em que ela tinha sido despejada. Dona Nilsa não sabia dizer por que o fogão não funcionava mais, mas sabia a falta que ele fazia para ela: “*o que eu mais preciso agora no momento é um fogão, que esse daí não funciona direito não*”; aquele fogão era o único jeito de ela conseguir cozinhar o seu alimento. Não havia uma pia em seu espaço - “*eu tenho que sair pra ir lá pra lavar o prato*” -, pois havia uma

pia comunitária para todos os moradores. Como fazia pouco tempo que Dona Nilsa havia se mudado para a ocupação Armênia, ela também não tinha um armário para guardar seus utensílios de cozinha: *“eu preciso de um armário pra mim colocar minhas panelinha, minhas coisa”*.

A organização dos utensílios na falta de um armário chamou a atenção: panelas, bacias e potes de plástico tentavam se encaixar um dentro do outro, os maiores abrigavam os menores; todo o espaço de Dona Nilsa era formado por pequenos espaços que tentavam se encaixar um dentro do outro, como se a caixa maior que era o espaço dela abrigasse outras caixas menores e assim por diante. Parecia que os utensílios, nesse movimento de um abrigar o outro, ao mesmo tempo iam ocupando os espaços vazios e se espalhando pela superfície do fogão, sobre o banco de caixote e a superfície da mesa coberta por uma toalha colorida.

Fotografia 78: Os utensílios da cozinha
– Casa da Dona Nilsa, 2018.



Fotografia 79: A toalha da mesa da
cozinha – Casa da Dona Nilsa, 2018.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2018.

Dona Nilsa nasceu embalada pelo movimento das águas, sua relação com as águas do rio sempre foi forte - foi nele que ela tomou banho, lavou a louça, a roupa e coletou água para ela e sua família poderem beber e cozinhar. Ao longo de sua história, o rio esteve presente sendo um elemento fundamental para sua sobrevivência. Ao observar de perto a toalha escolhida por ela para cobrir a mesa onde os utensílios se equilibravam, percebi que a estampa era a representação do fundo do mar; Dona Nilsa

nunca viu o mar, mas as águas estavam ali, a lembrando de uma experiência do morar onde a vida era simples, “*mas abençoada pelo rio*”.

Do lado oposto à cozinha, dividindo o mesmo espaço, estava a sala de Dona Nilsa. Ela não tinha um sofá, mas tinha duas cadeiras; na primeira visita que fiz a ela, sentamos nessas cadeiras, já na segunda visita, as cadeiras estavam ocupadas pelas roupas, toalhas e sacolas. Na casa de Dona Nilsa não havia muitos móveis, mas havia muitas roupas que, mesmo não vestindo os corpos naquele momento, ocupavam todos os espaços da casa.

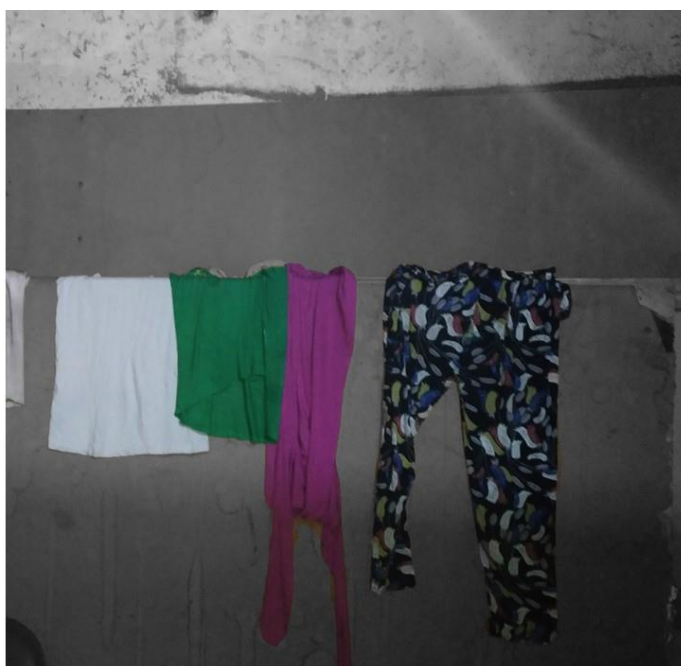
Estavam nas paredes, dentro das caixas, em cima das camas, em cima das cadeiras. Roupas por todos os lados, que poderiam ser vistas como uma imensa bagunça, justificada pela falta de tempo da Dona Nilsa e de seu sobrinho para organizarem o espaço, mas não era qualquer bagunça, era uma bagunça como tática de povoamento para tentar lidar com a ausência dos filhos, das gavetas, do fogão, ou seja, uma tática não apenas para resistir à situação precária, mas também como forma de resistência à solidão e à saudade.

Fotografia 80: A sala da Dona Nilsa – Casa da Dona Nilsa, 2018.



Fotografia: Laís Jacqueline Silva, 2018.

Fotografias 81 e 82: As roupas como presença – Casa da Dona Nilsa, 2018.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2018.

Era tanta saudade. Em sua sala havia um móvel antigo que lembrava o móvel onde sua mãe colocava os enfeites, os biscuits, a jarrinha e os caqueiros na segunda e terceira casa em que viveu. A gaveta estava aberta, com colheres e garfos utilizados por ela na cozinha, mas ali, os elementos mais representativos não eram o que estavam guardados e sim o que estava exposto. Um ovo de páscoa e um cofre em formato de porco. O ovo era um presente de seu sobrinho e ela estava esperando uma ocasião especial para abrir - foi uma das poucas páscoas vividas em que ela ganhou um ovo de chocolate. O cofre em formato de porco talvez fosse o elemento mais importante daquela sala, era ali que ela guardava o dinheiro que sobrava para poder ir à formatura de sua filha, que faz faculdade na Bahia. Ou seja, não era apenas um cofre com dinheiro, era um cofre com esperança, com orgulho por ter conseguido ajudar a sua filha a estudar, um cofre de possibilidades.

Para Dona Nilsa, sua casa dentro da ocupação era o caminho pra que ela conseguisse alcançar não apenas a moradia digna, mas também o seu maior sonho, que era ver sua filha formada. Ela sabia que a sua casa ali dentro era temporária, mas o dinheiro que ela economizava de aluguel ela conseguia depositar dentro do cofre de porco. O cofre era, sobretudo, o que a aproximava de sua filha, ele diminuía as distâncias entre o presente e o futuro, aproximava mãe e filha. Conversando com ela, percebi um espaço que não era cheio de coisas que a remetiam às memórias de suas casas passadas,

porque ela chegou naquele espaço praticamente sem nada. Mas os desejos, os sonhos de uma vida melhor, a saudade, a vontade de conseguir sair da situação precária, de ter um espaço seu, uma moradia digna, tudo isso foi trazido para dentro a partir de todas as situações vividas no percurso de sua vida e ao longo das experiências que teve em outras casas.

Em uma das prateleiras do rack localizado no espaço da sala, havia uma fruteira feita de capim dourado - Dona Nilsa havia ganhado de uma das moradoras da ocupação assim que ela chegou. Naquela fruteira não havia frutas, mas havia o sentimento de acolhimento, de que ali era o lugar dela, mesmo que provisório. Suas linhas se movimentaram e foram ao encontro de outras linhas que, assim como as dela, passaram a vida toda lutando para ter um lugar onde pudessem chamar de lar. Aquela fruteira não estava vazia, ela transbordava resistência.

Na mesma prateleira também havia cinco pequenas taças de alumínio, que representavam o futuro não apenas dela, mas o de sua filha também: *“eu coloco as tacinhas aí porque quando a minha filha formar eu vou levar as tacinhas pra gente brindar, porque sei que depois minha mãe vai poder minha ajudar, hoje sou eu que ajudo ela, amanhã é ela que vai me ajudar”*. As taças lembravam a Dona Nilsa de que a saudade e a falta eram temporárias e que em breve estaria brindando com seus filhos o futuro pelo qual ela sempre lutou.

“Não existe problema na nossa vida que nós possamos achar que acabou, não, tudo ainda é possível, tudo pode acontecer, tudo a gente pode conseguir. Eu adoro ajudar, adoro poder dar minha ajuda, né, mesmo que eu não tenha mesmo pra dar, mas eu dou a minha pessoa, né, meu sentido, as minhas atitudes pra ajudar. Eu sempre encontro uma saída”. A mulher que nasceu nas águas e hoje resiste ao concreto e à madeira. Não desiste da luta.

Fotografia 83: O móvel antigo – Casa da Dona Nilsa, 2018.



Fotografia 84: A fruteira e as taças – Casa da Dona Nilsa, 2018.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2018.

4.4 | Josélia²²¹

|A casa: consegui!

Após percorrermos as memórias das ocupações em que a Josélia morou, retornamos para a ocupação Armênia e ela começou a compartilhar sobre a sua conquista da moradia digna.

No período em que morou na ocupação na Avenida Caetano Pinto, a Josélia era educadora e trabalhava com a população que se encontrava em situação de rua na cidade de Santo André. Foi em um dia de trabalho que a Josélia Marina, a coordenadora da ocupação em que vivia ligou para ela e disse que ela havia sido atendida pelo programa de habitação social: *“fala pra Inês te liberar, pega todos seus documento e vai pra Central da Moradia agora”, ‘mas eu vou fazer o que?’, ‘vai lá agora!’*. *‘Eu só me lembro*

²²¹ O registro da casa atual da Josélia é diferente das demais entrevistadas, pois por questões pessoais dela, não foi possível o acesso à sua moradia atual. Mas devido a importância da sua trajetória no movimento, decidi mantê-lo e tentamos usar uma outra metodologia para tratar da sua situação presente que é seguir pela narrativa psicogeográfica das suas vivências. Portanto o acesso à sua espacialidade presente acontece por meio do seu relato e dos detalhes expostos por ela.

que eu tava com uniforme, peguei minha bolsa, cheguei em casa, peguei lá tudo, cheguei lá, ela tava lá, e aí ela falou ‘filha, chegou a sua vez’, ‘como assim chegou minha vez?’”.

Quando a “ficha” caiu, “*eu não sabia se eu falava, se eu chorava*”. A Josélia foi orientada a ir até a Caixa Econômica Federal e levar todos os seus documentos para que pudesse assinar o contrato. O prédio estava erguido, mas não estava pronto. No entanto, a Josélia teria a oportunidade de acompanhar todo o processo de acabamento. “*Ah, Láis, eu não dormi aquela noite*”, a ansiedade tomava o corpo e tirava o sono.

O telefone não tocava, e a única coisa a ser feita era esperar. Ela esperou, esperou e esperou. Finalmente o telefone tocou: “*olha, vocês vão fazer a visita no apartamento hoje*”. Josélia disse que a visita aconteceu em um domingo, um dia em que o sol estava na altura dos prédios construídos; contou ainda que, como nunca havia ido para a região leste de São Paulo, ela foi caminhando até o local: “*eu fui a pé. Cheguei, eu num sentia mais meus pés*”.

Lá havia um espaço com doze blocos. “*Teve um sábado que eu passei o sábado todo lá sentada do outro lado da calçada vendo os cara trabalhar*”. Ela estava lá sentada na calçada observando seu sonho da moradia digna ganhar janelas, portas, azulejos. Depois de tantas escadas e degraus subidos, ela finalmente subiria aquele que levaria direto ao seu apartamento. Josélia também pode participar da escolha do número, do andar e do bloco de seu apartamento; “*eu quero morar no F 41, que é o terceiro andar. Aí ele pegou, falou ‘olha, tá aqui a senha da senhora, a senhora pode visitar seu apartamento de segunda a sexta em horário comercial’. Ai filha, no dia da minha folga eu já tava lá. ‘Quero ver minha casa’”*.”

Ao entrar no seu apartamento, a primeira coisa que a Josélia fez foi abrir as janelas, como se estivesse abrindo a alma da casa para as novas possibilidades que seriam construídas dentro daquele espaço, as novas vivências e experiências, um cotidiano que seria renovado, um lugar novo onde as memórias antigas estariam presentes, mas como aprendizado na construção das novas memórias. Os corpos já não precisavam esburacar o muro para abrir uma passagem de entrada. Agora a porta havia sido aberta com a chave.

Após abrir as janelas, a Josélia foi conhecer o banheiro, a cozinha, a lavanderia e os quartos. Enquanto percorria o seu espaço, o engenheiro disse que ela teria que aguardar um pouco mais para poder morar naquele apartamento: “*olha, eu já percebi que tem algo de errado*’, ‘*moço, pelo amor de Deus, o que que tá errado? Tá perfeito*’, aí ele respondeu ‘*não, tá trincado aqui, não pode entregar assim*’, ‘*moço, eu passo uma massa*

ai', 'senhora, não pode', aí ele falou 'olha, mas em uma semana a senhora pode vir pegar a chave'".

Josélia sempre esteve acostumada a buscar soluções para os ambientes em que viveu nas ocupações de moradia e, naquele momento em que descobriu que a janela havia sido trincada, ela já tinha uma solução pronta - era só passar massa corrida. Para ela, não havia a necessidade da espera, ela mesma poderia dar um jeito na trinca. Mas agora não era mais o espaço da ocupação e era necessário a espera pela vistoria e conserto da trinca.

|A casa: hora de mudar!

"Eles entregaram só com o piso no banheiro, na cozinha e na lavanderia, e o resto era tudo massa fina, sem pintura. E a primeira coisa que eu comprei quando eu entrei na minha casa foi o quarto da minha filha, em rosa e lilás".

O primeiro cômodo que a Josélia quis me mostrar, foi o quarto de sua filha. Ela abriu a porta com cuidado; o quarto era pequeno, mas ao mesmo tempo era grande para sua filha que ainda era uma criança. As paredes eram rosa e lilás, assim como a cama e o pequeno guarda-roupas, parecia um cenário dos livros de princesas que ela costumava ler para sua filha, os mesmos livros que estiveram presentes nas prateleiras da biblioteca que ela mesma havia feito em seu espaço na ocupação Caetano Pinto.

O quarto é o lugar mais íntimo da casa, onde o devaneio acontece, onde existe a liberdade para se recolher e ficar em silêncio, ou ligar o rádio e cantar em voz alta com a porta fechada - o quarto é o cômodo que preserva no qual se exerce a intimidade. Sua filha, Vitória, nunca tinha tido um canto só dela e sempre dividiu a cama com sua mãe, então a primeira coisa que ela quis dar à sua filha naquela casa foi seu espaço de intimidade: *"pra mim, a coisa mais importante, que me fez não desistir da luta, foi olhar pro rostinho dela e fazer com que ela tivesse endereço fixo, né, um cantinho dela"*. O primeiro canto que a Josélia teve nasceu das mãos de seu pai, agora ela podia fazer o mesmo pela sua filha.

Sáímos do quarto da Vitória e fomos para a sala. Josélia mostrou orgulhosa a porta da entrada de seu apartamento, era uma porta de madeira que ela mesma havia lixado e envernizado. A porta, que, ao abrir, dava acesso para a concretização do seu

sonho, estava marcada pela experiência de suas mãos. Encostado em uma das paredes estava o sofá: *“ele é creme e muito fofo”*. O corpo de Josélia, acostumado às durezas, dormiu tantas vezes no chão quando ocupou os prédios, e agora poderia afundar no macio.

As paredes de sua casa eram todas *“branquinha, branquinha”*, assim como o piso do chão, que seu pai a ajudou a assentar - o encontro das experiências em um espaço novo de realização. O branco das paredes e do chão pareciam as páginas em branco dos livros, onde a história estava começando e sendo escrita tanto pelo cotidiano exercido ali dentro quanto pelas coisas que a Josélia foi adquirindo.

Na ausência de um espaço exclusivo para uma sala de jantar, em um canto ela fez a sala com o sofá, o rack e a televisão, e no outro canto colocou a mesa com quatro cadeiras. Havia cadeiras para todos da família se sentarem ao redor da mesa durante as refeições ou durante as reuniões familiares. Uma mesa que tantas vezes esteve vazia de alimentos durante a sua trajetória de vida hoje estava cheia – de relações, de afeto, de diálogos e também de alimentos. No cenário de sua sala de televisão e de jantar, ela colocou um pé de coqueiro próximo a janela, *“um pé de coqueiro lindo, que eu chego eu já cumprimento minha filha ‘ô minha filha, tava com saudade da mãe?’”*. Aquele coqueiro parecia representar a semente que plantou ao longo de sua trajetória e que, depois de tanta luta, de tantos muros esburacados, encontrou uma forma de sobreviver, de resistir e crescer. Agora estava ali, na sua sala, exposto para todos admirarem a vida que só crescia sob os seus cuidados. Não era um espaço apenas com coisas, era um espaço onde a vida acontecia de diferentes formas.

Fomos para a cozinha. *“Comprei um armário de cozinha que ele abre pra cima, marronzinho”*, o armário era novo, a Josélia nunca tinha tido um armário novo nas casas onde morou anteriormente; a porta do armário que “abre pra cima” me fez refletir como a vida da Josélia sempre foi permeada por escadas, degraus, mezanino, sacada, oitavo andar, seu quarto na segunda casa em que morou, configurações de um morar que sempre estiveram no alto, onde ela sempre precisou subir. E agora seu armário, lugar onde guardava suas coisas, era um armário com porta basculante e abria justamente para cima. Talvez ali estivesse a representação do que ela tinha alcançado subindo as escadas, a realização de poder comprar algo novo para sua casa nova.

Outro elemento que chamou a atenção foram as cortinas. Em todas as janelas havia cortinas; *“toda vez que eu posso eu mudo de cortina, eu coloco duas cor, eu gosto mais da vermelha com branco e da lilás com branco”*. Em sua primeira casa, não havia

cortina, não havia um canto para ela; em sua segunda casa, a cortina já se fazia presente e se configurava como um elemento de escolhas, onde ela poderia deixar aberta para poder olhar do lado de fora, como ela também poderia fechá-la para proteger sua intimidade. Saber que ela poderia ter uma escolha contribuiu não apenas para a decisão de entrar na luta pelo movimento de moradia, mas também de ter autonomia sobre os espaços onde estava vivendo. As cortinas presentes hoje e a alternância entre elas na casa da Josélia - cada semana uma cortina diferente - eram o exercício de suas escolhas em um espaço que agora era dela.

Conquistar aquela casa não representou apenas a concretização da sua luta por moradia digna, representou a transformação na qualidade de sua vida e da sua família; *“eu sempre procuro dormir com a janela aberta. E lá onde eu moro é perto da Petroquímica, então de manhã eu escuto os passarinho cantando”*. Uma casa onde agora era possível transformar as práticas do cotidiano, que antes aconteciam apertadas, e os movimentos eram quase performáticos entre um móvel e outro, uma casa com novas possibilidades de existência, potencialização dos afetos, exercício da liberdade e das escolhas. Um canto no mundo que era dela. Um lugar onde a criatividade poderia ser exercida não como tática de sobrevivência e resistência à precariedade na tentativa de trazer o mínimo da dignidade para a experiência do morar, mas sim como fortalecimento da sua identidade, resultado de toda uma trajetória de vida e de luta. Aquela casa, ao mesmo tempo em que era nova, guardava toda uma dimensão simbólica e material do que já havia sido vivido e de tudo que ainda seria. Um respiro sem ser interrompido pela preocupação da perda, do despejo, da reintegração de posse.

Na conversa com a Josélia sobre a conquista da sua casa, percebi que todas as coisas materiais que ela adquiriu e todos os significados simbólicos dessas coisas não eram maiores que o seu desejo em compartilhar e ajudar as famílias da ocupação a sentirem o mesmo: *“é bom ter a casa? É, mas acima de tudo é saber que o meu sonho eu consigo compartilhar pras outras, hoje o nosso movimento foi criado em 2010, 2009, que é o Movimento Sem Teto da Região Norte, filiado à Frente de Luta por Moradia, ele já contemplou mais de 20 famílias, fora outras 20 que estão em projetos. Então a sensação que eu tive há oito anos atrás, todo ano a gente vê as famílias tendo essa mesma sensação”*.

A sua moradia digna agora se expandia pelos espaços da ocupação de moradia Armênia, batia de porta em porta compartilhando a concretização que se deu por meio da luta, a sua conquista era uma semente de esperança para outras famílias e de força para

continuarem lutando e resistindo. Um compartilhar que não acontecia somente com palavras, mas com ações através das melhorias que ela organizava com os moradores, na tentativa de transformar aquele lugar em um lugar digno, mesmo que provisório.

“A moradia digna é mostrar pro poder público, pro judiciário, pra classe média, que o pobre pode morar sim, ele pode morar bem e pagando, porque ninguém quer morar de graça. A moradia digna é você pode entrar dentro da sua casa e falar “eu lutei e eu venci”. Porque se você lutar, pode demorar, mas a vitória vem. Eu sou uma prova viva disso, e muitas outras famílias podem dizer que é possível trabalhador de baixa renda ter a sua moradia e morar com dignidade. Enquanto Deus me der força, enquanto existir uma família que queira lutar, que queira ter qualidade de vida e eu puder ajudar, eu estou aqui. E aonde tiver um prédio abandonado, aonde tiver uma terra sem função social da propriedade, cê pode ter certeza que o MSTRN vai lá fazer a terra ter vida.

Ao percorrer os espaços da moradia atual das quatro mulheres, ficou evidente as diferentes formas de atuação nos espaços, os diferentes saberes e capacidades criativas. Foi possível perceber que a Rose, a Dona Nilsa e a Josélia possuem uma prática quase de curadoria, de colecionismo dentro de suas moradias, elas expõem, organizam e dispõem suas coisas das mais diversas procedências – artesanais e industriais – no espaço, e trazem para a moradia o sentido de suas escolhas e da própria vida. Enquanto a Adriana também utiliza da mesma prática, mas ela expõe o seu próprio saber fazer, o seu trabalho por meio dos fuxicos, ela é a produtora das flores coloridas que nascem no tecido.

Após percorrermos os espaços individuais das quatro mulheres dentro da Ocupação de moradia Armênia, trago para o próximo capítulo um exemplo de ação coletiva na transformação do espaço comum e que evidencia não apenas a busca pela moradia digna, mas tudo o que ela representa, como o direito à cidade, ao lazer, a cultura.

V | Movimentos – movimentam-se

5.1 | Praça aberta, Casa de todos²²²

Os movimentos de luta por moradia digna não se reduzem apenas à garantia pelo direito à moradia, mas também dizem respeito ao direito à cidade²²³, ao direito à vida digna, que implica na defesa pelas famílias do seu modo de viver e ocupar o espaço urbano com autonomia. A luta organizada em rede multitudinária para a defesa do espaço comum torna-se uma experiência de resistência e de superação dos limites existentes na dicotomia público x privado, a partir da experimentação das formas coletivas inovadoras de apropriação espacial com a produção de equipamentos e práticas que criam novas subjetividades nos espaços. Com isso, podemos entender as próprias ocupações de moradia como *espaços comuns* de resistência biopotente e de exercício democrático, que abrem suas janelas e portas, saem do espaço microcosmos do *casulo* da moradia e reivindicam os quintais da cidade como construção de uma nova sociabilidade urbana.

Sobre as resistências biopotentes, em uma sociedade onde o poder do capital nos invade por dentro, invade nossos corpos e tenta controlar de todas as formas a maneira como a vida acontece, também é dentro que surge a força para enfrentá-lo.

Ao poder sobre a vida responde a potência da vida, ao biopoder responde a biopotência, mas esse “responde” não significa uma reação, já que o que se vai constatando é que tal potência de vida já estava lá desde o início. A vitalidade social, quando iluminada pelos poderes que a pretendem vampirizar, aparece subitamente na sua primazia ontológica. Aquilo que parecia inteiramente submetido ao capital, ou reduzido à mera passividade, a “vida”, aparece agora como reservatório inesgotável de sentido, manancial de formas de existência, germe de direções que extrapolam as estruturas de comando e os cálculos dos poderes constituídos.²²⁴

²²² Esse capítulo é um exemplo de ação dos movimentos sociais na busca pelo espaço comum, pelo direito à cidade, pelo direito à vida. No entanto, uma ação de cujo processo eu não participei, portanto os relatos que apresento na narrativa, em sua maioria, estarão sem referência ao responsável pela fala, pois todos foram extraídos de um material audiovisual produzido pelos próprios ocupantes, onde não são expostos os nomes dos ocupantes.

²²³ A ideia de Direito à Cidade, para David Harvey, “está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos”. (HARVEY, David. 2012, p. 73).

²²⁴ PELBART, Peter P. 2007, p.1.

Para Gilles Deleuze, é preciso suscitar “acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos”²²⁵. E é neste sentido que, a partir das resistências multitudinárias, que olham para o espaço de forma híbrida com todas as heterogeneidades, e atuam de forma tática e estratégia, os *espaços comuns*²²⁶ são reinventados, imaginados e criados fora da lógica da cidade-empresa do Estado-capital.

Para Antonio Negri²²⁷, os movimentos multitudinários, ou movimentos da multidão, vão da carne às novas formas de vida, onde a potência da multidão é vista a partir das singularidades que a compõem. “A produção de subjetividade, a produção que o sujeito faz de si mesmo é, simultaneamente, produção da consistência da multidão - já que a multidão é um conjunto de singularidades”²²⁸. Essa produção de subjetividades encontra na multidão o comum e se apresenta como prática coletiva, uma atividade que é constantemente renovada de constituição do ser. “O nome da “multidão”²²⁹ é, a um só tempo, sujeito e produto da prática coletiva”²³⁰.

A multidão de Michael Hardt e Antonio Negri²³¹ vê na expressão das multiplicidades dos sujeitos que, mesmo mantendo suas individualidades, atuam no coletivo na busca do comum. Uma potência que abarca a coletividade e as singularidades, que se desdobra na transformação dos corpos, uma vez que “a multidão é multidão de corpos”²³², que inviabiliza a redução da resistência a um comando centralizado e possibilita a produção das subjetividades, o compartilhamento de informação, conhecimento, experiências e afetos que são capazes de criar outras formas de vida ao mesmo tempo que potencializam suas ações.

²²⁵ DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1992, p.218.

²²⁶ Torna-se necessário repensarmos o espaço público partindo da compreensão de que ele não é construído e administrado por aqueles que usam a cidade, mas sim regidos pelo Estado e distante da vida cotidiana dos cidadãos. Com isso, falar dos espaços públicos é falar dos espaços do Estado e não dos sujeitos, reforçando a dicotomia entre o público x privado. Dentro dessa lógica dicotomia, é preciso o exercício de pensar, criar, imaginar e fazer outros espaços possíveis, territórios nem públicos e nem privados, mas produtores de espaços comuns como forma de resistir e reivindicar o direito à cidade, a partir da “cooperação e a partilha, o conhecimento livre e a troca produtiva”. (RENA, Natacha. 2014, p. 26).

²²⁷ NEGRI, Antonio. Para uma definição ontológica da Multidão. Lugar comum, nº 19-20. 2004, p. 15-26.

²²⁸ Id.: 2004, p.19.

²²⁹ Antonio Negri coloca ainda que “tal como a carne, a multidão é pura potência, ela é a força não formada da vida, um elemento do ser. Como a carne, a multidão também se orienta para a plenitude da vida. O monstro revolucionário chamado multidão que surge no final da modernidade busca continuamente transformar nossa carne em novas formas de vida”. (NEGRI, Antonio. 2004, p. 19)

²³⁰ Id.: 2004, p. 20.

²³¹ HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do império**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

²³² NEGRI, Antonio. 2004, p. 22.

No contexto dos movimentos de luta por moradia digna, apresento uma ação multitudinária dos moradores da Ocupação Hotel Cambridge, que se uniram a diversos coletivos de arte, educação e saúde para ocuparem a praça localizada em frente ao Largo da Memória, no vale do Anhangabaú. Uma multidão de corpos singulares, que percebeu o limite para a vida pública e foi a campo com o objetivo de reinventarem um espaço público antes abandonado.

No dia 28 de abril de 2017, após assembleia no hall de entrada da Ocupação 9 de Julho, os moradores, juntamente com os diferentes coletivos, saíram rumo à praça do Largo Memória no Vale do Anhangabaú. Um espaço público que estava ocupado pelo lixo, pelos ratos e pelo descaso das políticas públicas; *“a gente está ocupando um lugar que por direito é nosso e a gente tá fazendo uma inclusão social dentro do Estado de São Paulo”*.

No momento em que pularam o muro e abriram as grades, o movimento abriu também um espaço de liberdade, de colaboração e de práticas criativas – *“quando você olha o muro, dá impressão que é algo particular, a gente só tem impressão que é algo público quando tá aberto pra toda a sociedade”* –, objetivando a transformação do espaço antes abandonado e permeado pela criminalidade em um grande quintal para que todos os moradores da região pudessem utilizar. *“Nós tomamos essa decisão porque a gente não quer ver o bairro que a gente mora, a rua que a gente mora, totalmente degradada, sem nenhuma atenção do poder público”*²³³.

A primeira tática utilizada pelo movimento após ocuparem a praça foi a limpeza: *“a primeira coisa que a gente faz é tirar o lixo, deixar tudo limpinho pra poder acomodar as famílias”*. Foi realizado um mutirão entre os moradores e os coletivos para a retirada do lixo. Como alguns moradores da ocupação eram funcionários públicos que trabalhavam com a limpeza do espaço urbano, essa condição também foi utilizada como tática, uma vez que após o expediente eles passavam com o caminhão para que todo o entulho fosse recolhido.

“Todo mundo tá lutando junto, brasileiro, haitiano, africano, tudo misturado e junto”. Junto com a limpeza, os moradores e coletivos se dividiram para pintar os muros, montar as tendas - que abrigaram uma cozinha improvisada e os alimentos no momento da chuva - e organizar as atividades que seriam oferecidas naquele espaço. Todos estavam tentando criar um novo espaço a partir da dimensão imaginativa e criativa, uma

²³³ Carmen, liderança do MSTC – Movimento Sem Teto do Centro – e coordenadora da Ocupação Hotel Cambridge.

imaginação que também se expressou nas ações das crianças que estavam envolvidas: *“pintei a casa pro passarinho e a gente fez uma piscina”*; *“Tô jogando futebol com meu irmão Wilian”*; *“Porque não é só um prédio pra fica né, também tem que ter uma praça”*; *“A gente veio aqui pra deixar isso bem bonito”*.

Com tudo organizado, as programações começaram a acontecer. Foram realizadas diversas atividades, como exposições de documentários, cine-debates, apresentações de teatros e de cordel, aulas públicas e contação de histórias. Atividades que também se configuravam como táticas de ocupação, de imaginação no campo artístico do sensível. Ações coletivas que aconteceram para além da simples manutenção e limpeza e que foram agentes transformadores do espaço, do cotidiano e da vida.

No entanto, a ação de transformação da praça também enfrentou dificuldades. Os ocupantes não tinham recursos para investirem em lonas, então não conseguiram produzir abrigos para que todos pudessem dormir em um lugar que não fosse a céu aberto. Ainda no primeiro dia de ocupação, a polícia apareceu depois de reconhecer a bandeira da Frente – FLM –, então a Dona Carmen, liderança do MSTC, junto com outro integrante dos coletivos que estavam ali presentes, se direcionaram até o portão onde explicaram o motivo daquela ocupação: *“Somos moradores da região, a gente veio limpar porque a gente quer reivindicar é uma quadra, ter uma função, porque aqui ó mulher não pode passar que é assalto, é faca, é revolver. Tem muito rato e tá vários coletivos aqui de cultura, lazer, saúde”*; *“A gente vai ficar uns dias aqui, em uma grande ocupação cultural, mas a gente não vai morar aqui, esse lugar é uma praça”*²³⁴.

Não houve repressão policial, diferente de quando os movimentos de luta por moradia digna ocupam um prédio ou um terreno que não exerce a função social da propriedade e são recebidos com o choque e as bombas numa repressão policial justificada na violação do direito à propriedade privada por parte dos ocupantes, mesmo que essa ação seja legítima na medida em que o direito à moradia digna é reconhecido como um direito fundamental pela Constituição Federal e por legislações internacionais, assim como a defesa da função social da propriedade. Ou seja, o movimento, ao ocupar um prédio abandonado que não exerce sua função social, ele está substituindo o papel do Estado, que deveria atender às demandas de moradia e, ao mesmo tempo, denunciando o abandono do imóvel pelo proprietário, que, de acordo com a legislação, é ilegal.

²³⁴ Carmen, liderança do MSTC – Movimento Sem Teto do Centro – e coordenadora da Ocupação Hotel Cambridge.

Em entrevista concedida à Rádio Brasil Atual, Benedito Barbosa, advogado da União dos Movimentos de Moradia – UMM –, disse que o poder judiciário tem “blindagem grande e pouca transparência”. Para ele, na maior parte dos casos, a Justiça atua em prol da propriedade privada, sem pensar no ser humano, ou seja, no momento em que ocorre a repressão da polícia fica clara a leitura conservadora do poder público sobre a propriedade privada e como o direito à vida é colocado em segundo plano.

No Brasil, a Constituição é clara, ao prever que a propriedade privada deve cumprir uma função social. E, normalmente, os imóveis que são ocupados não cumprem, estando, portanto, em condição ilegal. A mesma Constituição garante o direito à moradia. Então, o direito de propriedade não pode ter um peso maior do que o direito de moradia.²³⁵

Enquanto que, no contexto da ocupação da praça, mesmo os ocupantes também lutando por direitos, buscando um espaço comum e assumindo o papel do Estado, que deveria garantir a manutenção do espaço público, a limpeza e a função social, eles não foram criminalizados e a ação foi recebida de forma legítima aos olhos do poder do Estado, tendo em vista que, de acordo com essa visão que beneficia o direito à propriedade privada, não houve violação desse direito, já que os movimentos estavam atuando sobre um espaço público.

Ao conversar com o pesquisador Jeroen Stevens que participou da ação de ocupação da praça, ele expôs outras dificuldades vividas pelo movimento, pois o MSTC havia reocupado o prédio do antigo INSS na avenida 9 de Julho uns dias antes da ocupação da praça. Ele contou que, dentro do prédio, os moradores estavam sem condições básicas para a sobrevivência: como rede de esgoto, água e energia elétrica e que, mediante a isso, foi difícil convencer os moradores de que ocupar a praça era uma ação necessária, uma vez que a moradia dentro do prédio não apresentava as mínimas qualidades do morar.

Diante dessa situação, foram utilizadas duas falas na tentativa de convencer as famílias a participarem da ocupação da praça. A primeira foi argumentando a importância de mostrar no espaço público a organização do movimento, a capacidade de se organizarem as ações sociais, culturais e educativas. De expandir essas ações que acontecem dentro da ocupação para o espaço do lado de fora com o objetivo de mudarem a visão que criminaliza o movimento. *“Se você perguntar para as lideranças dos*

²³⁵ BARBOSA, Benedito. Entrevista concedida à repórter Marilu Cabañas, da Rádio Brasil Atual em 02 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/07/movimentos-de-moradia-discutem-papel-da-justica-nos-conflitos-fundiarios-6335.html>. Acesso em: 06 jun. 2018.

movimentos de luta por moradia digna: qual o seu sonho para o futuro do movimento? A maioria não vai falar sobre construir projetos, conquistar mil unidades habitacionais. Porque a coisa mais importante pra eles é mudar a visão e a imagem dos movimentos de luta por moradia, pois eles trabalharam trinta, quarenta anos sem ter nenhum respeito, nenhum reconhecimento. O filme sobre a ocupação Hotel Cambridge mostrou para eles que, com a parceria entre o movimento, os jornalistas e produtores, eles conseguem visibilidade para o movimento e disseminar uma outra imagem do movimento”²³⁶.

A segunda fala foi que a luta pela moradia é apenas o começo do trabalho do movimento, que o espaço público, a convivência, as atividades sociais e culturais, o espaço para as crianças brincarem, também são importantes e fazem parte da luta por moradia digna, pois a moradia digna não são apenas as paredes, o teto, o piso, mas também o direito à cidade.

Então, a ocupação da praça aconteceu; no início, várias famílias e integrantes dos coletivos estiveram lá, guardaram a praça, transformaram o cotidiano, reinventaram o espaço. No entanto, a ocupação de moradia 9 de Julho ainda estava sem banheiro, sem água e sem energia elétrica. Então, para os moradores, de acordo com Jeroen Stevens, foi difícil acreditar que era necessária a luta pelo espaço público quando eles não tinham nem as condições básicas para habitarem o espaço de moradia dentro da ocupação. *“Eu acho que você tem que conquistar o básico para chegar lá no espaço público, você não se importa com teatro, circo quando você não tem o básico”*. Conforme as semanas foram passando, os sujeitos que estavam envolvidos foram perdendo o interesse na ocupação da praça, pois, para que a manutenção acontecesse, era preciso tempo, estrutura e orçamento e, para as famílias, a demanda por moradia ainda era mais importante que a praça.

“Esse projeto só vai dar certo se todos ajudarem a cuidar desse jardim que é nosso, não é do movimento, esse jardim é de todos, de toda a população, olha a quantidade de criança brincando, imagina se isso aqui for aberto sempre”. Infelizmente o projeto da ocupação da praça não teve continuidade e, em alguns meses, já não havia mais nada no espaço que havia sido reinventado pela ação coletiva e colaborativa entre o movimento MSTC em parceria com os diversos coletivos. No entanto, foi uma experiência, um projeto que cruzou multidão com multidão, misturou os corpos, as

²³⁶ Depoimento do pesquisador Jeroen Stevens, que durante um período morou na Ocupação Nove de Julho. Abril, 2018.

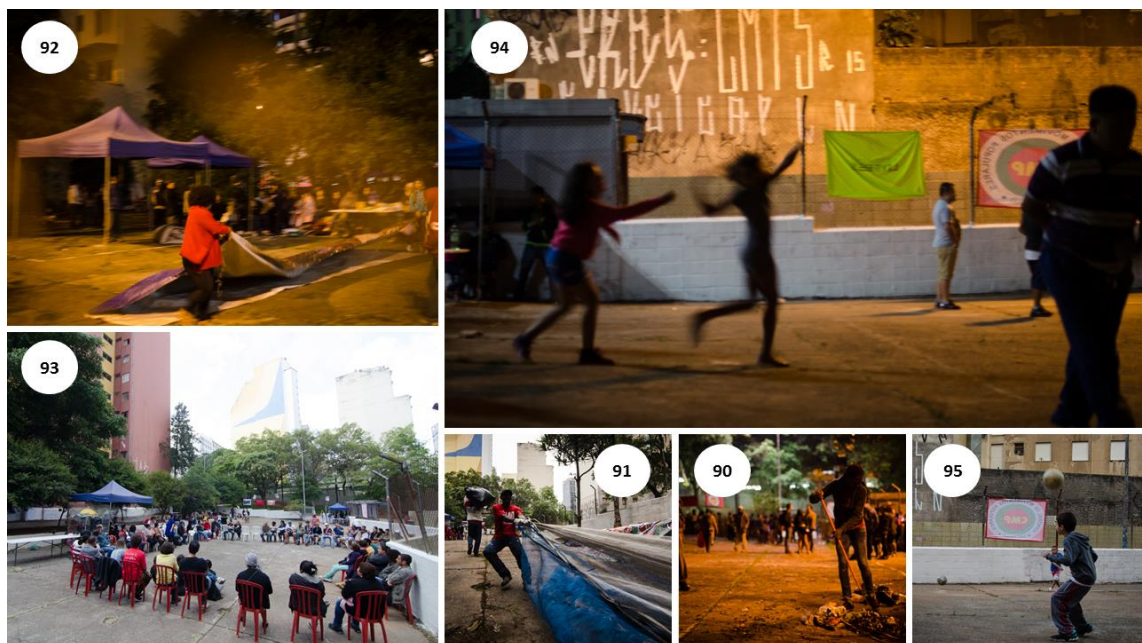
85

86

87

88

89



Fotografias 85 e 86: Reunião com os moradores e os coletivos sobre a ocupação da praça – Ocupação 9 de Julho, 2017.

206

Fotografia 89: Momento em que o movimento coloca a bandeira da FLM – ocupação Praça Aberta – Casa de todos, 2017.

Fotografias 90 e 91: Limpeza após a ocupação da Praça Aberta – Casa de todos, 2017.

Fotografia 92: Organização e montagem das estruturas de lona para a cozinha improvisada – Ocupação Praça Aberta – Casa de todos, 2017.

Fotografia 93: Reunião com os moradores do entorno – Ocupação Praça Aberta – Casa de todos, 2017.

Fotografias 94 e 95: Crianças brincando – Ocupação Praça Aberta – Casa de todos, 2017.

5.2 | Na Armênia – cozinha de todos

Na madrugada do dia 1º de maio de 2018 – dia do trabalhador –, o edifício Wilton Paes de Almeida, de 24 andares, ocupado pelo Movimento Social de Luta por Moradia (MSLM) e que abrigava 140 famílias – trabalhadoras –, foi consumido pelo fogo e desabou no Largo do Paissandú. Uma torre que do lado de dentro abrigava as famílias, prisioneiras de um sistema onde o capital prevalece sobre o direito à vida, em suas celas de vidro e alumínio. Trabalhadores expostos pelo vidro e ironicamente inseridos em uma realidade invisibilizada.

No Largo do Paissandú, as famílias sobreviventes agora estavam expostas à curiosidade como se fossem animais presos dentro de uma grade de alumínio justificada como segurança a eles, enquanto aguardavam uma ação do poder público que mais uma vez deixou evidente o descaso com a questão habitacional, pois as famílias esperaram, esperaram e esperaram e nenhuma delas recebeu uma proposta de atendimento definitivo, mesmo o prédio em ruínas sendo de propriedade da União. A “solução” apresentada por esse poder público omissor foi o encaminhamento para abrigos e o pagamento de auxílio-moradia de 400 reais, valor irrisório, que impossibilita a permanência dessas famílias na zona central de São Paulo.

Somado a esse descaso, o Estado, em uma tentativa de se eximir da responsabilidade em relação àqueles sujeitos abrigados dentro do edifício, passou a culpabilizá-los – as vítimas de sua própria violência – e transformou a tragédia em dinamite, que teve o pavio aceso em uma verdadeira “caça às bruxas” justificada no discurso que criminaliza esses sujeitos e os movimentos sociais. A campanha para

reforçar o discurso de criminalização dos movimentos teve como pretexto principal a cobrança de mensalidades dos inquilinos, praticada nas ocupações.

Na maior parte das ocupações de moradia, as taxas visam à organização interna, à manutenção e à realização de melhorias, pois, quando essas famílias ocupam um prédio que não exerce a função social da propriedade, que está há anos abandonado, ele se encontra em uma situação precária e muitas vezes inabitável. Então, para que seja possível a conquista do mínimo para a sobrevivência dentro desses espaços, é preciso que essas melhorias ocorram.

Prédios que deveriam ter sua função social exercida pelo proprietário e, no caso do edifício Wilton Paes de Almeida, pela União. No entanto, a culpabilização cai sobre os ombros desses trabalhadores que, ao tentarem se abrigar no prédio e reavivar a função social do mesmo, resistindo a essas condições e buscando por meio de táticas – uma delas as taxas de contribuição –, se veem mais uma vez prisioneiros do Estado e da mídia, sem direito a defesa.

Segundo declaração do governador substituto de Geraldo Alckmin, Márcio França, viver em ocupações é “procurar encrenca” e é preciso “convencer as pessoas a não morar desse jeito”. Como se viver em espaços precários fosse uma escolha dessa população desabrigada. Diante desse cenário, Benedito Barbosa alertou para a construção de uma narrativa por parte dos órgãos públicos e da mídia, que poderia justificar as reintegrações de posse na região, e reforçou dizendo:

Isso vai ter um impacto e a tentativa vai ser despejar as ocupações (...) O que existe de moradia foi muito pela ocupação e luta dos movimentos. Isso não vai parar de forma alguma e a gente não vai aceitar essa tentativa de culpabilização e criminalização dos movimentos, nós queremos solução de moradias.²³⁷

Três dias após o incêndio, a Polícia Civil de São Paulo anunciou a abertura de investigação de “aluguéis” em todas as ocupações da capital paulista, justificando que iriam apurar as cobranças e as irregularidades dentro dos edifícios ocupados. Diversas lideranças dos movimentos de luta por moradia foram chamadas para depor, uma delas foi a Josélia, coordenadora da Ocupação Armênia, que relatou ter passado horas tentando convencer o delegado de que ela não extorquia os moradores, de que os moradores eram

²³⁷ BARBOSA, Benedito . Entrevista concedida à repórter Rute Pina Brasil de Fato, São Paulo 01 de maio de 2018. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2018/05/01/criminalizacao-de-ocupacoes-pode-justificar-despejos-dizem-movimentos-por-moradia/>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

todos trabalhadores e honestos e que eles estavam melhorando o prédio e consequentemente a qualidade de vida dos ocupantes.

Como o incêndio seguido do desabamento do edifício Wilton Paes de Almeida ocorreu enquanto essa pesquisa estava sendo finalizada, eu retornei algumas semanas depois à ocupação de moradia Armênia para conversar com a Josélia sobre o ocorrido. Ao chegar à ocupação, percebi a primeira mudança realizada: o portão da entrada, que agora era de metal e com desenhos vazados em formas geométricas, possibilitava uma visibilidade maior do lado de fora por quem estava do lado de dentro, além de ser mais resistente que o portão anterior, improvisado com madeiras e restos de metal. No momento em que eu passei por ele, a sensação que eu tive foi de que a escolha do metal como portão reafirmava a resistência e a preocupação daqueles moradores após o incêndio da ocupação Wilton Paes de Almeida.

Fotografias 96, 97 e 98: Porta da entrada da Ocupação Armênia, 2018.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2018.

Ao entrar, encontrei com a Josélia no hall da ocupação, que também havia sido modificado: o cinza havia tomado as paredes que de acordo com ela passava um *“ar de lugar mais sério”*, as estantes não estavam mais naquele espaço, os livros coreanos haviam sido vendidos para um sebo e o dinheiro da venda ajudou nas reformas do prédio. *“Menina, depois que os fiscal agendaram a vistoria do prédio, a gente correu pra arrumar algumas coisas pra eles não terem o que falar daqui, pra gente ser exemplo de ocupação, que aqui todo mundo quer viver com dignidade e que é não perigoso”*.

Josélia contou que foi instalado pelos próprios moradores um extintor de incêndio em cada andar e uma mangueira de água, porque *“depois do que aconteceu do incêndio, ninguém aqui quer arriscar e a gente sabia que os fiscal ia pegar no pé por causa disso”*. Subi as escadas com ela me falando que o cenário estava complicado para os movimentos de luta e que qualquer irregularidade seria suficiente para justificarem a reintegração de posse dos prédios ocupados. Enquanto conversávamos, ela me apresentou outra melhoria: a grade de proteção e o corrimão da escada, uma melhoria que, desde a minha primeira visita à ocupação, Josélia já tinha como plano, pois a escada era perigosa para as crianças e para os idosos moradores daquele espaço.

Nas paredes dos corredores, a fiação ainda estava exposta: *“a gente vai colocar tudo certinho dentro dos conduítes, mas não ia dar tempo até os fiscais chegarem, então a gente organizou todos eles, mas o próximo passo é colocar os conduítes”*. Os fios na parede pareciam veias desenhando um mapa pelos corredores. Agora todas as paredes de tapumes e de alvenaria também estavam pintadas de cinza, deixando o ambiente mais escuro – *“eu me arrependi um pouco do cinza, depois vou colocar uma cor mais clara, porque ele deixou aqui muito escuro”* –, uma tática adotada pelos moradores para transmitir para os fiscais a imagem de um espaço sério, mas uma tática que não favoreceu o ambiente, pois tornou ele escuro e frio. A escolha por aquela cor também poderia ser interpretada como manifestação ao período sombrio e de luto que as ocupações estavam vivendo.

Fotografia 99: Saguão de entrada da Ocupação Armênia, 2018.

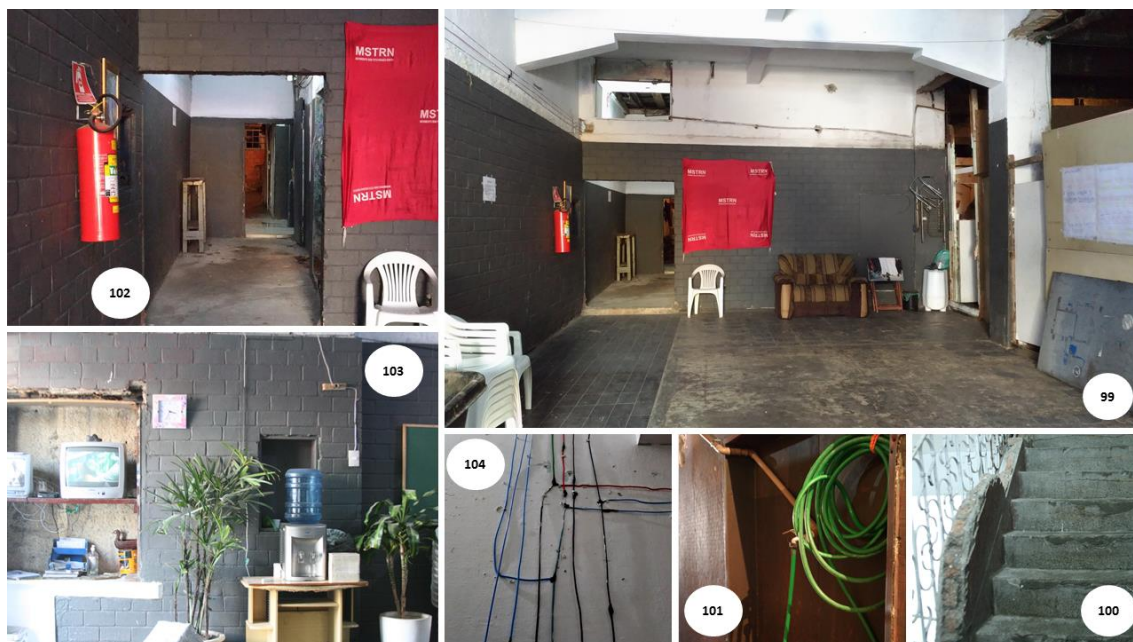
Fotografia 100: Proteção instalada nas escadas – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 101: Mangueira de água instalada no corredor – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 102: Extintor instalado no corredor – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 103: Detalhes do saguão de entrada – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 104: Fios elétricos expostos – Ocupação Armênia, 2018.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2017.

A grande melhoria realizada por meio de uma ação coletiva dos moradores foi a construção de uma cozinha comunitária no espaço que antes era a lavanderia, para que os botijões de gás não ficassem dentro das moradias, *“porque imagina se o gás vaza? Vai pegar fogo rapidinho nessas madeiras, então como a gente tá tentando melhorar o espaço e deixar seguro pra todo mundo, a gente resolveu construir a cozinha comunitária”*.

Josélia contou que cada um fez um pouco, uns subiram as madeiras, parafusaram a estrutura, instalaram a pia, enquanto outros pintaram as paredes e ajudaram a carregar os fogões. Criaram, juntos, um espaço comum para todos utilizarem. Como Josélia tinha um compromisso no dia em que eu fui visitar a ocupação, ela chamou a Lucimar²³⁸ para me apresentar a cozinha coletiva construída pelos moradores.

Uma rampa levava para o ambiente da cozinha. Do lado esquerdo, uma pia improvisada que era sustentada por uma pilha de tijolos, a pia era pequena para a quantidade de famílias que vivem na ocupação, mas ela era o começo, o incentivo inicial; Na parede lateral, havia um cano construído engenhosamente com três torneiras – uma torneira para a pia, uma para o tanque e outra para ligarem a mangueira de água para facilitar na limpeza da cozinha. Do lado direito, um espaço com uma geladeira, quatro

²³⁸ Moradora da Ocupação Armênia.

fogões, que estavam dispostos um ao lado do outro, e duas mesas que sustentavam os utensílios da cozinha, pois ainda não havia armários.

As paredes estavam pintadas de branco e reforçavam a ideia do novo, de algo que acabara de nascer, e, pregados à parede de tijolos sem reboco, em cima dos fogões, estavam pequenos quadros com flores artificiais que ultrapassavam o limite da moldura e pareciam crescer junto com aquele ambiente e com as relações desenvolvidas naquele espaço. Quadros que não estavam ali apenas para decorar as paredes brancas, mas também para lembrar que aquele ambiente ganhou vida pelo cuidado das mãos de todos, pela preocupação e pelo desejo de transformação para além das moradias individuais.

Dentro da cozinha estavam Dona Maria e Seu Benedito. Enquanto Dona Maria estava terminando de lavar a louça, o seu Benedito estava terminando de fazer o café. Um cheiro gostoso que tomava o ambiente todo. Dona Maria compartilhou como funcionava a cozinha: *“a gente se reveza em turno para cozinhar, por exemplo, eu acabei de fazer o almoço e já deixei tudo limpo para as próximas pessoas que vão chegar, mas é assim, a gente faz e todo mundo contribui um pouco, porque aí tem gente que chega do trabalho e o almoço ou a janta já tá pronto, ou tem família que às vezes tá sem alimento e come junto com todo mundo e assim a gente vai se ajudando, quando dá seis horas da tarde já tem fila aqui para pegarem a comida”*; seu Benedito reforçou a ideia do coletivo dizendo: *“eu cheguei agora do trabalho, eu vendo mais de 300 copos de café por dia e sou eu quem faço o café, duvido que você vai beber um café melhor que o meu, quer saber qual o segredo? É só misturar o pó com a água enquanto ela tá fervendo e depois coar, esse é o segredo de um café bom e forte, comigo não tem essa de café fraco não. Então eu chego aqui sempre nesse horário e preparo a garrafa de café e deixo aí pra quem quiser beber, eu não faço só pra mim não, faço pra todo mundo”*.

O café estava pronto. Seu Benedito me ofereceu uma caneca cheia. Enquanto conversávamos, meus olhos continuaram percorrendo aquele espaço, que era bem iluminado, pois uma parte do teto era coberto por telhas brasilit e o restante coberto por uma lona translúcida azul, que possibilitava à luz atravessar o material e iluminar o ambiente. A escolha por um material com valor acessível permitiu uma solução para a iluminação da cozinha e para a proteção dos moradores nos dias de chuva. Uma inteligência construtiva adquirida na luta, onde, assim como na ocupação Parada Pinto, a parede foi transformada em aliada para reforçar e trazer estabilidade às estruturas da construção da cozinha.

Dessa forma, aquela cozinha era a representação do fortalecimento de uma identidade e de um desejo entre eles por uma ação coletiva para a diminuição dos riscos aos quais eles estavam expostos. Uma forma de defender a própria existência a partir do reconhecimento de que não dá para esperar o apoio do poder público, que, quando aparece, vai armado com o poder da polícia à procura de qualquer manifestação que possa prejudicar e condenar aqueles moradores – a culpabilização das vítimas, que expõem suas vidas aos riscos não porque querem, mas que ao mesmo tempo resistem e se organizam para melhorarem a qualidade de vida e do cotidiano que acontece lá dentro.

Para além da diminuição dos riscos, a construção da cozinha comunitária e as pequenas reformas do prédio após o desabamento do edifício Wilton Paes de Almeida se caracterizaram como resposta à criminalização que ganhou força após a tragédia. Tanto a ocupação Praça Aberta – Casa de todos – quanto a ocupação Armênia expandiram suas ações para fora de seus *casulos* na busca pelo espaço comum, pelo quintal, pelo direito à vida e transformação da imagem do movimento de luta por moradia, assim como a transformação dos cotidianos de todos os moradores.

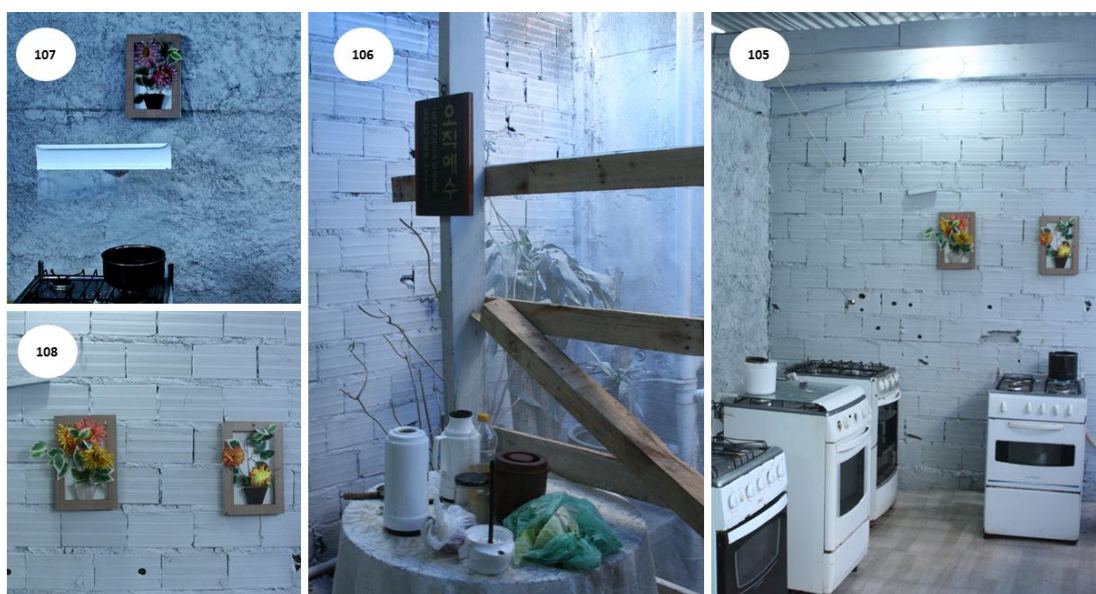
Fotografias 105 e 106: Cozinha comunitária – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografias 107 e 108: Detalhe da cozinha comunitária – Ocupação Armênia, 2018.

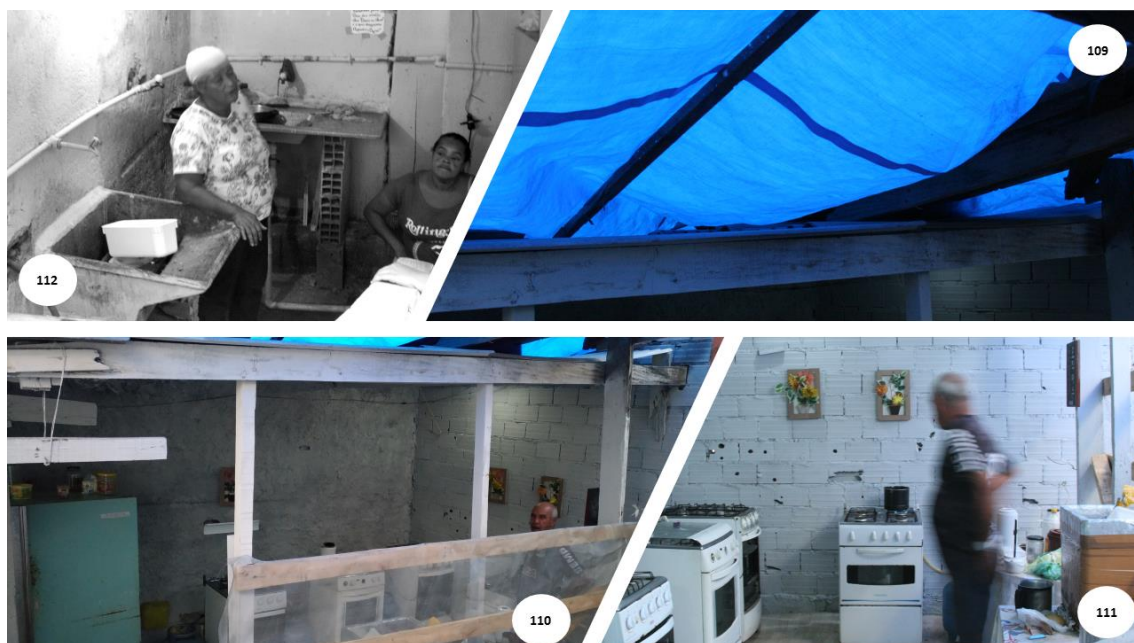
Fotografia 109: Cobertura de lona da cozinha comunitária – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografia 110: Vista externa da cozinha comunitária – Ocupação Armênia, 2018.

Fotografias 111 e 112: Moradores na cozinha comunitária – Ocupação Armênia, 2018.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2018.



Fotografias: Laís Jacqueline Silva, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do mundo à casa, da casa ao mundo. Ao ser convidada para atravessar a porta da ocupação de moradia Armênia, embarquei em um mundo novo e pude ver de perto um movimento que luta pelo direito fundamental à moradia digna, que se organiza, que tem como tática a ação direta de ocupar prédios e terrenos que não exercem a função social da propriedade, de romper com os muros, de procurar brechas e conquistar o direito à cidadania²³⁹, à cidade, à vida. O momento em que ocupamos o terreno na Parada Pinto foi o momento em que eu senti no meu próprio corpo a tensão que permeia a luta, o medo, a adrenalina, as incertezas, a força da ação, ao mesmo tempo em que mantive os ouvidos abertos para as experiências das mulheres envolvidas naquela prática e no que elas estavam sentindo naquele dia.

²³⁹ Sobre a cidadania, James Holston (2013) coloca: “As mesmas forças que de fato fragmentaram e dominaram os pobres rurais, reduzindo sua existência a “meras vidas”, incitam os pobres urbanos a exigir uma vida de cidadão. No entanto, não é na fábrica ou nas salas de sindicatos ou nas urnas de votação que eles articulam essa exigência com mais força e originalidade. (...) É uma insurgência que começa com a luta pelo direito a uma vida cotidiana na cidade merecedora da dignidade de cidadão. Do mesmo modo, suas demandas por uma nova formulação de cidadania são concebidas em termos de moradia, propriedade, encanamento, creches, segurança e outros aspectos da vida cotidiana. Seus líderes são os “meramente cidadãos” do regime entrincheirado: mulheres, trabalhadores braçais, favelados, semianalfabetos (...). Esses são os cidadãos que, no processo de construir seus espaços residenciais, não apenas constroem uma grande e nova cidade como, sobre essa fundação, a constituem como uma *pólis* com uma diferente ordem de cidadania.” (HOLSTON, James, 2013, p. 107).

Foi a minha primeira ocupação junto ao MSTRN²⁴⁰, junto com as mulheres moradoras e os demais moradores, em que não só ocupamos, mas também fomos ocupados pelo desejo por uma vida melhor, pela busca da cidadania, pelo reconhecimento como sujeitos detentores de direitos. A participação naquela ação foi um dos pontapés iniciais para que eu começasse a enxergar as ocupações como barricadas que abrigavam guerrilheiras e guerrilheiros, cidadãos insurgentes na batalha contra as elites entrincheiradas, contra a cidadania diferenciada, parte de uma estrutura que perpetua o modelo de segregação. Estávamos no fronte da luta e disputa por direitos - a própria cidade.

Jacques Rancière²⁴¹ apresenta essa disputa, esse conflito, como um conflito entre duas partes: a parcela dos com parcela – os privilegiados – e a parcela dos sem parcela – os despossuídos, espoliados de direitos - que, no momento em que se identificam como tal, entram em confronto com esses privilégios. Então, as ocupações de moradia são justamente a parcela dos sem parcela, dos sujeitos que estão construindo, com suas próprias mãos, territórios, que não são completamente autônomos, mas sobre as quais, eles possuem uma parcela de controle sobre aquele espaço. Dessa forma, podemos dizer que o que unifica os movimentos é a relação com uma espécie de cidadania roubada não garantida pelo Estado.

Desde o início da pesquisa existiu, da minha parte, uma sensibilidade, uma empatia para com as moradoras e moradores da ocupação, e comecei a perceber a primeira dificuldade que eu estava enfrentando: conseguir olhar para essas ocupações e suas dialéticas no que compreende o caráter emancipatório que elas possuem, mas que, ao mesmo tempo, se configuram como guetos urbanos, abrigos dos despossuídos, de sujeitos refugiados no seu próprio território. Ou seja, o caráter ambíguo das ocupações, pois ali não era um espaço apenas precário ou apenas de afirmação de poder popular, mas também da inexistência da garantia dos direitos.

Assim, a dificuldade estava em não esquecer esse caráter ambíguo de um espaço que oprime ao mesmo tempo em que emancipa, que abriga sujeitos que estão em permanente estado de insurgência e de desobediência civil, que conquistam com as próprias mãos, mas que, diariamente, além de enfrentarem a condição que lhes é imposta pelo modelo de dominação, enfrentam os diferentes tipos de faltas presentes dentro do espaço da ocupação. Portanto, foi preciso um olhar que atravessasse as janelas e as portas

²⁴⁰ Movimento Sem Teto da Região Norte.

²⁴¹ RANCIÈRE, Jacques. O desentendimento: política e filosofia. Trad. Â. L. Lopes, São Paulo: 34,1996.

tanto das relações coletivas quanto das relações individuais presentes na ocupação de moradia de Armênia.

Comecei pelo espaço, pela luta, pelos corpos mobilizados ocupando o terreno; num outro momento, passei pela portaria do prédio e subi as escadas; nos corredores: portas; do outro lado das portas: histórias; e foi nas narrativas que descobri um infinito de possibilidades desenhadas pelas linhas das trajetórias de quatro mulheres nordestinas, migrantes de um território nem sempre favorável, que tiveram seus corpos e seus sentidos marcados pelas experiências e resistências construídas nas diferentes casas em que viveram e que carregaram essas diferentes formas de sobrevivência, de afeto e de transformação para dentro de suas casas e para fora – nos espaços coletivos, na ocupação de moradia Armênia. Foi a partir das infinitas possibilidades apresentadas por essas mulheres e por suas trajetórias que construí uma história oral não convencional, de produção de lugares de vida, de moradia, de sentimento e de corporalidades.

As viagens que fizemos pelas memórias tocaram a parte sensível da existência, e, a cada porta aberta, ou a cada porta fechada, trouxeram à tona identidades fortes, raízes que não foram cortadas ao longo do caminho, mesmo que algumas situações difíceis insistissem em atingi-las. Viagens que mostraram, ainda, que a resistência dessas quatro mulheres começou a ser construída lá atrás, quando, desde cedo, Rose aprendeu a pescar o próprio alimento, a Adriana aprendeu que das mãos nasciam flores, a Dona Nilsa, que as águas regavam o cotidiano de sua família e a Josélia, que, com sua mãe, aprendeu a prolongar o tempo.

Conforme caminhamos e observamos cada casa, barraco, abrigo, puxadinho, grande, pequeno, aberto, fechado, exposto, derrubado, fragmentado, reconstruído, improvisado, camuflado, deixado, retornado, espaços²⁴² esses onde existiram experiências felizes, doloridas, de aprendizado, de relações familiares desenvolvidas, de cotidiano e intimidade, foi possível perceber que o desejo por um futuro melhor sempre esteve presente como impulso que as mobiliza para a conquista da moradia digna.

Cada quadro com fotografias pendurado nas paredes, as cortinas, tapetes, toalhas de fuxico, a disposição dos móveis e dos enfeites, a multifuncionalidade dos ambientes, a reinvenção das coisas, como a garrafa de óleo onde o café era guardado, ou a lata de tinta onde a água era armazenada, a cadeira de balanço que ativava a presença,

²⁴² “O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geometra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação”. (BACHELARD, Gaston. 1993, p. 19).

ou o piso novo como representação da melhora de vida - todas essas coisas e outras que estão descritas na narrativa ao longo dos capítulos evidenciaram um emaranhado de fios²⁴³ que foram entrelaçados e que costuraram uma malha de vida, mas não só isso, evidenciaram uma arte da resistência que aquece as práticas cotidianas atuais nas moradias dessas quatro mulheres e uma resistência da arte diante da adversidade e da precariedade dos espaços.

Com isso, poder olhar para os achados alegres, tristes e doloridos presentes nas memórias das casas e nas práticas vividas foi poder rememorar a sensibilidade presente em cada ação de transformação não apenas dos espaços, mas também na transformação delas como sujeitos, os gestos hábeis de mulheres que nunca se conformaram diante das situações adversas e que continuaram caminhando em busca da realização dos seus desejos e de seus direitos, que aprenderam a construir suas próprias possibilidades, e, junto ao movimento de luta, a golpear os muros e a manobrar o cotidiano. Encontraram em suas trajetórias maneiras de transformar seus espaços em poesia e armamento para resistirem e re-existirem às situações adversas.

Em suas moradias atuais dentro da ocupação Armênia, onde eu estava tentando compreender as táticas escolhidas por elas para trazerem àquele ambiente precário o mínimo da qualidade do morar, comecei a entender aqueles espaços como manifestações das trajetórias espaciais dessas mulheres – de chegadas, de partidas, de relações, de cotidiano, de coisas ali presentes, que remetiam a uma experiência subjetiva e objetiva do morar. Moradias onde elas estavam condicionadas a uma forte precariedade, mas que, ao reconhecerem a condição à qual elas estavam expostas, enfrentaram essa precariedade utilizando não apenas das técnicas construtivas disponíveis, dos saberes, para abrirem buracos para a circulação do ar e para a iluminação dos espaços, mas também utilizaram do campo subjetivo, criativo de um fazer de construtoras e de sujeitos que sonham, que pulsam, que lutam e buscam uma vida melhor.

No entanto, construir a narrativa a partir das práticas passadas e presentes relatadas por elas não foi uma tarefa fácil, pois é difícil traduzir em forma de texto o universo sensível, material e simbólico dessas mulheres; já que há muitas variáveis no caminho, foi difícil não transformá-las em vítimas, não ter dó, não se chocar com aquilo

²⁴³ INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida:** emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v.18, n.37, Jan./Jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002>. Acesso em: 05 nov. 2017.

que estava diante dos olhos. Como foi difícil, e confesso que esses momentos existiram, talvez pela realidade em que eu vivo, por estar distante da delas, pelo desconhecido que me foi apresentado, mas essas mulheres, ah, essas mulheres, como me ensinaram. Ensinaram-me a me despir dos pré-conceitos e olhar para aqueles ambientes como lugares de resistência, de lampejos, de potência presentes em cada pequeno espaço e em cada pequena coisa que guardava os mais diferentes tipos de afetos e que ativavam as mais diferentes memórias e experiências. Ensinaram-me a traçar novas maneiras de dizer, ver, ouvir e sentir.

Dessa forma, procurei encontrar, na maneira como elas organizam o seu microcosmo dentro das suas moradias, a força criativa e sensível – que chamo de arte da resistência –, que é uma força presente nas práticas artísticas, mas que não é uma prática *strictu sensu*, que não se configura como uma arte produzida para ser consumida, como é o caso das obras presentes nas galerias, mas sim uma arte que nasce do desejo de criar, de transformar os espaços, e que mobiliza imaginários, sentidos, visualidades. Uma arte que aparece como campo de força, uma inteligência criativa que se manifesta no campo da memória simbólica e da poética do espaço²⁴⁴.

Ao mesmo tempo que fui ao encontro dessas potências criativas dentro dos espaços dessas mulheres, tentei, a partir desses encontros, desses emaranhados de trajetórias espaciais que me foram apresentados, construir de forma cuidadosa a narrativa dessa dissertação e dar a essa construção uma qualidade literária, com uma dimensão limítrofe ao ficcional, que pudesse realçar a força poética das lembranças. Uma construção descritiva não convencional, mas que permitisse aflorar a potência da relação daquelas mulheres da ocupação com suas moradias, pois, no decorrer da pesquisa, eu entendi que é da memória, da experiência, do desejo, da poética presente, que nasce o impulso para a transformação de seus espaços em algo para além da sobrevivência fisiológica.

Com isso, organizei a minha narrativa de maneira que acredito também ser uma prática do campo artístico, além de uma disputa com os modos de se fazer história da arte contemporânea, com novas perguntas e hipóteses. Um pulso de liberdade literária que

²⁴⁴ É preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”. Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. [...] Os verdadeiros pontos de partida da imagem, se os estudarmos fenomenologicamente, revelarão concretamente os valores do espaço habitado, o não-eu que protege o eu. [...] Todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa (BACHELARD, Gaston, 1993, p. 23-25).

nasceu a partir da sensibilidade das histórias delas que transbordaram em mim, o que me permitiu narrar as poéticas do morar, de seus simbolismos e a problematizar e inspirar a disciplina e as futuras pesquisas em história da arte.

Assim, os espaços das mulheres palpitavam tanto dentro de suas moradias quanto nos espaços coletivos da ocupação, e mostravam a força criativa e sensível para construir ali algo que se aproximasse do acolhimento simbólico de um lar e que permitisse a todas elas e a todos os moradores se sentirem sujeitos de suas próprias histórias e lugares. As linhas delas, de suas trajetórias, se emaranham e tecem, juntas, todos os desejos pela moradia digna, pelo direito à vida, e potencializam as ações e as táticas de sobrevivência transformando seus espaços individuais ao mesmo tempo em que constroem o espaço comum dentro da ocupação Armênia, pois “ninguém luta sozinha”.

Dessa forma, a questão de gênero tensionada pela luta de classes e confrontos urbanos²⁴⁵ foi um ponto importante na compreensão da força e da potência dessas mulheres, uma vez que elas estão inseridas em um enfrentamento político e social, onde suas experiências passadas – que envolvem os despejos, envolvem violação de direitos, envolvem vários tipos de violência, mas que também envolvem gestos de afeto – se encontraram e evidenciam uma prática social comum tensionada, uma tensão permanente, pois elas estão numa situação atuante, mobilizadora, pela garantia da cidadania, do espaço do ser, fundamental não apenas para a reprodução fisiológica, mas também para um tipo de conforto mental, de privacidade, de intimidade.

Uma tensão de corpos indóceis, que não se subordinam, que continuam ativos, criativos. Continuam pensando sua vida, seu futuro a partir das capacidades e práticas sensíveis, práticas essas que, como visto no capítulo quatro, não estão no campo do abstrato, pois existe uma concretude na escolha das cores, nos fuxicos, nos tecidos, nos enfeites. Existe um fazer, mesmo que representado na forma de dispor as coisas - que parte da ideia de colecionismo - ou de produzir as coisas, como é o caso da Adriana.

Experiências tensionadas e carregadas de choques entre si, pois, ao mesmo tempo em que essas mulheres se encontram inseridas no mundo das necessidades, elas tentam construir um mundo que acesse outros sentidos, outras subjetividades presentes no campo simbólico. E, a partir dessas construções individuais, elas constroem uma

²⁴⁵ David Harvey (2012) discute que as lutas urbanas não são exatamente lutas de classes, porque o recorte já não é mais entre detentores do meio de produção, mas sim entre os que conseguem realizar o seu direito à cidade e os que não conseguem. Uma luta entre proprietários e não proprietários; beneficiários da urbanização contra perdedores da urbanização.

memória coletiva do morar, de uma classe de mulheres trabalhadoras que não se rendem, que atuam como forças motrizes na transformação das estruturas sociais e que são parte integrante da dinâmica da sociedade. Tentando escapar aqui e ali do controle dos corpos.

Conseguiram, através da trama costurada pelos encontros de suas diferentes linhas, cada qual com uma história, uma força e experiências, desenhar as portas, as janelas, as ruas, os espaços e os sujeitos. A engenhosidade e a inteligência dessas mulheres permitiram a elas possibilidades de transcendência do campo da mera sobrevivência e do mundo das necessidades para algo com outro nível de percepção. Alcançaram, mesmo em meio ao cotidiano marcado pela precariedade, a força para continuarem lutando e resistindo, a fim de terem seus direitos garantidos e serem reconhecidas socialmente.

A luta dessas e de outras mulheres que vivem nas ocupações de moradia, em espaços que não são a moradia digna, espaços insuficientes, onde elas estão expostas a diversos riscos: edificações com as estruturas comprometidas, gambiarras com fios elétricos, insalubridade dos espaços, falta de ventilação, falta de saída de emergência em caso de incêndio, falta de extintores, falta, falta, falta... não é novidade. Há anos os movimentos de luta por moradia se organizam e se articulam nos espaços - ocupam, ocupam, ocupam. E o poder público? Pouco faz, fecha os olhos para essa multidão de gente²⁴⁶ e, quando abre os olhos a fim de defender os direitos dos proprietários, chega com o poder das bombas e do choque. Deixando claro que a dignidade e o direito à vida são exclusivos e estão do outro lado do muro.

Enquanto isso, caminhamos pelo Bom Retiro, a Praça da Sé, o Vale do Anhangabaú, a Rua do Ouvidor, a Avenida do Estado e tantos outros lugares, e vamos naturalizando essas ocupações nas paisagens da cidade, naturalizando a precariedade da vida dessas pessoas. No dia 1º de maio, Dia do Trabalho, dia em que ocorreu o incêndio e o desabamento do prédio Wilton Paes de Almeida na região central de São Paulo, onde centenas de famílias estavam abrigadas, e aquelas que conseguiram se salvar do fogo se viram sentadas na sarjeta enquanto assistiam as poucas coisas que tinham serem queimadas e destruídas. Um desespero latente.

²⁴⁶ De acordo com o levantamento realizado pelo pesquisador Jeroen Stevens, que teve como proposta de sua pesquisa mapear e compreender o projeto urbanístico desenvolvido organicamente pelas ocupações. Essa cidade de ocupações, como ele define, somaria cerca de 25 mil pessoas, dentre as quais 10 mil são moradores e outras 15 mil pessoas são participantes diretos ou indiretos da vida urbana da cidade de ocupações. Disponível em: <https://www.paginab.com.br/brasil/uma-cidade-no-vazio-da-cidade-que-ja-existe/>. Acesso em: 12 jun.2018.

Fotografia 113: O incêndio no Edifício Wilton Paes de Almeida, 2018.

Fotografias 114 e 115: Após o incêndio e desabamento do Edifício Wilton Paes de Almeida, 2018.



Fotografia: Wilian Moreira – Futura Press, 2018.



Fotografia: Rovená Rosa – Agência Brasil, 2018.



Fotografia: Kleber Tomaz, 2018.

Nas notícias veiculadas pela mídia, o discurso era sobre a perda do edifício de aço e vidro, considerado ícone da arquitetura paulistana na década de 60; a cada cinco minutos era televisionada a cena do desabamento, a poeira subindo, o aço contorcido. Mais se falou da perda do prédio para a cidade do que dos sujeitos que ficaram desabrigados. Sujeitos que, quando apareceram nas notícias, em um primeiro momento não tinham nome - “o rapaz morador do quinto andar”, “a mulher que conseguiu tirar os filhos”, “uma senhora catadora de papelão, que morava no terceiro andar”²⁴⁷. O prédio tinha nome, aquelas pessoas não. Sem casa, sem nome, sem identidade, sem direitos, sem espaço. Ninguém sabia como a vida acontecia lá dentro, o poder público nunca fez questão de entender, de conhecer, de ouvir, de ajudar, mas soube muito bem fortalecer o discurso de criminalização dessas pessoas, soube como culpá-las e teve a mídia a seu favor.

²⁴⁷ Fragmentos de falas noticiadas pela mídia no momento do incêndio e do desabamento do edifício Wilton Paes de Almeida no dia 1 de maio de 2018.

Afinal, quem mandou “invadir” o prédio?! Houve todos os tipos de opinião e pessoas que nunca sequer entraram em uma ocupação, que nunca enxergaram esses sujeitos e que nunca ouviram o que os movimentos de luta por moradia tinham a dizer de repente se tornaram grandes especialistas na construção do discurso que criminalizou os moradores das ocupações. Assistimos uma onda de pessoas disfarçadas de juízes com o martelo na mão, espalhando ódio e a meritocracia.

Uma narrativa que expõe o fracasso da nossa política social, habitacional, econômica; que expõe uma sociedade que não reconhece o outro/o pobre como sujeito portador de direitos, que luta, que resiste e que não se deixa queimar. Uma sociedade que valoriza um prédio, mas criminaliza as vidas e culpabiliza as vítimas por estarem naquela situação. Como disse o Professor Pedro Arantes em entrevista: “A implosão-desmanche, também televisionada ao vivo, não é, assim, só do Wilson Paes de Almeida, é do nosso edifício social como um todo – a recessão-regressão que estamos vivendo é fortíssima, em todos os níveis. É claro que na queda alguns vão sair no bote de primeira classe e a maioria vai morrer afogada, como no Titanic”²⁴⁸.

Diante desse cenário, minha pesquisa se contrapõe e também coloca resistência a essa criminalização dos sem-teto, pois trago histórias, pequenos gestos e delicadezas de mulheres que existem, re-existem e resistem. Histórias essas que comprovam a capacidade, a inteligência e a criatividade que elas possuem para reinventarem seus espaços e alcançarem uma dimensão que está além da sobrevivência delas. Mulheres que ocupam com os corpos, com as coisas, com as práticas cotidianas, e que tomam o imóvel vazio, que não cumpre a função social da propriedade, e o transformam em um território usado, mas não definitivo; um território capaz de mostrar a força da ação coletiva na construção do espaço comum²⁴⁹.

Essas mulheres da luta, assim como todos os outros integrantes dos movimentos sociais, elas têm nome, sobrenome, identidade, endereço, vontades, desejos. Elas lutam para não serem apagadas, vão para cima e todos os dias dão com as mãos nos muros, esburacam, derrubam, rompem e constroem caminhos, passagens, portas, janelas e

²⁴⁸ ARANTES, Pedro F. 2018, no prelo.

²⁴⁹ A construção do espaço comum vai além da disputa pela moradia e toma os espaços da cidade, como vimos no exemplo da ocupação Praça Aberta – Casa de Todos, onde uma multidão de corpos singulares – coletivos artísticos e moradores da ocupação 9 de Julho - saíram de seus *casulos* e foram a campo com o objetivo de reinventarem um espaço público antes abandonado. Abriram a praça, mas também abriram um espaço de liberdade, de colaboração e de práticas criativas.

escadas. Por isso, ao mesmo tempo em que tento construir uma narrativa inspirada na poética do espaço dessas mulheres, eu também tento contribuir, mesmo que minimamente, para a inspiração a novas narrativas, para desconstrução do discurso que criminaliza os movimentos de luta e naturaliza o sofrimento desses sujeitos. Pois, enquanto o sistema tenta aprisioná-las, elas constroem lugares em que existe uma força imaginativa claramente presente, onde reivindicam o direito a serem produtoras de sentidos, de imagens e sensibilidades.

No meio dessas disputas para não criminalizar o movimento, reconhecê-los como sujeitos portadores de direitos, como sujeitos criadores que possuem uma pulsão para além da mera sobrevivência, uma pulsão imaginativa, de vida, de produção de território, de lugares, essa pesquisa também disputa dentro das narrativas da história da arte, onde eu empurro as fronteiras mais para frente e trago novos debates e questões para dentro desse campo alargado da história da arte.

Acredito que o maior aprendizado ensinado por essas mulheres - a Josélia, a Adriana, a Dona Nilsa e a Rose - é que não se muda o mundo de um dia para o outro, mas, sobretudo, não se muda o mundo sozinha, não se luta sozinha. A soma de corpos sempre potencializa as ações. Portanto, é preciso expandir as fronteiras, os debates, os diálogos e somar as forças. Abrir novas portas, novas janelas, e espero, com essa pesquisa, ter alcançado esse objetivo e mostrado que é possível, dentro de um espaço precário, insurgir possibilidades artísticas configuradas por meio das ações de transformação.

Existe uma arte que não é a arte institucional ou a arte das grandes narrativas, a arte do museu, mas sim uma arte que faz parte do campo expandido da arte nas suas diversas práticas, que tem contato com outras geografias, outras culturas, outras temporalidades. Que se aproxima da antropologia, da experiência do ser na construção do seu lugar; que tem uma dimensão que pode ser interpretada pelas estratégias de coleção e disposição, exposição e criação dessas mulheres e de outros inúmeros sem-tetos.

Trajetórias de vida que mostraram também uma forma de resistir à opressão, uma arte da resistência que nasce justamente a partir das táticas de sobrevivência, das memórias construídas ao longo do caminho, das coisas que vão ocupando os espaços e que se configuram como uma potência de vida que deixa marcas, vestígios de presença e de luta. Que resiste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARO, Danielle R. **Arte e História após o anúncio do “fim”, segundo Arthur Danto e Hans Belting**. In: Art UERJ, III semana de pesquisa em artes, 3, 2009, Rio de Janeiro, p. 415- 426.

ANDRADE, Antonio. L. M. **A casa e o universo da intimidade**. Disponível em: <http://www.culturaemercado.com.br/site/noticias/a-casa-e-o-universo-da-intimidade/>. Acesso em: 24 jul. 2015.

ARANTES, Pedro F. 2018, no prelo. Revista Mobile.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior do que o mundo**: Antologia. Rio de Janeiro: Editora Alfabeta. 2015.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARDOTTI, Sérgio; BUARQUE, Chico. **A cidade ideal**. BACALOV, Luis E. [Compositor]. In: Os Saltimbancos. Philips Records, 1977. 1 CD (40 min). Faixa 6 (4 min 33 s).

BARBOSA, Benedito. **Entrevista** concedida à repórter Marilu Cabañas, da Rádio Brasil Atual em 02 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/07/movimentos-de-moradia-discutem-papel-da-justica-nos-conflitos-fundiarios-6335.html>. Acesso em: 06 jun. 2018.

_____. **Entrevista** concedida à repórter Rute Pina Brasil de Fato, São Paulo 01 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/05/01/criminalizacao-de-ocupacoes-pode-justificar-despejos-dizem-movimentos-por-moradia/>>. Acesso em: **06 jun. 2018**.

BELTING, Hans. **O fim da história da arte**: uma revisão dez anos depois. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLUM, Gustavo G. **Os conceitos de Espaço, Território e Estado numa perspectiva político-geográfica dos Investimentos Estrangeiros Diretos no Estado do Paraná**. In: Conjuntura Global, vol.3, n.1, 2014.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Art. 6º. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 15 out. 2017.

_____. **Lei nº 11.977**, de 07 de julho de 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11977.htm Acesso em: 15 out. 2017.

BRANDÃO, Ludimila L. **A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CALDEIRA, Teresa P.R. **Cidade dos muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 1. Ed. São Paulo: Editora 34 Ltda/ Edusp. 2000.

CARDOSO, Thiago, M. Por uma antropologia imersa na vida. **Cadernos de campo: Revista de Ciências Sociais**, Araraquara, n. 21, 2016, p. 245 <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/8738>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

CERTEAU, Michel de ; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. Morar e cozinhar. In :_____ **A invenção do cotidiano 2**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 204.

_____. Artes de fazer. In: _____ **A invenção do cotidiano 1**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COSTA, Rachel. **O mundo da arte como proposta/** The artworld as a proposal. Parallaxe, v.2, n.1, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/paralaxe/article/download/31120/21537>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

DAMASCENO, Luisa M. **Linhas, Tramas e caminhos:** seguindo os movimentos de um candomblé do Recôncavo da Bahia. 2017. 187 p. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, p.17.

DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte:** a arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: Odysseus Editora/Edusp, 2006.

_____. **Aprendendo a viver com o pluralismo.** Tradução Daniela Kern. In: Revista-Valise, v. 1, n. 2, 2001, p. 156. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/25017>>. Acesso em: 08 mai. 2018.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Tradução: Peter PálPelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p.171.

_____. **Curso sobre Spinoza.** Tradução: Emanuel Angelo da Rocha Frago, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior, Jefferson Alves de Aquino. Fortaleza: Editora UECE, 2009.

DELEUZE, Giles.; GUATTARI, Félix. **A thousand plateaus.** Translated by . Brian Massumi. London: Continuum. 2004, p. 377.

DOMINGOS, José. **São Paulo, fim do Dia.** In: LP “Exemplo”. Independente Arte Maior, 1981. Faixa 7. 1981.

FAMÍLIA, Denis. **Fé na Luta.** [Música], 2007.

FERNANDES, Bernardo M. **MST:** formação e territorialização. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **A formação do MST no Brasil.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A ocupação como forma de acesso à terra.** São Paulo: FCT UNESP, 2001. Disponível em:

<http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/fernandes_ocupacao.pdf >. Acesso em: 12 de ago. de 2017.

_____. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais:** contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. In: Revista NERA, ano 8, n.6, 2005. Disponível em: <www2.fct.unesp.br/nera/revistas/06/Fernandes.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2017.

FREITAS, Cristiane A. **O fim da arte, da história e da estética:** ao interesse de quem e para quem? Revista Ciclos, Florianópolis, v.1, n.1, Ano 1, 2013. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/3609>> Acesso em: 14 mai. 2018.

GONÇALVES, Carlos W. P. **A territorialidade seringueira.** In: Geographia, Niterói: UFF/EGG, ano 1, nº. 2. 1999. Disponível em: www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/download/19/17. Acesso em: 13 jul. 2017.

GONÇALVES, Jean P. A. **Ocupar e resistir:** problema da habitação no centro pós-moderno. Dissertação de Mestrado [Geografia]. São Paulo: USP, 2006.

GUIMARÃES, Luiz A. V. **As casas e as coisas:** Um estudo sobre Vida Material e Domesticidade nas moradias de Belém – 1800-1850. Belém: UFPA, 2006.

HARVEY, David. **O direito à cidade.** Lutas Sociais, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012.

HAESBAERT, Rogerio. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade.** In: Boletim Gaúcho de Geografia. Rio Grande do Sul: Porto Alegre, v.29, n. 1, 2003.

_____. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M. et al. **Território, territórios:** ensaios sobre ordenamento territorial. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 43-70.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão:** guerra e democracia na era do império. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Poetry, language, thought**. Translated by Albert Hofstadter. New York: Harper & Row, 1971.

HERMANN, Carla. **A cultura popular vai ao museu: a Tropicália de Hélio Oiticica**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 213- 224, mai. 2010. Disponível em: www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/download/12147/9462. Acesso em: 21 mai. 2018.

HOLSTON, James. **Cidadania Insurgente** – disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. Tradução Cláudio Carina. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.

INGOLD, TIM. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

_____. **Antropologia não é etnografia**. Tradução Caio Fernando Flores Coelho e Rodrigo Ciconet Dornelles. In: *Being Alive*. Routledge: London and New York, 2011. pp. 229-243.

_____. **Trazendo as coisas de volta à vida**: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, janeiro/junho. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002>. Acesso em: 16 nov. 2017.

JACQUES, Paola. B. (org.). **Apologia da Deriva**: escritos Situacionistas sobre a Cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JEZZINI, Jhanainna S. P. **A teoria estética de Hélio Oiticica na formulação de uma nova objetividade brasileira**. Anais. VI Fórum de pesquisa científica em arte. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba. Pág 149. 2008-2009.

JUNIOR, João Paulo R.; CARIAGA, Diógenes E; SEGATA, Jean. **Antropologia como (In)Disciplina**: notas sobre uma relação imprecisa entre campo e escrita. In: *Revista ILHA*. Florianópolis: Santa Catarina, v. 17, n. 2, p. 101-122. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n2p10>. Acesso em: 10 nov. 2017.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LEME, André. P. **Spinoza: o *conatus* e a liberdade humana**. In: **Cadernos Espinosanos: estudos sobre o século XVII**. São Paulo: FFLCH - USP, n. 28, 2013.

MANOEL, A; et al. **Declaração de Princípios Básicos da Vanguarda**; FERREIRA, Gloria (org). **Crítica da Arte no Brasil: temáticas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Funarte, 2006, p.149.

MARQUES, Ana M. **A vida submarina**. Belo Horizonte: Scriptum. 2009.

_____. **Da arte das armadilhas**. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

_____. **O livro das semelhanças**. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

MARQUES, Ana M; EDUARDO, Jorge. **Um anteparo contra os golpes do dia: Poemas sobre o permanecer e o partir**. Revista eletrônica Piauí. Ed. **129. Junho, 2017**. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/um-anteparo-contras-golpes-do-dia/>>. Acesso em: 01/02/2019.

MARTINS, José S. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre a exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MESQUITA, André L. **INSURGÊNCIAS POÉTICAS, Arte Ativista e Ação Coletiva (1990-2000)**. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: USP, 2008. 217 p.

MILLS, Charles W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

MOVIMENTO PASSE LIVRE (MPL) – SÃO PAULO. **Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo**. In: **Cidades Rebeldes**. São Paulo: Boitempo. 2013.

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Justiça, 1948. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/bibliotecavirtual/promocao-e-defesa/publicacoes-2013/pdfs/direito-a-moradia-adequada>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

NEGRI, Antonio. **Para uma definição ontológica da Multidão**. Lugar comum, nº 19-20. 2004, p. 15-26.

OHCHR; UN-Habitat. **The right to adequate housing. Geneva:** Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights; New York: UN-Habitat, 2009. Disponível em: <https://www.ohchr.org/Documents/Publications/FS21_rev_1_Housing_en.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2018.

OLIVEIRA, Silveira. **O muro.** In: _____. Antologia Contemporânea da Poesia Negra Brasileira. São Paulo: Global Editora, 1982.

PARAÍSO, Marlucy A. **A Ciranda do Currículo com Gênero, Poder e Resistência.** In: Conferência proferida no XII Colóquio sobre Questões Curriculares, VII Colóquio Luso-Brasileiro de Currículo / II Colóquio Luso -Afro - Brasileiro de Questões Curriculares em Recife. 2016, p.4.

PARENTE, Alessandra A. M. **A casa e o holding:** conversas entre Bachelard e Winnicott. In: Natureza Humana. v.11 n.1 São Paulo, 2009.

PEDON, Nelson R. **Movimentos socioterritoriais:** Uma contribuição conceitual à pesquisa geográfica. [Tese de Doutorado]. São Paulo: FCT -UNESP, 2009.

PELBART, Peter P. **Biopolítica.** Revista Sala Preta, São Paulo, v.7, 2007. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57320/60302>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

QUEIROZ, Rosiane P. (org). **A criminalização dos movimentos sociais no Brasil :** relatório de casos exemplares. Brasília: MNDH; Passo Fundo: IFIBE. Outubro, 2006. Disponível em: < http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/r_mndh/r_mndh_criminalizacao_mov_sociais.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento:** política e filosofia. Trad. Â. L. Lopes, São Paulo: 34,1996.

RENA, Natacha. **Espaço comum como resistência positiva ao espaço neoliberal.** Catálogo Diálogos Cênicos 2014. Circuito Cultural Praça da Liberdade. Minas Gerais, 2014, p. 21 – 28. Disponível em: <

https://issuu.com/noato/docs/dialogos_livreto_versa_o_final>. Acesso em: 30 mai. 2018.

SANTANA, Raquel. **Serviço Social e a questão urbana**: desafios na perspectiva do projeto ético-político profissional. Seminário Nacional de Serviço Social e a Questão Urbana no Capitalismo Contemporâneo. In: Seminário Nacional de Serviço Social. São Paulo: CFESS, 2011.

SANTOS, Renato E. **Agendas & agências**: a espacialidade dos movimentos sociais a partir do Pré-Vestibular para Negros e Carentes. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Niterói - UFF, 2006.

SILVA, Uvanderson, V. **Velhos caminhos, novos destinos**: Migrante Nordeste na Região Metropolitana de São Paulo. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: USP, 2008. 29 – 30 p.

SILVA, Elainy C. **Conatus**: da essência humana à fundamentação do Estado na ética de Benedictus de Spinoza. Dissertação de mestrado [Filosofia]. Fortaleza: UEC. 2001.

SILVA, Anna Corina G. **O Experimental da “Nova Objetividade”**: O Contexto Artístico Brasileiro entre os anos 1950 e 1960. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 3 n. 1. MG, 2011.

SILVA, Renato R. **O Programa ambiental de Hélio Oiticica**: por uma geografia da arte. Revista AU. Edição 121 - Abril/2004.

SOARES, Gláucia. **A minha cidade desterro**. [Especialização em Audiovisual em Meios Eletrônicos]. Fortaleza: UFCE, 2009.

SOUZA, Marcelo J. L. de. **O Território**: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da C.; e, CORRÊA, Roberto L. Geografia: Conceitos e Temas, 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Thomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STAVENHAGEN, Rodolfo. **Estratificação social e estrutura de classe**. 1974. Tradução de Maria da Glória Ribeiro e Moacir G. S. Palmeira, in: Otávio Guilherme

Velho et al (org.), Estrutura de classes e estratificação social. [5.^a ed.]. 1981. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

STOLZE, Tânia L. **Campo e escrita: relações incertas**. R@U – Revista de Antropologia da UFSCar. São Paulo: São Carlos, v. 5, n. 2, 2014. In: JUNIOR, João Paulo R.;

CARIAGA, Diógenes E; SEGATA, Jean. **Antropologia como (In)Disciplina: notas sobre uma relação imprecisa entre campo e escrita**. In: Revista ILHA. Florianópolis: Santa Catarina, v. 17, n. 2, p. 101-122. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n2p10>. Acesso em: 10 nov. 2017.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico**. In: _____. O Efeito Etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac & Naify, 2014a.

_____. **Partial Connections**. Update Edition. Oxford: Altamira Press, 1991.

THOMAS, Rachel. **Crítica e engajamento**. Tradução Paola Berenstein Jacques. In: Redobra. Bahia: Salvador, n.10, 2012, p. 207-216. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00750924/document>. Acesso em: 12 nov. 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva de Experiência**. São Paulo: Difel, 1983, p. 10.

TVARDOVSKAS, Luana S. **Teoria e crítica feminista nas artes visuais**. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 26, 2011, São Paulo. Anais: São Paulo, [s.n], 2011. p. 1-3.

URIARTE, Urpi M. **O que é fazer etnografia para os antropólogos**. In: Revista Ponto Urbe São Paulo, n. 11. 2012. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/300>>. Acesso em: 03 set. 2017.

_____. **Podemos todos ser etnógrafos?** Etnografia e narrativas etnográficas urbanas. In: Redobra. Bahia: Salvador, n.10, 2012, p. 207-216. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00750924/document>. Acesso em: 03 set. 2017.

VELOSO, Caetano. **Sampa**. In: Muito - Dentro da noite azulada. Philips. Lado B, Faixa 2. 1978.

Endereços eletrônicos

<<http://www.portalfilm.com.br/luta-historico/>>. Acesso em: 10 de set. de 2017.

<<http://www.pstu.org.br/para-alem-do-filme-era-o-hotel-cambridge/>>. Acesso em: 10 de set. de 2017.

<<https://midia independente.org/pt/blue/2003/07/259208.shtml>>

<<https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/23>>. Acesso em: 01 out. 2017.

<<https://www.paginab.com.br/brasil/uma-cidade-no-vazio-da-cidade-que-ja-existe/>>. Acesso em: 01 out. 2017.

<<https://www.google.com.br/maps>>

Referências Filmográficas

CAFFÉ, Eliane. **Era o Hotel Cambridge**. Longa, 2017. 1h 39min. (BRA).

LOACH, Ken. **Eu Daniel Blake**. 2016. Longa, 1h 41min (FRAN, BEL, UK).

MOCARZEL, Evaldo. **À Margem do Concreto**. Documentário, 2006. 1h 26m. (BRA).

PRONZATO, Carlos. **Dandara** - enquanto morar for um privilégio, ocupar é um direito. Longa Documentário, 2014. 1h 05m. (BRA).

VICENTE, Juliana; MARQUES, Luiza. **Leva**. Documentário, 2011. 55m. (BRA).